



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MARIA [BEATRIZ] BARBOSA DE SOUZA:
na gira da vida de Mãe Beata

KARINA CECI DE SOUSA HOLMES

JOÃO PESSOA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MARIA [BEATRIZ] BARBOSA DE SOUZA:
na gira da vida de Mãe Beata

KARINA CECI DE SOUSA HOLMES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Informação, Memória, Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

JOÃO PESSOA
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

H749m Holmes, Karina Ceci de Sousa.

Maria [Beatriz] Barbosa de Souza : na gira da vida de Mãe Beata / Karina Ceci de Sousa Holmes. - João Pessoa, 2023.

337 f. : il.

Orientação: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA.

1. Informação e memória - Mãe Beata. 2. Mãe Beata - Mulher negra. 3. Religiões afro-indígena - Brasil. 4. Escrivência. I. Oliveira, Bernardina Maria Juvenal Freire de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 007:82-94(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Defesa nº 298

Ata da Sessão Pública de Defesa de Dissertação do(a) Mestrando(a) **KARINA CECI DE SOUSA HOLMES** como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Mestre(a) em Ciência da Informação, Área de Concentração em Informação, Conhecimento e Sociedade e com Linha de Pesquisa em Memória, Mediação e Apropriação da Informação.

Aos vinte e sete dias do mês de setembro de dois mil e vinte e três (27/09/2023), às nove horas, no Bloco da Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, reuniu-se presencialmente a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para avaliar o(a) candidato(a) ao Grau de Mestre(a) em Ciência da Informação na Área de Concentração Informação, Conhecimento e Sociedade, o(a) mestrando(a) **KARINA CECI DE SOUSA HOLMES**. A banca examinadora foi composta pelos(as) professores(as): Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira – PPGCI/UFPB (Presidenta/Orientadora), Dra. Gisele Rocha Cortes – PPGCI/UFPB (Examinadora Interna), Dra. Carla Maria de Almeida – DCI/UFPB (Examinadora Externa), Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves – PPGCI/UFPB (Suplente interna) e Dra. Denise Braga Sampaio – UFBA (Suplente externa). Dando início aos trabalhos, o(a) Professor(a) Dr.(a) Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Presidente(a) da Banca Examinadora, explicou aos presentes a finalidade da sessão e passou a palavra ao(à) discente para que fizesse oralmente a apresentação do trabalho de dissertação intitulado: **MARIA [BEATRIZ] BARBOSA DE SOUZA: na gira da vida de Mãe Beata**. Após a apresentação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) na forma regimental pelos(as) examinadores(as). Respondidas todas as arguições, o(a) Professor(a) Dr.(a). Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Presidente(a) da Banca Examinadora, acatou todas as observações da banca e procedeu para o julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito:

()Aprovado ()Indeterminado ()Reprovado.

Observações da Banca

Em análise a Dissertação defendida a Banca Examinadora considerou um trabalho de excelência com características de tese e recomenda sua publicação em partes e na íntegra.

Proclamados os resultados e encerrados os trabalhos, eu, o(a) Professor(a) Dr.(a) Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Presidente(a) da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos(as) demais participantes da banca.

João Pessoa, 27 de setembro de 2023.

Documento assinado digitalmente
 **BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA**
Data: 01/10/2023 16:07:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Presidenta/Orientadora –
PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
 **GISELE ROCHA CORTES**
Data: 12/12/2023 12:07:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

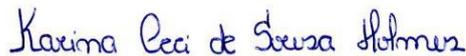
Profa. Dra. Gisele Rocha Cortes
Examinador(a) Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
 **CARLA MARIA DE ALMEIDA**
Data: 02/10/2023 09:47:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Carla Maria de Almeida
Examinador(a) Interno(a) – DCI/UFPB

Profa. Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves
Suplente Interno (a) – PPGCI/UFPB

Denise Braga Sampaio
Suplente Externo(a) – UFBA


Karina Ceci de Sousa Holmes
Mestranda

DEDICATÓRIA

Dedico esta escrita, em homenagem póstuma, à Mãe Beata e Pai João pela conquista do livro da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Início os agradecimentos, pedindo a benção aos meus **Orixás** e à **Jurema Sagrada**, nos quais tenho fé e acredito, pois, independente das diferenças nas práticas e na forma com que cada tradição religiosa cultua suas verdades, haverá sempre uma semelhança entre elas, e uma dessas semelhanças se dá quando todas/os elevam o pensamento ao Criador, seja Ele chamado de Orixalá, Deus, Tupã, ou de Javé, entre tantas outras denominações. E, como “**Tudo é considerado impossível até acontecer**” (**Nelson Mandela**), hoje me encontro aqui concluindo mais um desafio que a vida me proporcionou e do qual pensei que não conseguiria sair. Assim,

Agradeço ao nosso **Criador** pelo dom da vida;

Ao meu **Anjo de guarda** que nunca me desampara;

Aos meus **Exús** por abrirem meus caminhos;

Às minhas **Pombas Giras** por serem mulheres que não se enganam;

À **Ossanhã** pelo Senhor tempo;

A **Ogum** por me permitir coragem para lutar e enfrentar batalhas;

A **Odé** pela fartura e permissão para caminhar entre os verdes das matas sem me deixar perdida;

À **Nanã** por toda sabedoria e o cuidado como avó;

A **Obaluê** por me livrar das enfermidades;

A **Xangô** por fazer justiça contra as injustiças, maldades e invejas;

À **Iansã** por sua defesa através de sua espada, dos raios e trovões contra os amigos ocultos;

À **Oxum** pela pureza, pelo brilho e o amor;

A **Cosme, Damião e Doum** por cuidar da criança que vive dentro de mim;

À **Mãe Iemanjá** que me guia, que ilumina minha vida e por ser dona de meu ori;

A **Oxalá** por minha existência;

Aos **Índios e Índias** pela sabedoria da sobrevivência;

Ao **Caboclo** e principalmente à **Cabocla Ceci** por me permitir um direcionamento para que minhas flechas sejam certeiras;

À **Preta velha** e ao **Preto velho** por me fazer enxergar através de seus conselhos e sabedoria de como devo enfrentar certas situações;

A meu **Mestre** pela força do cachimbo e da fumaça;

À **Baiana** por me fazer enxergar o que muitos não conseguem entender. Aos meus orixás e às entidades da Jurema. Minha eterna gratidão por protegerem meu caminhar, por me acalantar nas horas de agonia, em que os sinto internamente;

À **vida** por todos os obstáculos que ela me ofereceu durante essa caminhada;
Aos meus **antepassados** por minha origem;

Aos meus bisavôs paternos **João Cândido** (*Pai João - in memoriam*) e **Maria Beatriz Barbosa** (Mãe Beata - *in memoriam*) pela educação, por me fortalecer com seus cuidados, zelo e carinho, fazendo com que eu pudesse seguir sempre de cabeça erguida e sem ter vergonha do que sou;

Aos meus avôs paternos, vô **Gerson Ferreira** (*in memoriam*) e vô **Eurídice Barbosa** (*in memoriam*) por serem presentes da vida;

Aos meus avôs maternos, vô **José Aginaldo** (*in memoriam*) por ser um negro do qual tenho orgulho e por me fazer entender que cor de pele não define o ser humano e vô **Marinalva Amélia** por me fazer seguir na fé;

Aos meus pais o Sr. **Elias Barbosa** (*in memoriam*) por me fazer sentir que sou capaz, ele me desafiava com seu olhar;

À minha pãe¹ **Maria da Silva** (Silvinha - minha mainha) por ter sido ao mesmo tempo pai e mãe e por não nos deixar faltar nada, principalmente no quesito estudo. Aos dois agradeço imensamente por serem meu ponto de partida;

Às minhas irmãs **Karla Danielle** e **Kadja Elyze** por todo o amor, cuidado e por sermos sempre quatro em uma;

Aos meus sobrinhos e sobrinhas por serem minhas paixões;

Aos meus cunhados **Rogério Martins** e **Hércules Bráulio** por cuidarem de minhas pedras preciosas e bronqueiras;

Aos meus **irmãos paternos** que, mesmo distantes, estão sempre em minhas orações;

À minha tia **Eronilda Cabral** por vivenciar comigo este momento de felicidade, reconhecimento e realização;

Ao meu tio e pai de santo **Damião Aginaldo** por tudo que construímos juntos e por essa amizade que transcende parentesco;

¹ Pãe – junção de uso popular das palavras pai e mãe.

Aos meus **familiares** por fazerem parte da minha história, incluindo meus *dogs* **Lua, Lili e Lup**, os quais foram cães companheiros² nas horas difíceis;

À família **Holmes** que me acolheu com todo o coração e aos meus sogros **Hélio Holmes** e **Maria José Holmes** por me adotarem como filha;

Aos meus **irmãos de santo** por caminharem comigo na fé;

Aos amigos que a vida me presenteou que, mesmo distantes, sempre permaneceram em meu coração: **Shimênia Batista, Gracielle Oliveira, Hanna Michelle Soares, Mariza Ferreira** e **Créa Lúcia Soares**;

Aos amigos da especialização que a Ciência das Religiões me deu: **Antunes Ferreira, Alcenir Lima, Jéssica Cardoso** e **Mônica Fonseca**;

A **André Nascimento**, um amigo que a Biblioteconomia me presenteou para me dar forças e encorajamento. Uma pessoa que me fortaleceu através das palavras de motivação e incentivo;

Aos **colegas** que ganhei neste percurso dentro da UFPB;

Às minhas irmãs acadêmicas que não largarei jamais: **Júccia Nathielle Oliveira, Alexandra Mattos, Nathália Alves**. E não posso esquecer da primogênita **Geysa Flávia Nascimento**;

À **Nayara Santos (Nay)** por me fazer pensar que tenho que estudar (risos);

À Sra. **Maria Nazareth de Lima** por sua dedicação, comprometimento e realização na revisão linguística do texto;

Ao presidente da Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros da Paraíba, **Wolff Ramos** e à sua esposa **Mônica Ramos** por se disponibilizarem acesso aos documentos na Federação;

Ao grupo de pesquisa intitulado: **Rede de Pesquisa e (In)Formação em Museologia, Memória e Patrimônio** (REDMus) por todo o apoio e incentivo, em especial à professora **Luciana Ferreira da Costa** pela positividade em ver e estar presente em meu crescimento acadêmico;

Ao **Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio** (GECIMP) por me conceder aprendizagens e ter ciência que, independentemente de qualquer obstáculo, *ninguém solta a mão de ninguém*;

Ao Programa de **Pós-Graduação em Ciência da Informação** (PPGCI/UFPB) pelo direcionamento realizado durante esses dois anos de pesquisa;

² Cães companheiros – uma forma carinhosa e popular de chamá-los de companheiros.

À **CAPES** por me proporcionar, através da bolsa de estudo, realizar feitos, pois agarrei o mestrado como se fosse um emprego que me sustentou;

Aos docentes **Carlos Xavier, Henry Poncio, Cleide Bernardino, Edvaldo Carvalho e Gracy Kelli Martins**, os quais contribuíram com a informação dada em suas aulas para este caminhar;

À professora **Gisele Rocha Côrtes** pelo apoio, pela energia positiva e por dividir sua emoção. A sinceridade em seu ser é presente;

À **Carla Almeida** pelas palavras e orientações no momento da qualificação;

Ao professor **Gerson Ribeiro** por todo o apoio dado no momento da submissão do projeto de pesquisa na Plataforma Brasil;

Ao Sr. **Mário Bento** pela dedicação em procurar informações sobre Mãe Beata nos livros de registros do Cemitério São José, preservados na Secretaria de Desenvolvimento e Controle Urbano (SEDURB/DCEM - Div.Cemitérios); sob a responsabilidade da Prefeitura de João Pessoa;

Aos demais **docentes** que não tive a oportunidade de vivenciar um semestre inteiro, também agradeço;

Aos meus **professores** da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e das Graduações, pois, sem os ensinamentos, eu não teria percorrido o caminho do estudo;

Às **Escolas** nas quais tive o privilégio de estudar e à **Universidade Pública** na qual hoje estou presente;

A todas as pessoas que acreditam que a educação é a chave da mudança;

A todas/os aquelas/es que sabem da importância que tem a memória;

Aos praticantes das religiões afro-indígena brasileira;

A todos que contribuíram direta e indiretamente como: **Giovane Boas e Lane Pordeus** (*in memoriam*) me presenteando com os registros de Mãe Beata;

A **Dulce Loos** e **Marcos Rodrigues** por também lutarem, se desafiando a registrar informações necessárias e importantes sobre as religiões afro, através do reconhecimento acadêmico;

A todas/os aquelas/es que contribuíram para que as religiões afro pudessem ter sua história e hoje podendo ser (re)significada pela memória;

A todas/os aquelas/es que, mesmo não estando em corpo, mas em luz, e que estão marcados por seus feitos e por suas lutas: **Carlos Leal Rodrigues, Pai Cardoso, Pai Dudu, Mãe Joana, Mãe Maria do Peixe** entre tantas outras(os);

A todas(os) que ainda permanecem presentes entre nós e dos quais muitos fazem questão de esquecer: **Mãe Rita, Mãe Marinalva, Mãe Ceíça, Mãe Hilda** entre outras(os);

Aos que me forneceram palavras de conforto e aos que pensaram que eu não chegaria aqui, pois alguns julgaram a minha crença religiosa, meu falar, minhas vestes, meu comportamento, meu riso, a cor de minha pele. A essas pessoas, meu muito obrigada por ter plantando em mim a semente do eu posso e do eu vou conseguir, pois, para cada elogio, uma satisfação e, para cada crítica, força;

À professora **Conceição Evaristo** por nos presentear com a “**Escrevivência**”, nos fazendo entender que toda forma de viver pode ser transformada em escrita. A Escrevivência me possibilitou dar gritos através das letras, me fez estar inserida no lugar que nos pertence e assim poder *incomodar os sonos injustos*;

Ao meu amado marido **Hilton Holmes** por todos os perrengues que passou ao meu lado, sem cobranças, sem apontamentos e por me apoiar, mesmo sem entender e conhecer essa loucura chamada de academia. Obrigada por você existir em minha vida, por ser meu companheiro de todos os momentos, por ser meu amor;

Ao meu maior incentivador, meu filho **Mácio Vinícius Santana**, pois foi por ele que tomei a coragem de cumprir a promessa feita aos meus 12 anos de idade, de um dia poder escrever sobre Mãe Beata apenas em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mas tinha que ser em uma universidade pública. E com esse incentivo fiz o ENEM, no dia 04 de dezembro de 2016, dia de lansa para nós umbandistas, cujo tema da redação foi **Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil**. Consegui ingressar na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no curso de Biblioteconomia para cumprir a promessa feita há 30 anos, pensando na divulgação do TCC nas bibliotecas. Esse ingresso foi além do pensado, me possibilitou inúmeras descobertas como o gosto pelo curso, oportunidades, surpresas e questionamentos sobre se eu seria capaz. E foi, do caminhar possibilitado pela academia, que o destino me concedeu conhecer a professora Bernardina Freire a qual elevo todos os agradecimentos possíveis e o mais importante.

À **Bernardina Freire de Oliveira** agradeço imensamente por todos os seus atos, atitudes, pelas palavras de motivação, por suas ações, por acreditar no discente (aluno), por acreditar no potencial que tem o ser humano, por orientar de um jeito simples e flexível e sem pedir nada em troca, a não ser para que sigamos acreditando no nosso potencial. E, nesse seu acreditar, estou concluindo o mestrado, um lugar

jamais pensado e muito menos desejado. O não desejado se dava por não acreditar que eu, uma mulher negra, umbandista, que sempre estudou em escola pública e que fazia questão de passar de ano apenas para não decepcionar os pais, isso porque sempre teve um pai ausente, mas que valorizava os estudos. Por ter uma mãe que precisava trabalhar para sustentar uma casa e suas três filhas, e expressava felicidade pelo olhar sempre que passávamos de série, pois, para ela, era sempre uma conquista. E, mesmo minha “**Mainha**” sem entender a importância do incentivo e dos estudos, nunca permitiu que deixássemos a escola, ao contrário, mesmo sem ter concluído o estudo mínimo, nos fazia entender que esse era o melhor caminho. Encontrar, através dos estudos Bernardina Freire, foi poder ter a certeza que estava ali a mãe acadêmica de que eu precisava, pelo cuidado com que orienta a pesquisa, assim como a mãe biológica orienta à vida. Bernardina Freire é minha mãe de outras vidas, irmã de peito de minha Mainha. À Bernardina Freire, não só meu muito obrigada, mas minha eterna gratidão por sua dedicação, carinho, acolhimento e direcionamento nos caminhos entre a memória, o esquecimento, a lembrança, o registro e a Ciência da Informação, pois sem esses entrelaçamentos não teria surgido meu escrito;

Devo agradecer também ao meu medo e a mim mesma **Karina Ceci** por tudo que sou, por tudo o que já passei e hoje possuir toda essa trajetória e conquista acadêmica. Afirmando que não desejo prestígio e nem reconhecimento, desejo apenas me sentir em um lugar de direito e realizada. E estou, porque o construir desta escrita me possibilitou estar no lugar desejado por muitos e desvalorizado por vários, me fez entender que qualquer que seja um trabalho escrito, ele tem sua importância. O espaço da academia, pela primeira vez durante mais de 5 anos, me deu a oportunidade conquistada com a **Dissertação** onde pude ter a liberdade de expor minhas ideias, além de me sentir percebida através de minhas decisões/dicas/opiniões que foram/são tão importantes e fundamentais para minha vida. Espero, com esse construir, poder contribuir com mais espaço para que outras mulheres/meninas/mães, homens/meninos/pais sejam elas/es pretas/os ou não, de escolas públicas ou não, umbandistas ou não, possam escrever as suas/minhas/nossas histórias. E que suas produções sejam transformadas em trabalhos que tratem da **Informação** e da **Memória** como veículos de transformações que possibilitam mudanças positivas, nos fazendo sentir livres do medo, do não pode, do não é capaz, do não quero e do não faz.

Concluo a minha passagem com gostinho de quero mais, pois, não foi nenhum tormento como muitos descrevem em seu mestrado. Não sofri e nem tenho motivos para lamentações. Tive medos e angústias, mas não me desesperei porque sabia que tinha pessoas que me dariam força, apoio e orientação. Tenho o privilégio de dizer que valeu a pena, mesmo com tantos obstáculos surgidos, e saio deste momento, sendo, fazendo e realizando uma escrita, além de ter a certeza do dever cumprido. Agora só peço aos meus orixás força e proteção. À Jurema Santa e Sagrada, coragem e capacidade de avaliar as coisas com bom senso e clareza e, assim, poder combater as maldades não só as mandadas, mas as desejadas também.

Meu muito obrigada!

RESUMO

Compreendendo os acervos pessoais enquanto esfera de narrativas infomemoriais que expressam o percurso de vida de um indivíduo, envolvendo os seus feitos e suas relações, traçamos como objetivo geral desta pesquisa: construir a trajetória infomemorial de Maria Beatriz, Mãe Beata, no contexto cultural, social e religioso da cidade de João Pessoa (PB), a partir de seu acervo pessoal, sob a perspectiva da escrita de si aliada às práticas da escrevivência. E, como objetivos específicos: a) refletir a trajetória de Mãe Beata, considerando os aspectos religioso, cultural e social, na perspectiva de seu acervo pessoal; b) caracterizar a documentação do acervo pessoal de Mãe Beata, compreendendo-a enquanto fonte de informação e memória; c) mapear as relações religiosas, culturais e sociais de Mãe Beata, a partir de depoimentos orais dos seus familiares e de seus filhos de santo; d) destacar seu efetivo papel no desenvolvimento do Candomblé na Paraíba; e e) cotejar informações orais e documentais na construção infomemorial religiosa Mãe Beata. O estudo se situa nas categorias norteadoras de memória e informação, escrita de si (Foucault, 2009; Gomes, 2004) e escrevivência (Evaristo, 2017; 2020) enquanto aporte teórico-metodológico. A Escrevivência sustentou uma espécie de autorização para imbricamento de experiências de pessoas que tiveram suas lutas individuais e coletivas parecidas, além do contato com Mãe Beata, que fizeram de suas trajetórias uma armadura contra o preconceito, a intolerância e a não aceitação. A pesquisa se caracteriza como documental, de abordagem qualitativa, associado à entrevista narrativa de pessoas vinculadas ora ao seu convívio pessoal, ora ao seu convívio religioso, bem como de informações extraídas de jornais que circularam na Paraíba. Alcançamos um total de 825 registros entre jornais, documentos, fotografias, quatro livros, cinco entrevistas narrativas e um relato. Portanto, os resultados dão conta de que os registros e as trajetórias de pessoas invisibilizadas pelo tempo ou por quem não conhece suas histórias sirvam de provas/testemunhos, fornecendo informações necessárias para a compreensão de todo um percurso histórico-cultural. Destaca-se, a trajetória de uma mulher negra e sertaneja, especialmente no contexto de sua contribuição para a Umbanda, Jurema e o Candomblé Angola em João Pessoa/PB, cuja memória se constitui em fonte de riqueza para a preservação cultural religiosa (Silva, 2015). Registrar a trajetória de Mãe Beata é poder apresentar algumas de suas lutas e conquistas como a realização do casamento na Umbanda com efeito civil na década de 1970. Foi ela quem firmou o Candomblé Angola em João Pessoa e adentrou vestida com seu axó no campo acadêmico em tempos, demarcadamente, de lutas e tiranias. Suas ações revelam uma defensora dos princípios em que acreditava e possibilitaram ecoar os sons dos *elús* e dos atabaques.

Palavras-chave: mãe Beata; mulher negra; religiões afro-indígena brasileira; escrevivência; informação e memória.

ABSTRACT

Understanding personal collections as a sphere of infomemorial narratives that express an individual's life journey, involving their achievements and their relationships, the general objective of this research was to construct the infomemorial trajectory of Maria Beatriz, *Mãe Beata*, in the cultural, social and religious context of the city of João Pessoa (PB), starting from her personal collection, under the perspective of self-writing combined with the practices of *escrevivência*. As specific objectives this research aims to: a) to reflect on *Mãe Beata*'s trajectory, considering the religious, cultural and social aspects, from the perspective of her personal collection; b) to characterize the documentation of *Mãe Beata*'s personal collection, understanding it as a source of information and memory; c) to map *Mãe Beata*'s religious, cultural and social relationships, based on oral testimonials from her family and her *filhos de santo*; d) to highlight her effective role in the development of *Candomblé* in Paraíba; and e) to compare oral and documentary information in the construction of *Mãe Beata*'s religious infomemorial. The study is based on the guiding categories of: memory and information, self-writing (Foucault, 2009; Gomes, 2004) and *escrevivência* (Evaristo, 2017; 2020) as a theoretical-methodological basis. *Escrevivência* provided a kind of authorization for the interweaving of experiences of people who had similar individual and collective journeys, as well as contact with *Mãe Beata*, who had turned their trajectories into an armour against prejudice, intolerance and non-acceptance. The research is characterized as documental, with a qualitative approach, associated with narrative interviews of people linked either to their personal or religious conviviality, as well as information extracted from newspapers that have been distributed in Paraíba. Therefore, the results show that the records and trajectories of people who have been rendered invisible by time or by those who don't know their stories serve as supporting evidence/testimonies, providing the information needed to understand an entire historical and cultural journey. The trajectory of a black woman from the backlands of Brazil stands out, especially as regards of her contribution to *Umbanda*, *Jurema* and *Candomblé* Angola in João Pessoa/PB, whose memory is a source of wealth for religious cultural preservation (Silva, 2015). To record the trajectory of *Mãe Beata* is to be able to present some of her many struggles and achievements, such as the realization of marriage in Umbanda with civil effect in the 1970s. She was the one who established *Candomblé* Angola in João Pessoa and entered the academic field dressed in her *axó* (a ritualistic garment) at a time of notable conflicts and tyranny. *Mãe Beata*'s actions reveal her as a defender of the principles she believed in and also made it possible for the sounds of the *elús* and *atabaques* to be heard as an echo till today.

Keywords: Mãe Beata; black woman; Afro-indigenous Brazilian religions; *escrevivência*; information and memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto da capa do disco de Pai Edu	28
Figura 2 - Fotos da caixa recebida com fotografias e documentos de Mãe Beata (2019)	33
Figura 3 - Mãe Beata	36
Figura 4 - Quantitativo de trabalhos indexados na BRAPCI (1972-2023)	43
Figura 5 - Quadro da Brapci	44
Figura 6 - Ligação entre Religião, Informação, Memória e Ciência da Informação .	52
Figura 7 - Mãe Beata firmando um filho para o orixá xangô	62
Figura 8 – Coroação da ialorixá Beatriz Barbosa - Coroação de Iemanjá – 1968 (frente e verso)	63
Figura 9 - Mãe Beata em um momento de lazer	67
Figura 10 - Karina Ceci apresentando no evento sobre a trajetória de Mãe Beata (2023)	87
Figura 11 - Reportagem - “Terreiro de Umbanda fora da ação policial” - Jornal Correio da Paraíba, 14 de fevereiro de 1962	95
Figura 12 - Reportagem: “Polícia deflagra campanha contra a prática de macumba e xangôs” - Jornal Correio da Paraíba, 29 de novembro de 1962	97
Figura 13 - Reportagem - “Agripino: Não distinguirei nenhum paraibano” - Jornal Correio da Paraíba, 25 de outubro de 1962	99
Figura 14 - Reportagem - “Agripino: Paraíba terá em mim um defensor permanente” - Jornal A União, 13 de fevereiro de 1963	100
Figura 15 - Reportagem - Agripino: “o povo não é propriedade de ninguém” - Jornal a União, 19 de abril de 1964	102
Figura 16 - Reportagem - “Já: a vitória não foi minha, mas do povo” - Jornal a União, 28 de novembro de 1965	103
Figura 17 - Reportagem sobre a Legislação da Umbanda na Paraíba e o Diário oficial que apresenta a mudança - Jornal Umbanda no Lar novembro de 1977	103
Figura 18 - Trecho do Jornal O Norte sobre o passe dado pela babalorixá Mãe Marinalva no Governador João Agripino	105
Figura 19 - Foto do RG de Mãe Marinalva	106
Figura 20 - Reportagem - “João na Torre: calúnia de oposição é desespero” - Jornal o Norte, 13 de novembro de 1966	108

Figura 21 - Reportagem - “Homenagem” - Jornal A União, dia 08 de novembro de 1966	110
Figura 22 - O governador João Agripino recebendo das mãos do presidente da Federação de Cultos Africanos da Paraíba, o título de Presidente de Honra dos Umbandistas da Paraíba	111
Figura 23 - O governador recebendo o título em homenagem ao seu feito	111
Figura 24 - Reportagem - “Umbandistas fizeram festa do amor e da fraternidade” - Jornal a União, 18 de dezembro de 1966	113
Figura 25 - Veto do Governador Pedro Gondim, publicados no Diário Oficial do Estado da Paraíba	115
Figura 26 - Reportagem - “Babalaô leva corocochó dos terreiros de xangô” - Jornal O Norte, 08 de junho de 1966	116
Figura 27 - Reportagem - "Umbanda poderá criar federação" - Jornal o Norte, 18 de junho de 1966	117
Figura 28 - Reportagem - "Fundada a Federação Espírita Umbandista" - Jornal União, dia 14 de novembro de 1968	119
Figura 29 - Reportagem - "Umbanda só poderá ter uma federação" - Jornal A União, 14 de novembro de 1968	120
Figura 30 - Foto do prédio da Federação dos Cultos Africanos da Paraíba	122
Figura 31 - Nota do Jornal Nosso Lar em novembro de 1977	122
Figura 32 - Registro da autorização de número 44 ao Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar	124
Figura 33 - Placa em homenagem aos 50 anos de fundação, homenagem feita pelos filhos de santo	125
Figura 34 - Nomes das Federações Paraibanas	126
Figura 35 - Diplomas entregues aos filhos/as de santo ao término da festa pela Federação (Cruzada)	128
Figura 36 - Carlos Leal Rodrigues (Mestre Carlos)	130
Figura 37 - Reportagem - Carlos Leal pediu a Figueiredo que tornasse oficial a Umbanda - Jornal A União, 02 de outubro de 1979	131
Figura 38 - Reportagem - "Umbandistas apresentarão coreografias dos orixás" - Jornal Correio da Paraíba, 19 de janeiro 1968	132
Figura 39 - Reportagem - "Manifestações na plateia deram Originalidade Mostra de Umbanda" - Jornal A União, 06 de outubro de 1968	133

Figura 40 - Momento em que mães de santo trocam presentes nos encontros de terreiros realizados no teatro Santa Rosa	134
Figura 41 - Da esquerda para a direita, Zete Farias recebendo presente de Mãe Marinalva	134
Figura 42 - Diplomas entregues aos babalorixás e as ialorixás como forma de reconhecimento da Sociedade Cultural de João Pessoa pela participação no evento	135
Figura 43 - Reportagem - “Babalorixás reúne-se para debater festival de Umbanda” - Jornal A União, 17 de fevereiro de 1970	136
Figura 44 - Reportagem - Pesquisadores nordestinos virão à Mostra de Umbanda - Jornal A União, 07 de agosto de 1970	137
Figura 45 - Reportagem - II Mostra Paraibana de Rituais de Umbanda - Jornal A União, 09 de agosto de 1970	138
Figura 46 - Reportagem - "Mostra de Umbanda vai ter início hoje” – Jornal A União dia, 09 de agosto de 1970	139
Figura 47 - Terreiro Mãe Iemanjá de Mãe Beata na abertura das apresentações dos terreiros no teatro Santa Rosa	140
Figura 48 - Reportagem - "Festival de Umbanda é aberto por Mãe Iemanjá!" - Jornal A União, 15 de agosto de 1971	141
Figura 49 - Reportagem - Realização do primeiro batizado umbandista na Paraíba - Jornal A União, 03 de outubro de 1970	142
Figura 50 - Reportagem - "Paraíba lembra Cosme e Damião com batizado"- Jornal A União, 29 de setembro de 1971, e “Santo das crianças são festejados com batismo” - Jornal A União, 27 de setembro de 1973	143
Figura 51 - Fatos, acontecimentos, conquistas e descobertas (1969 - 2023)	145
Figura 52 - Reportagem - "Babalorixá receberá título"- Jornal A União, 25 de agosto de 1971	150
Figura 53 - Reportagem - "Babalaô paraibano recebe o título de benemérito da Umbanda de Pernambuco"- Jornal A União, 07 de setembro de 1971	151
Figura 54 - Reportagem - "Potiguar parabeniza Umbanda"- Jornal A União, 18 de dezembro de 1971	152
Figura 55 - Reportagem - "Umbanda dá título à Carlos Leal"- Jornal A União, 04 de janeiro de 1978	152

Figura 56 - Reportagem - "Babalorixá retorna a João Pessoa"- Jornal A União, 29 de junho de 1978	153
Figura 57 - Reportagem - "Templos ficaram em luto durante trinta dias"- Jornal A União, 23 de setembro de 1981	155
Figura 58 - Reportagem - "Umbandistas comemoram do Dia de São Jorge"- Jornal A União, 23 de abril de 1971	158
Figura 59 - Reportagem - "Orixá xangô: programa saiu"- Jornal A União, 21 de junho de 1972	159
Figura 60 - Imagem da no Rio Gramame ao lado era celebrada a festa para o Orixá Oxum	160
Figura 61 - Reportagem - "Cosme e Damião terão festa a 27 próximo"- Jornal A União, 11 de setembro de 1974	161
Figura 62 - Mãe Eurídice explicando as crianças sobre quem são Cosme e Damião	162
Figura 63 - João Agripino e o presidente da Federação Espirita Paraibana Carlos Leal Rodrigues	163
Figura 64 - Reportagem - Dando ênfase a festa da Guia - Jornal A União, 07 de dezembro de 1969	164
Figura 65 - Reportagem - "Folclore e Cultura" - Jornal A União, 02 de julho de 1969	165
Figura 66 - Pai João na praia saudando Oxalá e Mãe Beata saudando Iemanjá ..	166
Figura 67 - Divulgação defesa de Iemanjá no I Jornal da Umbanda na Paraíba ..	167
Figura 68 - Reportagem - "Enciclopédia britânica divulga a Rainha do Mar" - Jornal Umbanda no Lar Ano I - n. 01 de novembro de 1977	168
Figura 69 - Estátua de Iemanjá localizada na praia do Cabo Branco, orla de João Pessoa/PB	170
Figura 70 - Encarte de divulgação da caminhada tradicional de Mãe Iemanjá (2022)	171
Figura 71 - Encarte de divulgação da carreata "Cortejo de Iemanjá" (2022)	172
Figura 72 - Festa da Coroação de Iemanjá (2022)	173
Figura 73 - "Rivalidade provoca crise na Umbanda" - Jornal A União, 03 de janeiro de 1973	177
Figura 74 - A reportagem sobre os terreiros que foram fechados por conter menores participando - Jornal A União, 03 de janeiro de 1973	178

Figura 75 - Reportagem - “Pedido de controle de menores na Umbanda” - Jornal A União, 04 de janeiro de 1973	179
Figura 76 - “Menores na Umbanda” - Jornal A União, 05 de janeiro de 1973	180
Figura 77 - Defesa do presidente da federação aos terreiros barrados pela polícia - Jornal A União, 12 de janeiro de 1973	181
Figura 78 - Compromisso do Sr. Carlos Leal se propôs a fazer: como fiscalizar terreiros de Umbanda - Jornal A União, 18 de janeiro de 1973	182
Figura 79 - Mãe Beata fazendo a entrega dos certificados da FECAP as autoridades do Estado assim considerados pela FECAP - 10 de março de 1971	183
Figura 80 - Registro do primeiro casamento na Umbanda com efeito civil realizado por Mãe Beata no terreiro dela	185
Figura 81 - Registro do Jornal Nossa Lar sobre o casamento na Umbanda	186
Figura 82 - Segundo casamento realizado na Umbanda de Zete Farias com Assis Mangueira	187
Figura 83 - Capa do livro – linguagem religiosa afro-indígena na grande João Pessoa	189
Figura 84 - Mãe Beata	192
Figura 85 - Certidões de óbito de Mãe Beata e Pai João	193
Figura 86 - Registro do dia do sepultamento de Mãe Beata no cemitério São José	194
Figura 87 - Santinho da missa de 1 ano do seu falecimento de Mãe Beata	195
Figura 88 - Lápide de Mãe Beata (2021)	195
Figura 89 - Mãe Beata com suas filhas, seu marido e sua sobrinha (Mãe Anália) .	196
Figura 90 - Mãe Beata em seu terreiro no dia de festa de santo	198
Figura 91 - Mãe Beata com seu penacho incorporada em seu quarto de Jurema .	199
Figura 92 - Fachada do terreiro antes das mudanças realizada no prédio	201
Figura 93 - Fachada do terreiro no decorrer das mudanças	201
Figura 94 - Mãe Beata fazendo um registro em frente ao cruzeiro	202
Figura 95 - Subcorrente	203
Figura 96 - Estátua de Iemanjá, Ogã e Elú	204
Figura 97 - Mãe Beata dentro de seu peji	205
Figura 98 - Mãe Beata servindo o ageum e suas filhas de santo distribuindo	206

Figura 99 - Toque dedicado aos Orixás Cosme e Damião (<i>Erês/Ibejis</i>) e Mãe Beata organizando a gira com as crianças	207
Figura 100 - Mãe Beata e suas/seus filhas/os de santo levando a cesta do orixá Oxum para festejar nas margens do rio Gramame, em João Pessoa	209
Figura 101 - Mãe Beata com suas/seus filhas/os de santo na carreta com a estátua de Iemanjá, seguindo à praia para festejar a santa e depositar, nas águas do mar, as oferendas	210
Figura 102 - Mãe Beata com seu sorriso e trajada com seu axó e com as suas guias	211
Figura 103 - Pai Robertão; Mãe Beata na praia por trás Pai Afonso; Mãe Beata e ao seu lado direito Pai José Carlos (Zé)	213
Figura 104 - Mãe Beata no trono recebendo a peneira de seu pai de santo Cecílio	215
Figura 105 - Festa na praia onde o elú e o atabaque se juntam	217
Figura 106 - Praticante incorporando na festa na praia	220
Figura 107 - Reportagem - que refere a condenação de um vereador protestante - Jornal A União, 26 de outubro de 1973.....	221
Figura 108 - Mostra os cinco artigos que os terreiros deveria ter para poder funcionar como um exame psiquiátrico.....	222
Figura 109 - Reportagem: “Umbanda vai assistir pacientes” - Jornal A União, 09 de julho de 1976	223
Figura 110 - Fachada do antigo Instituto Psiquiátrico da Paraíba (2023)	224
Figura 111 - Oração pegadas na areia.....	255
Figura 112 - Árvore Genealógica de Karina Ceci	258
Figura 113 - Silvinha grávida de Karina Ceci (1980).....	260
Figura 114 - Dia de festa no Terreiro de Umbanda – Mãe Iemanjá.	262
Figura 115 - Karina Ceci como dama de honra do casamento de sua prima Lourdes Cabral na Igreja do Rosário - JP/PB	263
Figura 116 - Karina Ceci e sua irmã mais velha Karla Danielle no carnaval no bloco de Dona Emília e Karina Ceci no São João do Orfanato Dom Ulrico	264
Figura 117 - Karina Ceci e sua irmã mais nova Kadja Elyze na festividade religiosa em comemoração a Iemanjá no Terreiro de Umbanda Mãe Iemanjá	266
Figura 118 - Batizado de Karina Ceci na Matriz de Nossa Senhora de Lourdes ...	268

Figura 119 - Fotografia da estátua da cabocla Ceci dentro do quarto de Jurema de Mãe Beata	269
Figura 120 - Mãe Beata e Pai Afonso guiando Karina Ceci para que ela conduza uma filha de santo em sua saída para o orixá no Terreiro de Umbanda Mãe Iemanjá (1986)	271
Figura 121 - Karina Ceci e suas irmãs em apresentação cultural no Orfanato Dom Ulrico (1989)	272
Figura 122 - Karina Ceci em sua saída de iaô no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar representando Iemanjá e Oxalá (2015)	274
Figura 123 - Karina Ceci em sua saída de iaô no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar, representando Ogum (2015)	275
Figura 124 - Obrigação na Jurema de Karina Ceci (2013)	276
Figura 125 - Encontro de gerações (abril de 2008)	277
Figura 126 - Ciclo familiar de Mãe Beata e de Mãe Marinalva que compõe a família religiosa de Pai Vinícius a quinta geração de Mãe Beata	278
Figura 127 - Karina Ceci ao lado de seu filho biológico (2015) e Mácio Vinícius no dia de sua obrigação de iaô (2016)	279
Figura 128 - Hino da Umbanda	286

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Nomes de familiares praticantes da religião afro-indígena	273
---	-----

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 - Dados da Pesquisa.....	80
Diagrama 2 - Etapas da Entrevista Narrativa	81

SUMÁRIO

1	PEDINDO LICENÇA SOB OS SONS DOS ELÚS E DOS ATABAQUES: Laroîê/ Mojubá!.....	27
2	A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB A FIGURA DE UM GUERREIRO: Ogunhê!.....	49
2.1	A MEMÓRIA SOB A JUSTIÇA DE XANGÔ: Caô Cabecilê!	59
2.2	ESCRITA DE SI CONCEDENDO PASSAGEM A ESCREVIVÊNCIA: Òké Aro!	65
2.3	CAMINHOS PARA O ENCONTRO COM A ESCREVIVÊNCIA: Eparrei!	71
2.4	“EXPERIÊNCIAS HERDADAS”: escrevivência das memórias: Begue-Begue!	82
3	A CIDADE DE JOÃO PESSOA NA GIRA DE MÃE BEATA: Saluba Nanã! ...	92
3.1	A luta continua	114
3.2	Ao eterno Carlos Leal Rodrigues	129
4	CULTO AOS ORIXÁS: uma conversa de fé – Ewé Ó, Ossanha!	157
4.1	UMA MISTURA DE UNIÃO, DIVERGÊNCIA, CRENÇA E ESPERANÇA: Ora Yê Yê, Oxum!	175
5	REGISTRANDO O NASCIMENTO DE UMA NOVA FILHA	192
5.1	MÃE BEATA E SEU ESPAÇO SAGRADO	200
5.2	UMBANDA E CANDOMBLÉ: unidas em um só espaço: Épa babá!	214
5.3	O IR E VIR: o preconceito e a caridade	218
6	ESCREVIVÊNCIA DAS MEMÓRIAS: ela, eu e outras/os: Atotô!	227
6.1	AS DOCES LEMBRANÇAS DE ERONILDA CABRAL DE SOUZA	230
6.2	MÃE CEIÇA EMBALADA NO OURO DA OXUM	233
6.3	MÃE MARINALVA NA PROTEÇÃO DE OGUM	239
6.4	MÃE SILVINHA E O CHAMADO DE XANGÔ	244
6.5	A MEMÓRIA DE MÁRCIO MISTURADA COM A SAUDADE DE ROBERTO	252
6.6	MÃE KARINA NOS BRAÇOS DE IEMANJÁ: Odociá!	256
6.7	MEMÓRIAS DE INFÂNCIA: trajeto de uma identidade	257
6.8	A MEMÓRIA INVISÍVEL: o esquecimento	260

6.9	MEMÓRIA APAZIGUADA: lembrar para não esquecer	261
6.10	BAÚS DE UMA MEMÓRIA FELIZ	265
7	NO BALANÇAR DAS ONDAS ENTRELAÇADAS NO ENCANTO DAS TURIMBAS/TOADAS: o passado no presente	281
	REFERÊNCIAS	288
	GLOSSÁRIO	300
	APÊNDICES	306
	ANEXO	331



**NBEERE FUN IWE ASE LABE OHUN ELÚS ATI
ATABAQUES: Laroiê/ Mojubá!**

*Mãe Beata guiando uma filha de santo em uma obrigação de iaô com
a sua bisneta Karina Ceci (1985). Fonte: Acervo pessoal da
pesquisadora*

1 PEDINDO LICENÇA SOB OS SONS DOS ELÚS³ E DOS ATABAQUES⁴: Laroîê/ Mojubá!⁵

Quem pisar neste terreiro
Tem que pisar devagar
Cuidado que na porteira
Tem gente pra vigiar [...] (*Turimba/Toada⁶ para exú⁷*)

No pé da Figueira
Eu vi uma coisa linda
Pomba Gira Menina
Dançando balé
Arreia, arreia exú mulher (*Turimba/Toada para pomba gira⁸*)

Ganhei uma barraca velha
Foi a cigana que me deu
O que é meu é da cigana
O que é dela não é meu [...] (*Turimba/Toada para cigana*)



Jniciamos nossa jornada escrita ancorada nas palavras de Evaristo (2020, p. 54): “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar

³ *Elú* - instrumento usado nos rituais da Umbanda e da Jurema.

⁴ Atabaque - instrumento mais usado nos rituais de Candomblé; No terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar que se cultua a Umbanda e a Jurema faz uso do atabaque apenas na saída de obrigação de um/a filho/a de santo quando sai representando o orixá *Ossanhã*, orixá do tempo.

⁵ Laroîê/ Mojubá - Saudação aos orixás *exú* (guardião da comunicação, do caminho) e às Pomba Giras (considerada um *exú* feminino), mensageiros entre o mundo dos orixás e a Terra - significa: “Salve, mensageiro” / “Salve Pomba Gira”. As saudações são a maneira com que os/as filhos/as de santo se dirigem aos orixás.

⁶ Turimba/Toada - são os termos usados para chamar as canções, as músicas que são cantadas nos rituais. Para nós umbandistas do Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar/PB, as turimbas/toadas são rezas. Na Dissertação vamos nos remeter apenas as turimbas/toadas utilizada no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar/PB, do qual sou praticante há quase 18 anos ininterruptos e muitas das turimbas/toadas desconhecemos suas autorias. As turimbas/toadas destacadas na Dissertação tem um porque especial pois elas me remetem a momentos que para mim são bem significativos e que fazem parte de minha vivência religiosa e todas elas são pontos cantados que marcaram e representam algo em mim e para mim, além de despertar sensações inexplicáveis. E durante toda a minha vida, a Umbanda e a Jurema me possibilitaram muitas aprendizagens dentro do Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar com Mãe Marinalva e Pai Damião e, no Terreiro Mãe Iemanjá, que trago na memória ao vivenciá-lo ao lado de Mãe Beata e Pai João. As autorias de algumas turimbas/toadas encontramos, outras não. Por isso, em algumas delas, não trarei seus compositores e, em outras, indicarei o endereço eletrônico para quem desejar ouvir, desfrutar e entender um pouco sobre as nossas orações.

⁷ É uma das turimbas/toadas cantadas para saudar e homenagear os nossos guardiões (os *exús*). Momento de pedir licença para seguirmos com a nossa gira, pedindo proteção para que energias negativas passem distantes do momento desta realização e de agradecer por toda a proteção que eles nos oferecem, nos livrando de todos os males e cuidando de nossa porteira.

⁸ Turimba/Toada - para saudar e homenagear as pombas giras que são os *exús* fêmeas.

os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. Nesse sentido, não fugimos de nós mesmas/os e de quem somos, especialmente da fé que praticamos, por isso adentramos na escrita, pedindo licença aos *exús*, prática adotada nas religiões de matrizes afro-indígena brasileira, pois são os *exús* que dão passagem, que guardam e protegem cada praticante e a porteira⁹ que é a entrada do terreiro/barracão/ilê/roça¹⁰.

Exú é o orixá presente em tudo que se faz, é o mensageiro. Sem o orixá *exú*, os demais orixás e humanos não podem se comunicar (Prandi, 2001). São entidades de defesa, por isso utiliza-se o *exú* na entrada de cada terreiro, simbolizando a proteção e a guarda do local.

Entendemos que nada se realiza, sem antes pedir consentimento e licença a *exú*, nada se dá sem antes oferecer primeiro a *exú*, conforme enuncia a toada cantada no Terreiro de Umbanda Ogum Beira “[...] que sem *exú* não se faz nada”, ponto cantado por Pai Edu no LP¹¹ *Palácio de Iemanjá*, nome da turimba/toada: *Sem exú não se faz nada*. Vejamos o registro na Figura 1.

Figura 1 – Foto da capa do disco de Pai Edu



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=E1GPQilDLE4&ab_channel=RozenblitMusic
Acesso: 25 de dezembro de 2022

⁹ Porteira - nome dado pelos praticantes da Umbanda à entrada do terreiro/barracão/ilê/roça.

¹⁰Terreiro/barracão/ilê/roça - nome dado aos espaços destinados aos rituais coletivos, onde se realizam as giras, os toques, espaços sagrados. A denominação vai depender da folha na qual o pai e a mãe de santo têm sua feitura firmada, iniciada. Para fins desta pesquisa, adotamos o termo terreiro.

¹¹ LP - Objeto fabricado em vinil usado para gravação e reprodução de som (músicas).

Aragão, Batista, Menezes e Andriola (1987, p. 41) reiteram que sem *exú* “[...] não é possível iniciar qualquer atividade, pois é o responsável pela abertura dos cultos e danças, sendo sua função principal o cuidado com a rua”.

Os não praticantes das religiões de matriz afro-indígena, de modo geral, tendem a considerar os *exús* como demônios, pois são entidades que fazem uso de ferramentas e apetrechos chamados de paramentas¹², objetos esses estranhos para quem não tem o entendimento devido. Todavia, são eles os mensageiros dos orixás, entidades que nos defendem das mandingas¹³, dos maus pensamentos, e de pessoas que nos desejam mal.

Apresentamos algumas especificações que caracterizam os orixás quando mencionarmos em determinadas passagens nos capítulos desta pesquisa. As especificações servem para identificar determinado orixá e como são nomeados no sincretismo religioso. Destacamos alguns artefatos, objetos, cores, comidas, bebidas e demais recursos que se podem oferecer a um determinado orixá ou representá-lo. Há elementos que não foram destacados por diversas razões e uma delas é o respeito ao segredo do orixá. Citamos os mais utilizados, deixando ciente que pode haver variações de uma nação¹⁴ para outra.

O sincretismo na Umbanda, de acordo com de Mattos (2012, p. 171), “[...] incorporou alguns valores, as devoções a Jesus, à Maria e aos santos e as orações. Além de vários elementos, a Umbanda ainda se associou aos símbolos e espíritos dos rituais indígenas”. Bambace (2018, p.14) reforça essa informação quando menciona que “[...] a Umbanda representa, justamente, o sincretismo afro-católico”.

Citamos então alguns artefatos no decorrer da escrita como objetos mais utilizados por cada orixá. Como já escrito informado, os *exús*, no sincretismo da Umbanda, corresponde a Santo Antônio na fé católica. Suas cores na Umbanda, para alguns pais e mães de santo, é o preto e branco; outros consideram as cores preto e vermelho. Suas ferramentas são garfos, facas e vários outros objetos de ferro de acordo com suas falanges¹⁵ e/ou sua nação. No campo das oferendas, pode-se ter tanto comida e bebida quanto objetos. Na comida, pode oferecer caranguejo, farofa

¹² Paramentas - instrumentos utilizados por cada orixá e entidades da Jurema. Enfeites, vestuário usado para representar determinada entidade, são objetos representativos.

¹³ Mandinga - feitiços, trabalhos feitos.

¹⁴ Nação - comunidade religiosa à qual o praticante segue.

¹⁵ Falange - são entidades (espíritos) que representam, trabalham e que são invocados com o comando e vibração dos orixás e atuam dentro de uma mesma linha de vibração espiritual.

de espécie variada, cachaça, whisky, ou então bebida específica preparada para cada um dos *exús*. Suas paramentas são: capa, cartola, charuto entre outras, a depender do *exú*. O dia da semana é segunda-feira, dia das almas para nós umbandistas.

A pomba gira é considerada a companheira de *exú*. Aragão, Batista, Menezes e Andriola (1985, p. 41) explicam que a pomba gira é “esposa de *exú*, *exú* fêmea”. Suas ferramentas são garfo de ferro ou de metal. Suas cores geralmente preto, vermelho e branco, ou mesmo só preto e vermelho ou outra cor vai depender da falange na qual a entidade é firmada em seu cavalo¹⁶. Pode ser oferecida salada de verduras com ovos, algumas bebem cachaça, outras champanhe ou uma bebida específica. O dia da semana também é a segunda-feira; suas paramentas são rosas, belos *axós*¹⁷, perfumes, cigarros e outros recursos. Lembrando que os *exús* e as pombas giras são cultuados/as não só nos toques¹⁸ e nas giras¹⁹ dos orixás, mas também nos toques e nas giras de Jurema.

Agora que já pedimos consentimento e licença aos nossos guardiões, podemos trazer para o presente um passado marcado para a valorização da tradição africana, e, dessa forma, nos sentirmos inseridas/os no momento não vivido. A Professora Dra. Gisele Côrtes disse que esse trabalho está inserido na metáfora, *do vai e vem das ondas* (informação oral)²⁰ e que a metáfora refere às trocas informacionais deste trabalho, que contribuições significativas materializadas no percurso desta construção, dito de outra forma, será uma semente de troca.

E nessa troca a pesquisadora, enquanto bisneta de Mãe Beata, em muitos momentos se posicionará na terceira pessoa, sem se deslocar de suas ancestralidades.

Essa possibilidade de troca e de reafirmação de nossa tradição na construção da escrita deste texto, de algum modo, nos leva a concordar com Bambace (2018, p.

¹⁶ Cavalo - pessoa quando está em momento de transe com sua entidade em terra, incorporado. É quando tem seu corpo ocupado pela entidade espiritual, nele sendo cavalgado. É um *médium* na Umbanda.

¹⁷ *Axó* - são as roupas usadas nos toques/giras, nas festas, roupa do santo.

¹⁸ Toques - nome aos dias de festas.

¹⁹ Gira - nome dado ao ritual quando as/os filhas/os de santo se reúnem para celebrar uma entidade seja do orixá como entidade da Jurema. É onde as/os filhas/os de santo se reúnem em círculo, elevando seus pensamentos para pedir coisas boas, ajuda. É onde se dança, canta, evolui, é onde entramos em contato com o que acreditamos. É o momento em que as/os filhas/os de santo giram em círculo para louvar as divindades através do chamado pelos elús e/ou dos atabaques, pelas vibrações e pelo som dos *adejas*.

²⁰ “No vai e vem das ondas” foi uma frase dita pela professora Gisele Côrtes no dia da Qualificação, via *meet*, no dia 29 de setembro de 2022.

20), ao afirmar que seu estudo “proporcionou aventuras”, e esse talvez tenha sido um dos nossos desafios, propiciar a aventura trazendo para o campo da Ciência da Informação a memória de uma mulher negra e praticante da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola, adotando, para tanto, a escrevivência como abordagem teórico-metodológica.

A aventura da qual falou Bambace (2018) se presentifica para no revisitar o passado e materializá-lo em formato de texto acadêmico, cuja construção, esperamos, quando disponibilizado, possa contribuir para ressignificar a memória de Mãe Beata, de certo modo silenciada, bem como as práticas religiosas de matriz afro-indígenas. Tudo por meio da escrevivência, que nomeia uma escrita mesclada de vivências envolvidas com os relatos de nossas próprias memórias e com as memórias de um povo (Remenche; Sippel, 2019), razão pela qual, pedimos licença aos nossos guardiões. Licença para tornar a escrevivência em uma experiência que traga não só as experiências próximas, mas, experiências de pessoas que tiveram suas lutas individuais e coletivas, que tiveram contato com Mãe Beata e fizeram das suas trajetórias uma armadura contra o preconceito, a intolerância e a não aceitação. Uma luta persistente, sobretudo na sociedade contemporânea²¹ em que a intolerância religiosa tem sido frequente, conforme pesquisa Coordenada pela Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO) em parceria com a entidade *Ilê Omolu Oxum*.²²

Nessa esteira de raciocínio e como umbandista, também somos vítimas dessa mesma intolerância, o que nos instigou a seguir o exemplo de Carolina de Jesus, de Conceição Evaristo e de tantas outras mulheres negras a tratar sobre a realidade tão presente em nossas vidas e as dos nossos. Destacamos também como exemplo a Jornalista Eliane Brum, que não é negra, mas que nos chamou atenção com a escrita na obra: “*Meus desacontentamentos: a história da minha vida com palavras*”, publicada em 2017, afirmando que um dos fatores que move sua vida de jornalista é

²¹ A contemporaneidade refere-se à “singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (Agamben, 2020, p. 59).

²² De acordo com as entidades coordenadoras da pesquisa em 255 terreiros no Brasil, 91,7% dos pais e mães de santo já ouviram algum tipo de preconceito por conta da religião escolhida. Informações no link <https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2022/09/5034646-784-ja-foram-vitimas-de-intolerancia-religiosa-em-terreiros-mostra-pesquisa.html>

perceber como cada sujeito “[...] inventa uma vida” e “[...] como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa [...]” (Brum, 2017, p. 9). Esse pensamento que comunga com Ciachi e Cavinac (2007, p. 329) sobre “[...] o falar e o ouvir e sobre o ter ouvido e escrever o que ouvimos; sobre o nosso ouvir aquilo que nos é falado e sobre como escrever essas falas [...]”.

Nesse sentido, saímos do silêncio para compor a narrativa que, durante toda uma trajetória pessoal, viu, conviveu e ouviu histórias sobre *Maria Barbosa de Souza*, posteriormente nomeada *Maria Beatriz Barbosa de Souza*, popularmente conhecida por *Mãe Beata de Iemanjá*, feita na Umbanda, na Jurema e posteriormente no Candomblé Angola, práticas religiosas de matriz afro-indígena brasileira que ganhou maior visibilidade na Paraíba na década de 1960. Mattos (2012, p. 171) afirma que “[...] a Umbanda começou a ser praticada no século XX, [...]” informação fortalecida por Silva, Oliveira e Rosa (2019, p.151) ao registrar que “[...] a Umbanda foi criada no Século XX [...]”, ou seja, o termo criado parece ter sido usado no sentido de institucionalizada, mas sem deixar de compreender que essa prática religiosa já vinha sendo realizada bem antes de sua oficialização. A exemplo disso, temos as práticas realizadas por Mãe Beata, personagem central desta pesquisa, fazendo-nos inferir que a Umbanda faz parte da história de nossos antepassados.

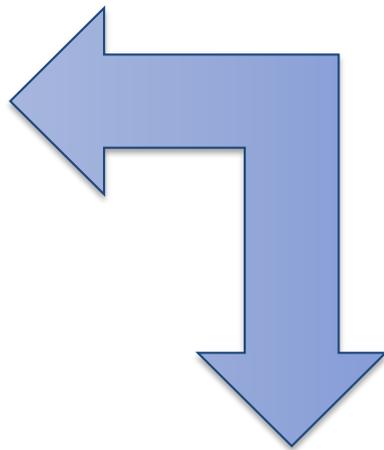
As histórias oralmente narradas sobre Mãe Beata sempre despertaram o interesse pessoal que se acentuou com a possibilidade de ingressar no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, na linha de pesquisa: Informação, Memória, Sociedade, momento propício para tornar sua memória objeto de estudo, transformando nossos apontamentos e registros em território fértil para pensar em Mãe Beata e sua atuação religiosa na Paraíba.

O presente trabalho transita, teoricamente, no contexto da memória individual e social, aliado à escrita de si e à escrivência, recorrendo, portanto, as narrativas orais e a pesquisa documental, buscando ressignificar a trajetória de vida de uma mulher negra, sertaneja e adepta da religião afro-indígena brasileira, Mãe Beata.

Evocar essas memórias, através dos documentos que compõem o seu acervo pessoal, possibilitou o (re)conhecimento de sua trajetória, especialmente sua contribuição nos contornos religiosos de matriz afro-indígena na Paraíba. Seus registros, alguns a pesquisadora já os tinha guardados e preservados há mais de 34 anos, outros apresentados pela própria família de Mãe Beata e outros recebidos pela minha irmã de santo Lane Pordeus em 2018, em uma caixa de arquivo na cor azul. A

pesquisadora retirou da caixa registros em que havia fotos de pessoas da família e de amigos mais próximos e a devolveu. Em 2019, Lane Pordeus retorna com uma nova caixa contendo muito outros registros e disse: *esse acervo pertence a você*. Assim, a pesquisadora acredita que essa é mais uma afirmação para cumprir sua promessa de fazer o registro sobre a trajetória de Mãe Beata. A Figura 2 apresenta a caixa entregue à pesquisadora em 2019.

Figura 2 – Fotos da caixa recebida com fotografias e documentos de Mãe Beata (2019)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2019

O registro da trajetória de Mãe Beata marcará feitos e lutas não só realizadas por homens, mas também por mulheres que, em diversas situações, são silenciadas, apontadas como não capazes sem ao menos terem a oportunidade de espelhar sua habilidade, seu intelecto, sua capacidade enquanto mulher. Também é um registro que mostra a luta “[...] para conquistar direitos, inclusão social e cidadania em

diferentes instâncias. Na sociedade moderna e contemporânea, muitos têm sido os desafios, em especial, para participar, de forma igualitária, dos espaços públicos, representados socialmente como domínio masculino”, como bem retratam Côrtes, Martins e Garcia (2019, p. 61).

Trabalhar com as informações materializadas nos documentos pessoais, isto é, com a informação de si, possibilita o acesso às memórias de um tempo vivido pela titular do acervo, destacando seus feitos, suas realizações, seu legado. Um legado silenciado em papéis embolorados e esquecidos quase sempre acondicionados em caixas, ou gavetas fechadas, agregados a outras fontes como jornais, entrevistas e relatos.

Optamos por fazer as entrevistas e o relato com pessoas que possuíam ligação tanto religiosa como pessoal com Mãe Beata, desfrutamos das aceitações para fazer parte desta construção: **Eronilda Cabral** (*filha biológica*), **Maria da Conceição Farias** (*Mãe Ceixa - viúva de Carlos Leal Rodrigues/Mestre Carlos*), **Marinalva Amélia** (*Mãe Marinalva - baluarte da Umbanda e da Jurema*), **Maria da Silva** (*Mãe Silvinha - ex. esposa do neto de Mãe Beata*), **Anco Márcio** (*viúvo de Pai Roberto de Iemanjá - filho de santo de Mãe Beata*) e **Karina Ceci** (*Mãe Karina - bisneta de Mãe Beata*).

E a partir do acesso à essas memórias, acreditamos poder contribuir para salvaguardar os acontecimentos, usos, costumes, rituais, história de vida, permitindo realizar descobertas importantes e desconhecidas, uma forma de acessarmos à escrita de si, bem como a memória coletiva dos praticantes da religião de matriz afro-indígena na Paraíba associado com a escrevivência, como também compreender o estabelecimento das religiões afro-brasileiras em João Pessoa (Gonçalves; Cecília, 2012).

Compreendendo os acervos pessoais enquanto esfera de narrativas memoriais que expressam o percurso de vida de um indivíduo, envolvendo os seus feitos e suas relações, pretendemos trazer à tona a trajetória de Mãe Beata, especialmente por sua contribuição para a religião de matriz afro-indígena brasileira, pois, “a memória sempre foi e tem sido nos dias atuais, fonte de riqueza para a preservação cultural-religiosa de religiões africanas e afro brasileiras” (Lima, 2015, p. 57). Especialmente porque, no âmbito das religiões, as memórias são constituídas não apenas pela vivência direta, mas pela tradição herdada, compartilhada entre o grupo religioso (Lima, 2015).

As fontes utilizadas constituem-se das informações materializadas nos documentos de seu acervo pessoal, os quais foram preservados e disponibilizados

por seus familiares para fins desta pesquisa, associado ainda a depoimentos de pessoas vinculadas ora ao seu convívio pessoal, ora ao seu convívio religioso e de informações extraídas de jornais que circularam na Paraíba em tempos de sua existência, além de documentos que constituem seu acervo pessoal. Trata-se de um conjunto de documentos pertencentes a uma liderança religiosa em que a casa/residência foi, de alguma forma, a extensão do templo, do espaço sagrado, culminando muitas vezes com uma espécie de simbiose entre filhos de santo, a liderança religiosa e familiares. Exemplo disso é a filha de santo que leva mãe de santo ao médico, é parente, que pode nem ser da religião, mas que vivencia rituais pelo compartilhamento do mesmo espaço físico seja por visita temporária ou por permanência, um misto de cotidiano e religiosidade de intimidade e prática religiosa, vivências que se cruzam e entrecruzam quase que simultaneamente.

Trabalhar com essa documentação possibilitou compreender o acervo enquanto escrita de si, a maneira pela qual a titular do acervo, de alguma forma permitiu ser conhecida, uma espécie de construção de si, levando-nos a entender os documentos como uma produção e confissão de si e para si, um espaço privilegiado de memórias, de silêncios e de esquecimentos.

Quebrar o silêncio do tempo é dar escuta por meio das informações do eu, a uma mulher assumidamente negra, mãe de santo, que defendeu em períodos históricos distintos, todas as suas identidades e pertencimentos. A Figura 3 apresenta Mãe Beata na década de 1970.

Figura 3 – Mãe Beata



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 198?

No que tange às religiões afro-indígenas no Estado da Paraíba, a década de 1960 se configurou como um período significativo para o povo de santo em razão dos acontecimentos ocorridos na capital João Pessoa. Inicialmente com a promulgação da Lei n.º 3.443, de 6 de novembro de 1966, que assegurava o livre exercício dos cultos africanos no Estado da Paraíba, instituída pelo Governador da Paraíba João Agripino Maia Filho²³, e que se ancorou no artigo 33 da Constituição Estadual, do artigo 59 do Ato Institucional n.º 2 (de 27/10/1965) e do artigo 32 §39, da Emenda Constitucional n.º 1 (de 22/12/1965). Em razão do respaldo legal outras iniciativas tiveram foro como a visibilidade da prática do Candomblé Angola, a junção do Candomblé com a Umbanda; o primeiro casamento na Umbanda com efeito civil; a

²³ Governador da Paraíba, de 1966 a 1971, filiado à Aliança Renovadora Nacional (ARENA).

fundação da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba; os festejos para Iemanjá; e a realização dos encontros de terreiros. E a liberação legal para que os terreiros pudessem realizar seus toques, suas giras, possibilitando que os atabaques e os *elús* ecoassem seus sons saudando o seu sagrado. De acordo com Lima (2011, p. 120),

O Candomblé paraibano surge paralelo à Umbanda. Faz-se necessário aqui alguns esclarecimentos relevantes. Mãe Beata se iniciou na nação Angola, mas, pela dificuldade de assimilação ritualística por parte das filhas e filhos-de-santo, ela conduzia o culto de Umbanda com nagô, mas iniciava os *yaôs* nos fundamentos do Candomblé de Angola. Ela era Sacerdotisa do Centro Espírita de Umbanda Mãe Iemanjá.

Na década de 1970, um acontecimento marcou a história da educação e da religião de matriz afro-indígena na Paraíba quando Mãe Beata, a primeira sacerdotisa afro-brasileira, adentrou com suas vestimentas religiosas para palestrar na Universidade Federal da Paraíba (UFPB)²⁴. Isso acentua ainda mais a importância de tomar a vida da Mãe Beata objeto de pesquisa em nível de Pós-graduação, sobretudo ao considerarmos que o objeto de investigação científica se constitui em um exercício de ajustar as lentes às coisas do cotidiano impossibilitadas de serem vistas por lentes embaçadas (Minayo *et al*, 2016).

Nesse sentido, entende-se a importância de Mãe Beata e a sua contribuição para o contexto das religiões de matriz africanas e indígenas na Paraíba, o que nos conduziu à seguinte indagação: ***como se constitui a trajetória infomemorial da religiosa Mãe Beata, no contexto cultural, social da cidade de João Pessoa (PB), a partir de seu acervo pessoal?***

Diante desse questionamento, perscrutamos o acervo pessoal de Mãe Beata, em busca de explorar e analisar as informações materializadas nos documentos e que possibilitaram ressignificar suas memórias, e, conseqüentemente, as memórias de sua prática e contribuição religiosa, bem como o fortalecimento identitário e sua inserção cultural e social na Paraíba. Um percurso desvendado através das informações produzidas no contexto de suas práticas religiosas, sociais e pessoais, intencional ou não, uma espécie de informação de si (Andrade; Oliveira, 2014). Associando-a à escriturização como prática de interação entre nós, reunindo o eu

²⁴ Depoimento do filho de santo de Mãe Beata, Pai Robertão de Iemanjá (2019) a Valdir Lima no livro: Memórias: lugar onde as lembranças não envelhecem. João Pessoa: Ed. UFPB, 2019.

também mulher negra e praticante da Umbanda e da Jurema com o objeto observado, tentando alcançar “[...] uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas que o mundo desconsidera [...]” (Evaristo, 2020, p. 35).

Segundo Oliveira (2020), o acervo pessoal possibilita desvendar o que era invisível aos olhos, o que estava oculto (informação oral)²⁵, de modo que não podemos negar que, em muitos casos, esses acervos tornam-se invisíveis, quando não são acessados e analisados.

Sendo assim, acessar o acervo pessoal de Mãe Beata é uma forma de trazer à baila sua vida e seu legado. Pois, arquivar-se é se pôr no espelho, uma maneira de revelar a si própria e, nesse sentido, possibilitar uma espécie de arquivamento do eu, uma prática de construção de si mesma (Artières, 1998).

É, tendo o acervo como uma espécie de arquivamento do eu, como uma prática de construção de si mesma (Artières, 1998), que destacamos a marchinha de carnaval: “Ó abre alas, que eu quero passar” quando escrita pela cantora e compositora Chiquinha Gonzaga, ao expressar seu desejo de liberdade profissional, que pulsava em muitas mulheres no início do século XX. Era Chiquinha na Música, assim como Mãe Beata na Umbanda, na Jurema e no Candomblé, enquanto outras na medicina, tantas outras na literatura, nas artes, na vida.

Assim, ao ressignificarmos a trajetória dessa sacerdotisa religiosa, estamos ressignificando um percurso de luta pela liberdade de escolha e de expressão de tantas outras mulheres nos espaços por elas escolhidos para trilharem suas vidas. Além de acessarmos também as informações que revelam, paralelamente, aspectos da religiosidade de matriz afro-indígena na cidade de João Pessoa (PB). Nesse sentido, nos interessa também os assuntos não oficiais sobre a vida e os feitos de Mãe Beata de lemanjá.

Dessa forma, estabelecemos como **objetivo geral** desta pesquisa: construir a trajetória infomemorial de Maria Beatriz, Mãe Beata, no contexto cultural, social e religioso da cidade de João Pessoa (PB), a partir de seu acervo pessoal sob a perspectiva da escrita de si aliada às práticas da escrevivência. E, como **objetivos específicos**: a) refletir a trajetória de Mãe Beata considerando os aspectos religioso,

²⁵ Fala da professora Bernardina Freire de Oliveira na palestra intitulada “Casa dos Arcontes: limites e possibilidades dos arquivos pessoais”, em 08 de agosto de 2020. Embora a professora tenha abordado o termo arquivos, mas, para referir a Mãe Beata, adotaremos o termo acervo, em razão deste não se encontrar dentro dos padrões de organização técnica arquivístico.

cultural e social, na perspectiva de seu acervo pessoal; b) caracterizar a documentação do acervo pessoal de Mãe Beata, compreendendo-a enquanto fonte de informação e memória; c) mapear as relações religiosas, culturais e sociais de Mãe Beata, a partir de depoimentos orais dos seus familiares e de seus filhos de santo; d) destacar seu efetivo papel no desenvolvimento do Candomblé na Paraíba; e e) cotejar informações orais e documentais na construção infomemorial religiosa Mãe Beata.

Pensando enquanto praticante da Umbanda e da Jurema, me inquieta o fato de que há praticantes e até mesmo pessoas que pesquisam e estudam sobre as religiões afro-indígena na Paraíba como também praticantes, quando indagadas/os sobre realizações de pais e mães de santo em décadas de lutas e de resistência, duvidam. Alguns se expressam com surpresa pois desconhecem a fértil contribuição religiosa, resultante de lutas e conquistas, que Mãe Beata e outras(os) religiosas(os) envolveram-se em defesa de nossa comunidade.

Um fato que excedeu em meio ao esquecimento foi a presença da imagem de Mãe Beata e do Pai João em um material didático sobre a cultura na Paraíba. Recordo que, aos 12 anos de vida, em 1992, quando em uma atividade escolar, recebi a “*Cartilha Paraibana de 1983*” que registrava, em suas páginas, traços da cultura paraibana, revelando os costumes do seu povo. Ao folhear a cartilha, me deparei com o assunto: Festa popular na Paraíba, que trazia informações sobre as principais festas religiosas populares, destacando-se a festa de Nossa Senhora das Neves, a celebração de Nossa Senhora da Penha, a festa da Luz, na cidade de Guarabira (PB), a festa da Guia em Lucena, a festa do Rosário e a festa da Umbanda. Esta última trouxe muita emoção por trazer o registro fotográfico de Pai João²⁶ e de Mãe Beata na praia, saudando Oxalá e Iemanjá. A sensação foi um misto de felicidade e orgulho por ver materializado, nas páginas do livro didático, o registro de uma prática religiosa-cultural afro-indígena brasileira, da qual sou integrante e faço parte da quinta geração de praticantes. Guardo a cartilha, quase como um tesouro, pois nela está materializada a atuação de Mãe Beata durante os festejos na cidade de João Pessoa/PB.

A partir desse momento, firmei uma espécie de compromisso pessoal de um dia trazer à público essas memórias, dando a conhecer a vida e a obra de Mãe Beata, preferencialmente por meio de estudo acadêmico em uma universidade pública. Isso

²⁶ Pai João, esposo de Mãe Beata e frequentador no mesmo Terreiro Mãe Iemanjá.

só foi possível pela luta de mulheres negras que veem na universidade pública seu lugar de direito. Uma luta incessante faz com que mulheres entrem e se interessem em ingressar nas universidades públicas e privadas, seguindo na vida acadêmica e no ingresso na carreira científica (Côrtes; Martins; Garcia, 2019).

E seguir na vida acadêmica foi uma maneira de me sentir pertencente a este espaço e assim me desafiei na Pós-graduação. O Mestrado foi a oportunidade que se apresentou, o que me remeteu a cartilha paraibana, esta considerada como documento oficial produzido pela Secretaria Estadual para distribuição nas Escolas públicas quatro anos após a Constituição Federal, de 1988, que, em seu Art. 5º, Inciso VI, garante a laicidade e o direito à liberdade de cultos. Daí a importância de constar nesse documento o reconhecimento da festa de Iemanjá no arcabouço dos festejos religiosos populares.

Damos destaque a Mãe Beata por ela ser a primeira lalorixá²⁷ a realizar o casamento na Umbanda com efeito civil em 1970, casamento de Maria da Penha Ataíde filha de Carlos Leal Rodrigues com Carlos Roberto Ataíde conhecido como Pai Robertão (*in memoriam*). Tomando ciência deste fato, podemos então considerar que o primeiro casamento homoafetivo foi celebrado no Candomblé em João Pessoa, Paraíba, pela lalorixá Lúcia *Omidewá*, no dia 19 de setembro de 2008, no auditório da Faculdade de Direito da UFPB, em João Pessoa, e não sendo o segundo casamento no Candomblé como afirmam Silva, Oliveira e Rosa (2019).

Acreditamos que Mãe Beata, por ter uma história de vida religiosa firmada, seu pai de santo, Pai Cecílio ao ser procurado na Bahia (BA), veio até João Pessoa/PB para realizar a primeira feitura do Candomblé Angola em João Pessoa através da feitura de Mãe Beata.

Podemos assim entender que, ao realizar a feitura como uma renovação de um iaô²⁸, considerou a vivência de Mãe Beata na Umbanda e na Jurema, coroando seu *orixá*²⁹ com sua 'Mãe Iemanjá', renovando no santo, renascendo a filha, porém realizado em outra nação, no caso no Candomblé Angola. No entanto, Mãe Beata continuou a cultuar a Umbanda e a Jurema, pois a mesma respeitava, naquele momento, a dificuldade de seus filhas/os de santo.

²⁷ lalorixá – sacerdotisa, mãe de santo.

²⁸ *Iaô* – filhos e filhas que tomaram iniciação (feitura no santo).

²⁹ Ori – significa cabeça.

Comprovamos através do acervo fotográfico, que Mãe Beata renovou o seu iaô em 1973, reconfirmando seu trajeto religioso no Candomblé baiano (Gonçalves; Cecília, 2012).

Mãe Beata embora tenha falecido, no dia 03 de março de 1989, seu legado continua. Sua luta não foi em vão. Perscrutar seu acervo pessoal é uma forma de acessar informações sobre ela e sua trajetória, possibilitando novas e significativas informações, além ressignificar essas memórias, tão importantes para o contexto histórico, cultural, social e religioso.

Despertar para a possibilidade de estudar as memórias de Mãe Beata, bem como entender o seu acervo enquanto escrita de si, associando-a aos princípios da escrevivência enquanto arcabouço teórico-metodológico desta pesquisa. Como discente e após integrar o Grupo de Estudos e Pesquisa em Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP), pontuamos a ampliação dos saberes através das discussões em torno da relação triádica Informação, Memória e Sociedade, entendendo que, ao trabalharmos com documentos de acervos pessoais, tratamos de uma relação direta e indissolúvel entre as três categorias, adubo no terreno fértil da linha de pesquisa Informação, Memória e Sociedade. Harding (1993, p.15) certifica que

Acadêmicas feministas analisaram mulheres, homens e relações sociais entre os gêneros dentro dos quadros conceituais de disciplinas, entre os diferentes enquadramentos e, cada vez mais, diante deles. Em cada área, descobrimos que o que normalmente consideramos problemas, conceitos, teorias, metodologias objetivas e verdades transcendentais que abrangem tudo o que é humano não chega a tanto. Eles são, em vez disso, produtos do pensamento que levam a marca de seus criadores coletivos ou individuais e, por sua vez, os criadores são caracteristicamente marcados por seu gênero, classe social, raça e cultura. Agora, podemos discernir os efeitos destas marcas culturais nas discrepâncias entre métodos de conhecimento e interpretações do mundo contribuído pelos criadores da cultura ocidental moderna e por aqueles característicos do resto do povo. As crenças favorecidas pela cultura ocidental refletem, por vezes de forma clara e outras vezes distorcida, os projetos de vida social de seus criadores, identificável a partir da história, e não o mundo como é ou como gostaríamos que fosse. (Tradução nossa)³⁰.

³⁰ Las estudiosas feministas han analizado a las mujeres, a los hombres y las relaciones sociales entre los géneros dentro de los marcos conceptuales de las disciplinas, entre los distintos marcos y, cada vez más, frente a ellos. En cada área, hemos llegado a descubrir que lo que solemos considerar problemas, conceptos, teorías, metodologías objetivas y verdades trascendentales que abarcan todo lo humano no llegan a tanto. Son, en cambio, productos del pensamiento que llevan la marca de sus creadores colectivos o individuales y, a su vez, los creadores están marcados de forma característica por su género, clase social, raza y cultura¹. Ahora, podemos discernir los efectos de estas marcas culturales en las discrepancias entre los métodos de conocimiento y las interpretaciones del mundo aportados por los creadores de la cultura occidental moderna y los característicos del resto de las personas. Las creencias que favorece la cultura occidental reflejan, unas veces de maneras claras y

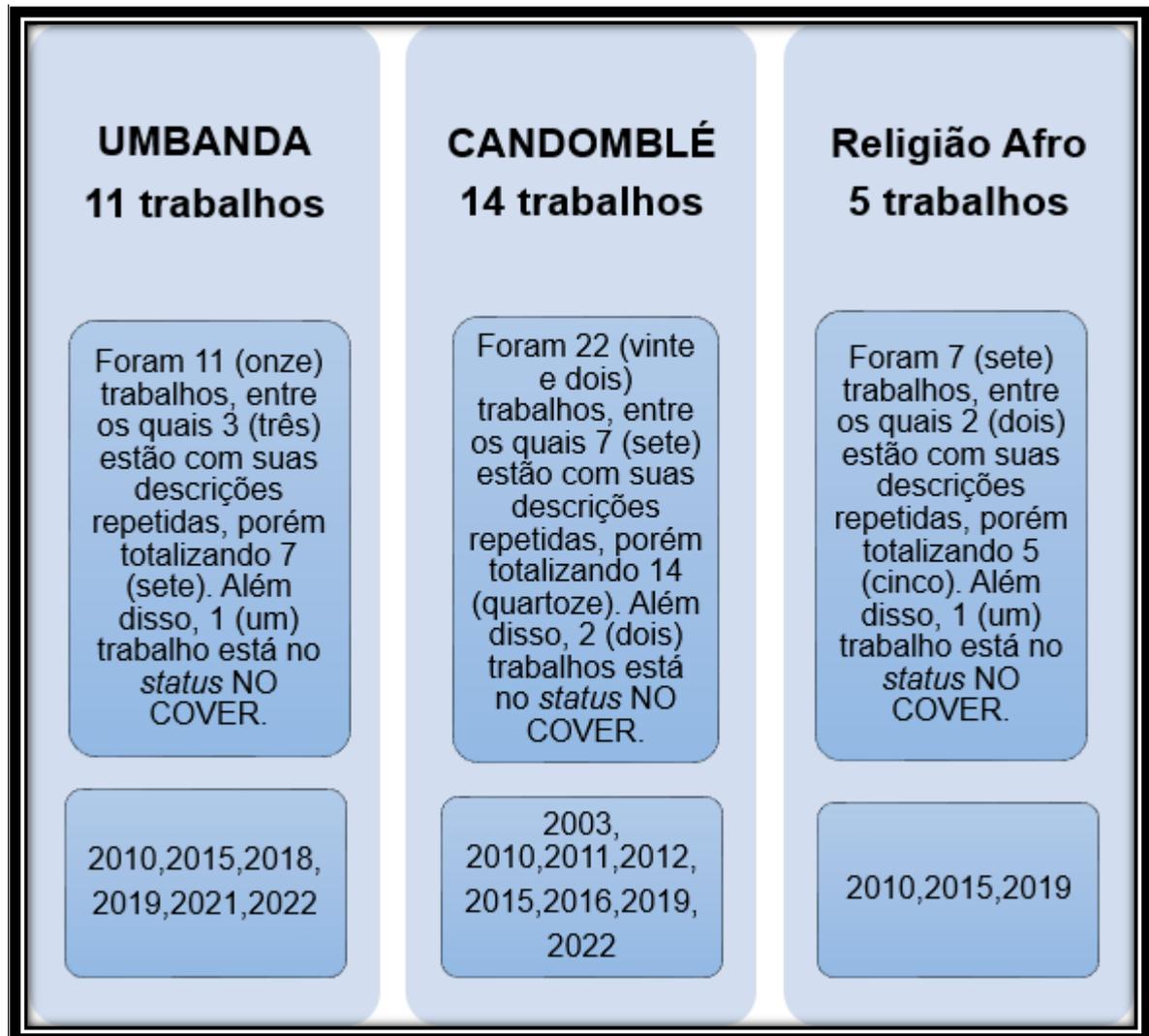
Pensar em pesquisas voltadas para o campo da Ciência da Informação nos oportuniza ressaltar que ainda é pouco producente pesquisas voltadas para a religião de matriz afro-indígena brasileira e sobre seus praticantes. Nesse sentido, identificamos, no Programa da Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB), apenas a Dissertação de autoria de Tadeu Rena Valente intitulada: *Pitadas afro-indígenas: a Cozinha de Santo de Mãe Rita Preta como lugar de memória*. A investigação, defendida em 2019, objetivou discutir a relação entre a Cozinha de Santo e as experiências pessoais dos indivíduos que participam dessas práticas culturais, mostrando como a literatura e as histórias de vida se ligam em discursos que marcam uma identidade cultural; a Dissertação, defendida em 2017, de autoria de Carla Maria de Almeida nominada: *Abram as portas da ciência para os mestres e as mestrizas passarem: a resignificação da Jurema no Acervo José Simeão Leal*, objetivou compreender como as informações constantes nos documentos que constituem o Acervo José Simeão Leal contribuem para a construção das memórias da Jurema no estado da Paraíba, trabalhos esses produzidos em parceria com o GECIMP. E a Tese, defendida em 2021, de mesma autora, intitulada: *Entre o cachimbo e a fumaça: um estudo das memórias na cultura material da Jurema no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar*, que objetivou compreender as memórias construídas sobre a Jurema, por meio das informações constantes na cultura material e nas narrativas dos fiéis mais experientes no contexto religioso.

Com vistas a descortinar o estado da arte, realizamos buscas com os termos Umbanda, Candomblé e Religião Afro no Banco de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), cujos resultados revelaram pequeno quantitativo de produções em relação ao papel das religiões de matrizes afro-indígenas e africanas as quais são partícipes da construção brasileira.

A Figura 4 demonstra o quantitativo de trabalhos indexados e publicados na BRAPCI, entre 1972 a 2023, no que tange às religiões afro.

Figura 4 – Quantitativo de trabalhos indexados na BRAPCI (1972-2023)

otras deformadas, los proyectos sociales de sus creadores, identificables desde la historia, y no el mundo tal como es o como queríamos que fuese.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Realizamos busca também, na plataforma da BRAPCI, de trabalhos que se referem a mulheres negras e religiosas. Usamos como busca os termos *mulheres negras e religiosas* e encontramos zero trabalhos realizados. E sobre escrevivência apenas um trabalho intitulado: *Quando se fecha os olhos e vê: por uma metodologia afetiva*, de Veronica Santana Queiroz (2022), pelo Centro de Ciências da Saúde, Núcleo de Bioética e Ética Aplicada, Rio de Janeiro, Brasil.

A pesquisa foi realizada entre 1972, pois foi quando se iniciaram as publicações de artigos em revistas científicas e profissionais, e 2023³¹, o que deixou perceptível temas ainda são pouco explorados. Mas isso não quer dizer que não tenhamos mais

³¹ Foram delimitados os anos de 1972 a 2023, uma vez que foi a partir da década de 1970 que trabalhos foram indexados na BRAPCI, com publicações de artigos em revistas científicas e profissionais. Buscamos ter uma base entre esses períodos para saber sobre os trabalhos publicados nesse tema.

trabalhos que abordam esses temas, pode ocorrer o caso de haver trabalhos não publicados e/ou por não estarem disponibilizados ainda na plataforma.

A Figura 5 mostra um recorte que se refere à busca de quantitativos de trabalhos publicados e inseridos na BRAPCI. Utilizamos como busca o termo religião afro.

Figura 5 – Quadro da BRAPCI

BRAPCI beta home sobre ▾ índices login

informe o(s) termo(s) de busca

PESQUISAR

todos autores título palavras-chave resumo texto completo

Para refinar a busca veja [Busca Avançada](#)

Delimitação

Delimitação da busca:

Ordernar: Relevância Mais novos Mais antigos

Selecionar Página | Selecionar Tudo

1 Total 7

Fonte:

https://www.brapci.inf.br/?q=religi%C3%A3o+afro&type=1&year_s=1972&year_e=2023&order=
 0 Acesso: 04 de janeiro de 2023

Em vista disso, reforçamos a contribuição da proposta de investigação para o campo das religiões de matriz afro-indígena, especialmente no âmbito desta área de investigação, Ciência da Informação, uma vez que outros estudos foram encontrados com significativas contribuições, porém em áreas como Sociologia, História e Antropologia.

Por outro lado, raros são os que enfatizam líderes mulheres e religiosas. Nesse sentido, identificamos, no âmbito das lideranças estaduais, o livro de autoria de Marinalva Amélia da Silva, intitulado:

- ❖ *Umbanda missão do bem: minha história, minha vida*, publicado pela Editora Ideia, no ano de 2013, organizado por Giovanni Boas;
- ❖ *Mulheres labas*, de autoria de Ivana Silva Bastos, que aborda o percurso da líder religiosa Mãe Renilda Bezerra de Albuquerque, do Terreiro Tata do Axé;
- ❖ *Jurema e Umbanda nas vozes de Mãe Rita Preta e Mãe Marinalva: narrativas do pioneirismo feminino nos cultos afro-indígenas da Paraíba*, no ano de 2022, Dissertação de Maria Gomes de Medeiros;
- ❖ *Pitadas afro-indígenas: a Cozinha de Santo de Mãe Rita Preta como lugar de memória*, da autoria de Tadeu Rena Valente.

Esta última junto ao PPGCI/UFPB.

O que reforça a importância do estudo tanto para a Ciência da Informação, como para o campo social, cultural e religioso e, em especial para o estudo de mulheres negras praticantes de religiões de matriz afro-indígena na Paraíba. Corroborando nesse aspecto com significativa importância social desse estudo na contemporaneidade, em que se faz necessário o combate à intolerância religiosa que foi acirrada no período do Governo Bolsonaro³². Conforme Guerreiro e Almeida (2021, p. 49) revelam,

[...] algumas importantes lideranças religiosas - sujeitos que encarnam um tipo ideal de pastor, empresário e político - têm colaborado com o governo na gestão da pandemia por meio do **negacionismo pandêmico**. Argumentamos que o negacionismo é uma linguagem de poder que está fora do escopo da democracia e que se expressa publicamente em diferentes técnicas de negação da ciência - muitas vezes com justificativas religiosas - empregadas em diversos eventos durante a pandemia, com o objetivo de consolidar um projeto político comum.

O negacionismo e a intolerância religiosa se alastraram ainda mais quando o mundo parou em março de 2020 por conta do COVID – 19, tempo em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) caracteriza como pandemia³³. A pandemia conduziu ao mundo momentos de dúvidas, incertezas, medo e apontamentos preconceituosos por quem principalmente deveria buscar maneiras de amenizar tanta intolerância religiosa. Marinho (2022, p.495) refere-se à intolerância como,

³² Governo instalado no Brasil, de 01 de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022.

³³ Pandemia - refere-se ao crescimento de uma doença que se propaga em vários países e lugares do mundo.

[...] conjunto de atitudes agressivas dirigidas a crenças e práticas religiosas diferentes (e, eventualmente, a quem não crê ou segue qualquer religião), que envolve ofensas ao grupo religioso atacado, desmoralização de suas divindades e símbolos religiosos, destruição de templos e de objetos ritualísticos, perseguição, agressão física e morte.

E tratar da intolerância religiosa é pensar nos atacados também por outras questões sociais que buscam se sentirem pertencentes ao espaço desejado ou ser o deseja ser. Acredita-se que todas/os aquelas/es que se sentem ou são excluídas/os desejam não serem apenas aceitos, mas sim respeitados.

A pandemia fez com que algumas pessoas pensassem no momento vivido coletivamente e tendo a incerteza como companhia, a incerteza se nós seres humanos sobreviveríamos. E na minha incerteza pude refletir sobre e aproveitar a oportunidade de me entregar à aventura da seleção do mestrado e poder descrever em palavras, ocupando o tempo em fomos ou alguns foram obrigadas(os) a permanecerem isoladas(os). Portanto, aproveitei a chance de ingressar em uma universidade pública na Pós-graduação, mesmo pensando que não seria capaz. Tive a oportunidade de perceber neste momento o que me faltava era acreditar, mas em mim mesma acreditando que sou e que juntos somos capazes. E assim, iniciei meu caminhar no Mestrado em Ciência da Informação na UFPB para logo contribuir cientificamente.

Então, nessa busca contínua em construir a trajetória infomemorial da religiosa Mãe Beata, no contexto cultural, social e religioso da cidade de João Pessoa (PB), com base no acervo pessoal dela, sob a perspectiva da escrita de si aliada às práticas da escrevivência, organizamos esta dissertação em sete capítulos indissociáveis entre si.

O primeiro capítulo intitulado de **PEDINDO LICENÇA SOB OS SONS DOS ELÚS E DOS ATABAQUES**: *Laroiê! Mojubá*, trata do texto introdutório em que registramos a justificativa, os aspectos sociais, pessoais e acadêmicos, a problemática e a pergunta-problema, bem como os objetivos traçados e a estrutura que constitui o presente texto.

O segundo capítulo, denominado de **A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB A FIGURA DE UM GUERREIRO**: *Ogunhê!*, em que situamos as categorias norteadoras para os estudos voltados para o entrelaçamento entre memória e informação, escrita

de si (Foucault, 2009; Gomes, 2004) e escrevivência (Evaristo, 2017; 2020; enquanto aporte teórico metodológico).

O terceiro capítulo intitulado **A CIDADE DE JOÃO PESSOA NA GIRA DE MÃE BEATA: *Saluba Nanã!***, se constituiu a partir do entrelaçamento de informações orais e documentais que expõe informações sobre a cidade de João Pessoa e as ações levadas a cabo por Mãe Beata, no campo de sua prática religiosa, social e cultural.

No quarto capítulo, denominado de **CULTOS AOS ORIXÁS: uma conversa de fé: *Ewé Ó, Ossanhã!***, versamos sobre as celebrações realizadas para cultuar os orixás e a liberdade para que os sons dos *elús* e dos atabaques fossem ouvidos e presenciados pela sociedade.

O quinto capítulo, cujo título é **REGISTRANDO O NASCIMENTO DE UMA NOVA FILHA**, trabalhamos com a trajetória, as conquistas e o caminhar de Mãe Beata, na vida e na religiosidade.

O sexto capítulo enfatiza a **ESCREVIVÊNCIA DAS MEMÓRIAS: ela, eu e outras(os): *Atotô!*** e narra a trajetória das práticas de Mãe Beata, associando-as às nossas próprias práticas e de outras pessoas, prevalentemente mulheres que também vivenciam a religião de matriz afro-indígena.

No sétimo e último capítulo intitulado **NO BALANÇAR DAS ONDAS ENTRELAÇADA NO ENCANTO DAS TURIMBAS/TOADAS**: o passado no presente, apontamos, a partir de cada objetivo específico, nossas considerações, sendo possível inferir a forma empoderada com que Mãe Beata praticou sua religião e compartilhou informações, contribuindo para o fortalecimento e crescimento dessa prática religiosa no Estado da Paraíba.



SCIENCE ALAYE BI OLOGUN: Oguinhê!

O registro mostra Mãe Beata com seu filho de santo em um dia comemorativo ao orixá Ogum. Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora,

[20?]

2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB A FIGURA DE UM GUERREIRO: Ogunhê!³⁴

A informação é um termo que carece de devida precaução, porquanto seu conceito é dinâmico e permeável por diversos campos do conhecimento humano e a cada um deles é atribuído um significado e um valor diferentes (Monteiro; Duarte, 2019, p. 96).



antes de darmos continuidade e louvamos os demais orixás, realizamos a defumação³⁵, ritual realizado logo após que elevamos os exús e as pombas giras.

Dá licença pai Ogum
Filhos teus que defumar
Umbanda tem fundamento
É preciso preparar
Com incenso e benjoim
Alecrim e alfazema
Defumar filhos de fé
Com as ervas da Jurema³⁶

E não posso escrever sobre informação, sem antes escrever sobre o orixá o qual protege guerreando, sendo dono dos caminhos, das inovações como a tecnologia e das oportunidades de realização pessoal (Prandi, 2001). *Ogum*, o orixá o qual propicia, defende e combate, junto à Ciência da Informação, as informações distorcidas e falsas.

Então vamos louvar o orixá *Ogum*, orixá da guerra, orixá do comando, deus do aço, do ferro, vencedor de demandas que “tem o poder de abrir os caminhos para a evolução do mundo, usando a sua espada” (Mattos, 2012, p.162). Louvemos, cantando a turimba/toada,

É cavalheiro da Oxum
É remador de lemanjá
Ele é soldado
Ele é guerreiro

³⁴ *Ogunhê* - saudação ao Orixá Ogum (o senhor das guerras) - significa: “Salve Ogum!”

³⁵ Defumação - é utilizado com queima de ervas, passando entre as pessoas praticantes e/ou visitantes, logo depois que louvamos os exús e as pombas giras. Serve para limpar as pessoas e o ambiente.

³⁶ Turimba/toada – ponto de defumação. Música cantada para realizar o ritual.

É ordenança de Oxalá
Oh Beira Mar
Auê Beira Mar
Salve Ogum Beira Mar
Auê Beira Mar

O orixá *Ogum* é conhecido no catolicismo como São Jorge. Dependendo da nação, utiliza uma única peça com ferramentas que representam a agricultura como: enxada, foice, machado etc. Suas cores, na Umbanda, são verde e vermelha; o dia da semana é terça-feira. Pode oferecer feijoada, cerveja. Suas paramentas são: capa, capacete, espada, escudo e outros.

E com a ajuda de *Ogum*, vamos entender um pouco sobre a informação que, de forma ampla, pode ser definida como “ato ou efeito de informar (-se), informe, notícia recebida ou comunicada ao público, dados sobre alguém ou alguma coisa, conhecimento, participação” (Minidicionário, 2009, p. 453). Para o campo da Ciência da Informação, que possui como objeto a própria informação sob a ótica de sua produção, acesso, uso e preservação, o conceito de informação adquire especificidades próprias da área.

De acordo com Pinheiro (2005, p. 23), “[...] embora informação não possa ser definida, nem medida, o fenômeno mais amplo que a Ciência da Informação pode tratar é a geração, transferência ou comunicação e uso da informação, aspectos contidos na sua definição [...]”. Em outras palavras, a informação se constitui em conhecimento comunicado, materializado que carece de interpretantes. Araújo (2014, p.58) afirma que a “[...] informação passou a ser entendida, como um recurso, uma condição de produtividade [...]”, que nos permite estarmos informados sobre fatos, acontecimentos e descobertas jamais pensados. Assim, compreendemos a importância que tem a Ciência da Informação, pois bem entendemos que ela coleta, organiza, armazena e dissemina a informação de forma científica, impulsionada também pela sociedade da informação. Essa categoria se tornou uma constante nas décadas de 1960 e 1970 e “[...] constitui em certa medida, a fundamentação para o surgimento e o desenvolvimento da Ciência da Informação [...]” (Araújo, 2017, p.19).

A Ciência da Informação, mesmo sendo considerada uma ciência jovem diante de outras áreas, seus marcos são fundamentais para possibilitar um olhar no passado e ver como as coisas aconteceram ao longo do tempo e como seus acontecimentos se revertem em informações essenciais à constituição da sociedade contemporânea. Isto porque a informação, enquanto moeda de troca, entende que “[...] uma das razões

para se afirmar que vivemos numa sociedade da informação é que a produção e venda de informações contribuem de maneira considerável para as economias mais desenvolvidas [...]” (Burke, 2003, p.141).

No momento em que a pandemia da COVID-19 causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 surgiu, o mundo se deparou presente em um momento em que problemas de informação fez proceder certas mudanças com relação à sociedade, “[...] tornando-se mais importante ou central do que a indústria e a agricultura” (Araújo, 2017, p.19). Isso nos remete ao pensamento de Burch (2005, p. 1) quando nos indaga: estamos “[...] vivendo numa época de mudanças ou numa mudança de época?”.

Percebe-se que vivemos em constantes mudanças e com as inovações das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) sem dúvida nos modificamos. Estamos vivendo em relação com as inovações no mundo atual, em uma época que há mudanças bem aceleradas e avassaladoras no meio das comunicações em que a fala não tem mais tanto poder como em épocas passadas. Estamos em uma época em que as mudanças sociais e individuais estão cada vez mais expostas “[...] aos caprichos dos mercados de mão-de-obra e de mercadorias [...]” (Bauman, 2007, p. 9) e que “[...] os indivíduos não possuem mais padrões de referência, nem códigos sociais e culturais que lhe possibilitasse, ao mesmo tempo, construir sua vida e se inserir dentro das condições de classe e cidadão” (Fragoso, 2011, p. 110).

Nesse sentido, discutimos como a Ciência da Informação vai receber esta pesquisa, que trata da produção informacional considerada com base na trajetória de uma mulher negra, sacerdotisa de religião de matriz afro-indígena e sua produção informacional considerada a partir de sua própria trajetória a ser desenvolvida também por uma mulher negra da mesma religião. Mas, como a Ciência da Informação tem a informação como gerador de descobertas, compreendemos que as religiões afro-indígenas brasileiras oferecem informações que destacam a memória com base nas práticas e artefatos e, quando registrados em suportes, possibilitam preservar a cultura de um povo, possibilitando que gerações futuras possam conhecer as religiões que por décadas a sociedade vem discriminando.

A Figura 6 faz a ligação entre a religião e a informação, perpassando pelas práticas, usos, costumes, narrativas e registros, chegando à memória que nos possibilita aprender e conhecer, indo até a Ciência da Informação, que tem o objetivo organizar as informações e disseminá-las de forma segura, retornando a própria

religião ou até mesmo a outras denominações religiosas e na sociedade como no todo.

Figura 6 – Ligação entre Religião, Informação, Memória e Ciência da Informação



Fonte: Dados da pesquisa, 2023

A pretensão aqui é trazer à cena, por meio das categorias informação, memória e sociedade, os atores que contribuíram para a memória coletiva e social da cidade de João Pessoa e, conseqüentemente, para o Estado da Paraíba. Trata-se de dar assento na academia, por meio da escuta acadêmica àquelas que fomentaram saberes e informações por meio de suas próprias práticas, aliadas ainda à experiência da investigadora. São atores que, junto com o suor da crença de homens e mulheres, puderam buscar rastros e, com os restos e vestígios, estabelecer referenciais de memórias dos cultos das religiões afro na Paraíba. Essa atitude busca preservar e trazer informações memorialísticas que ajudem a auxiliar e extrair as atividades da

memória da prática religiosa e suas memórias deixadas, esquecidas às margens, devolvendo ao presente o som das vozes retirando-as do silêncio (Lima, 2015).

A pesquisadora busca, com sua pesquisa, levar às pessoas informações importantes sobre religiões afro-indígenas, pensando na mudança que poderá ocorrer no meio religioso. É uma forma que deve ser pensada com cuidado, sabendo que a classe menos favorecida possivelmente não poderá ser atingida e nem a ela chegarão os dados informacionais desejados e merecidos, mesmo essa classe estando inserida na Sociedade da Informação e do Conhecimento. Sociedade essa que possui o avanço tecnológico se fazendo presente e em constante mudanças.

Neste sentido, é preciso compreender que, juntamente ao desenvolvimento, à popularização dos recursos tecnológicos e aos estudos que passaram a introduzir variadas possibilidades teórico-metodológicas para se discutir a informação enquanto fenômeno social, não é possível conhecer os processos intelectuais da sociedade apenas estudando o indivíduo, ou seja, olhando para ele separadamente. É preciso considerar o contexto social em que esse indivíduo está inserido, atentando também para seus comportamentos e suas práticas.

Com base nisso, é possível apontar para a existência de um cenário de múltiplos dispositivos tecnológicos convivendo com o dia a dia dos indivíduos e com as transformações que ligam as sociedades aos países industrializados. Isso faz com que seja observada a realidade econômica que contribui para que a sociedade dê mais significado à tecnologia do que à informação propriamente dita. Vejamos as palavras de Werthein (2000, p.72):

As transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados constituem uma tendência dominante mesmo para economia menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da sociedade da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade.

A influência desse mercado avassalador em cima do mundo, permite com que muitos desejem algo mesmo sem realmente necessitar. Isto porque somos estimulados pelo consumo, em especial nos locais com realidades bem diferentes dos países industrializados. Essa influência faz com que as pessoas desejem algo, estimulando-as ao desejo do consumo, situação bem nítida em nosso tempo atual.

Conjuntamente ao desenvolvimento e maior utilização dos recursos tecnológicos pelos indivíduos, ao grande ciclo de notícias e à interação oferecida pelo ambiente digital, o processo de informação social tem sido afetado pelo uso em massa de novas tecnologias e novas formas de comunicação entre os indivíduos.

Diante do exposto, é importante destacar os estudos e análises que abrangem a ascensão da Ciência da Informação, sua construção teórica e prática, destacando a estrutura paradigmática defendida por Capurro (2003), segundo o qual a Ciência da Informação desenvolveu-se sob três grandes paradigmas: o físico, o cognitivo e o social. Dando destaque aos paradigmas defendidas por Capurro (2023), Cordona (2013, p. 99) explica que a Ciência da Informação

Diz respeito à organização do conhecimento que uma pessoa ou grupo possui sobre um objeto específico ou situação social. Você pode distinguir a quantidade de informação que se possui e sua qualidade, especialmente, sua mais ou menos estereotipado e preconceituoso, o que revela a presença da atitude nas informações. Esta dimensão leva necessariamente à riqueza de dados ou explicações que as pessoas são formadas na realidade em seus relacionamentos diários (Tradução nossa)³⁷.

E nessa visão de que o conhecimento de uma pessoa ou de um grupo social, sobre determinado, objetos, coisas, comportamentos, esta investigação nos permite nos ancoramos em Capra (1996) que apresenta o paradigma social, sob a perspectiva de estudo, de forma conjunta, de todo processo social da informação (o sistema de recuperação, o usuário e a própria informação). Ou seja, “[...] o paradigma social é uma constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza” (Capra, 1996, p. 16).

Dentro do mesmo escopo, Nascimento e Marteleto (2004, p. 3) nos informam, de maneira mais detalhada, como se dá a constituição do paradigma social:

Neste cenário, entende-se que as dimensões históricas, culturais, econômicas, tecnológicas, sociais e políticas são pré-condições para o

³⁷ Conciene a la organización de los conocimientos que tiene una persona o grupo sobre un objeto o situación social determinada. Se puede distinguir la cantidad de información que se posee y su calidad, en especial, su carácter más o menos estereotipado o perjudicado, el cual revela la presencia de la actitud en la información. Esta dimensión conduce, necesariamente, a la riqueza de datos o explicaciones que sobre la realidad se forman las personas en sus relaciones cotidianas.

entendimento da 'informação'. Assim, a informação deve ser referenciada à historicidade dos sujeitos, ao funcionamento das estruturas e das relações sociais e aos sujeitos que executam ações. Isto é, a potencialidade de se ver a informação constituída como problema da sociedade, configurado como um fenômeno da ordem cultural e da humanidade.

É neste contexto que a memória pode exercer sua função de excelência, ou seja, pode ser uma ponte não só entre o passado, presente e futuro, mas como elo que facilita e fortalece conexões efetivas e afetivas entre os sujeitos e seus múltiplos coletivos. Porém, a inserção das tecnologias traz consigo uma nova maneira de ver a informação, e podemos perceber uma grande preocupação com os resultados que ocorreram na sociedade desencadeados pelos meios tecnológicos.

Notamos que, com o acesso ao conteúdo e às fontes de conhecimento, enxergamos a necessidade de resolver vários outros desafios (Wertheim, 2000) como a questão da desigualdade social, principalmente a dos menos favorecidos em viver com o avanço tecnológico.

Em suma, há uma nova sociedade, em um processo contínuo e acelerado de mudança e, de maneira correspondente ao estímulo desta nova sociedade, também se tem configurada uma nova maneira de acessar as informações. Esse novo acesso deve atender à urgência do novo modelo, ou seja, deve também ser ágil, rápido, eficiente, simples e seguro.

Deparamo-nos, na atualidade, com o conhecimento interativo e com o paradigma social da Ciência da Informação. Nesse âmbito, as pessoas estão imersas em ambientes sócio tecnológicos com diversas formas de linguagem e rápida disseminação de informações, cujo avanço que se altera a todo momento e altera todo percurso de quem viveu e vive fora dessa realidade, fora muitos outros desafios que a realidade de muitos não permite.

Perguntamos: como ter o direito de possuir um envolvimento com a realidade tecnológica se poucos não têm nem sequer o privilégio de adquirir conhecimentos básicos, se poucos não têm ou nem terão o privilégio de construir conhecimentos científicos aprofundados através das informações alcançadas nas escolas e nas universidades? Bem sabemos que a educação é a melhor maneira para que a sociedade possa saber viver. Oliveira nos engrandece, dizendo (informação oral)³⁸

³⁸ Fala da professora Bernardina Freire de Oliveira no 7º Seminário Internacional de Práticas Educativas: SECAMPO, com o tema 'Educação e Liberdade para o bem viver', no dia 02 de fevereiro de 2020.

que “educação é vida”, assim a educação além de vida é saber fazer e viver a vida. E é direito de todos terem uma educação de qualidade, embora esteja cada vez mais inacessível para a maior parte da humanidade cuja globalização se impõe como fábrica de perversidades e o desemprego cresce tornando-se crônico. Além disso, a pobreza aumenta e as classes médias vão perdendo em qualidade de vida (Santos, 2009).

Essa forma de vida faz com que a sociedade seja o tempo todo afetada pelas consequências da injustiça social que deixa falha no reconhecimento de si na sociedade. Pessoas que não reconhecem seus direitos e seus deveres, sem o necessário para sobreviver, não reconhece os poderes do direito como cidadãos e tantos outros reconhecimentos.

Mas, há um direito que acreditamos ser essencial para se viver bem, que nos abre portas, nos dá voz para gritar e forças para lutar por justiça e igualdade social que é a *educação*, caminho através do qual é necessário percorrer qualquer ser humano. Esse caminho ao ser trilhado refletirá no futuro, permitindo que a pessoa possa conseguir o que deseja, se tornando um ser que saberá lutar por seus objetivos, se defendendo da melhor maneira, pois saberá até onde o seu direito permite e até onde seu dever lhe cabe.

Através desse entendimento, destacamos novamente a informação, objeto principal da Ciência da Informação que, durante a realidade vivida na pandemia, nos permite continuarmos “[...] no mesmo barco” (Zizek, 2020, p. 25, tradução nossa)³⁹. Durante o tempo de isolamento, o vírus forçou todos a ficarem em casa, afetando a economia global, sem impedir que a circulação e o acúmulo de capital fossem afetados também (Berardi, 2020, tradução nossa)⁴⁰. Nesse período, tudo que parecia impossível e inimaginável aconteceu. E antes desse inimaginável ocorrido, cada sociedade tinha suas próprias doenças e essas doenças diziam a verdade sobre esta sociedade (Petit, 2020, tradução nossa)⁴¹. Os poderes, diante da desigualdade social e econômica, garantiram, de acordo com Butler (2020, p. 60, tradução nossa)⁴², que “o vírus não discrimina”, pois o “vírus não distingue pobre ser rico ou estadista e

³⁹ [...] todos estamos em el mismo bote.

⁴⁰ He aquí, entonces, el virus que obliga a todos a quedarse en casa, pero no bloquea la circulación de las mercancías.

⁴¹ Todo aquello que parecía imposible e inimaginable sucede em estos momentos. La vida cotidiana há volado por los aires y ya sólo queda el tempo de la espera.

⁴² El virus no discrimina.

cidadão comum”, Oliveira (informação oral)⁴³. O vírus não fez discriminação, tratou toda a humanidade da mesma forma, vindo mostrar que a sociedade é igualmente frágil.

Conseguimos perceber que o vírus não discrimina, mas sim o ser humano entrelaçado com o nacionalismo, o racismo, a xenofobia, o capitalismo e com “[...] movimentos e ataques, o vírus mostra que a comunidade humana é igualmente frágil”, fortalece (Butler, 2020, p. 60, tradução nossa)⁴⁴, sem esquecer do negacionismo e a discriminação que afetou, afeta e afetará sempre a todos igualmente.

A pandemia veio encoberta também de uma imensidão de notícias falsas e de assuntos existentes que são encobertos e disfarçados, como o racismo e a intolerância. Nessa direção, as consequências aumentaram, estimulando situações ainda mais agravantes.

Quando as notícias foram e são divulgadas por muitos que não se preocupam com quem vai atingir, isso, quando não se preocupa com a veracidade dos fatos, se dá por diversos motivos e um deles é a necessidade de divulgar, mas apresentando: “[...] por conveniência, por preguiça, por rapidez, para participar de um grupo com as notícias e veracidade dos últimos acontecimentos” (Campos, 2018, p.viii, tradução nossa)⁴⁵. Além do compartilhamento, muitos adicionam mais conteúdo cujo “resultado levará a decisões erradas, pois sempre haverá consequências, algumas significativas e outras rapidamente corrigíveis que não afetarão seriamente terceiros” (Campos, 2018, p.viii, tradução nossa)⁴⁶.

A humanidade precisou de algo grave como a pandemia para repensar suas ações e atitudes no que se refere aos princípios básicos da sociedade, princípios que são prejudicados pelo poder e pela ganância de quem nos deveria assegurar garantias. Devemos parar e olhar com mais atenção para perceber que estamos em tempo de mudanças e que as mudanças devem ser dosadas, isso por não saber que impacto essas mudanças podem acarretar. E por mais que essas mudanças nos facilitem estarmos informados a todo momento, devemos dirigir os olhos em direção ao poder que tem a informação quando disseminada principalmente em recursos

⁴³ Fala da professora Bernardina Freire durante uma aula da pós-graduação do PPGCI-UFPB, na disciplina Informação, Memória e Sociedade, no dia 19 de abril de 2021.

⁴⁴ [...] se mueve y ataca, el virus demuestra que la comunidad humana es igualmente frágil.

⁴⁵ [...] por comodidad, por pereza, por rapidez, para integrarse a un grupo con la noticia y veracidad de los últimos acontecimientos.

⁴⁶ El resultado provocará tomar decisiones equivocadas, pues siempre habrá consecuencias, unas significativas y otras corregibles rápidamente, que no afectarán gravemente a terceros.

informacionais tecnológicos, que contém uma rapidez inesperada e que pertence a todas as classes sociais.

O meio virtual mostrou como a vida de todos mudou e como a política com os seus representantes nada pôde fazer, a não ser aprender a administrar e aceitar a ser orientados a caminhar por quem podia ou não nos levar a cura, mas, a “vacina” criada pela ciência, que “[...] baseia-se na busca da verdade [...]” (Campos, 2018, p. 106, tradução nossa)⁴⁷.

Novos olhares diante dessa sociedade atual fazem com que nós pesquisadores da Ciência da Informação comecemos a perceber se realmente cada um pratica o que fala e se realmente cada um/a como pesquisador/a enxergar todos os acontecimentos existentes no seu meio social, principalmente quando se refere a esse fluxo informacional que envolve tantas informações desencontradas.

Um excesso de informação, se não for informação verdadeira e segura, resultará numa sociedade doente, cansada, agressiva e vingativa e “assim, qualquer tipo de informação, seja ela verdade ou não, ele se espalha e se torna viral” em pleno século XXI (Quechol, 2018, p.46, tradução nossa)⁴⁸. Oliveira (informação oral)⁴⁹ enfatiza que “até onde uma informação errada nos possibilita a certos acontecimentos” e o que podem nos causar se não tivermos a preocupação e o cuidado com as informações que recebemos diariamente. Certamente, a informação tem um poder de controle, porque centraliza fatos e acontecimentos em tempos diferentes, trazendo em seus registros respostas, explicações, causas, dúvidas, estabelecendo relações que causam determinados efeitos.

Como “[...] a memória é abordada pelos mais variados campos do conhecimento humano sob os mais variados aspectos, dependendo da finalidade que se deseja atingir [...]” (Souza; Oliveira, 2005, p. 2), se pensa na importância da junção da Ciência da Informação com a Memória. Esta junção faz entender que a memória, mesmo diante de seus “[...] vários significados, dependendo do campo em que esteja sendo aplicado” (Galindo, 2015, p. 77), presenteia a todas/os com informações essenciais de entendimento em diversos aspectos.

⁴⁷ [...] se fundamenta en la búsqueda de la verdad [...].

⁴⁸ Así, cualquier tipo de información, sea cierta o no, se extiende y se vuelve viral.

⁴⁹ Fala da professora Bernardina Freire de Oliveira na aula da pós-graduação do PPGCI-UFPB na disciplina Informação, Memória e Sociedade, em 12 de abril de 2021.

E quando se trata do campo da Ciência da Informação, Almeida (2021, p. 120) diz que a “[...] memória no campo da Ciência da Informação se preocupa em decifrar o caráter singular que é representado no ato informacional, seja de um indivíduo ou um grupo, ela não depende de uma ligação com a temporalidade espacial e cronológica da história”.

Diante desse contexto, a memória possibilita ao campo da Ciência da Informação a valorização de nossa existência e dos registros, já que a Ciência da Informação trabalha “[...] nas dinâmicas que vai estabelecer para que aquilo que era considerável memorável passe a ser alargado, alargando fronteiras daquilo que pode ser memorável” (Moura, Informação verbal).⁵⁰

Mas, qual a importância de tratar a memória no campo da Ciência da Informação? Ao nosso entender, já que a memória pode atender a vários significados e ser entendida de diversas maneiras, é tratá-la sem depender de ligação com a temporalidade espacial e cronológica da história, como bem corrobora Almeida (2021).

Carece de a Ciência da Informação compreender que trabalhar com a memória não é reconstituir o passado, mas viabilizar a coleta, organização, registro e a disseminação das informações com o propósito de possibilitar o entendimento dos fatos e acontecimentos, permitindo disparar gatilhos e conectar pessoas através das informações registradas.

2.1 A MEMÓRIA SOB A JUSTIÇA DE XANGÔ: Caô Cabecilê!⁵¹

Xangô é o rei da justiça
Xangô é o rei das pedreiras
Xangô batizou seus filhos
Com a água da cachoeira

Para representar a memória, trazemos o orixá Xangô por ser o deus da justiça, deus da pedreira e do fogo. Tem o poder de dominar e controlar raios e trovões. Tem vários correspondentes no sincretismo religioso, tendo São João Batista e São Jerônimo com mais destaque. Suas ferramentas são machado simples

⁵⁰ Fala da professora Maria Aparecida Moura, na aula magna - Ciência e Decolonialidade do PPGCI/UFPB, no dia 08 de abril de 2022.

⁵¹ *Caô Cabecilê* - saudação ao Orixá Xangô (Deus da justiça) - significa: “Permita-me vê-lo, Majestade!”.

ou com lâminas dos dois lados; suas cores são vermelha e branca. Sua comida é carneiro, *amalá*⁵². Sua bebida é a cerveja preta. O dia da semana é a quarta-feira. Suas paramentas são capa, coroa, machadinha, *maruô*⁵³ entre outras.

E destacar Xangô é ter a força desse orixá e assim defender a memória e nos referir à memória com a certeza de que “escavar, ler e registrar a memória” é “resistir ao racismo coletivamente” (Brito, 2020, p.17), é resistir sobre a intolerância, o negacionismo e a não aceitação.

A memória é um tema que sempre esteve presente, de alguma forma, no campo da Ciência da Informação e que “[...] nas duas últimas décadas, contudo, tem tido maior destaque, passando a designar áreas de investigação, linha de pesquisa, em programas de pós-graduação e grupos de trabalhos em associações científicas [...]” (Araújo, 2017, p. 22), permitindo trazer algo ocorrido em um tempo não vivido ou mesmo experienciado.

Pensando que a “[...] memória não se mostra apenas como um novo campo de estudos, mas também como uma maneira especial de processar as amplas malhas de problemas que concernem ao todo da sociedade [...]” (Assmann, 2011, p. 22), trabalhá-la no campo da Ciência da Informação é também apresentar possibilidades de obter muitas informações escondidas e/ou adormecidas do nosso conhecimento social. Isto porque estudar a memória é ser “[...] compreendida do ponto de vista de uma construção social em que grupos sociais criam um passado compartilhado, com a ajuda de um contexto [...]” (Andrade; Oliveira, 2014, p. 3).

Então falar em memória é transitar por caminhos e fatos ocorridos em nossas vidas tanto individual quanto coletiva e que, de alguma maneira, foram silenciados. É pensar como se a memória tivesse um baú e que no, decorrer do tempo, ela vai soltando lembranças recuperadas quando evocada. É como se algo que, por muito tempo, estava adormecido-esquecido, tornam por meio de saberes-fazer. Nesse aspecto, “[...] lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança” (Ricoeur, 2007, p. 24), no nosso caso em especial, é ir em busca da ancestralidade.

E a memória pode ser considerada como uma caixinha de surpresas que, ao ser evocada através de *flashes* espontâneos ou não, convoca outras memórias que

⁵² *Amalá* – espécie de pirão feito com pimenta, quiabo, camarão.

⁵³ *Maruô* - roupa usada pela filha de santo para representar o orixá Xangô. Quando a mulher usa o maruô com o chicotô por baixo e por cima do maruô se coloca o saiote feito de palha da costa. O homem usa calça e por cima o saiote.

se tornam gatilhos para novas cenas e lembranças pessoais e coletivas, ou seja, uma lembrança puxa outras lembranças (Bosi,1979). Logo, pensamos nos afloramentos que essa reconstituição de fatos vividos, experienciados ou testemunhados podem oferecer, sem esquecer que há também um aspecto ético e político, que pode ser constituído de forma intencional – a construção da memória. Por isso, a ideia de ressignificar a memória da religião e de Mãe Beata a partir dessa pesquisa é possibilitar escutas, é devolver-lhe o espaço que lhe é de direito, isso porque não existem outros trabalhos que tenham se dedicado a construir e ressignificar a memória dessa sacerdotisa com base em seus documentos, recortes de jornais, imagens registradas, transcritas e criadas enquanto *médium* de memória (Assmann, 2011). Reconhecemos que isso se dá devido ao grande poder que a memória possui conforme assinala Ricoeur (2007).

A memória pode fornecer informações essenciais para compreender o meio social, possibilitando entendimentos sobre o desenvolver de um povo, de um tempo, de fazer descobertas, de descortinar uma história, uma vida, considerando que “[...] a memória é socialmente construída [...]” (Pollak, 1992 p. 209), melhor dizendo, “[...] para que cada um se sinta ligado aos outros por uma mesma história [...]” existe a memória (Labbé, 2008, p. 37). Para ilustrar as afirmações de Pollak (1992) e Labbé (2008), expomos na Figura 7 com o registro de Mãe Beata apresentando ao seu povo de terreiro o mais novo filho de santo feito para xangô. Do lado esquerdo está Pai João esposo de Mãe Beata, seu neto Jair Barbosa (*in memoriam*), seu filho de santo conhecido como Cap. Hamilton e Mãe Beata.

Figura 7 – Mãe Beata firmando um filho de santo para o Orixá Xangô



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Com isso, a memória faz a ligação de uma geração à outra, alimentando a história, fazendo com que a sociedade dê sentido a certas situações e sobretudo não deixando o fato cair no esquecimento. Mas, para que isso ocorra, é preciso preservar a memória para libertar informações que, em algum momento, possam servir de alicerce, de respostas ou direcionamentos às questões que se encontram inquestionáveis devido à não obter algum registro que possibilite tais questionamentos.

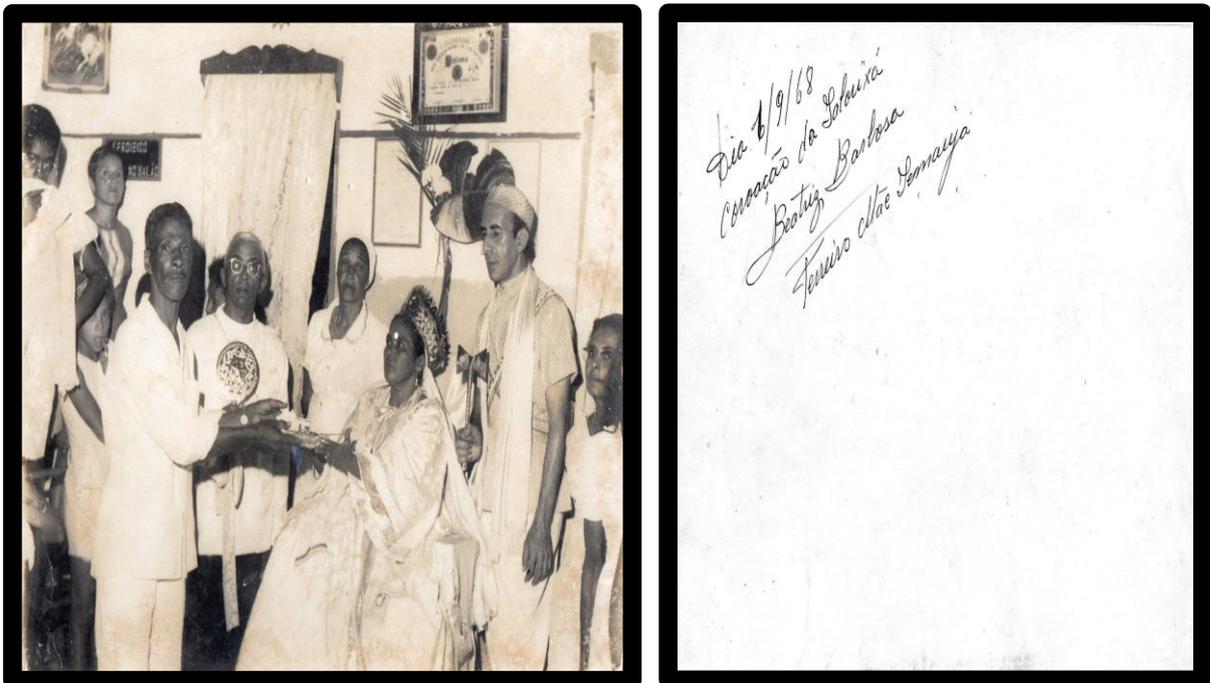
Mas como permitir que a memória tenha uma presença viva e não permaneça no esquecimento? Trazendo luz à memória e, conseqüentemente, à reflexão, constituindo em uma das possibilidades para a interpretação de histórias que, cotidianamente, enfrentam a força poderosa do esquecimento. Isso ocorre num encontro constante com o *Lethe*, o rio do esquecimento, todavia, em paralelo a este, encontramos as águas de Mnemosyne, ou melhor, as águas do rio das lembranças. Ambas correm em paralelo num jogo de disputa entre lembrança e esquecimento. Paul Ricoeur (2007) afirma que o esquecimento é inerente à memória, pois ninguém consegue se lembrar de tudo. O autor faz uma ressalva, ao referir-se aos abusos de memória, sobretudo quando estamos sempre atreladas às memórias ditas oficiais.

Nora (1993), ao referir-se à memória social, a designa, por um lado, enquanto um repositório abstrato de traços do passado, vividos ou mitigados que, de alguma forma, resistem na vida social dos grupos e, ao mesmo tempo, os integram e constroem identidades coletivas; por outro lado, há que considerar que, parte dessas construções, estão vinculadas aos grupos do passado. As memórias sociais podem conduzir à ação, desde que evocadas e utilizadas.

Podemos pensar nas formas com que utilizamos os instrumentos para essa evocação e assim (re)significar a memória. Seja por um objeto, por uma narrativa, por documentos, por imagens, por uma dança, entre outras maneiras existentes que possibilitam a rememoração, avivando a memória, escavando-a para que possamos encontrar respostas mesmo que bem diferentes das existentes e/ou já conhecidas. Essas respostas podem servir de libertação para determinados fatos e acontecimentos.

A Figura 8 tem como narrativa o momento apresentado pelo registro de 1968, que mostra o orixá de Mãe Beata (Iemanjá) sendo coroada por Pai Cecílio.

Figura 8 – Coroação da ialorixá Beatriz Barbosa - Coroação de Iemanjá – 1968 (frente e verso)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 1968

É o momento em que Mãe Beata se entrega ao renascimento, em razão de sua adesão ao Candomblé. Mas, para compreender esse seu renascimento é necessário escavar, explorar um passado para entender e dá sentido ao acontecimento.

Benjamin (1987, p.239) esclarece:

A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado, é, antes, o meio. E o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se resolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas a exploração mais cuidadosa entrega aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas.

Escavar é sondar, perscrutar, poder descobrir pouco a pouco as camadas sem prevê-las, e podendo estar carregadas de surpresas, de indagações, de dúvidas. A escavação é um processo pelo qual vai removendo camadas e descortinando fatos e os acontecimentos. Todavia, é preciso ter cuidado em cada cavoucada para que não destrua o achado e, com isso, impossibilite perceber os vínculos possíveis entre os achados, pois uma descoberta desenterrada pode modificar um momento que há muito tempo estava ocultados.

E como uma pesquisa nunca chega ao fim, a/o pesquisadora/o ela/e possivelmente em cada escavação adquire ou não uma nova descoberta e/ou um novo entendimento e compreensão. Sendo assim, percebemos que é inevitável em um só momento conseguirmos escavar tudo, por isso vamos, em cada descoberta trabalhada com a memória, alimentando a história e modificando-a por ser a memória um fenômeno construído (Pollak,1992), e por possuir memórias que podem ser individuais, coletivas ou sociais (Le Goff, 1990).

Assmann (2011), por sua vez, alerta que a memória, de certo modo, orienta o passado e avança como se rasgando o véu do esquecimento. O passado segue rastros soterrados e esquecidos e reconstrói provas significativas para a atualidade. Essas provas podem se apresentar de diversas maneiras, podendo haver

possibilidades de transformar qualquer objeto independente de sua guarda ou criação em fonte informacional, o que vai depender de como cada uma/um interpreta esse objeto com ou sem indícios e fatos privados. Além disso, essas provas podem ou não influenciar pontes entre o público e o privado, o presente e o passado, pensando no futuro e refletindo no olhar mais atento da/do pesquisadora/or que irá destacar a construção e o caminho de uma trajetória (Oliveira, 2018).

Nesse caminhar é que se pretende descortinar a vida e os feitos de Mãe Beata, sacerdotisa da Umbanda, da Jurema e do Candomblé paraibano. Nesse contexto, Bosi (2003, p. 31) comenta que “a memória opera com grande liberdade, escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo [...]. É tarefa do cientista social procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo”.

Ante o exposto, estamos, de certo modo, percorrendo um retorno no tempo para tentar compreender a trajetória de Mãe Beata e suas ações, considerando o tempo e o espaço. Nesse aspecto, adotamos a escrita de si, enquanto ato confessional para construir a narrativa sobre Mãe Beata, associando-a à escrevivência, possibilidade de construção do ela, do eu e do nós!

2.2 ESCRITA DE SI CONCEDENDO PASSAGEM A ESCREVIVÊNCIA: Òké Aro!⁵⁴

Odé mata
É de Orumilá⁵⁵
Eu te dou Odé
O que precisar
Odé mata
Filho de Xangô
Eu te dou Odé
Se preciso for
Odé amar Odé
Orumilá

Srazemos neste momento o orixá Odé, denominado também de Oxóssi e compõe a linha de caboclo, o deus da caça, fartura e das matas. É conhecido no sincretismo como Santo Expedito. Suas ferramentas são o arco e a flecha. Suas cores são branca, verde e vermelha. Pode oferecer coco, abacate, mel

⁵⁴ Òké Aro - saudação ao Orixá Oxóssi (o deus caçador, senhor da floresta, orixá da fartura, divindade do conhecimento) - significa: “Salve o grande Caçador!”

⁵⁵ Orumilá - orixá considerado como Orixalá, orixá importante que fez a criação do mundo e da humanidade.

preto. O dia da semana é quinta-feira. Suas paramentas são arco, flecha, chapéu com pena etc.

Odé, por ser o orixá que concede passagem, abre caminhos da escrita de si para a escrevivência, facilita o sentir através das sensações trazidas pelas lembranças evocadas pelos elementos sócio-transmissores que servem como testemunho, conduzindo a meios de registros documentais que leva a momentos de recordação, revivendo histórias, ressignificando imagens de momentos determinados afinal não existe memória fora dos quadros sociais. É alimentar a escrita com a memória e ressignificar o momento, pois “escrever é uma maneira de sangrar” (Evaristo, 2016, p.95).

Fazer a junção entre documentos pessoais e a escrita de si é tentar organizar uma história, ampliando elementos que irão constituir informações da pessoa que se encontra no invisível, transformando as informações em conhecimento registrado.

A Escrita de si pode ser percebida como um rastro do movimento social. Ela pode ser construída a partir de experiências vividas que são evocadas, à medida que recuperamos as informações contidas no anonimato dos documentos (Córdula; Oliveira, 2015, p. 59).

A partir da escrita de si, pode-se erguer a memória de si, as diversas formas de reproduzir a escrita de si que não se dá apenas em transmitir sua história, mas se preocupa também com o ressignificar histórias de pessoas que, sem intenção, deixaram “[...] registros pessoais como uma espécie de testemunho [...]” e como “[...] histórias que as pessoas contam sobre si mesmas [...]” (Mckemmish, 2013, p. 23-19). Histórias que podem ser contadas e registradas por meio da escrita de si, que não se restringe ao um texto escrito, mas também a objetos, relatos de fatos trazidos pela oralidade registrados em diversos suportes que ficam engavetados e revirados quando dá vontade de remexer como exemplo, olhar o baú de fotografias.

Ao revirar esses conglomerados de documentos que denominamos de ‘acervo pessoal’, percebemos que eles nos presenteiam com o reviver do que já passou, transitar por espaços distintos de recordações tristes, alegres, decepcionantes, espaços de conquistas, saudades, bons e maus sentimentos, mas que independente de suas categorias, sempre serão sentimentos de pertencimento da própria memória. Ou de memórias compartilhadas, uma vez que a memória não é influenciada apenas por elementos bioquímicos, mas também por sentimentos.

Apresentamos a Figura 9 que nos remete a uma memória individual e, ao mesmo tempo, coletiva. Mãe Beata em uma de suas viagens, acompanhada de alguns de seus familiares.

Figura 9 – Mãe Beata em um momento de lazer



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 198?

Se pararmos para refletirmos, passamos nossas vidas arquivando histórias. Mas “[...] por que arquivamos nossas vidas?”, indaga Artières (1998, p. 10). Podemos responder explicando que os registros pessoais (nosso arquivamento) não nos deixam mentir, mesmo surgindo modificações, nós só registramos aquilo que desejamos que alguém algum dia, por qualquer motivo, saiba ou mesmo queira descobrir algo que deseja.

Muitos, ao preservar um documento no tempo presente, querem ou desejam que, naquele momento, o documento fique oculto para que, no futuro, o acervo possa servir de explicação a algo que venha a ser questionado. Ou servir ao desejo de desvendar e discorrer sobre um momento e até mesmo servir de prova/testemunho.

Dessa maneira,

[...] os conjuntos documentais de natureza pessoal como produto de investimentos pessoais ou coletivos, mais do que como produtos “naturais”

da trajetória dos indivíduos, pode nos ajudar a desvendar significados e a avançar na tarefa de refletir sobre procedimentos que possam auxiliar no seu tratamento. Investimentos pessoais, imagens públicas e visões de mundo se objetivam nos arquivos pessoais e nos usos que seus titulares ou seus herdeiros lhe conferem e fornecem chaves para compreender o arquivo que vão além das tradicionais associações entre trajetória e documentos (Heymann, 2013, p. 75).

Nessa relação de importância entre poder perceber o potencial informacional que carrega um documento, podemos destacar: um achado no meio de nossas estantes e gavetas; um manuscrito em um papel deixado entre as simples páginas de um livro; um registro no verso de uma fotografia; e um rabisco em um caderno ou em qualquer um outro suporte. Essas são algumas formas de apresentar momentos de uma vida, em um tempo quando só a memória poderá desembulhar as informações comprovadas e provadas através dos documentos e informações. Esses documentos são essenciais para que existam novas descobertas e novas conquistas que poderão servir de alicerce para inúmeras curiosidades e descobertas escondidas pelo tempo ou propositalmente, dando passagem a outros olhares para que haja novas compreensões.

Consideram-se, em muitas situações, os arquivos/acervos como coisas velhas, que só têm servido apenas de recordações e de acúmulo para aqueles que não enxergam o valor desses materiais que, por um tempo, estiveram presentes em um determinado lugar, manifestando um momento e, com seu reavivamento, trouxeram vida e movimento.

De acordo com Córdula e Oliveira (2015, p. 22): “A ideia é que não se perceba o arquivo como apenas um lugar de guardar e preservar a memória, mas um lugar em que a informação passa a ser componente fundamental na produção do conhecimento”. Guardar e preservar objetos, para algumas pessoas, pode ser considerado apenas juntar coisas velhas e sem valor, mas para outras é considerado pura riqueza sentimental ou financeira. Neste último caso, lembrar é poder sentir no mais íntimo tudo de novo, “[...] é recuperar um pouco daquilo que se acha perdido” (Gonçalves, 2012, p. 967) é a memória fazendo seu papel de materializar o passado através dos registros.

Vamos pensar nas cartas escritas que podem ser “[...] um espaço que materializa memórias individuais e coletivas no tempo” (Coutinho; Oliveira, 2020, p.122). Dessa maneira, podemos pensar envolvendo todo tipo de documentos como materialização da memória ou, como explica Assmann (2011), um canal de memória.

Muitos utilizam a memória para construir ou reconstruir uma escrita de si, por meio de um arquivo/acervo privado pessoal, tornando visível o invisível (Oliveira, 2018), descrevendo lembranças usando estratégias, construindo novas ideias, desafiando e transformando fontes primárias em documentos informacionais para que logo possam ser recuperadas e reconhecidas, trazendo o passado através da memória e o tornando presente (Albano, 2005).

Porém, escrever sobre si possibilita um registro da memória. Quem escreve sente-se autor de sua própria história, uma vez que dá valor a trajetória percorrida e com o registro alimenta e orienta muitas outras histórias. Isto porque faz perceber que a informação certa pode transformar o mundo, mesmo aquele mundo que alguns não querem nem desejam que seja lembrado.

Ao vasculhar os desvãos da memória, remexemos certos sentimentos adormecidos e compreendemos que a escrita de si, de certa forma, não é apenas expor uma transcrição de medo, sonhos, conquistas, vontades, entre tantos outros motivos, mas é poder da vida, reconhecimento de quem pertence a vida lembrada.

A sensação de se sentir autor diante de um escrito sobre outro alguém se dá pelo fato de que o texto sempre terá um pouco de quem o escreveu, uma vez que há a exposição da opinião, compreensão e críticas de quem escreve. Isso acontece “[...] porque a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua” verdade” (Gomes, 2004, p. 14).

Foucault (2009, p. 269) nos provoca, quando questiona: “[...] se um indivíduo não fosse um autor, será que se poderia dizer que o que ele escreveu, ou disse, o que ele deixou em seus papéis, o que se pode relatar de suas exposições, poderia ser chamado de “obra”? Trazemos Evaristo (informação verbal)⁵⁶ para respondê-lo quando diz que

Tudo que escrevo parte muito das minhas experiências, é da experiência dos meus, ou de uma experiência que eu vivo de certa forma. Foi preciso chegar aos 70 anos para conseguir. Incomoda muito essa questão de dizer, se você estuda você consegue. Não é assim para todo mundo. Essas histórias de pessoas que vieram de classe subalterna, essa história como a minha, apenas confirmam, elas são uma exceção dentro da regra.

⁵⁶ Fala de Conceição Evaristo no canal do Youtube sobre O ponto de partida da escrita. Ocupação Conceição Evaristo (2017), 03 de maio de 2017. Gravação realizada em março de 2017, no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno>

Aderimos a afirmação diante destas colocações que somos autores e escritores de nossa própria vida, de nossas guardas e do que queremos que sejamos vistos. Isso vai depender também de quem irá descortinar cada trajetória através do propósito desejado.

Gomes (2004, p. 16) descreve que “[...] certas circunstâncias e momentos da história de vida de uma pessoa ou de um grupo estimulam essa prática [...]” de movimentação. Isso se dá quando, na escrita de si, os artefatos são manuseados e levados voltar a um tempo passado, porém extremamente presente, fazendo permitir que, no futuro ou no tempo presente, se movimentem para que não caiam no esquecimento de quem foi, quem fez, o que fez, quem conquistou, quem lutou, porque aquilo e isso, se dando entre conquistas e derrotas. A escrita de si leva o indivíduo a se tornar autor de sua própria história, expressando-se para si e para quem vai lê-lo.

Afirmamos que expor a própria vida é uma maneira de falar sobre si, é falar sobre um coletivo e possibilitar realizar a escrevivência, pois cada história é única e intransferível. Além disso, com a escrita de si, damos importância a cada história por que “[...] as pessoas morrem, mas não morrem, continuam nas outras” (Evaristo, 2017, p. 111), ou seja, as pessoas são apresentadas através da escrita. Para Gomes (2004, p.8), “[...] nem só os literários escrevem, sobretudo uma escrita de si”. Nessa mesma linha de pensamento, Guimarães Neto e Araújo (2004, p. 338) confirmam que

A palavra escrita tem o poder de reatar encontros com o passado, sentir-se presente na vida e fazer projeções para o futuro. Deixa de ter apenas valor afetivo, circunscrito ao mundo privado, para criar asas no espaço público e emitir os signos da luta que pode ensinar ao presente. Aprende-se com ela, antes de tudo, o compromisso integral com a cidadania.

Considerando o exposto, é compreensível que os documentos sejam fonte de pesquisa por trazer informações preservadas por familiares, por uma comunidade ou por alguém que viu importância naqueles registros. Mas, quando se trata do olhar de uma/um pesquisadora/or, tende a ter um cuidado mais refinado nos detalhes, pois os registros de si poderão transcrever uma trajetória com o reconhecimento de uma vida ou de várias histórias de vida. Esse cuidado se dá, fazendo escavações cuidadosas.

Nessa direção,

[...] o gesto de guardar documentos pessoais a “um tipo de testemunho” que alguns indivíduos se veriam compelidos a prestar em relação a sua vida, tanto

no sentido de preservar a memória de experiências vividas como no de constituir sua identidade pessoal por meio do arquivamento. O texto estabelece conexões interessantes com outros campos de conhecimento que discutem o papel das ‘narrativas de si’ na constituição do self, relacionando a produção de arquivos pessoais [...] (Heymann, 2012, p. 262).

Conforme a citação de Oliveira (2018), no sentido de tornar visível o invisível, e em seu relato verbal (2020), trazemos à baila trajetórias como a de Mãe Beata.

Desvendar o invisível é descortinar a história, fazendo leitura e interpretação extraídas dos documentos, dos depoimentos orais, dos objetos por meio da escrevivência que é escrever a realidade em busca de resistência. Também é transbordar, através das linhas escritas, as dores contadas com a doçura que a escrita oferece, quando envolvida pelo desejo de esperança, de poder ser o que deseja, de poder viver liberta dos olhares e em defesa de si no encontro com o nós.

Considerando a escrita de si como um arquivamento, ela só não seria suficiente para abordar sobre Mãe Beata, uma vez que a pesquisadora possui trajetória que se assemelha enquanto mulher negra e praticante da mesma religião. Isso torna necessário ampliar o olhar sobre a escrita de si, dando espaço à escrevivência, uma vez que a pesquisa se volta para pensar o sujeito e seu coletivo, trazendo à cena a ótica dos anônimos, estratégica teórica para intencionar a teia social com base nas relações entre o eu, ela e elas/es.

Conceder a passagem da escrita de si para a escrevivência é considerar como um ganho de liberdade, já que a escrita sangra, como bem determina Evaristo (2016).

2.3 CAMINHOS PARA O ENCONTRO COM A ESCREVIVÊNCIA: *Eparrei!*⁵⁷

No Moçambique ela come na Jurema
 No orixá ela come no *gongá*
 Não chore não viu
 Não vá chorar
 Não chore não
 Que lansã vai te ajudar

Jansã é o orixá que possui o domínio dos ventos e das tempestades, a deusa do ar, do corisco, do relâmpago e do trovão. Orixá guerreira também chamada de Oyá e Aloyá. É denominada no sincretismo como Santa Bárbara. Suas ferramentas são espada, cálice e chicote. Suas cores são rosa e branco. Sua

⁵⁷ *Eparrei* - saudação a lansã (deusa guerreira, senhora dos ventos, raios, trovões e tempestades) - significa: “Salve o raio, lansã!”

comida pode ser o acarajé. Dia da semana, quarta-feira. Suas paramentas coroa, espada, cálice etc.

Como Iansã, ela possui o domínio dos ventos e das tempestades. Nesse contexto, a insiro neste encontro com a escrevivência, consentido que ocorra novas pesquisas, novas descobertas, através de um método científico que nos permite chegar ao nosso objeto. Para Severino (2007, p. 17) metodologia científica se configura como instrumentos para que “os alunos e professores poderão conseguir maior aprofundamento na ciência, nas artes ou na filosofia, o que, afinal, é o objetivo central do ensino e da aprendizagem na Universidade”.

Nesse sentido, entendemos que a metodologia é o estudo do método científico, melhor definindo, é o método que busca atender aos objetivos traçados, com uso dos instrumentos de coleta, da análise dos dados, bem como da abordagem de pesquisa. Trata-se dos caminhos que auxiliem na realização de uma pesquisa científica. Para trilhar esse percurso, utilizamos instrumentos, técnicas e métodos reconhecidos como científicos para produção de respostas a uma questão formulada.

Nesse contexto, aplicar uma metodologia adequada à pesquisa é uma forma de alcançar os resultados que buscamos, no campo da investigação científica. Marconi e Lakatos (2003) ratificam esse entendimento enquanto metodologia científica no que diz respeito aos métodos e técnicas para a realização da pesquisa científica. Para Marconi e Lakatos (2003, p. 17), a metodologia científica é “[...] mais do que uma disciplina, significa introduzir o discente no mundo dos procedimentos sistemáticos e racionais, base da formação tanto do estudioso quanto do profissional, pois ambos atuam, além da prática, no mundo das ideias”. Considera-se tudo aquilo que se busca alcançar, através da investigação científica, e que mantém as características que levam a uma pesquisa voltada para a ciência.

Nas palavras de Minayo (2016, p. 11-12),

[...] a cientificidade não pode ser reduzida a uma forma determinada de conhecer: ele pré-contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização. [...] as ciências sociais hoje, como no passado, continuam gerando conhecimento. E que seu dilema não é o de copiar os caminhos das ciências naturais e sim o de encontrar seu núcleo mais profundo de contribuição na construção do campo científico. [...] tem que ser pensada como uma ideia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos.

Então, para a realização de uma pesquisa, devemos seguir caminhos de métodos científicos, pois, como bem aborda Gondim e Lima (2006), para realizar uma

investigação, tem tarefas a serem cumpridas, que exigem dedicação, ética, disciplina e boa vontade, mais do que o domínio obtido do conhecimento filosófico ou das técnicas que são realizadas para o levantamento dos dados.

Concebendo a pesquisa como atividade artesanal, isto é, como um trabalho em que está presente a marca do autor, deve se voltar a atenção, inicialmente, para o pesquisador. Em outras palavras, antes de tratar dos métodos e das técnicas, cabe uma reflexão sobre as motivações e sobre o perfil ideal daquele que será o principal responsável pela aplicação desses instrumentos, ou seja, daquele que definirá o que “pode servir” [...] (Gondim; Lima, 2006, p. 14-15).

Nesse sentido, a pesquisa, como “atividade artesanal”, usa técnicas escolhidas pelo criador, moldando-se a arte conforme as aplicações escolhidas para conquistar a proposta idealizada na criação da obra. Só buscamos pesquisar sobre algo que nos inquieta, pela proximidade, pela afinidade do objeto de pesquisa com a/o pesquisadora/or.

E assim se dá com a escrevivência como metodologia que concede a escrita de si como atividade fundamental que permite romper com quaisquer possibilidades impeditivas de criarmos e de estarmos,

[...] criando novos suportes de análise, muitas vezes o que temos aí não conta de uma realidade específica. Se esse conceito de escrevivência ele for pensado também nesse servir de suporte teórico para determinadas pesquisas científicas e pesquisas que visam justamente entender essa experiência do povo. Essa experiência negra brasileira, eu acho que é um avanço e é uma alegria muito grande porque até então todos estudos são orientados por uma perspectiva branca, uma perspectiva numa maioria das vezes, uma perspectiva a partir das experiências brancas, então, se uma experiência, se um conceito negro nascido através de uma experiência histórica ele for aproveitado como uma metodologia científica, nos estudos que nos diz respeito, eu acho um avanço, que é uma possibilidade de novas epistemologias, e que é justo como os conhecimentos indígenas, com a experiência indígenas. Ela também precisa chegar a esse campo acadêmico, não como objeto a ser pesquisado, mas como também sujeitos de criação, sujeitos de análise, sujeitos de observação, sujeitos que concluem as suas teses sobre determinados assuntos. Pensar a escrevivência como uma metodologia que pode ser pensada, que pode criar metodologia, que se transforma em métodos para ser aproveitado em todos os campos da ciência, isso nos agrada muito e nos mobiliza a fazer nossas próprias pesquisas, ampliar esses estudos (Conceição Evaristo - informação oral).⁵⁸

⁵⁸ Fala da professora Conceição Evaristo na aula inaugural - Casa Oswaldo Cruz, com o tema - **Escrevivência: vias na literatura, uma literatura para a vida**. No dia 04 de abril de 2022, pelo canal do Facebook. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/casadeoswaldocruz/videos/aula-inaugural-escreviv%C3%A2ncia-vidas-na-literatura-uma-literatura-para-a-vida/545427096910609/>

Para tanto, perseguindo os objetivos estabelecidos para esta pesquisa, optamos por adotar a abordagem qualitativa, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, aliados a outras estratégias de coleta de dados e análise.

Para Silveira e Córdova (2009, p. 32),

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. Na pesquisa qualitativa, o cientista é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto de suas pesquisas.

A pesquisa bibliográfica, com vistas ao aprofundamento e compreensão de uma base teórica, se caracteriza pela leitura em artigos, teses, livros fundamentados na discussão teórico-metodológico do estudo em tela.

Silva (2018, p. 15) afirma que

A pesquisa de abordagem qualitativa, possibilita uma aproximação entre o sujeito e o objeto e nesse ponto tornou-se fundamental, pois foi através dela (tendo por base a análise dos motivos e intenções) que foram desveladas as ações e estruturas encontradas como mais significativas para o estudo.

A abordagem qualitativa associamos à pesquisa bibliográfica, voltada para a literatura e a pesquisa documental que, de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 174), restringe-se a “[...] documentos escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”. Ou seja, seu *corpus* se constitui de documentos em seus variados suportes com fatos e acontecimentos que permanecem silenciados nos arquivos, nos acervos, nas gavetas e noutros espaços.

Na pesquisa documental, trabalhamos com fontes primárias compostas por informações originais e ainda inexploradas que fornecem dados e que podem subsidiar novas interpretações (Silva, 2022).

Para Marconi e Lakatos (2001, p. 43),

Os documentos de fonte primária são aqueles de primeira mão, provenientes dos próprios órgãos que realizaram as observações. Englobam todos os materiais, ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica. Podem ser encontrados em arquivos públicos ou particulares, assim como em fontes estatísticas compiladas por órgãos oficiais e particulares. Incluem-se aqui como fontes não escritas: fotografias, gravações, imprensa falada (televisão e rádio), desenhos, pinturas, canções, indumentárias, objetos de arte, folclore etc.

Para os documentos, adotamos os princípios da análise documental que, de acordo com Aróstegui (2006, p. 508), constitui-se de “[...] um conjunto de princípios e de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações”. Na análise documental são considerados dois pilares indispensáveis, que o autor denomina de fiabilidade e adequação dos documentos (Aróstegui, 2006).

Partimos, portanto, do entendimento de que a pesquisa, metaforicamente, se constitui em uma ‘colcha de retalhos’, cabendo a/o pesquisadora/or estabelecer seus próprios instrumentos para coletar informações necessárias e fundamentais para a realização da pesquisa. Nessa esteira de raciocínio, a pesquisa pode ser considerada como artesanato, a qual denominamos de artesanato intelectual, sendo “um fruto do trabalho vivo do pesquisador” (Deslandes, 2016, p. 29) desde quando se inicia a produção, com base no projeto, incluindo informações e conhecimentos prévios sobre a questão a ser trabalhada.

Nesse sentido, tomando a pesquisa enquanto um tecer artesanal, que tem como foco uma sacerdotisa negra, da cidade de João Pessoa/PB, fomos atraídas por ela e seu passado, afinal estamos na trilha de mulheres de mesma característica social e religiosa. Estamos em um movimento sobre o qual e do qual não há escapatória. Esse foi o momento de tomada de consciência de nós mesmas, integralmente imersas. Percebemos a impossibilidade de separar a mulher negra e sacerdotisa investigada da mulher negra praticante da mesma religião, que vive em tempos históricos distintos, mas que traz, na consanguinidade e nas práticas sociais, os elementos de ligação.

Especialmente, ao atentar para o que nos alerta Evaristo (2017) quando fala: “tudo que eu escrevi parte muito das minhas experiências, e da experiência dos meus ou de uma experiência que eu vivo de certa forma. [...] essas histórias de pessoas que vieram de classe subalterna, essa história como a minha, apenas confirmam, elas são uma exceção dentro da regra” (Informação oral)⁵⁹.

Foi com esse entendimento que adotamos a escrevivência como procedimento teórico-metodológico, uma espécie de “[...] estratégia escritural que almeja das

⁵⁹ Fala da professora Conceição Evaristo: O ponto de partida da escrita. Ocupação Conceição Evaristo (2017). O dia 03 de maio de 2017. Gravação realizada em março de 2017 no Rio de Janeiro. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno&ab_channel=Ita%C3%BACultural

corporeidades as vivências inscritas na oralidade ou as experiências concretas de vidas negras que motivam a escrita literária” (Fonseca, 2020, p. 66).

Evaristo (2020, p. 30) afirma que “nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada [...]”. Ou seja, conceber com a escrita, a vivência e a existência para fazer uma mistura entre a vida e a arte através da escrita (Evaristo, 2020).

Entendendo a escrevivência como essa possibilidade de uma escrita coletiva, o eu de Mãe Beata se mistura com o nosso, sobretudo nos fios que tecem nossas memórias que têm como atividade o ato de lembrar os modos de fazer desde a memória coletiva (Brito, 2020). E como “[...] a escrevivência extrapola nos levando para além da escrita do ser individualizado” (Evaristo, 2020, p. 38), tratamos de uma estratégia para as impressões da autora, do sujeito investigado e dos gestos dos entrevistados.

Temos as entrevistas que não destacam apenas histórias próprias, mas trazem observações do passado para o presente com informações sobre situações e momentos determinados pelos fatos. De acordo com Alberti (2008, p. 158), “a entrevista, em vez de fonte para o estudo do passado e do presente, torna-se a revelação do real”, além de observações e registros diante de materiais lidos e que em diferentes momentos foram revistos. Isso se mostrou importante em diferentes momentos e possibilitou repensar nossas impressões e vivências, o que colaborou com a pesquisa, afinal entendemos a narrativa como experiência, sob a perspectiva de que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Bondía, 2002, p. 21).

Assim, a presente pesquisa será realizada numa espécie de construção artesanal de uma grande colcha de retalhos, em momentos distintos e cuja paciência foi requerida com vistas a manter a harmonia entres as partes que constituem o todo.

Por oportuno, é bom ressaltar que as etapas se inter-relacionam e se interconectam entre si, com vistas a tecer a escrita sobre a trajetória da sacerdotisa Mãe Beata, cuja informação e memória são fios condutores, e, de certo modo, subverte o caráter positivista da ciência, introduzindo a escrevivência como construto metodológico de pesquisa. Esta perspectiva teórica foi criada pela Professora Dra. Maria da Conceição Evaristo de Brito, negra, natural de Belo Horizonte/MG, nascida no dia 29 de novembro de 1946. Evaristo é professora com formação em Letras,

Mestra em Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC) e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF). Publicou pela primeira vez nos Cadernos Negros, uma série que circula com textos afro-brasileiros.

Em 2016 suas obras passam por processos seletivos e tem escolhas para estudos acadêmicos. Hoje é uma das escritoras brasileiras mais lidas e estudadas dentro e fora do país.

A escrita de Conceição Evaristo é marcada pela delicadeza, oralidade e pela ficção que permite um reflexo sobre as realidades vividas em tempos passados e, ao mesmo tempo, realidades presentes. “Eu digo com muita veemência, na verdade este espaço é meu. É meu não, é nosso! É de toda uma comunidade que viveu aqui” (Informação oral)⁶⁰.

A escrita de Conceição Evaristo não traz apenas o seu imaginário, mas sua ancestralidade, sua vivência consigo e com os outros, com destaque à comunidade afro-brasileira através da metodologia da ‘escrevivência’.

Conceição Evaristo ganhou o terceiro lugar no Prêmio Jabuti 2015, categoria Contos com a obra Olhos d’água e o Prêmio Faz Diferença 2016 de O Globo na categoria Prosa. É titular da Cátedra Olavo Setúbal da USP. Em 2022, acontece a cerimônia de inauguração da Cadeira Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência onde Conceição Evaristo apresentou o programa de sua propriedade, que se baseia no conceito de "escrita", usado por ela para referenciar a escrita da vida, a escrita que nasce da vida cotidiana, memórias, experiências de vida dela mesma e do seu povo. Emprega a experiência das mulheres negras tanto no processo contemporâneo como no processo histórico.

Chamamos a atenção às novas questões, aos novos olhares direcionados aos elementos que surgiram durante o percurso transcorrido, nos moldes dos aspectos teóricos e metodológicos que foram incorporados, de acordo com a necessidade do quadro que se apresentou ao longo da jornada desta investigação científica e de acordo com a orientadora que junto à pesquisadora envolveu nesse constructo que consideramos um artesanato, a *escrevivência*.

⁶⁰ **Becos da memória** - Ocupação Conceição Evaristo (2017). No romance Becos da Memória, escrito em 1983 e publicado em 2006. Conceição Evaristo ficcionaliza as memórias de sua infância e de sua adolescência, vividas na favela do Pindura Saia, na região central de Belo Horizonte/MG (03 de maio de 2017). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-DEVLDHaRtQ>

A escrevivência de Conceição Evaristo como forma de metodologia trata de uma experiência como estratégia de informação através de vidas marcadas durante toda sua vivência. Pouco ou nada se vê no campo da Ciência da Informação. A metodologia pelo pensamento de Minayo diz que,

[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de pesquisa operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade crítica e sua sensibilidade). [...] a metodologia é muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teorias da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade. [...] a teoria e a metodologia caminham juntas, de forma inseparável. Enquanto conjuntos de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumento claro, coerente, elaborado, capaz de caminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. [...] Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisado (Minayo, 2016, p. 14-15).

Em se tratando da criatividade, pensamos em memória sobretudo nos recursos de buscas, o que faz vir à mente os documentos, o escrever.

Compreende-se que todo indivíduo possui algo em sua trajetória que, ao ser escrito, narrado ou registrado em qualquer suporte insere nesses documentos uma produção, devido entender que “cada documento tem a alma de quem o produz” (Informação oral)⁶¹ podendo evocar sentimentos, sensações e/ou até mesmo mudanças quando se faz comparações com o seu vivido, assemelhado - o ou não.

A escrevivência pode ser considerada como uma metodologia que trata da experiência como forma de informação de vidas marcadas durante toda sua vivência. Trata-se de uma metodologia que se adequa à linha de pensamento e estabelece um melhor aproveitamento na elaboração desta pesquisa que conta com 825 (Oitocentos e vinte e cinco) documentos que inclui fotografias, recortes de jornais, certificados, quatro livros, documentos pessoais, cinco entrevistas e um relato.

Logo, a característica da escrevivência é representar trajetórias de pessoas silenciadas, que trazem, em suas vivências, recortes de situações reais que ocorrem em toda sociedade e que muitas vezes ficam obscuros.

É acreditar que toda pessoa tem algo a compartilhar, para registrar ou publicar, promovendo sentidos, reconhecimento e uma compreensão de vida livre e ampla, essencial para que se conheça e se respeite uma sociedade tão diversa (Nunes, 2020, p. 15).

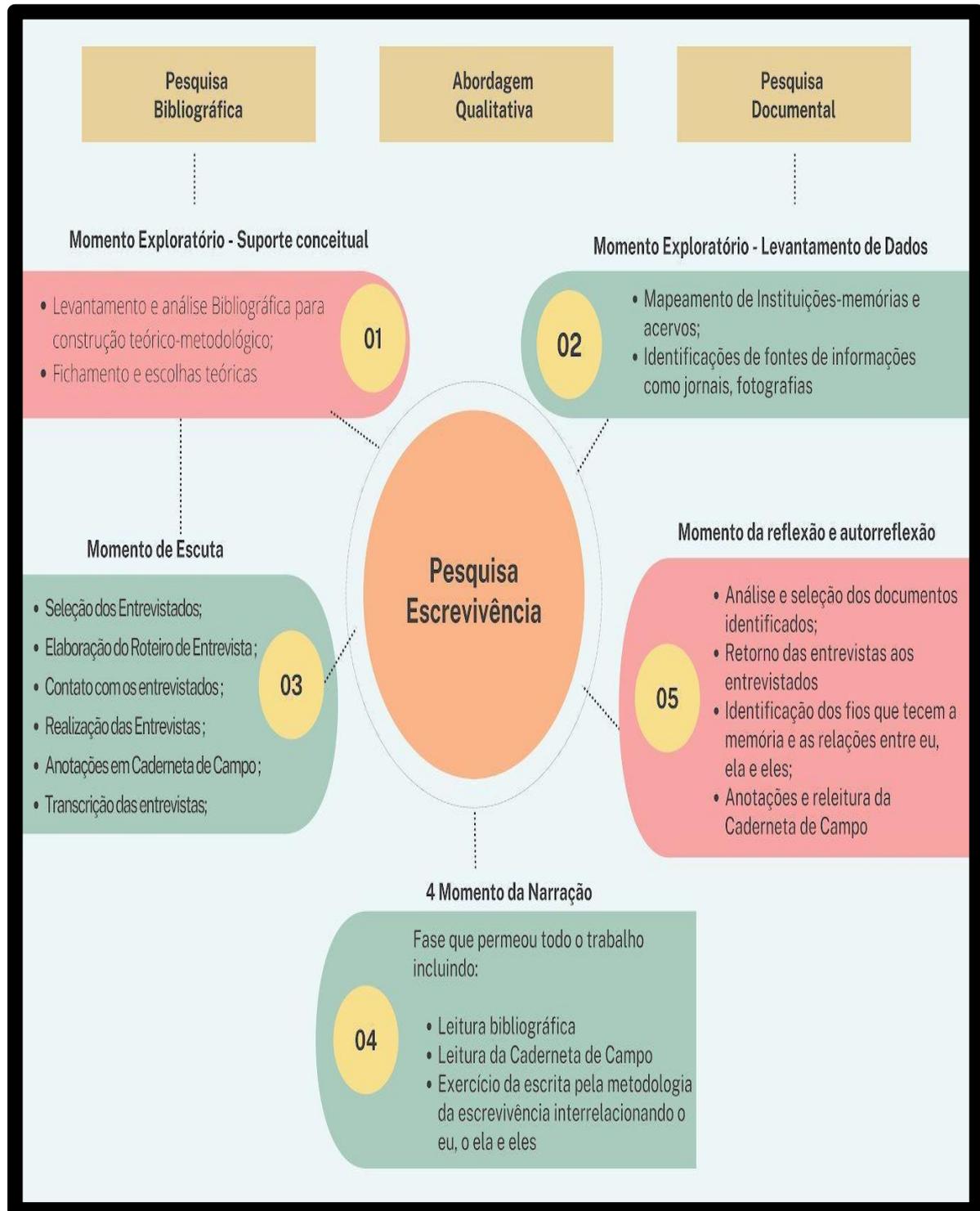
⁶¹ Fala da professora Bernardina Freire de Oliveira na aula da disciplina Gestão em Arquivo Permanente, no dia 07 de junho de 2022.

E como “[...] a aprendizagem da escrita está na vida” (Evaristo, 2020, p. 34), se configura no posicionamento do não trazer para academia e até mesmo para o campo da Ciência da Informação o método da escrevivência como metodologia. Isto porque a escrevivência inclui histórias de pessoas que a sociedade brasileira faz questão de excluir, pessoas que produziram fatos e acontecimentos essenciais em nossa existência. Para um melhor entendimento dos passos da pesquisa, construímos diagramas.

O **Diagrama 1** mostra os passos realizados para a realização da pesquisa (Apêndice A)⁶².

⁶² Para melhor visualização, anexamos o passo a passo descrito no Apêndices A.

Diagrama 1 – Dados da Pesquisa

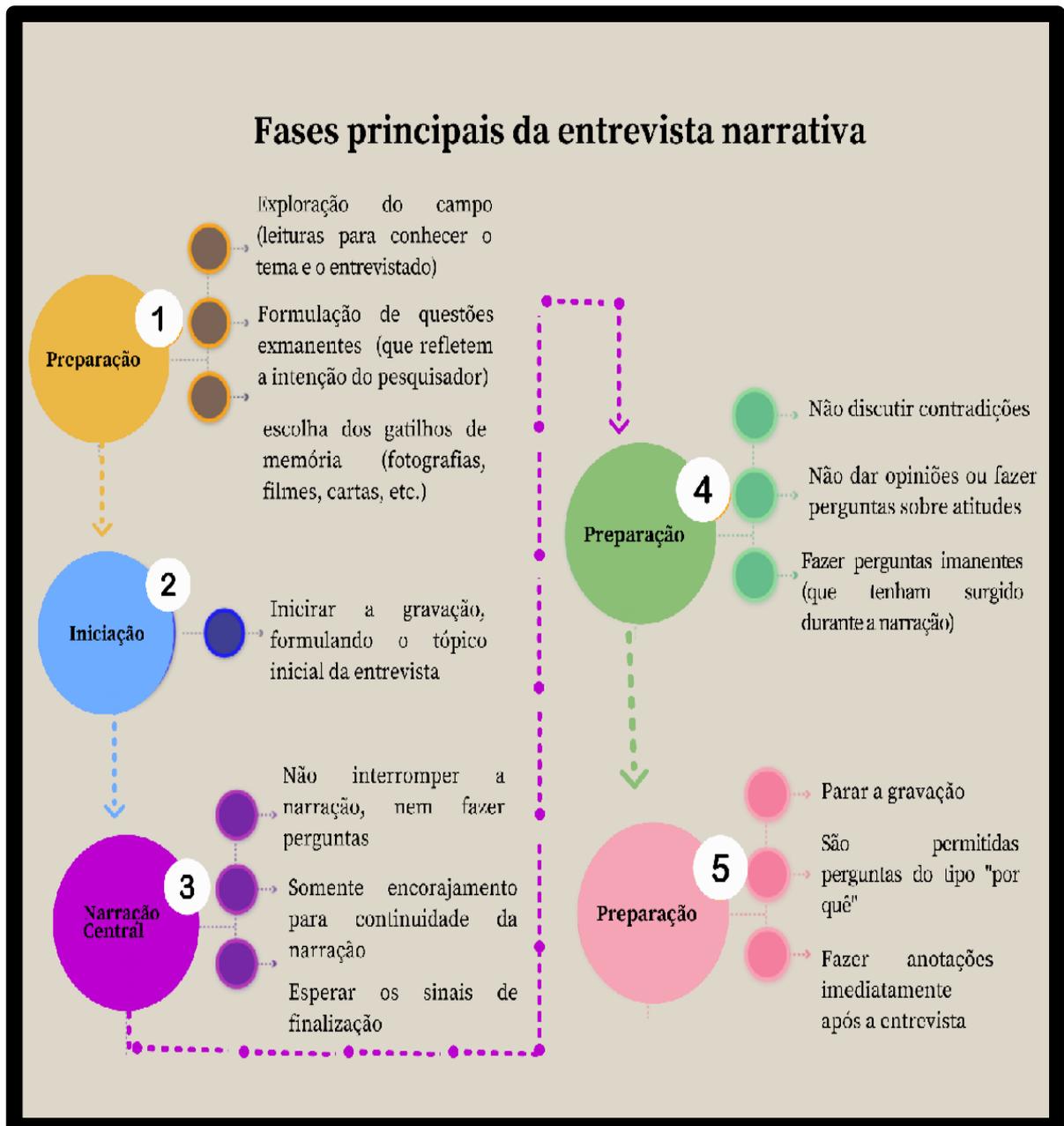


Fonte: Autoria própria, 2021

O **Diagrama 2** remete indica as etapas realizadas durante as entrevistas: (Apêndice B)⁶³.

⁶³ Para melhor visualização, anexamos o passo a passo descrito no Apêndices B.

Diagrama 2 – Etapas da Entrevista Narrativa



Fonte: Daronco, 2021

É oportuno registrar que os depoimentos orais foram gravados em áudio e vídeo e foram transcritos na íntegra e, em seguida, devolvidos aos entrevistados. Os integrantes⁶⁴ fazem parte do convívio familiar e religioso e outros apenas do convívio religioso da titular do acervo. Foram devolvidas as entrevistas transcritas para que

⁶⁴ O quantitativo de pessoas a serem entrevistadas só foi definido de acordo durante o contato com o campo de investigação, bem como de acordo com a documentação mapeada em seu acervo pessoal, considerando que as entrevistas serviram como complemento às informações constantes nos documentos.

assinassem o termo livre e esclarecido para uso de suas falas ao longo da construção do texto. Toda trajetória para a realização das entrevistas (roteiros, autorizações) – (Apêndice C e D) foi submetida à Plataforma Brasil⁶⁵ (Anexo A).

2.4 “EXPERIÊNCIAS HERDADAS”: escrevivência das memórias: Begue-Begue!⁶⁶

Fui no jardim colher as rosas
A vovozinha trouxe a rosa mais cheirosa
Cosme e Damião, ÔOOOh Doun
Crispim, Crispiniano
São os filhos de *Ogum*

Os orixás São Cosme e São Damião são espíritos infantis chamados também de Beijada, Bejin e Erês são “[...] venerados no mundo inteiro como padroeiros das crianças, dos médicos, dos farmacêuticos e das Faculdades de Medicina” (Souza, 1964, p. 24). Esses orixás correspondem aos santos católicos São Cosme e São Damião; as cores dessas entidades são rosa, amarelo, verde e branco; e a comida: caruru, doces, bolos, balas; a bebida é o refrigerante; e o dia da semana é o domingo. São Cosme e São Damião ainda têm mais três irmãos: Doum, Crispim e Crispiniano.

Atribuir aos irmãos gêmeos as experiências herdadas é voltar no tempo, através das memórias, numa relação entre o eu, o ela, o eu e os outros, além de direcionar a escrita que a escrevivência possibilita aos leitores em cada leitura realizada, trazendo para si novos olhares. Nesse contexto, é possível comparar situações que possam se inspirar no texto para tentar resolver alguma situação, seguindo adiante e buscando respostas para perguntas internas. Assim fizemos, para que fosse entendido que têm problemas parecidos com possibilidades de situações.

Ao falarmos sobre escrevivência, tratamos de democracia, do racismo, do sexismo entre tantos outros atravessamentos, portanto, destacamos um fazer científico contundente e necessário para os tempos de ataques deliberados à Ciência que vivenciamos (Pereira; Pereira; [s.d], p.25).

⁶⁵ Plataforma Brasil - Base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/Conep.

⁶⁶ Begue-Begue - saudação aos Orixás gêmeos Cosme e Damião (Ibejis/Erês) – médicos, protetores das crianças - significa: Salve as crianças!

Significa pensar na escrita como representação, que tem o conhecimento como fonte de informação (Brascher; Café, 2008), como fonte de origem comunicada através das letras, cujo leitor com seus pensamentos pode ligar visões do acontecido, do acontecer e do que acontecerá. Pensando na informação como elemento que compõe o conhecimento é considerar durante a leitura a imagem que ajuda na compreensão e construção dos significados, agregando aos conhecimentos já construídos a novos conhecimentos (Lima; Álvares, 2012).

“Ler é também arquivar a si, pois selecionam momentos e estratégias e elaboração do passado, o qual compõe as cenas vividas, escritas e recriadas em muitos de seus personagens” (Oliveira, 2009, p. 622). Contudo, quando a leitura é apresentada através da escrevivência, que são todas as vivências ocorridas consigo e com outros, importa para se enxergar e perceber que há esperança de mudanças.

A escrevivência possibilita autenticidade na escrita, fazendo surgir olhares para que a sociedade entenda que todos são diferentes. A “estética da escrevivência, é a estética da existência: possibilidade de escapar às políticas de biopoder” (Brito, 2020, p. 150) que apresenta uma realidade de lutas e resistências de um coletivo que busca viver de maneira livre, sem que o medo se faça presente. São lutas de pessoas contra um poder que se apropria do que os mais humildes conquistam de forma dura. No entanto, a escrevivência também traz também histórias de sorrisos e sonhos.

Escrevivência significa poder escrever sobre experiências trazendo para o presente um passado que servirá, ou não, de ponte para o incentivo, para a motivação, para muitos. Isso vai depender da intenção de quem escreve e para quem escreve. Poder escrever sobre experiências de mulheres negras, e de quem próximo a elas estiveram e ainda estão, é dar e ter voz, é oportunidade de usar cada história como luzes e/ou como solução.

[...] as narrativas de Evaristo são revestidas de uma memória coletiva, porém sem estar presa ao passado e sim a uma memória que usa das lutas e anseios de seus antepassados para ter uma afirmação de si, ao mesmo tempo em que contribui para alteridade de outrem e assim, manter viva a cultura e com ela um futuro melhor, sem delegar ao esquecimento tudo vivido e lutado pelos ancestrais (Almeida; Bezerra, 2019, p. 12).

No momento mais crucial da pandemia, pessoas se viram na profundidade que lhes trouxe momentos de reflexões sobre si e sobre os outros. Através desse olhar reflexivo, era possível perceber o quanto de si se faz necessário ser valorizado, visto

e reconhecido; o quanto cada história se faz importante ser registrada. É assim que se faz entender o que a escrita de si ou do outro permitirá como visão jamais percebida para transcrever histórias com sentimentos e sensações, oferecendo ao leitor a oportunidade de junto viver o não vivido.

A escrevivência de Conceição Evaristo vem em forma de poema, destacando histórias sofridas, mas de forma poética. Essa poética nos permitiu escrever poemas direcionados às docentes que comigo se fizeram presentes nesta pesquisa (Apêndice E).

Acreditamos que a escrevivência veio para mostrar que o sofrimento não precisa ser escrito com palavras duras, mas mostrar com palavras escritas que convidam os leitores a entrar na leitura, sentindo o poder delas para compreender aquela escrita que impacta a realidade. Assim, iremos trazer à tona os problemas existentes, agregando o prazer de ler e, quem sabe, conquistar leitores conscientes de nossa realidade.

Podemos considerar que a escrevivência é uma reflexão da própria vida, firmada na escrita como um jeito de tirar de dentro para fora algumas realidades essenciais para fugas de seus medos e frustrações, entendendo que todos têm deveres e direitos iguais. Sim, pois apresenta ao mundo histórias de experiências envolvidas com a ficção e que estão ocultas, e outras bem presentes no tempo. Além disso, a escrita de si se apresenta como a resistência que queremos diante do racismo e da intolerância religiosa (Brito, 2020).

Em 2021, Alencar escreve que,

Se podemos falar em escrevivência, quando as poetisas cantam a realidade das periferias, essa categoria deve ser entendida não só pelo fato de se tematizar a realidade, as suas vivências em seus escritos. O conceito escrevivência precisa ser ampliado para além de um modo de escrever/descrever vivências, formas de vida. É preciso recuperá-lo como um modo de propor, pela escritura das poetisas da literatura periférica, novas formas de vida (Alencar, 2021, p.621).

Ouvir histórias e fazer leituras em voz alta colabora para que a escrita penetre através da pele, da audição, sentido cada frase e imaginando cada acontecido, e registrá-lo em nossa memória. Mas quando se trata de escrever sobre si, há momentos em que nos flagramos escrevendo de uma maneira mais natural.

A escrita acadêmica nos propõe escritas mais regradas, mais difíceis e muitas vezes nos fazendo esquecer de escrever com sentimento e emoção. Onde na academia,

Aventurar-se em propostas não usuais, no meio acadêmico, pode ser mais árduo do que a premissa científica ostenta, ou seja, o suposto acolhimento para inovações tem cor, gênero, sexualidade, religião, entre outros marcadores sociais (Pereira; Pereira, [s.d], p.1).

Trazer novos temas para a academia é desafiador. Por exemplo,

Muitos professores brancos não se sentem capazes ou à vontade para estudar literatura negra por um pretenso desconforto, pela sua ausência de lugar de fala, no entanto, estudam literaturas etnocêntricas, inglesa, russa, irlandesa, dentre outras. Essas posturas, decerto, não se justificam pelo lugar de fala, mas pelo interesse e pelo reconhecimento do valor e da complexidade do objeto de estudo (Natália, 2020, p. 221).

Os caminhos entre a academia e a escrevivência se alinham pela escrita e “a partir da sua criação, primeiro absorve para depois expressar, acumula e depois expande” (Dannemann, 2020, p. 227) junto a oralidade, porque trazem histórias de vida como fonte de pesquisa, transcritas, em documentos, informações contidas e registradas por olhares mais atentos.

Esse alinhamento mostra caminhos para se trabalhar a escrevivência em outras áreas e no campo da Ciência da Informação, ampliando e incorporando discussões como forma de informações para se discutir situações socioculturais. Isso acontece porque “[...] a escrevivência está no seu compromisso com o questionamento das realidades injustas e com a defesa de existir de vozes e modos de vida excluídos pelo sistema - mundo capitalista, racista, colonial e patriarcal” (Alencar, 2021, p. 622). Falamos, há pouco, nas falas das pessoas negras que têm relatos sobre o que sente na pele, muitos não as ouvem e nem as permitem serem escutadas. Muitas pessoas negras, mesmo não tendo sofrido como muitos, sentem esse sofrimento pelo simples fato de serem negras ou compreender, pelas observações e pelo brilho nos olhos dos preconceituosos, o descaso, e isso incomoda.

A negritude traz em seu corpo marcas da intolerância e do preconceito não só dos brancos, mas do ser humano como um todo. Isso acontece devido aos atos de pessoas negras apontarem dedos para outras pessoas negras, julgando os atos delas. Podemos pensar que quem aponta o dedo está em um patamar de superioridade. O corpo negro tem denominações e ideias já fincadas na cabeça de

muitos que os denominam como pessoas pertencentes e únicas neste mundo, tendo na mente que pessoas negras são sujas, marginais, que não tem valor algum ou sirva de algum modo para quem os rejeita. E quando a negritude tem a oportunidade de falar, não é a oportunidade desejada.

Melo (2020), em seu entendimento, aponta que entender uma narrativa é trazer em sua fala palavras que soam através das vozes, dando destaque a fatos importantes de uma vida, de um coletivo com informações que se transformam em conhecimentos e aprendizagens. Narrativas podem ou não ativar gatilhos que atingem as profundas camadas da memória e que trazem à baila fatos esquecidos, mas importantes para um povo. Desse modo, Evaristo (2008, p. 5 - 8) retrata que

Vários são os textos em que a memória, recriando o passado, ocupa um espaço vazio, deixado pela ausência de informações históricas mais precisas. E esse passado recriado passa a ser constantemente amalgamado pelo tempo e a história presentes. [...] Tentar apagar a memória coletiva de um povo é querer impossibilitá-lo de apoderar-se de sua história, é desejar torná-lo vazio, torná-lo realmente sem história.

Trabalhar nas escolas ou em universidades a escrita de experiência de vida de pessoas possibilitará entender e conhecer melhor os usos, os costumes, os rituais e o modo de viver do outro, fazendo disso uma maneira de diminuir a discriminação, o preconceito, a não aceitação e a intolerância das pessoas. Isto porque não nascemos odiando, não nascemos andando, não nascemos distinguindo cores, pessoas nos ensinam isso.

A escrevivência é a experiência que transforma, possibilita, permite e abre portas para a liberdade de nos sentirmos capazes de dizer que somos negras/os, pretas/os e que podemos sim transformar nossas histórias em histórias históricas. Como bem tratam Pinheiro, Oliveira e Simões (2019), quando se referem às informações transmitidas, ousamos dizer que, se registrarmos e partilharmos nossas histórias de mulheres negras, umbandistas, juremeiras e candomblecistas ou não, podemos ter as informações protegendo o passado do esquecimento no tempo.

Ilustrando o que registraram Pinheiro, Oliveira e Simões (2019), trazemos a Figura 10, que mostra uma mulher negra, umbandista e juremeira em um momento em que apresenta, através da escrevivência, a trajetória de outra mulher negra, umbandista, juremeira e candomblecista, além de histórias de pessoas que com ela conviveram. E assim está conforme a fala dos autores, transformando a sua história e outras histórias em histórias importantes.

Figura 10 – Karina Ceci apresentando no evento⁶⁷ a trajetória de Mãe Beata (2023)



Fonte: Acervo pessoal de Marcos Leal Rodrigues, 2023

Dessa maneira, a escrevivência nos possibilita dar escuta às narrativas afrodescendentes que trazem não só as experiências reais, mas, as experiências de vida, de luta individual e coletiva, fazendo com que o preconceito, a intolerância, a não aceitação sejam desconstruídas e combatidas. Esse método de escrita também traz à tona memórias silenciadas por meio do compartilhamento dos fatos ocorridos aos seus, aos outros e aos seus antepassados.

O método da escrevivência, nessa perspectiva, nos possibilita não apenas articular a pesquisa social com uma nova prática, como também identificar as contribuições das mulheres negras para o pensamento crítico sobre a sociedade nacional. A partir dessas inquietações, tratamos da desconstrução da metodologia empregada no desenvolvimento de pesquisas científicas (Pereira; Pereira, [s.d], p.5).

Por meio da premissa exposta, as memórias compartilhadas podem dar visibilidade às trajetórias de vida tão existentes no cotidiano, independentemente de cor, *status*, religião, raça e sexo. São histórias de mulheres negras que são muitas

⁶⁷ Do Gecimp Talk - Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (Gecimp).

vezes ou quase sempre ocultadas pela não aceitação do poder. Evaristo (2021, p.09) expressa que,

Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a serem vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai inferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social.

A escrevivência pode ser entendida como contribuição para que não seja repetido todo o vivido de lutas ocorridas pela não aceitação, pelo descaso, pela ignorância, pela falta de cuidado e pelo desrespeito à história de vida.

É notável que a escrita se torna um lugar de voz, tornando-se um registro científico tão importante quanto outras vozes que buscaram e buscam seus sonhos e vontades.

As obras de Conceição Evaristo mostram histórias de vida que fazem refletirmos sobre a nossa própria história de vida. Destacamos a obra: Ponciá Vicêncio, uma mulher que lutou para sobreviver e se descobrir, “[...] mais para saber sobre Ponciá Vicêncio, é preciso ir ao encontro dela” (Evaristo, 2021, p. 9). É preciso compreender seu propósito através da escrita possibilitada pela escrevivência.

A escrevivência mostra uma realidade atualmente ainda vivida e que sobrevive diante da desigualdade social e étnica, diante da ignorância e do preconceito; destaca a mulher negra como forma de mostrar que ela também pode ser e fazer coisas que a sociedade e o poder impede, quando enxerga apenas como mulheres de cor, que desejam ser apoiadas e não apunhaladas também por negros e negras. Ser negra/o é ser gente que sonha: quer ser ouvida, quer realizar vontades e desejos; ter igualdade; ter o direito de ir e vir sem ser julgada/o até mesmo por olhares tortos; ser respeitada/o; quer cursar uma universidade como qualquer outro ser humano. Quantas negras e negros tiveram a oportunidade de fazer e de falar nos espaços acadêmicos. Pereira e Pereira ([s.d], p.13) alerta que

A escrita e pesquisa acadêmicas, antes produzidas quase exclusivamente sob determinantes brancos, agora também podem ser justificadas com base na implicação do corpo, dos sentimentos, em especial, das mulheres negras no processo de escrever, ou melhor, escrever.

As pessoas negras também merecem respeito como qualquer outro ser humano, independente de qual seja a cor da pele ou *status* financeiro, pois andamos, falamos, ouvimos, olhamos ou não, mas uma coisa é certa: todos respiram da mesma maneira assim como o sangue que corre nas veias é igual. E por que tanta rejeição e silenciamento ou a tentativa de silenciar pessoas negras? Possivelmente é o medo de elas se tornarem destaque, ou o medo de se tornarem pessoas que fazem mais do que até hoje já fizeram.

Dar oportunidades às pessoas negras é apresentar histórias lindas e importantes, abrir caminhos para que as histórias não só de sofrimento possam ser expressas.

Todas as histórias possuem sua beleza, histórias negras importam! E a escrevivência, quando incumbida de referência, nos possibilita descortinar histórias que podem ser expressas através de sua própria escrita sem que sejam apontadas e criticadas por sermos autores de sua/nossa própria obra.

Pois bem, o que especifica um autor é justamente a capacidade de remanejar, de reorientar esses campos epistemológicos ou esse plano discursivo, que são fórmulas suas. De fato, só existe autor quando sai do anonimato, porque se reorientam os campos epistemológicos, porque se cria um novo campo discursivo, que modifica, que transforma e radicalmente o precedente (Foucault, 2009, p. 297).

Nota-se que, se não houver inovações, novas buscas, novos meios, iremos permanecer sempre copiando ideias de outros. Acreditamos que a escrevivência inserida no campo da Ciência da Informação fornecerá mais informações, vai tornando possível oportunidades a quem nunca imaginou desenvolver seus conhecimentos intelectuais, por não se sentir capaz ou pela falta de não saber como fazer.

Falar de si, permite dar voz a si mesma, é ter esperança para se conhecer e disponibilizar sua história para que muitos possam entender que os problemas existem e acontecem com várias pessoas.

A escrevivência possibilita olhar além do que a escrita diz e perceber, em seu escrever, não só a sua história, mas a história de um coletivo, de um outrem. Isso ocorre porque, devido aos ocorridos que se derivam de autoras e autores, para escrever um texto necessitamos de fatos, conhecimentos, informações e de recursos para se construir uma obra.

Além disso, a escrevivência também possibilita marcar uma história de vida, uma história coletiva fazendo valer cada momento e cada experiência vivida como aprendizagem e trazendo à tona memórias guardadas, silenciadas e ocultadas. Com a escrevivência pode-se rever a história, mudando um pouco o vivido com relação ao “não”, o não pode, não deve, não aceito entre tantos outros não(s). E essas mudanças vão servir não só para as pessoas negras, mas a todas as pessoas que, por algum motivo, se sentem excluídas, esquecidas, apontadas e criticadas pela sociedade.

E quando se trata de afrodescendentes, mulheres umbandistas, juremeiras e candomblecistas é que se deve pensar na luta por espaço e um dos melhores caminhos é produzir pesquisando e escrevendo cientificamente.



ILU JOÃO PESSOA NI MÉ BEATA'S GIRA: Salub Nanã!

Mãe Beata na carreata na cidade de João Pessoa/PB em comemoração ao dia de Iemanjá. Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

3 A CIDADE DE JOÃO PESSOA NA GIRA DE MÃE BEATA: Saluba Nanã!⁶⁸

[...] a ancestralidade pode-se conectar ao humano pelo fio da memória (Brito, 2020, p. 35).

O acontecimento é aquilo que simplesmente ocorre. Ele tem lugar. Passa e se passa. Advém, sobrevém (Ricoeur, 2007, p.42).



São flores, Nanã, são flores
São flores, Nanã Boroquê
São flores, Nanã, são flores
Do velho Obaluaê

Direcionamos o orixá Nanã à cidade de João Pessoa por ela ser considerada a mais idosa dos orixás. O orixá que tem uma responsabilidade de cuidado e zelo. Conhecida no sincretismo religioso por Nossa Senhora Sant’Ana; pode ser oferecido mungunzá, batata doce etc. Suas cores são roxo, lilás e branco; suas paramentas são o *ibiri*,⁶⁹ vassoura de palha, entre outros. E por ela ser o orixá que direciona através de suas experiências, é que a proporcionamos representar a exuberante cidade de João Pessoa, concedendo a bênção da avó e de todos os orixás. Oliveira e Oliveira (2009, p. 28) alegam que “todo lugar tem uma história” e, dessa maneira, a Paraíba tem a sua história registrada oficialmente, e a cidade de João Pessoa não é diferente, pois tem também sua memória e suas histórias.

A cidade de João Pessoa foi fundada no dia 05 de agosto de 1585, há exatamente 437 anos. Inicialmente, com o nome de Nossa Senhora das Neves, e ganhou a construção do Forte às margens do Rio Sanhauá, um afluente do Rio Paraíba. A cidade teve seu nome mudado em 1930, como forma de homenagear o governador assassinado no mesmo ano, passando então a ser chamada de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, situado na região Nordeste do Brasil (Pereira, 2012).

⁶⁸ Saluba Nanã - saudação ao Orixá Nanã – significa salve a Mãe das águas Pantaneiras!

⁶⁹ *Ibiri* - é um artefato enfeitado com búzios e usando como indumentária.

Apontar um pouco da história de João Pessoa é permitir que a memória fortaleça essa história. Bosi (2003, p. 35) alega que “a memória é, sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”, percebendo que “o passado quando reconstruído não é refúgio, mas uma fonte que permite força para lutar e assim a memória vai deixando de ter um caráter de restauração passando a ser geradora do futuro” (Bosi, 2003, p. 66).

Pensando nesse futuro que a Ciência da Informação faz, sua contribuição assegura, através da informação registrada, o fortalecendo da história. Isso acontece quando a memória evita então o não apagamento das realizações conquistadas no individual e no coletivo. Anco Márcio ressalta *Que a história tá aí para provar as coisas. É importante o trabalho⁷⁰ como didática para dá a César o que é de César. Aí temos poucos pioneiros, acredito com Mãe Marinalva uma das poucas, é a história viva.*

Há de destacar que a "informação é entendida como o processo a partir do qual indivíduos valorizam determinados registros e, nesse processo, participam do processo de construção da memória, portanto da cultura e do real” (Araújo, 2017, p. 23). Assim, retornando no tempo, percorremos a cidade de João Pessoa/PB na década de 1960, década que acompanhava os processos históricos nacionais, ao mesmo tempo em que alimentava também significativos fatores de exclusão social e cultural.

Em meio aos processos excludentes, eis que entra na gira da vida de Maria [Beatriz] Barbosa de Souza - “Mãe Beata”, uma mulher que, com sua garra e determinação, firma o Candomblé Angola diante de sua feitura e, junto com outras/os sacerdotisas/es, a Umbanda e a Jurema que já se faziam presentes na cidade. Oliveira e Oliveira (2009, introdução) destacam “[...] que o conhecimento é feito de tramas, de fios que tecem a história dos lugares, dos homens, das mulheres, das crianças, enfim, dos eventos históricos”.

Descortinamos alguns fatos dos quais fortalecem a construção da história da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na Paraíba, por motivos de que fatos muitas das vezes nunca se tornam totalmente públicos (Candau, 2021). Esses descortinamentos são realizados a partir de diferentes momentos registrados em:

⁷⁰ O Sr. Anco Márcio, viúvo de Pai Roberto de Iemanjá (*in- memoriam* - filho de santo de Mãe Beata). Márcio se refere ao trabalho desta dissertação, abordando a importância de trabalhos realizados sobre o mesmo tema que este, destacando a oralidade de pessoas que vivenciaram certos momentos. Ele fala da importância dos documentos pessoais e dos documentos que possam comprovar os fatos.

documentos, fotografias, recortes de jornais, revistas, livros, relatos que irão nos possibilitar pensar no caminhar das religiões afro-indígena brasileira a chegar até a construção dessa narrativa. Pensar no presente através do passado é proporcionar, através das leituras e das pesquisas, conquistas no futuro. Nesse cenário, é importante destacar que

Todo leitor é um caçador do invisível, que os registros da memória passam a se tornar produtos e campos para que esses caçadores possam encontrar nele os seus rastros, seus restos e seus vestígios para indagar, refutar, promover, produzir ou propor (Oliveira, 2022, Informação oral)⁷¹.

E para isso, teremos a memória a nosso favor. Carli (2013, p. 184) informa que “é através da memória que se constrói a identidade de um povo, de um país. Para manter vivas a memória e a história de um país, é preciso preservar aquilo que foi registrado em diferentes suportes informacional [...]”, portanto, sem os registros, ficaremos perdidas/os no esquecimento.

O início do ano de 1960 foi a época de grande conquista na Paraíba, apesar da luta intensa de quem praticava e continua praticando as religiões de matrizes afro-indígena brasileira. É uma luta constante, mesmo com o que nos assegura a Constituição Federal de 1988, denominada de Constituição cidadã, nos dando livre exercício dos cultos religiosos, como nos brinda o Título II - Dos Direitos e Garantias Fundamentais - Capítulo I - Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos.

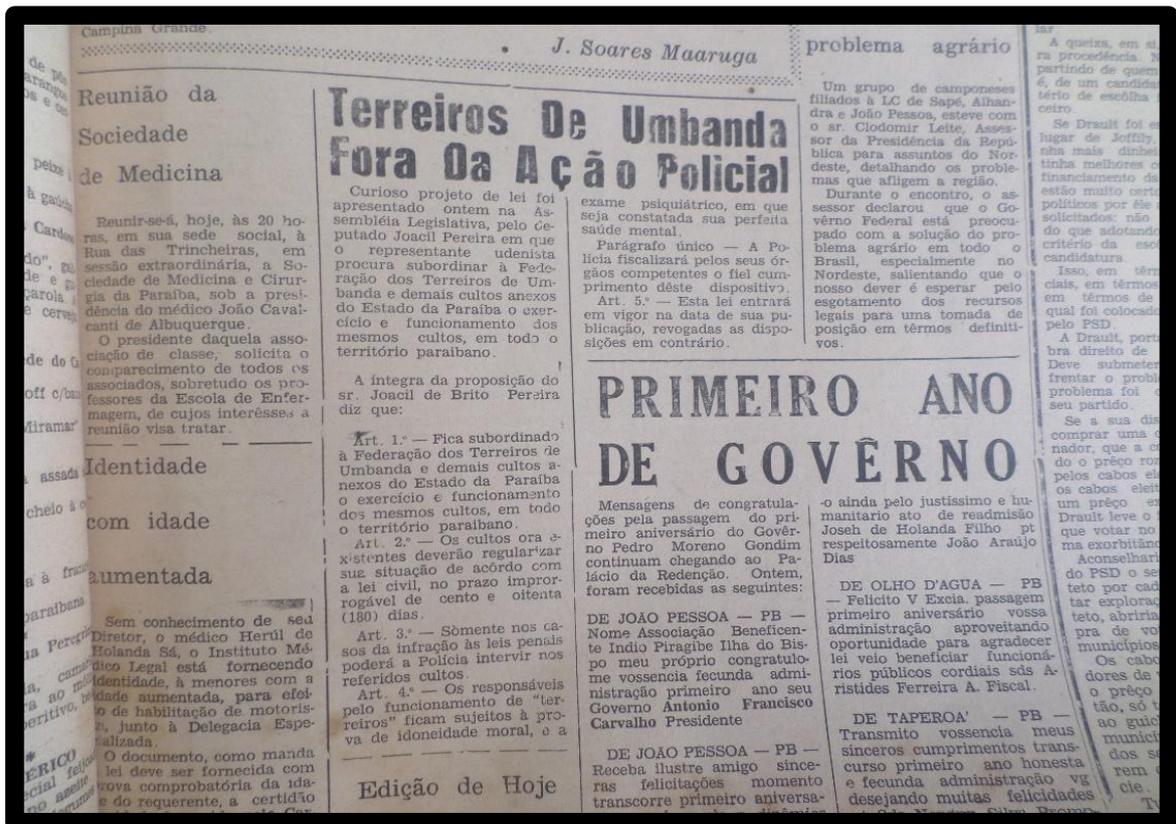
Art. 5º todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva; VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei; (Brasil, 1988)

O texto da nossa Constituição política é claro e terminante. A todos os habitantes deste país, ela garante plena liberdade de consciência e de culto. O código penal da República qualifica os crimes de violência contra a liberdade de cultos e marcar-lhes a penalidade. (Rodrigues, 2010, p.343)

⁷¹ Fala da professora Bernardina Freire de Oliveira no VII Simpósio Brasileiro de Ética da Informação - 10 anos de SBEI (2010-2020), no dia 02 de julho de 2022.

Quando se trata do livre exercício, a liberdade de cultuar sua fé é visível que nem todas as pessoas possuem esse entendimento de deixar livre as escolhas de cada um e que o respeito deve prevalecer para que possamos viver em paz. Ocorreram diversos acontecimentos que marcaram as religiões afro-indígenas em João Pessoa/PB. Um deles consta na nota do Jornal Correio da Paraíba, do dia 14 de fevereiro de 1962. De acordo com o Jornal, Terreiros de Umbanda estava fora da ação policial devido a um curioso projeto de lei apresentado à Assembleia Legislativa pelo deputado Joacil de Brito Pereira,⁷² representante udenista que procura subordinar a Federação dos terreiros de Umbanda e demais cultos anexos do estado da Paraíba sobre o exercício e funcionamento dos mesmos, em todo o território paraibano. O curioso projeto foi composto de cinco artigos. Na Figura 11, apresentamos a nota que trata do ocorrido.

Figura 11 – Reportagem - “Terreiro de Umbanda fora da ação policial” - Jornal Correio da Paraíba (14 de fevereiro de 1962)



Fonte: Acervo IHGP⁷³, 2022

⁷² Foi um professor, advogado, escritor e político brasileiro filiado ao Democratas (DEM) pela Paraíba, e foi também deputado federal e estadual. Faleceu no ano de 2012, aos seus 89 anos de idade, na cidade de João Pessoa/PB.

⁷³ Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP).

A íntegra da proporção do Sr. Joacil de Brito Pereira diz que:

Art. 1. - Fica subordinado à Federação dos Terreiros de Umbanda e demais cultos anexos do Estado da Paraíba o exercício e o funcionamento dos mesmos cultos, em todo território paraibano.

Art. 2. - Os cultos ora existentes deverão regularizar sua situação de acordo com a lei civil, no prazo improrrogável de até cento e oitenta (180) dias.

Art. 3. - Somente nos casos da infração às leis penais poderá a Polícia intervir nos referidos cultos.

Art. 4. - Os responsáveis pelo funcionamento dos “terreiros” ficam sujeitos à prova de idoneidade moral, e a exame psiquiátrico, em que seja constatada a sua perfeita saúde mental.

Parágrafo único - a Polícia fiscalizará pelos seus órgãos competentes o fiel cumprimento deste dispositivo.

Art. 5. - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Diante deste destaque, percebe-se a forma com que as ditas autoridades se mantinham diante de certos ocorridos e que já se discutia sobre as religiões afro-indígenas brasileiras no meio político. No entanto, somente em 1966 com a atitude do governador João Agripino, que se dispôs dar um fim a certas questões e uma delas foi quando assinou o Decreto em 1966, dando passagem a abertura da liberdade⁷⁴ aos cultos afro. E,

Na memória de pais e mães de santo, figura-se o governo de Pedro Gondim como a época forte de perseguição aos cultos afro-pessoenses, quando a polícia invadia terreiros, apreendia objetos de culto, batia e prendia os adeptos. Após o Governo de Pedro Gondim, com a eleição de João Agripino em 1966, desencadeou-se a legalização do culto. João Agripino ainda hoje é reverenciado pelo povo de santo como “nosso governador”, ou “salvador”, aquele que liberou as religiões afro-brasileiras na Paraíba, oficializou a prática desses cultos retirando-os da clandestinidade (Soares, 2009, p. 135-136).

Não é por acaso que Santos (2016), em sua dissertação intitulada: *RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO TERREIRO DA POLÍTICA PARAIBANA: uma análise histórico-antropológica acerca dessas religiões em pleitos eleitorais*, descreve que, durante os anos de 1962 e 1966, foram décadas marcadas por outras questões além de política, assuntos que até o momento de sua pesquisa ainda não haviam sido trazidos para o debate acadêmico e para a sociedade.

As religiões afro-brasileiras são consideradas por alguns pesquisadores como religiões subalternas, o que implica dizer que foram submetidas a rígido controle social e jurídico ao longo de suas trajetórias históricas. Foram severamente reprimidas e impedidas de se manifestarem como livre expressão da cultura brasileira. Contudo, por mais severo que tenha sido o controle exercido sobre elas, sempre encontraram formas de viver na clandestinidade. A subalternidade tende a ser compreendida como uma forma de dominação, ou seja, grupos subalternos acham-se completamente

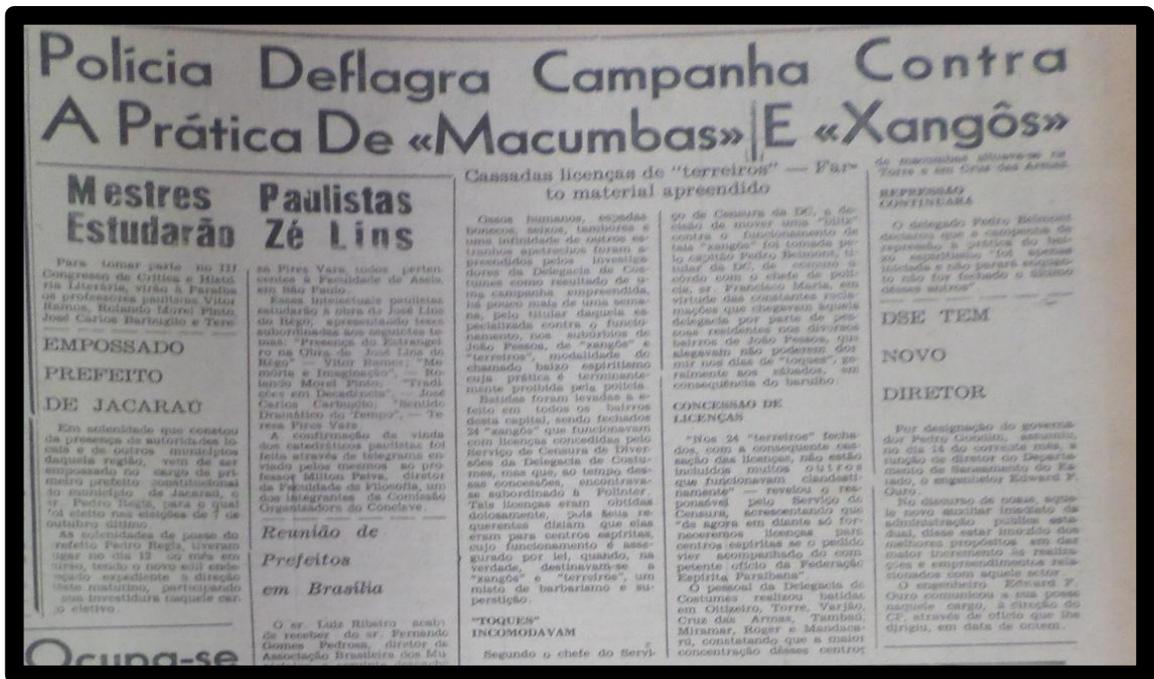
⁷⁴ O termo liberdade é como trata a nota de jornal e falas de pais e mães de santo que vivenciaram esse momento. Por exemplo, Mãe Marinalva considera João Agripino como libertador.

passivos e sofrem a influência dos valores da cultura dominante (Soares, 2009, p.135).

A dissertação de Santos (2016) destaca o interesse que se teve em volta das religiões de matriz afro-indígena brasileira, na maneira como elas se inseriram no meio social. Santos (2016, p.14) assegura que as religiões de matrizes afro tinham como “[...] guarda-chuva as Ciências das Religiões, e especial, as Ciências Sociais da Religião para estudar esse fenômeno”. Agregamos hoje junto à Ciência das Religiões a Ciência da Informação para compor o guarda-chuva munido pela transdisciplinaridade, que dialoga com outras áreas disseminando informações, que é o seu ponto chave, e ancorada pela memória.

De acordo com Ricoeur (2007, p. 26), “[...] nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu [...]”. Dessa maneira, damos continuidade a alguns acontecimentos, discussões e perseguições que estabelecem o trajeto percorrido pela Umbanda, Jurema e o Candomblé Angola na Paraíba. O Jornal Correio, de 1962, destaca uma reportagem apresentada, na Figura 12, quando a polícia deflagra campanha contra a prática de macumbas e xangôs, dando a entender, desde então, a perseguição, a intolerância e o preconceito.

Figura 12 – Reportagem: “Polícia deflagra campanha contra a prática de macumba e xangôs” - Jornal Correio da Paraíba (29 de novembro de 1962)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Polícia deflagra campanha contra a prática de “macumbas” e “xangôs”

- Ossos humanos, bonecos, seixos, tambores e uma infinidades de outros apetrechos pelos investigadores da Delegacia de Costume como resultado de uma campanha empreendida, há pouco mais de uma semana, pelo titular daquela especializada contra o funcionamento, nos subúrbios de João Pessoa, de “xangôs” e “terreiros”, modalidade de chamado de baixo espiritismo cuja prática pela polícia. Batidas foram levadas a efeito em todos os bairros, sendo fechado 24 "xangôs" que funcionavam com licenças concedidas pelo *Serviço de Censura de Diversões da Delegacia de Costumes*, mas que ao tempo dessas concessões encontrava-se subordinado a Polinter. Tais licenças eram obtidas dolorosamente, pois seus requerentes diziam que elas eram para centros espíritas, cujo funcionamento é assegurado por lei, quando, na verdade, destinavam-se a “xangôs” e “terreiros”, um misto de barbarismo e superstição.

TOQUES INCOMODAVAM - Segundo o chefe do Serviço de Censura do DC, a decisão de mover uma "blitz" contra o funcionamento de tais “xangôs” foi tomada pelo Capitão Pedro Belmont, titular do Dc, de acordo comum com o chefe de polícia o Sr. Francisco Maria, em virtude das constantes reclamações que chegavam àquela delegacia por parte de pessoas residentes nos diversos bairros de João Pessoa, que alegavam não poderem dormir nos dias de “toques”, geralmente aos sábados, em consequências do barulho.

CONCESSÃO DE LICENÇA - “Nos 24 terreiros” fechados, com a consequente cassação das licenças, não estão incluídos muitos outros que funcionam clandestinamente - revelou o responsável pelo Serviço de Censura, acrescentando que “de agora em diante só fornecemos licenças para centros espíritas se o pedido for acompanhado do competente ofício da Federação Espírita Paraibana”. O pessoal da Delegacia de Costumes realizou batidas em Oitizeiro, Torre, Varjão, Cruz das Armas, Tambaú, Miramar, Roger e Mandacarú constatando que a maior concentração desses centros de macumbas situavam na Torre e em Cruz das Armas.

REPRESSÃO CONTINUARÁ - O delegado Pedro Belmont declarou que a campanha de repressão à prática do baixo espiritismo “foi apenas iniciada e não parará enquanto não for fechado o último desses antros”. (Jornal Correio da Paraíba, 1962).

A repressão permaneceu até 1962, época em que o governador João Agripino foi eleito ao senado, mas, em seu último pleito como deputado federal, prestou declarações sobre o fato de que todas as pessoas possuem os mesmos direitos como também os mesmos deveres. E, no dia 25 de outubro de 1962, declara que não iria distinguir nenhum paraibano e que teria presente os sofrimentos dos humildes. Dentre esses sofrimentos, inserimos a falta de liberdade religiosa. Expomos a declaração registrada na Figura 13.

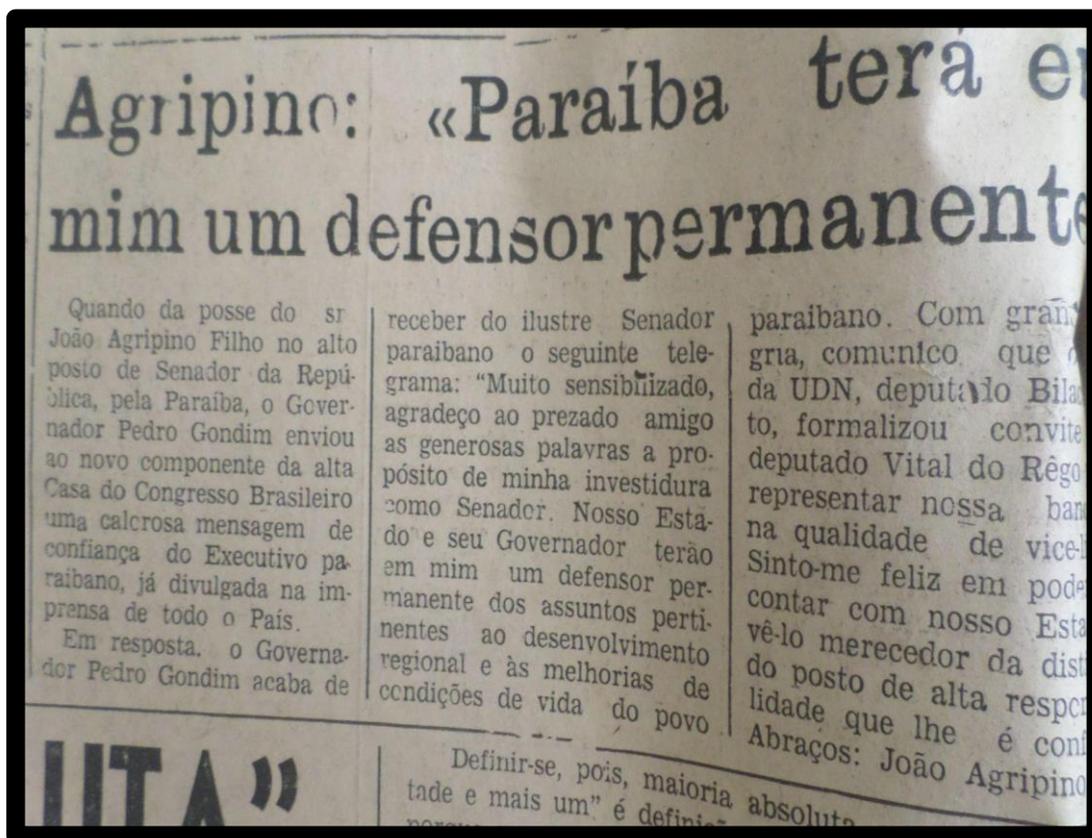
Figura 13 – Reportagem - “Agripino: não distinguirei nenhum paraibano” - Jornal Correio da Paraíba (25 de outubro de 1962)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Adentramos ao ano de 1963 quando, no dia 13 de dezembro, João Agripino declara que o Estado e seu governador terão nele um defensor permanente dos assuntos pertinentes ao desenvolvimento regional e às melhorias de condição de vida para o povo paraibano. Afirmção trazida na Figura 14. Essa afirmação nos remete a um ar de esperança, tendo um defensor de assuntos tão presentes na sociedade em 2023.

Figura 14 – Reportagem - “Agripino: Paraíba terá em mim um defensor permanente” - Jornal A União (13 de Dezembro de 1963)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

João Agripino entendia que o povo esperava um olhar mais atento de quem possivelmente poderia trazer, em seus pronunciamentos, uma maneira de se sentirem esperançosos por tempos melhores, principalmente aos praticantes das religiões afro-indígena. Foi e é um tempo em que os praticantes e simpatizantes das religiões afro se sentiram e continuam a sentir, em pleno século XXI, coagidos, oprimidos por não poder se expressar, conhecer e/ou até mesmo cultivar sua fé.

Rouso (1996) revela que as palavras são mediadoras e que sentimos nas palavras essa mediação. Através das palavras de Mãe Marinalva, foi possível sentir a força de todas as pessoas que buscaram, por meio dos atos, o poder da resistência já que “na tradição africana, a palavra é portadora de força-axé” (Evaristo, 2008, p. 08) e, com a assinatura de João Agripino, a liberdade religiosa foi conquistada.

É válido pensar nas forças que têm as palavras, a memória e a narrativa, consideradas como armas que dão segmento à luta pela vida, mesmo depois da morte (Evaristo, 2017).

No relato de Mãe Marinalva⁷⁵ (2022), aos seus 87 anos de idade e com plena lucidez, percebemos que a palavra foi um dos recursos de escuta dos futuros responsáveis de nosso estado para que os praticantes pudessem conquistar a tão desejada liberdade religiosa.

Mãe Marinalva nos narra que, na década de 1960, saiu com seu sogro, que era cabo eleitoral, à procura de algumas autoridades da época, e se dirigiu à casa de um dos candidatos ao governo que residia na Avenida Epitácio Pessoa. *Diz que foi pedir para que o candidato ajudasse a liberar a religião que já não aguentava mais de tanto ser perseguida*, o que ele de pronto respondeu:

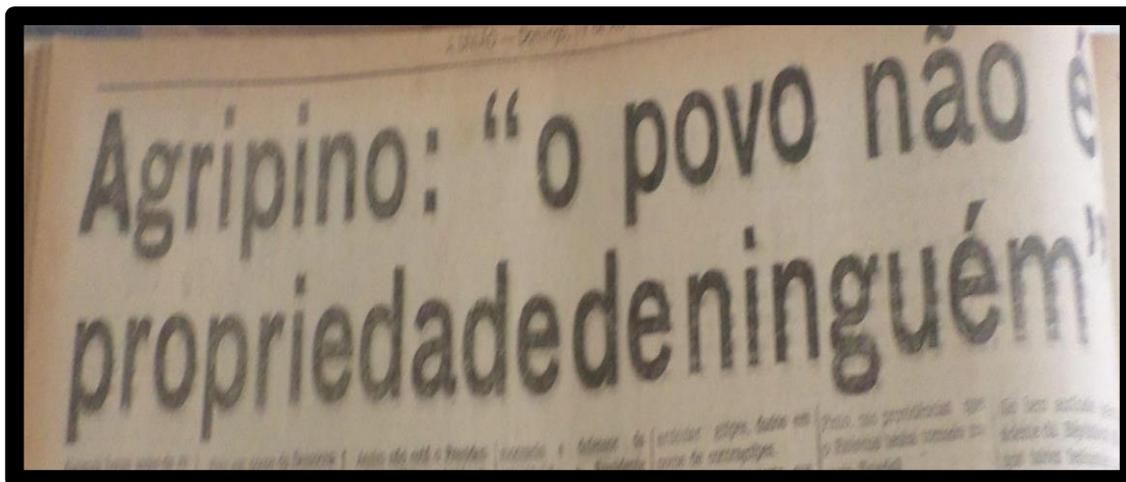
Que eu era muito jovem, muito criança e muito bonita e que eu fosse fazer minha vida que isso não existia não, que não ia ajudar. Então a palavra que eu disse a ele foi essa: Dr. até hoje eu fui sua eleitora, até hoje, não sou mais, vou agora mesmo para outro partido. Sai a pé para a Avenida Trincheiras, a casa de João Agripino era ali. Entrei, era meio dia, ele estava tomando banho, bati, a mãe dele saiu, eu disse que gostaria de falar com o Dr. ela me pediu para sentar que ele estava tomando banho, sentou eu e meu sogro. Quando ele saiu, antes de almoçar, sentou ao meu lado, me recebeu muito bem e perguntou - o que a senhora deseja? Daí contei minha história, contei as perseguições e pedi para ele me ajudar, que a partir daquele momento meu partido era o dele. Ele me disse assim, me lembro muito bem, não esqueço disso nunca, disse a mim e ao meu sogro. Ele já me chamou de Mãe Marinalva. *Mãe Marinalva se eu ganhar eu libero, se eu não ganhar eu libero*. E ele ganhou e liberou (Mãe Marinalva, 2022).

Nesse trânsito de interesse entre se candidatar e concorrer ao governo João Agripino, em 19 de abril de 1964, ainda enquanto senador, declara que “o povo não é propriedade de ninguém” (Jornal A União, 1964). Com esse pronunciamento, deu a entender que as escolhas pessoais e de vida da sociedade não pertencem ao governo e aos que se intitulavam donos da conduta e das escolhas do outro. Nesse contexto, se insere a vontade de cultivar a religiosidade conforme a sua vontade.

A Figura 15 mostra a nota de jornal que descreve sobre essa declaração.

⁷⁵ Foi realizada uma comparação entre a entrevista realizada para esta escrita com a escrita realizada com a do seu livro Umbanda: minha história, minha vida fortalecendo essa memória. Observa-se que, mesmo Mãe Marinalva estando com os seus 87 anos, a oralidade e a escrita conversam, confirmando o fato ocorrido.

Figura 15 – Reportagem - Agripino: “o povo não é propriedade de ninguém” - Jornal a União (19 de abril de 1964)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

No que diz respeito “à relação do candidato João Agripino com a Umbanda na Paraíba, provavelmente, se inicia ainda no período eleitoral de 1965, em que se disputa ao cargo de governador com o candidato Ruy Carneiro” (Santos, 2016, p. 88). Na disputa ao cargo de governador do estado da Paraíba, houve uma ligação com o interesse dos praticantes das religiões afro-indígena brasileira, que buscavam praticar suas crenças de forma legal para que não fossem barrados e impedidos pela ignorância e a intolerância das ditas autoridades. A disputa se deu no momento em que a repressão, as investidas e os adentramentos nos espaços dos terreiros eram muitas vezes violentos.

Entretanto, quando João Agripino concedeu legalmente a liberdade religiosa de um povo ao eleger governador em 1965, ele mencionou a frase exposta na Figura 16.

Figura 16 – Reportagem - “Já: a vitória não foi minha, mas do povo” - Jornal a União (28 de novembro de 1965)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

A manchete parece declarar o vínculo do governador eleito com o povo, considerando que João Agripino tinha a seu favor todos aqueles que acreditavam em dias melhores, tempo de conquistas e liberdade, principalmente religiosa.

Em 1965, quando João Agripino foi eleito, cumpriu com uma de suas promessas, assinando a Lei 3.443/66 que concedeu liberdade, transformando esse momento em um momento importante não só para os religiosos, mas também para todo o estado da Paraíba. A Figura 17 revela esse momento.

Figura 17 – Reportagem sobre a Legislação da Umbanda na Paraíba e o Diário oficial que apresenta a mudança - Jornal Umbanda no Lar (novembro de 1977)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2022

É oportuno enfatizar as palavras de Gonçalves (2012, p. 966) sobre o que assegura a Lei 3.443,

O livre exercício dos “cultos africanos” em todo o Estado da Paraíba, desde que fossem cumpridas algumas exigências. Uma delas foi o pleito de licença junto à Secretaria de Segurança Pública do Estado. As outras foram a regularização do terreiro como sociedade, a idoneidade moral e a sanidade mental do pai ou mãe de santo, esta última comprovada por laudo psiquiátrico.

Com base na escrita de Gonçalves, que trata da idoneidade moral e da sanidade mental do pai ou mãe de santo, Mãe Marinalva (2022) relembra do fato ocorrido com o governador João Agripino no momento da assinatura do Decreto que oficializou os cultos afro-brasileiros na Paraíba. Mãe Marinalva (2022) nos relata que o Governador João Agripino na hora da assinatura falou: *Dona Marinalva minha cabeça tá doendo e ele sentado coloquei a mão esquerda na cabeça dele e lhe concedeu um passe*⁷⁶.

A Figura 18 nos apresenta este fato, mostrando Mãe Marinalva, no momento da assinatura, dando um passe na cabeça do governador da época João Agripino.

⁷⁶ Passe - um auxílio de cura, ritual em que se reza na cabeça de uma determinada pessoas, benzendo-a.

Figura 18 – Trecho do Jornal O Norte sobre o passe dado pela babalorixá Mãe Marinalva no Governador João Agripino

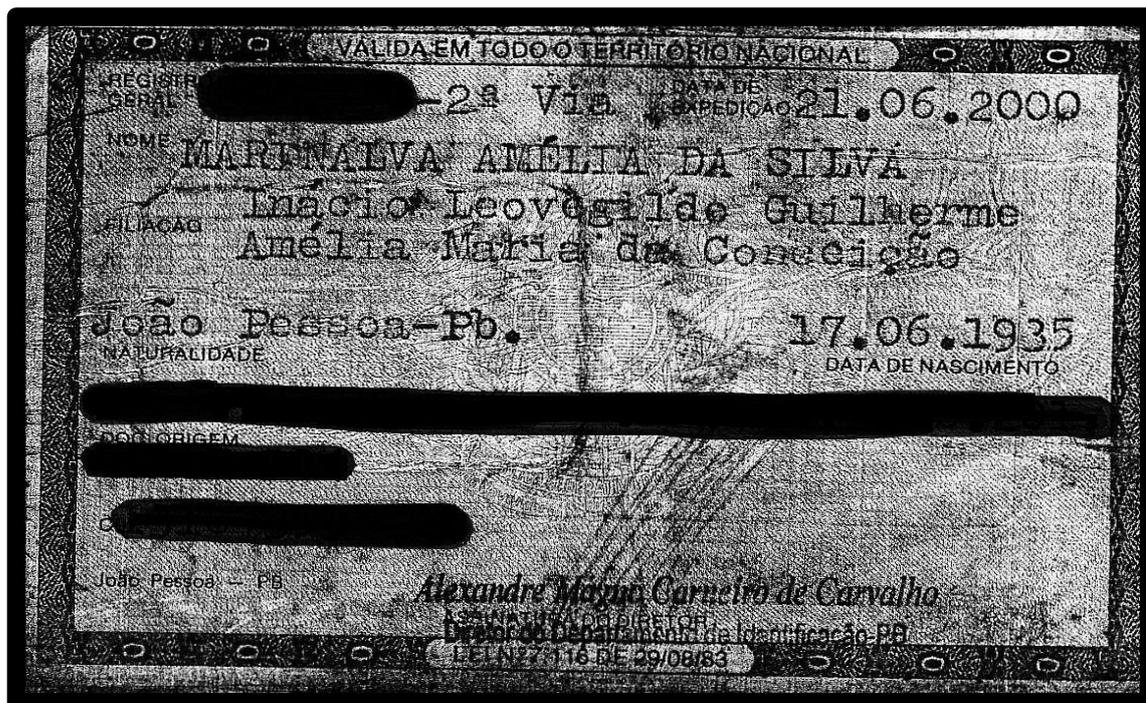


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (Recorte do Jornal O Norte⁷⁷), 2022

Uma observação neste trecho é que o nome de Mãe Marinalva está escrito de forma errada. O nome de batismo dela é Marinalva Amélia da Silva, informação apresentada no seu registro geral (RG), exposto na Figura 19, que comprova a sua vivência aqui na terra.

⁷⁷ As fotos no Jornal foram tiradas, na época, pela fotógrafa Rita. E o nome da lalorixá Mãe Marinalva está escrito como Marinalva Alves da Silva, mas, na verdade, é Marinalva Amélia da Silva, como descreve o seu documento oficial.

Figura 19 – Foto do RG de Mãe Marinalva



Fonte: Acervo pessoal de Mãe Marinalva, 2022

Esse foi um momento que, no nosso entender, Mãe Marinalva se sentiu livre para fazer o bem diante da fé, mesmo passando ainda pelo preconceito diante do decreto firmado. No entanto, foi um momento que refletiu, diante da situação, a união e o respeito.

Esse é um ato importante para nós praticantes das religiões afro e, *foi realizado no terreiro no bairro de Cruz das Armas, o terreiro de "Cleonice", foi onde se reuniu para liberar a Umbanda* (Mãe Marinalva – aos seus 87 anos de idade - 2022).

Sancionada, a lei 3.443/66 assegurou, a partir do dia 06 de novembro de 1966, o livre exercício dos cultos africanos de todo o estado, consubstanciado com o seguinte teor:

O DECRETO

O decreto governamental que assegurará, a partir de hoje, o livre exercício dos Cultos Africanos, em todo o Estado da Paraíba é do seguinte teor:

LEI N. DE DE DE 1966

Dispõe sobre o exercício dos Cultos Africanos no Estado da Paraíba.

O GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA, usando das atribuições que lhe confere o art. 33, da Constituição do Estado, combinado com o art. 5.º, o Ato Institucional número dois, de 27 de outubro de 1965, e com o art. 32, parágrafo terceiro, da Emenda Constitucional número um, de 22 de dezembro de 1965, sanciona e promulga a seguinte Lei:

Art. 1. – É assegurado o livre exercício dos Cultos Africanos em todo o território do Estado da Paraíba, observadas as disposições constantes desta lei. Art. 2. – O funcionamento dos cultos de que trata a presente Lei será em

cada caso autorizado pela Secretária de Segurança Pública, mediante a constatação do que se encontram satisfeitas as seguintes condições preliminares:

I – Quanto à sociedade:

a – prova de que está perfeitamente regularizada perante a Lei civil;

II – Quanto aos responsáveis pelos cultos:

a – prova de idoneidade moral;

b – prova de perfeita sanidade mental, consubstanciada em laudo psiquiátrico.

Art. 3.o - Autorizado o funcionamento do culto, a autoridade policial nêle não poderá intervir, a não ser nos casos de infração à lei penal.

Art. 4.o - Os cultos existentes à data desta lei poderão funcionar, a título precário, até que satisfaçam, no prazo improrrogável de 180 (cento e oitenta) dias, a contar de sua vigência, os requisitos do artigo 2.o.

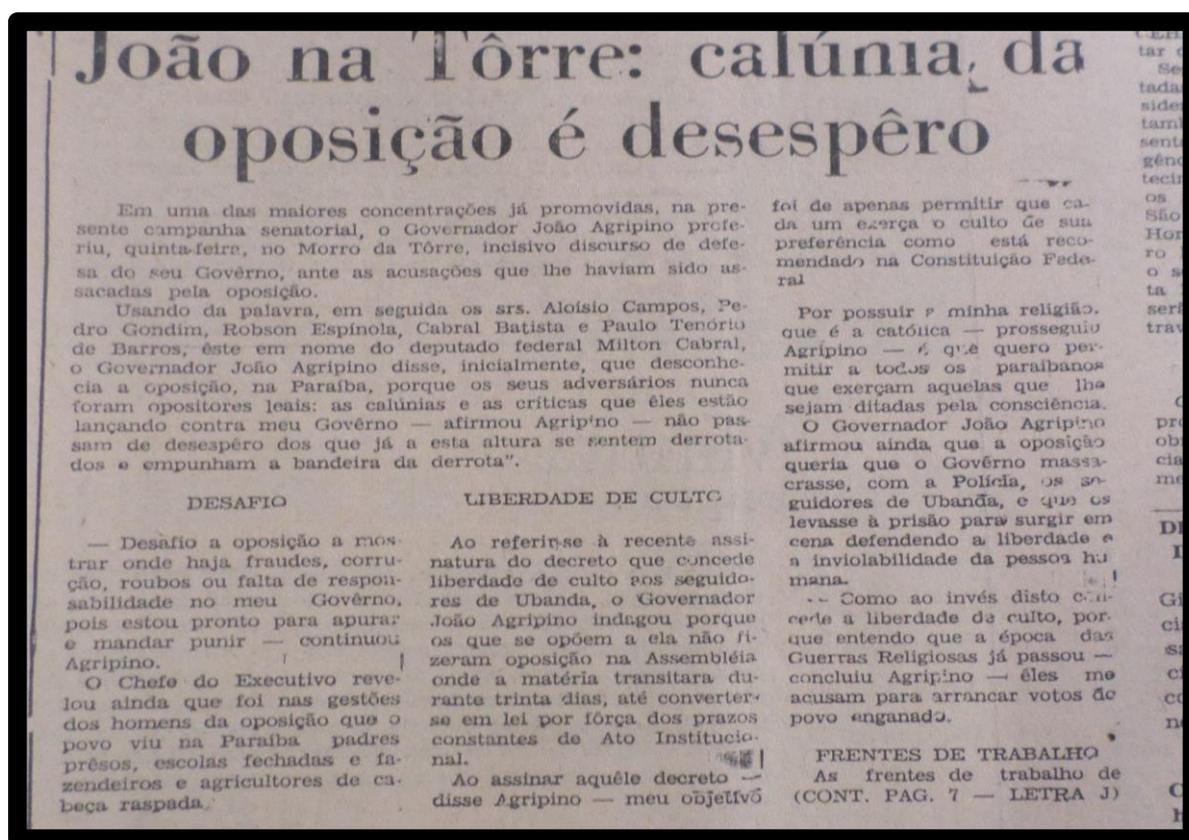
Art. 5.o - Os diversos cultos em funcionamento diligenciarão a fim de ser instituída a Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba, à qual estarão subordinados, cabendo-lhe, entre outras atribuições disciplinar o exercício desses cultos no Estado e exercer a representação legal das atividades de suas filiações.

Art. 6.o - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições,

Palácio do Govêrno do Estado da Paraíba, em João Pessoa, 06 de novembro de 1966; 78.o da Proclamação da República. (Jornal O Norte,08/11/1966).

Mas as intrigas surgiram diante deste feito com calúnias da oposição e uma delas apresenta o fragmento da nota constante da Figura 20. Isso aconteceu quando destacou a assinatura do decreto que concedeu a liberdade de cultos aos seguidores da Umbanda. Logo, João Agripino, conhecido como João da Torre, diz que calúnia da oposição é desespero. Foram palavras de João Agripino, no discurso em defesa de seu governo, ao referir-se à recente assinatura do decreto que concedeu liberdade de cultos aos seguidores de Umbanda. Ele ainda indagou por que os que se opõem à liberdade não fizeram oposição na Assembleia onde a matéria transitou por 30 dias até converter-se em lei e após atendido todos os prazos constantes do ato institucional.

Figura 20 – Reportagem - “João na Tôrre: calúnia de oposição é desespero” - Jornal o Norte (13 de novembro de 1966)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Além disso, ao assinar o decreto, João Agripino disse que o

[...] objetivo foi de apenas permitir que cada um exerça o culto de sua preferência como recomendado na Constituição Federal. E tendo a religião católica - prosseguiu Agripino - é que queria que todos os paraibanos exerçam aquelas que lhes sejam ditadas pela consciência (Jornal O Norte, 13/11/1966).

João Agripino afirma na nota do Jornal que a oposição queria os seguidores de Umbanda e que os levasse à prisão ao invés disto João Agripino concede a liberdade de culto, porque entendia que a época das Guerras Religiosas já havia passado. A oposição o acusava de arrancar votos de povo enganado.

Mãe Marinalva (2022) alega: *que buscou ajuda com o governo anterior e que foi simplesmente ignorada, mas ao buscar ajuda ao futuro candidato ao governo, ele afirmou que lutaria se ganhasse.*

A palavra de João Agripino não foi à toa e nem em vão, certamente quando assinou o Decreto, firmando à Lei 3.443/66. O governador libertou o grito preso na

garganta dos praticantes das religiões afro-indígenas brasileiras que ecoou e ecoa através dos sons dos elús e dos atabaques. Rodrigues (2010, p.18) declara que “[...] os destinos de um povo não podem estar à mercê das simpatias ou dos ódios de uma geração”.

Em suma, João Agripino foi considerado e ainda é, em 2023, por religiosos umbandistas que vivenciaram o momento da assinatura como o libertador da Umbanda.

O Jornal A União de 1966 nos concede informações de como procederam as homenagens ao atual governador da Paraíba devido à sua conduta de comprometimento quando defendeu e assegurou o livre exercício dos cultos afro-negros em todo território paraibano.

Destacamos algumas destas homenagens através de alguns recortes de jornais. Galdino (2015) menciona que os recortes de jornais, independentemente da intenção primeira de preservar a informação, contribuem para que seja possível contar a história. Não é apenas um recorte, mas um documento de grande valia independentemente de seu tempo. Almeida (2021, p.70) explica:

O jornal impresso foi, por muito tempo, o principal meio de comunicação no Brasil. Sua função social é informar seu público leitor. A ação informadora, segue uma série de medidas que orientam a perspectiva do jornal, de cunho cultural, ideológico, político, estético, de modo que, na intenção de orientar suas e seus leitoras/es, por meio da atualização das notícias, expressa uma visão e induz seu público a compartilhá-la.

Uma das homenagens está representada na reportagem em destaque na Figura 21. A apresentação ocorreu através das manifestações de júbilo da família umbandista, com homenagens em honra ao Sr. João Agripino.

Figura 21 – Reportagem - “Homenagem” - Jornal A União
(08 de novembro de 1966)

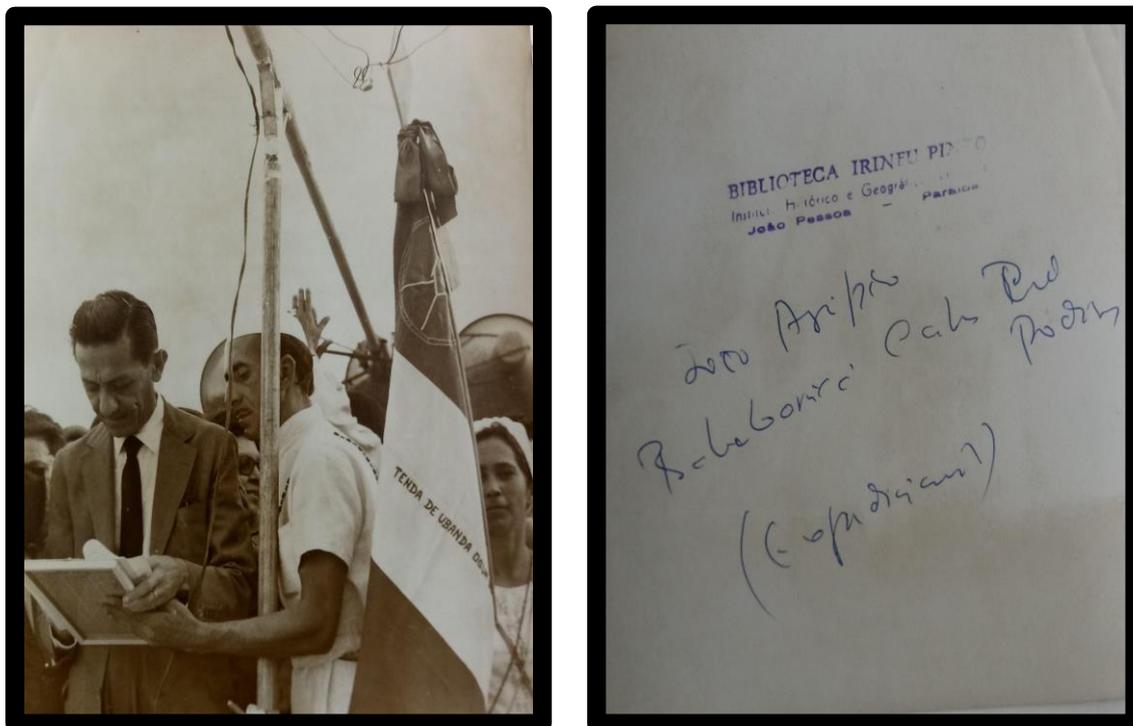


Fonte: Acervo IHGP, 2022

Satisfeitos pela conquista política, social, histórica e religiosa, deu-se início a uma séria de homenagens. Os umbandistas seguiram em direção à praia da Penha, a fim de saudar Iemanjá, depois deslocaram-se até o palanque armado na Rua Félix Antônio, n.1398, onde a Diretoria da Federação e as mães-de-santo receberam o governador, tido como “libertador”, denominação dada a João Agripino na nota que os umbandistas enviaram à imprensa.

Foi agraciado com o título de “Presidente de Honra dos Umbandistas da Paraíba” e quem fez-lhe a entrega desse título foi o Presidente da Federação de Cultos Africanos da Paraíba, o Sr. Carlos Rodrigues Leal, como comunica a Figura 22.

Figura 22 – O governador João Agripino recebendo das mãos do presidente da Federação de Cultos Africanos da Paraíba Carlos Leal, o título de Presidente de Honra dos Umbandistas da Paraíba (frente e verso)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

A Figura 23 retrata o governador João Agripino com o título em mãos.

Figura 23 – O governador recebendo o título em homenagem ao seu feito



Fonte: Acervo pessoal de Mãe Marinalva, 196?

Conforme apresenta a reportagem exposta na Figura 24, os umbandistas realizaram a festa do amor e da fraternidade e, no dia 08 de dezembro de 1966, na praia de Tambaú, em João Pessoa, prestaram uma homenagem à lemanjá, sua mãe⁷⁸, à rainha do mar e dos mares. Vários terreiros de toda a cidade estiveram presente e realizaram o cruzamento da fraternidade sob as bandeiras de Ogum Rompe Mato, Ogum Beira Mar e lemanjá em comemoração à alegria pela liberdade. Houve uma concentração na Federação dos Umbandistas, onde babalorixás e ialorixás entoaram cânticos de louvor e saudaram lemanjá com grito vivo de fé “*o dô mi ô lemanjá*”, demonstrando a alegria pela liberdade adquirida através do filho da Grande Mãe, forma respeitosa como declararam João Agripino.

Em seguida, como descreve a nota do Jornal, as louvações abriram no espaço, as cortinas de todos os planos espirituais, que eram saudados com pedido de proteção para todos e força ao libertador da Santa Seara⁷⁹, numa manifestação cuja bandeira da fraternidade unia os de cima aos de baixo, os do plano invisível aos do plano visível, os maiores aos menores, os grandes aos pequenos, enfim todas as falanges trabalhadoras do além e da terra, reunindo toda a família de Deus nas suas diversas moradas e em todo o caminho do mundo. E todos ouviram a sintonia do amor universal e viram afluência, aos milhares, dos irmãos kardecistas e esotéricos, filiados à igreja de Roma, aos pastores de todas as crenças e seitas, caboclos da mata, povo de Xangô, povo de fogo, as virgens do Sol, os incas e os maias, e as falanges da cura, do esclarecimento, da elevação, da purificação e da justiça.

Após o cruzamento de diversos filhos de santo na praia, todos de joelhos, com uma invocação cantada, foram para o ritual nas ondas do mar onde se banharam. A festa prosseguia, quando uma exclamação se ouviu de um dos filhos, confirmada depois por um grupo de participantes - Lá vem Ela! A emoção, então, foi geral, quando a rainha dos céus e dos mares veio sobre as ondas para a festa de carinho que lhe oferecem os filhos que repetiam em coro:

Lá vem Nossa Mãe lemanjá
Lá vem a Rainha do Mar
Vem com seu manto
Azul, oh mamãe
Para seus filhos abençoar
E lemanjá abençooou

⁷⁸ Se refere ao orixá que domina o *ori* do governador, ou seja, o Sr. João Agripino era filho de lemanjá, relata Mãe Marinalva (2022).

⁷⁹ Santa Seara - um lugar sagrado, uma terra santa.

Os filhos videntes, entre os verdes das águas
E o azul do infinito

Nas primeiras horas da manhã, encerra-se a festa de amor e fraternidade, e os filhos de Umbanda deixaram a praia de Tambaú, trazendo nos corações, os frutos espirituais transformados em flores. É o que nos afirmar e descreve a Figura 24.

Figura 24 – Reportagem - “Umbandistas fizeram festa do amor e da fraternidade” - Jornal a União (18 de dezembro de 1966)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Reuniram-se naquele momento para agradecer e pedir proteção não só aos praticantes da Umbanda, mas a todas as tradições religiosas que lutam em prol da união, da liberdade, do respeito e da paz.

Compreende-se, então, que se efetivou a primeira festa aberta, sem medo das perseguições e dos apontamentos.

3.1 A luta continua ...

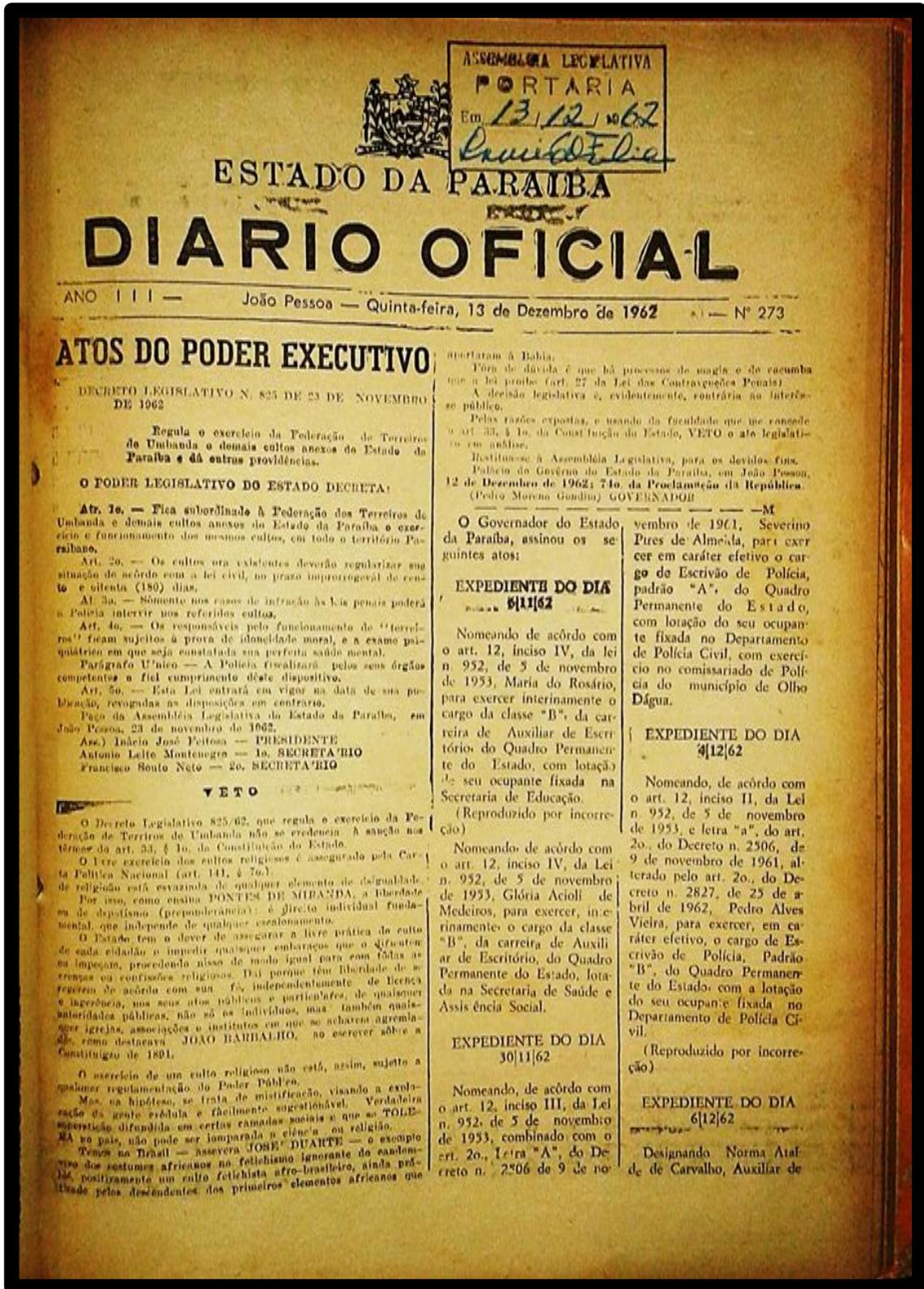
Continuando ainda sobre os acontecimentos do ano de 1966, época que marcou a Umbanda e a Jurema em João Pessoa, destacamos a preocupação dos pais e mães de terreiros ‘os xangozeiros’ como eram denominados na época. Conforme nos evidencia a reportagem do jornal O Norte, de 08 de junho de 1966, a preocupação se deu diante do fato de haver na cidade de João Pessoa um senhor que se intitulava missionário da Umbanda, conhecido como Jaime Rosas dos Santos, que fazia visitas a terreiros e locais que praticavam a religião de espiritismo.

Os umbandistas locais, diante das palavras do senhor Jaime Rosas que dizia ter como finalidade reunir em um só local todos os centros no intuito de criar a futura Federação da Umbanda paraibana se preocuparam em elegê-lo o líder umbandista que se intitulava missionário. O missionário, em entrevista ao Jornal O Norte, relatou, com o Diário Oficial na mão, que a fundação de uma Federação de Umbanda em João Pessoa era coisa improvável, pois a lei não permitia a fundação como se vê no Decreto de 12 e 13 de dezembro de 1962, em que o então governador Pedro Moreno Gondim⁸⁰ não permitia, após veto ao decreto legislativo n. 825, de 23 de novembro do mesmo ano, o regulamento do exercício da Federação de Terreiros de Umbanda e demais cultos anexos do Estado da Paraíba. No veto se lê que o decreto legislativo 825/62 “[...] não se credencia à sanção nos termos do art. 33 parágrafo 1º da Constituição do Estado” (Jornal O Norte, 08/06/1966). As preocupações foram mais intensas, pois realmente o Decreto não permitia o exercício de regulamentação ao se referir à criação de uma Federação.

A Figura 25 nos traz o veto do governador Pedro Gondim.

⁸⁰ Ex-governador da Paraíba por dois mandatos, o primeiro mandato de 1958 a 1960; o segundo de 1961 a 1966 e vice-governador no período de 1956 a 1958. Foi um político brasileiro filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Figura 25 – Veto do governador Pedro Gondim, publicados no Diário Oficial do Estado da Paraíba



Fonte: Anexo I da dissertação de Maria Isabel Pia dos Santos - Religiões Afro-Brasileiras no Terreiro da Política Paraibana: uma Análise Histórico-antropológica acerca dessas religiões em pleitos eleitorais, 2016

Os pais e mães de santo, para descobrir se realmente esse missionário era umbandista ou um vigarista, pensaram em visitar o terreiro em que ele frequentava, mas a polícia deu outra sugestão: se ele realmente fosse um missionário umbandista, ele deveria ter uma licença da polícia da Capital ou de outra parte do país para exercer suas atividades.

A Figura 26 apresenta o golpe dado pelo dito pai de santo.

Figura 26 – Reportagem - “Babalão leva corococho dos terreiros de xangô” - Jornal O Norte (08 de novembro de 1966)



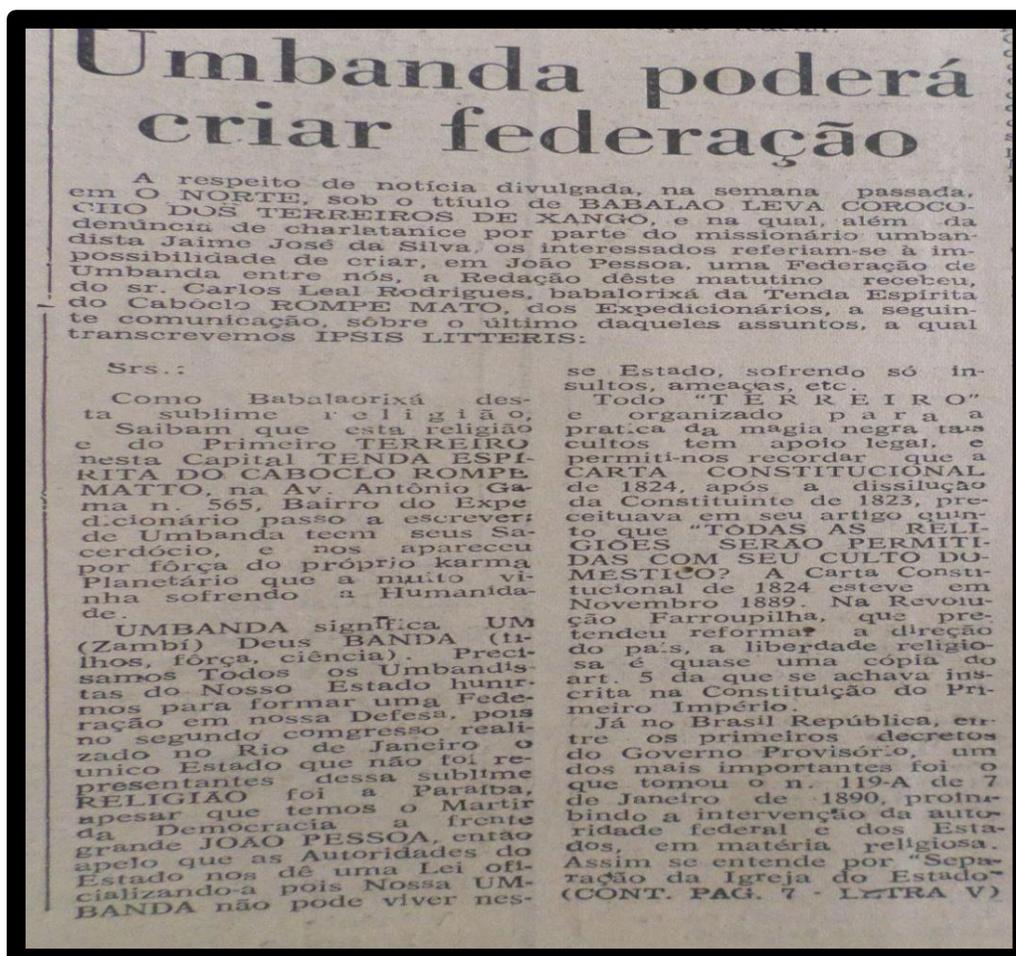
Fonte: Acervo IHGP, 2022

A partir do exposto, se vê o poder que as autoridades policiais exerciam sobre os praticantes umbandistas que pensaram ser uma forma de reprimir o pai de santo e mostrar a autoridade. Até certo ponto é verdade essa intuição, pois ditavam horários, faziam visitas para apontar sempre algo que não estava conforme as ordens impostas.

Mas os umbandistas locais sugeriram às autoridades que estavam instaladas na Avenida Antônio Gama, 565, no bairro dos Expedicionários, uma investigação, a fim de obter a veracidade da missão realizada por Jaime da Silva. Ele dizia ter a intenção de recolher dinheiro para custear as despesas da obra de criação da Federação. No entanto, esse dinheiro foi levado pelo falso missionário, aplicando nos fiéis um corocochô, nome popularmente conhecido como golpe, engano. O falso missionário foi denunciado por charlatanice devido ao interesse, se referindo a impossibilidade de criar, em João Pessoa, uma Federação de Umbanda entre nós, já que isso não era permitido à época.

Diante deste fato, a redação do Jornal O Norte recebeu do Sr. Carlos Leal Rodrigues, babalorixá da Tenda Espírita Ogum Rompe Mato uma carta após o ocorrido. O teor da carta, podemos comprovar na Figura 27.

Figura 27 – Reportagem - "Umbanda poderá criar Federação" - Jornal o Norte (18 de junho de 1966)



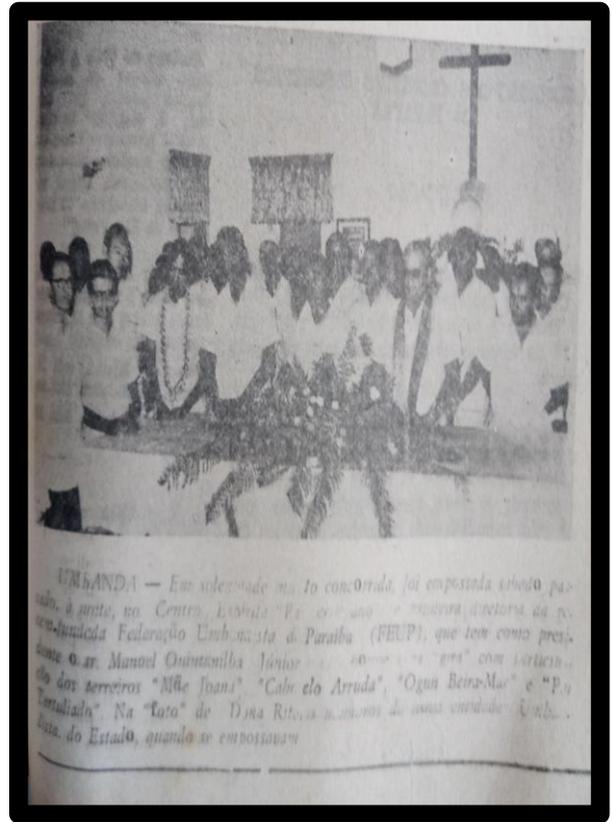
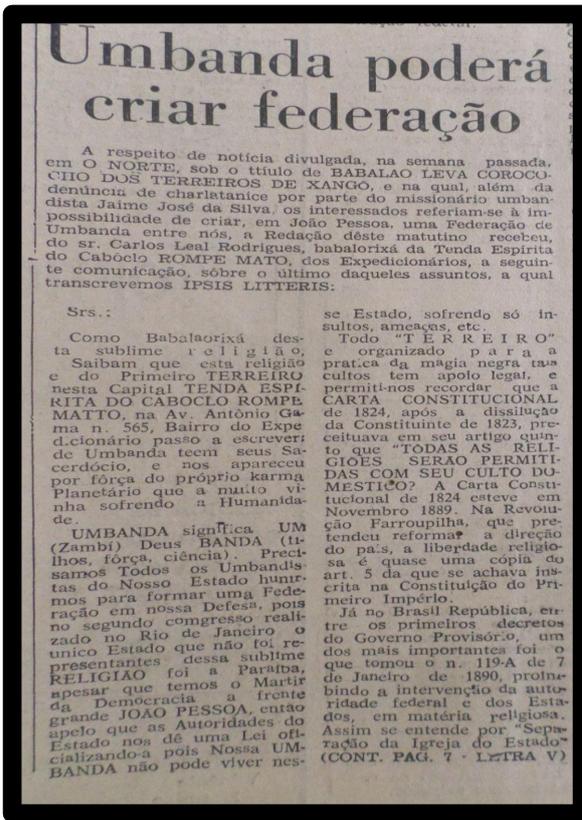
O Sr. Carlos Leal Rodrigues se apresenta e explica na carta: *A Umbanda tem seu sacerdócio. Mostra que todos os umbandistas do nosso Estado se uniram para formar uma Federação em defesa de todos, pois segundo o Congresso realizado no Rio de Janeiro, o único Estado que não foi representante desta sublime religião foi a Paraíba, mesmo tendo o mártir da democracia à frente de João Pessoa. Pediu permissão para dizer que a Carta Constitucional de 1824, após a dissolução da Constituinte de 1923, preceitua em seu artigo quinto que ‘Todas as religiões serão permitidas com seu cunho doméstico?’. E que a carta Constitucional de 1824 esteve em novembro de 1889. Na Revolução da Farroupilha, que pretendeu reformar a direção do país, a liberdade é quase uma cópia do art. 5 da que se achava inscrita na Constituição do Primeiro Império [...].* Fato ocorrido, em 18 de junho de 1966, e à vista do público através da reportagem do Jornal O Norte.

Mas, pensando na questão de se criar uma Federação, devemos voltar e rever o destaque de 14 de fevereiro de 1962 (Jornal Correio da Paraíba) sobre o projeto de lei apresentado à Assembleia Legislativa pelo deputado Joacil de Brito Pereira que nos faz entender que já se havia uma federação, ou seja, “[...] embora não fosse regulamentada por lei, ou que havia uma tentativa de “instituir” uma Federação” (Santos, 2016, p.83). Podemos afirmar que já existia uma Federação, mas não registrada e, talvez, fosse a Federação dos Cultos Africanos da Paraíba (FECAP) fundada pelo Sr. Carlos Leal Rodrigues com a força da união entre os praticantes da religião da época.

Com relação à criação da Federação e, diante dos ocorridos, podemos pensar que a intenção da Federação era organizar, fiscalizar, ajudar, fortalecer, defender e registrar os terreiros em todo o território paraibano, como um espaço livre e legalizado para suas práticas religiosas.

A reportagem do Jornal A União, de 11 de novembro de 1968, destaca a fundação da segunda Federação: a Federação Espírita Umbandista - (FEUP). A Figura 28 descreve como se fundou a FEUP.

Figura 28 – Reportagem - "Fundada a Federação Espírita Umbandista" - Jornal União (14 de novembro de 1968)

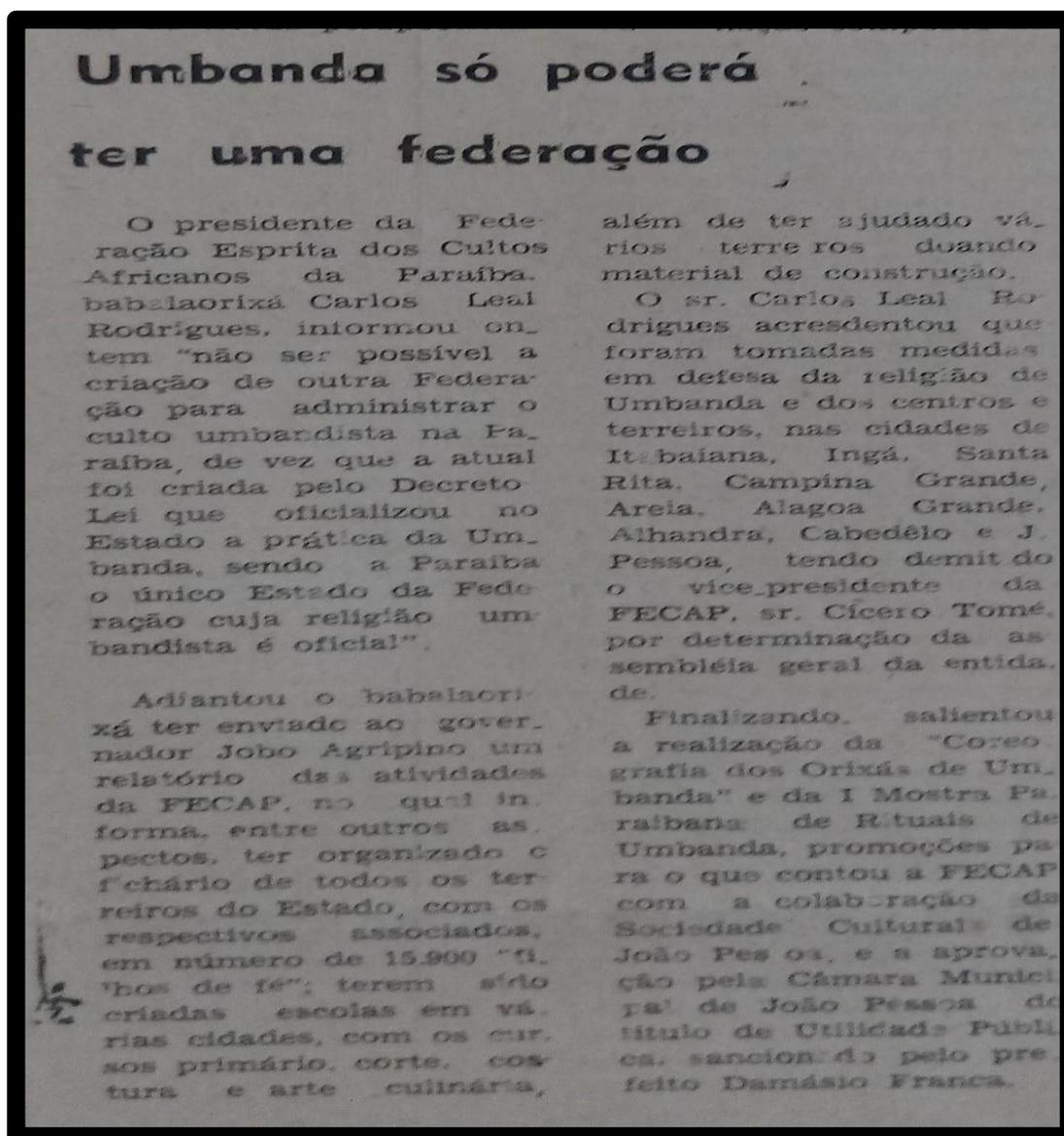


Fonte: Acervo IHGP, 2022

Fundada em Assembleia Geral realizada na sede do Centro Espírita de Umbanda de Mãe Joana que era filiada à Confederação Nacional Umbandista e dos Cultos Africanos no Brasil com sede no Rio de Janeiro. Essa nova Federação funcionou provisoriamente na rua Visconde de Pelotas, 138, 2º andar, sala 201. Tendo como presidente: Manoel Quintanilha Júnior; vice-presidente: Manoel Teles; primeiro secretário: Walter; tesoureiro: Orlando Florentino Gomes; segundo tesoureiro: Rodrigues; segundo secretário: Antônio Berto; orador: Mavial de Oliveira.

Alguns dos terreiros da FECAP se deslocaram para FEUP, só que ocorreu um impasse com a criação da mais nova Federação, a questão da existência de duas federações para administrar o culto umbandista na Paraíba. A Figura 29 nos relata que a Umbanda só poderia ter uma única Federação.

Figura 29 – Reportagem - "Umbanda só poderá ter uma Federação" –
Jornal A União (14 de novembro de 1968)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

A nota constante da Figura 29, afirma que o babalorixá Carlos Leal Rodrigues informa que não pode haver duas Federações, devido à FECAP ter sido criada pelo Decreto Lei que oficializou, no Estado, a prática da Umbanda, tendo a Paraíba o único estado da Federação, cuja religião umbandista foi registrada e tida como religião. O Sr. Carlos Leal enviou ao governador João Agripino um relatório das atividades da FECAP, no qual informou, entre outros aspectos, ter organizado e fichado todos os terreiros do estado com os respectivos associados, somando 15.900 filhos de fé. E que já havia criado escola com curso primário, corte, costura e arte culinária, além de ter ajudado vários terreiros, com doação de material de construção. Ele descreveu

todas as realizações já conquistadas pela Federação, até mesmo a realização das coreografias dos orixás de Umbanda; as mostras paraibanas de rituais de Umbanda no teatro Santa Roza, como também em outras localidades, foram levadas pelo atual presidente, o babalorixá Carlos Leal, com colaboração da Sociedade Cultural de João Pessoa, ao título de utilidade pública, sancionado pelo prefeito Damásio Franca⁸¹; a festa de Iemanjá que já era implantada no calendário cultural da cidade.

Em 1972, foi fundada ou foi registrada a Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros da Paraíba, quando Mãe Marinalva afirma ter sido a segunda Federação a ser fundada por pais e mães de santo, devido terem ocorrido problemas com a FECAP. Mãe Marinalva (2022) relata que teve participação nessa construção ialorixás e os babalorixás, a saber:

Ribeiro (Babalorixá), eu, Osvaldo (Babalorixá) e outros entramos no meio e fizemos uma cotinha para comprar o terreno ali no Cristo, pagamos com o nosso dinheiro. Ribeiro fez a pedra fundamental, acho que tiraram e jogaram fora. Ele pegou um papel grande onde todos assinaram: Mãe Celecina, Beata todos assinaram pra ter terreiro, foi nós que compramos. Ele enrolou, botou dentro de um canudo, mandou enterrar bem profundo e enterrou, botou uma pedra e encerrou. Depois foi a Cruzada, deixei a Federação e essa casa que construíram depois por conta própria, depois de tanto depois. A primeira Federação foi a de Carlos Leal e a segunda foi a cruzada (Mãe Marinalva, 2022).

A sede da FECAP, na década de 1960, era situada no bairro do Expedicionário e depois passou para a Avenida Josefa Taveira no bairro de Mangabeira. Em razão de mudanças das mais variadas, a Federação deixou de funcionar neste espaço.

A antiga sede no bairro de Mangabeira já não existe mais como um espaço religioso onde se realizavam reuniões, encontros e tomadas de decisões tocantes à religião. O prédio encontra-se com outras finalidades e não mais com funcionalidades religiosas. Encontra-se com destinação totalmente diferente da qual foi idealizada, mas, no nosso compreender, seria mais adequado se fosse para atender às religiões afro-indígenas brasileiras.

Mãe Marinalva (2022) informa que *o Sr. Walter Pereira tomou conta do prédio de Mangabeira, mas todos contribuíram. Lembra que o Sr. Walter Pereira havia tomado conta do prédio, mas que, para adquirir o prédio, teve a participação de todos.* Ao indagarmos quem seria esse todo? ela diz *que pais e mães de santo.*

⁸¹ Ex-prefeito da Capital Damásio Barbosa da Franca, do partido do Partido Democrático Social (PDS), entre 1966 a 1971.

O espaço em torno do prédio e até mesmo o prédio foi diminuído e transformado em espaço comercial, contendo várias lojas. Vejamos a Figura 30.

Figura 30 – Foto do prédio da Federação dos Cultos Africanos da Paraíba (2022)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (23 de outubro de 2022)

A Federação funcionou neste local, mas se desconhece os destinos da documentação produzida e recebida no exercício de suas atribuições, documentos referentes à compra, funcionalidade e comprovação de quem, por muito tempo, a dirigiu. Sabe-se que a Federação dos Cultos Africanos na Paraíba também é um espaço de utilidade pública como a Cruzada, como mostra a Figura 31.

Figura 31 – Nota do Jornal Nosso Lar (novembro de 1977)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2022

Alegamos que documentos trazem histórias e a memória comunica a sua existência.

No momento da conclusão desta pesquisa, desconhecemos se a primeira Federação encontra-se em pleno funcionamento. Já a Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros da Paraíba criada na década de 1970 continua em pleno funcionamento (2023) e presidida pelo Sr. Wolff de Oliveira Ramos.

A Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros da Paraíba, chamada por seus membros de apenas de Cruzada tem seu prédio, situado na Rua Felinto Arruda Escolástico, n. 55, Cristo Redentor - Cep: 58070-380, espaço pertencente à Federação, encontra-se sem funcionamento efetivo como espaço federativo. A casa onde está situada a Cruzada hoje encontra-se ocupada por moradores que se apropriaram da mesma.

Mãe Marinalva (2022) contou que foi enterrado, no terreno da Cruzada, a documentação denominada por ela como *pedra fundamental*⁸², *enterrada dentro de um cano assinaturas dos fundadores da Federação*.

A Cruzada foi fundada no dia 09 de janeiro de 1972, tornada de utilidade pública municipal. Isso diante da Lei n. 3.380, de 20 de agosto de 1981, e pela Lei n. 4.293, de 23 de outubro de 1981 - CGC 00.369/0001-65, como nos fortalece a Licença Especial de n. 44 entregue, no dia 13 de maio de 2010, ao Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar, liderado por Mãe Marinalva, onde se festejaram os 50 anos de sua fundação.

Figura 32 apresenta a autorização cedida pela Cruzada ao Terreiro Ogum Beira Mar, em 13 de maio de 2010.

⁸² Um cano onde todos os pais e mães de santo da época assinaram e colocaram dentro deste pote o qual foi enterrado no terreno da Federação (cruzada).

Figura 32 – Registro da autorização de número 44 ao Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar (13 de maio de 2010)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2022

A Figura 33 apresenta a placa em homenagem ao Terreiro Ogum Beira Mar pelos seus 50 anos de funcionamento.

Figura 33 – Placa em homenagem aos 50 anos de fundação, homenagem feita pelos filhos de santo ao Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar (13 de maio de 2010)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (03 de dezembro de 2022)

Porém, levanta-se a questão sobre haver mais de uma Federação, trazendo a memória como veículo que nos remetem a lembrar das três federações criadas nas décadas de 60 e 70, que tinham a intenção de organizar e que se responsabilizavam pelos terreiros filiados.

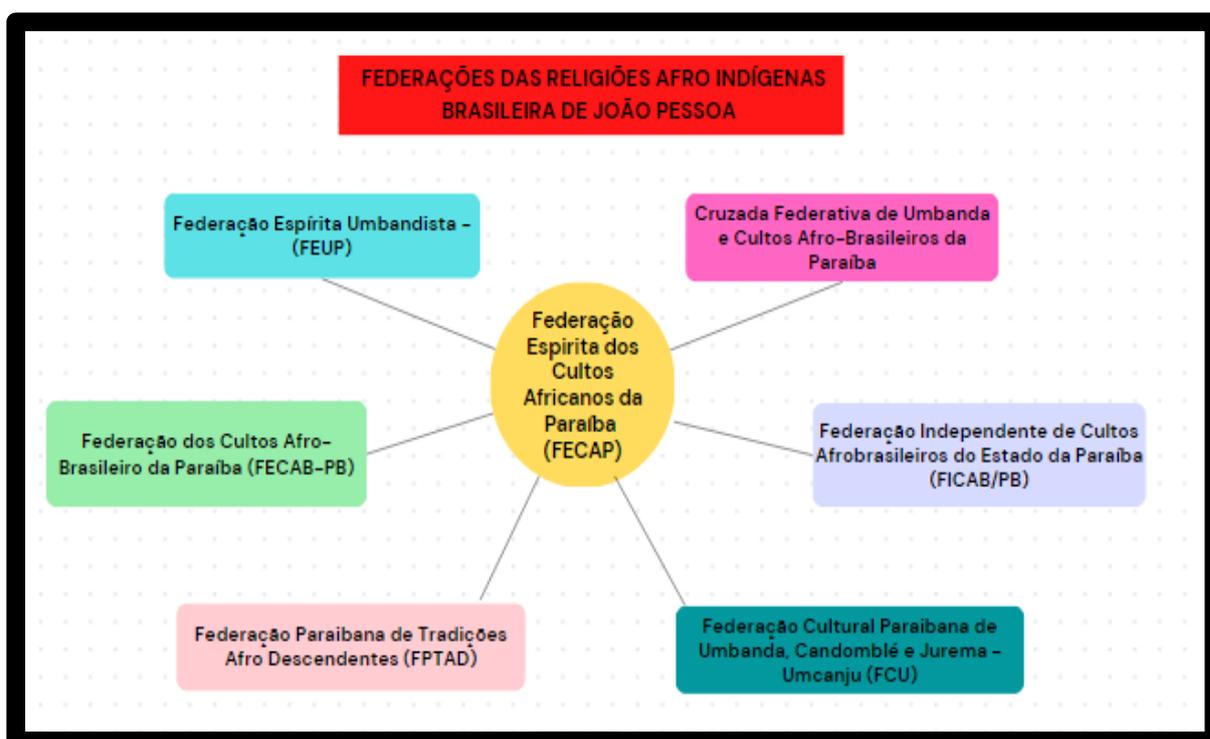
A Federação dirigida pelo Sr. Carlos Leal saía em defesa das religiões afro-indígenas quando algo ocorria fora do contexto que se refere ao funcionamento e às realizações de iniciações. A Federação estava sempre presente no determinado terreiro para fazer a entrega de certificados e para registrar aquela(e) filha(o) de santo nos registros da Federação, no intuito de servir futuramente como afirmação daquele fato ocorrido. A Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros da Paraíba continua a fazer as entregas de certificados, vamos destacar o Terreiro Ogum Beira de Mãe Marinalva ela sempre convida o presidente para fazer a entrega dos filhos quando é apresentado a sociedade após seu renascimento para o orixá ou para a Jurema Sagrada, e assim é feito o registro da(o) filha(o) na Cruzada.

A Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros da Paraíba deve se manter com as mensalidades dos terreiros filiados à federação e com os pagamentos dos registros das(os) filhas(os) de santo. Mãe Marinalva (2022) diz que pagava mensalmente um valor a Cruzada e tinha o direito caso precisasse até mesmo de um advogado. E que depois passou a pagar não mais mensalmente, mas anualmente até chegar o dia em que a Cruzada lhe concedeu isenção pelo seu tempo de contribuição.

A Federação Espírita dos Cultos Africanos da Paraíba (FECAP), presidida pelo senhor Carlos Leal, em décadas passadas, realizava eventos para arrecadar verbas, tanto para seu funcionamento como para caso necessitasse resolver problemas ocorridos à religião. E será que as seis federações existentes em 2023 e que estão em plena atividade em João Pessoa têm os mesmos objetivos da Federação anterior como participar, visitar, fazer entregar de certificados, autorizar, defender um determinado espaço religioso com as regras da lei? Enfim, muito se fazia na Federação presidida pelo Babalorixá Carlos Leal.

A Figura 34 mostra algumas das Federações criadas e existentes em João Pessoa/PB.

Figura 34 – Nomes das Federações Paraibanas



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022

Não podemos deixar de citar que as licenças, certificados e diplomas também foram ações produzidas pelo presidente da FECAP, especialmente na gestão de **Carlos Leal Rodrigues**, quando visitava os terreiros e dava autorização de funcionamento e de reconhecimento pela/o filha/o de santo preparada/o por aquela/e determinada/o babalorixá ou ialorixá. Gonçalves (2012, p. 966) contou que,

Em 1977, aproximadamente dez anos após a fundação da Federação, o Governo do Estado sancionou a Lei 3.895, alterando a Lei 3.445, cuja providência mais importante foi o acréscimo, mas condições necessárias para gozar o benefício do “livre exercício”, da exigência de licença de funcionamento expedida pela Federação, renovada anualmente. Com isso, as federações, consolidaram a sua legitimidade e importância junto aos terreiros. Mesmo hoje, quando a Constituição Federal, no seu artigo 5, assegura o livre exercício religioso, toando as federações anacrônicas, a licença ainda é vista pela maioria das pais de santo e alguns presidentes de federações como necessária para abertura e funcionamentos dos terreiros.

Vamos dar destaque ao exemplo exposto na Figura 34, que apresenta a autorização cedida pela Cruzada ao Terreiro Ogum Beira Mar, o qual teve dois propósitos: o primeiro foi dar autorização para que o terreiro pudesse continuar o seu funcionamento por tempo indeterminado, em homenagem e reconhecimento aos 50 anos de fundação e por Mãe Marinalva ser uma das pioneiras presentes aqui entre nós; o segundo propósito, de acordo com Mãe Marinalva, foi suspender o pagamento realizado anualmente à Cruzada, pagamento que tinha a finalidade de fornecer uma ajuda de custo para que fosse mantida a Federação e para outras situações necessárias⁸³.

Não podemos deixar de enfatizar que o Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar era filiado à FECAP, presidida pelo senhor Carlos Leal, mas, com a criação da Cruzada, faz sua migração para a Cruzada, permanecendo até então, todavia, não foi possível descortinar as motivações da migração do terreiro em tela.

A Cruzada ainda se faz presente no Terreiro de Ogum Beira Mar sempre que é solicitada e continua a fazer entregas de diplomas e certificados quando solicitada por Mãe Marinalva a ser entregue as(os) filhas/os de santo. Esses documentos vão servir de comprovação aos que são registrados pela Federação com reconhecimento

⁸³ Exemplo: se o terreiro ou alguma ou algum filiada/o da Federação necessitasse de uma ajuda financeira como pagamento a uma/um advogada/o por questões de intolerância religiosa, ou algo do tipo, a Federação estava presente para ajudar.

de suas obrigações/feituas. As comprovações também podem servir para que uma/um filha/o de santo possa abrir o seu próprio terreiro, o que depende da autorização de seus zeladores⁸⁴.

Na Figura 35, alguns diplomas são entregues as/os filhas/os de santo para servir de reconhecimento à sua feitura. Eles comprovam quem são os responsáveis por determinada realização, o local onde foram realizadas as obrigações/feituas, e apresentam as hierarquias de cada feito.

Figura 35 –Diplomas entregues às/os filhas/os de santo ao término da festa pela Federação (Cruzada)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2022

A Cruzada permanece no mesmo endereço, só que sem o determinado uso, continua presidida (2023) pelo o Sr. Wolff de Oliveira Ramos como já destacamos.

Devido ao tempo da pesquisa, não foi possível adentrar no espaço físico e obter documentos para serem observados ou até mesmo serem inseridos nesta pesquisa, considerando que esses documentos podem ser considerados ricos de informações.

⁸⁴ Zeladores - outra denominação dada aos pais e às mães de santo.

Entretanto, percebe-se que o espaço federativo onde se localiza a Cruzada e até mesmo onde estava localizada a nossa primeira federação (no bairro de Mangabeira) poderia ter sido destinado além de Federações em espaços de acordo com as idealizações de seus criadores em lugares de escritórios, festividades, promover eventos, entre tantas outras possibilidades citadas ao longo desta escrita.

Enfim, todos os esforços de tanta gente que fez parte dessa caminhada possivelmente não são percebidos e, provavelmente, desvalorizados e esquecidos tanto em vida como depois da morte. E foram tantos feitos importantes deixados para trás, muitos registros encontram-se perdidos, esquecidos e talvez considerados por quem não tem ideia de seu valor e os tem como ‘velharias’, o que poderá inviabilizar o fortalecimento identitário de um povo.

Resta-nos o desejo de transformar esses fatos e acontecimentos em registros, sair em busca de mudanças nem que seja através da escrita para que não permaneçam na alheação de muitos. A informação poderia ser utilizada por quem sente orgulho das trajetórias e pode revirar o baú da memória, trazendo-as nas lembranças daquelas e daqueles histórias para manter vivos momentos marcantes, importantes e necessários para as nossas religiões.

3.2 O eterno Carlos Leal Rodrigues

 Sr. Carlos Leal Rodrigues realizou feitos importantes junto a outros babalorixás, ialorixás e pessoas que acreditavam na liberdade religiosa. Acontecimentos nas décadas de 1960, 1970 e 1980 deram visibilidade e destaque à religião afro-indígena brasileira. Trazer novas histórias é poder ir além dos contos, das aventuras, transformando-as em gritos pela verdade, justiça e liberdade (Filme Meu nome é liberdade, 2015).

Com a visibilidade dos acontecimentos, foram realizadas divulgações das religiões afro, mas o turismo cultural religioso não recebeu incremento recente, só se deu após lutas, embates, participações em eventos, disponibilidades e entrega de si como assim fez o senhor Carlos Leal Rodrigues (Leal, 2001).

A Figura 36 apresenta o Sr. Carlos Leal Rodrigues.

Figura 36 – Carlos Leal Rodrigues (Mestre Carlos)



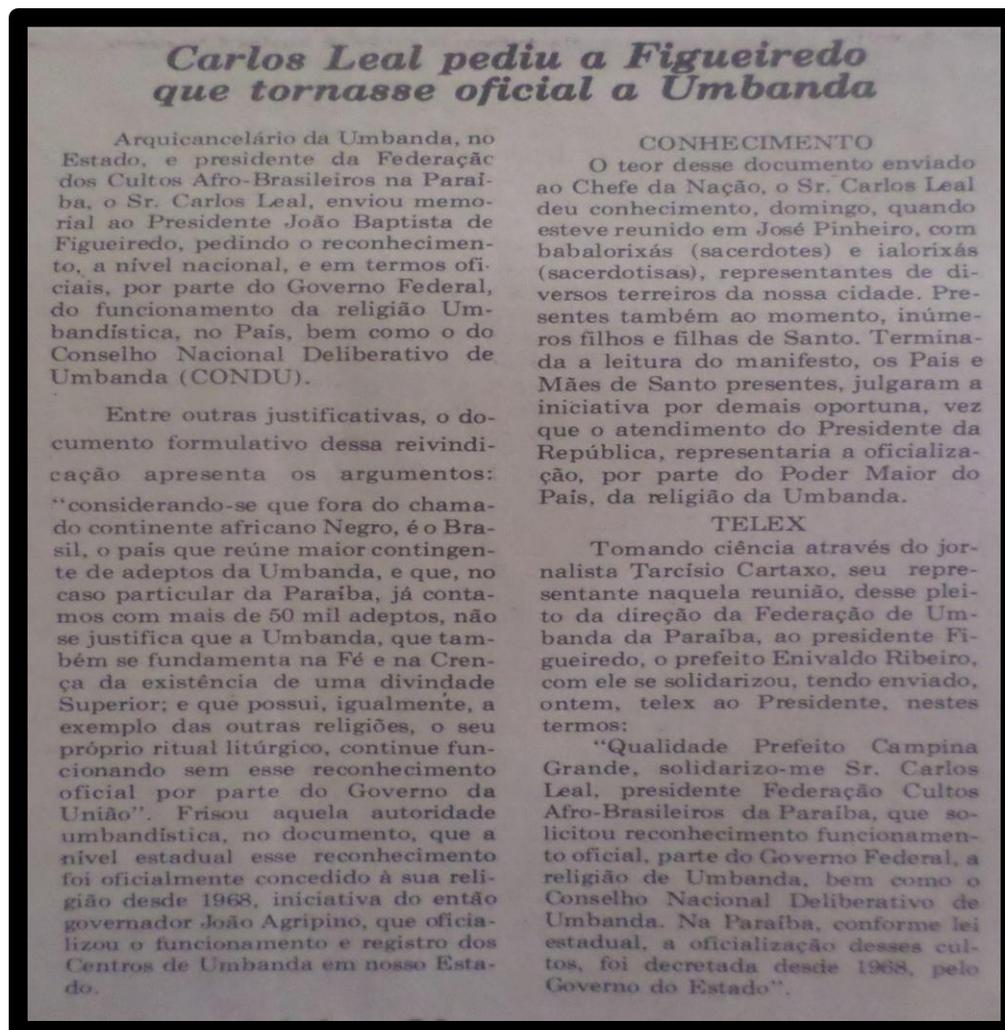
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2022

Com a junção da cultura e da religião, têm sido explícitas as comemorações religiosas que se fizeram presentes na nossa Paraíba, conquistando o meio turístico, com destaque às festas aos orixás. Essas festas foram organizadas e realizadas pela FECAP e sob a coordenação de seu presidente Carlos Leal Rodrigues que, além de ter tido atitude de apresentar a religião à sociedade paraibana e aos simpatizantes, lutou também para dar destaque ao culto da Jurema, que nasceu no município de Alhandra em João Pessoa, entre muitas outras iniciativas.

Um dos feitos do Sr. Carlos Leal está exposto na Figura 37, em uma reportagem do Jornal A União, de 02 de outubro de 1979. Ele solicita, através de um memorial ao Presidente da República João Baptista de Figueiredo,⁸⁵ o reconhecimento, em nível nacional e em termos oficial, do funcionamento da religião umbandista no país bem como do Conselho Nacional Deliberativo (CONDU).

⁸⁵ Foi um militar, político e geógrafo brasileiro. Foi o 30.º Presidente do Brasil de 1979 a 1985, e o último presidente do período da ditadura militar.

Figura 37 – Reportagem - Carlos Leal pediu a Figueiredo que tornasse oficial a Umbanda - Jornal A União (02 de outubro de 1979)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Quando trata do turismo religioso, Carlos Leal, de acordo com as observações durante a pesquisa, nos fez perceber que ele se preocupava em apresentar a religião afro-indígena brasileira de uma maneira que as pessoas compreendessem que as tradições têm seus fundamentos, têm suas práticas como qualquer outra. Carlos Leal se preocupava em como apresentar à sociedade a religião que ele praticava e que, em tempos difíceis, era bem procurada pela sociedade com a intenção de conhecê-la, e por políticos, alguns até praticantes como bem relatam: Mãe Marinalva, Mãe Ceíça, Mãe Silvinha e Anco Márcio, durante as entrevistas.

Eram realizados, em João Pessoa, espetáculos inéditos organizados pela FECAP no teatro Santa Roza como condição para aproximar-se da sociedade e difundir a Umbanda a todos que tivessem vontade de conhecê-la.

Foi criada a coreografia dos orixás, no dia 04 de fevereiro de 1968, em encenação coordenada pelo departamento de folclore da Sociedade Cultural de João Pessoa. A renda foi revertida em benefício para as obras da sede própria da entidade umbandista e de ajuda para outros terreiros quando necessitavam. As apresentações não foram só de caráter religioso, foram também resultados de pesquisas feitas com o objetivo de proporcionar ao espetáculo um melhor conhecimento das manifestações religiosas seguidoras de Iemanjá que são tidas como reflexo do folclore nacional.

A Figura 38 descreve um pouco sobre as apresentações que mantinham um roteiro lógico para a compreensão de quem estava presente e de quem buscava conhecer o que era novo, além de o evento ser inédito.

Figura 38 – Reportagem - "Umbandistas apresentarão coreografias dos orixás" - Jornal Correio da Paraíba (19 de janeiro 1968)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Em 06 de outubro de 1968, aconteceu a I Mostra Paraibana de Rituais de Umbanda no Teatro Santa Rosa. Durante o toque de Jurema, apresentação do terreiro de Mãe Marinalva, inúmeros casos de transe de populares na plateia surgiram nessa noite. Outros terreiros, em cujas apresentações surgiram manifestações foram: do babalorixá Carlos Leal e das ialorixás Zete Farias e Beatriz Barbosa (Mãe Beata).

Dessas manifestações, foi dada a originalidade à amostra como definição dos encontros de terreiros. As manifestações são destacadas na Figura 39.

Figura 39 – Reportagem - "Manifestações na plateia deram Originalidade Mostra de Umbanda" - Jornal A União (06 de outubro de 1968)

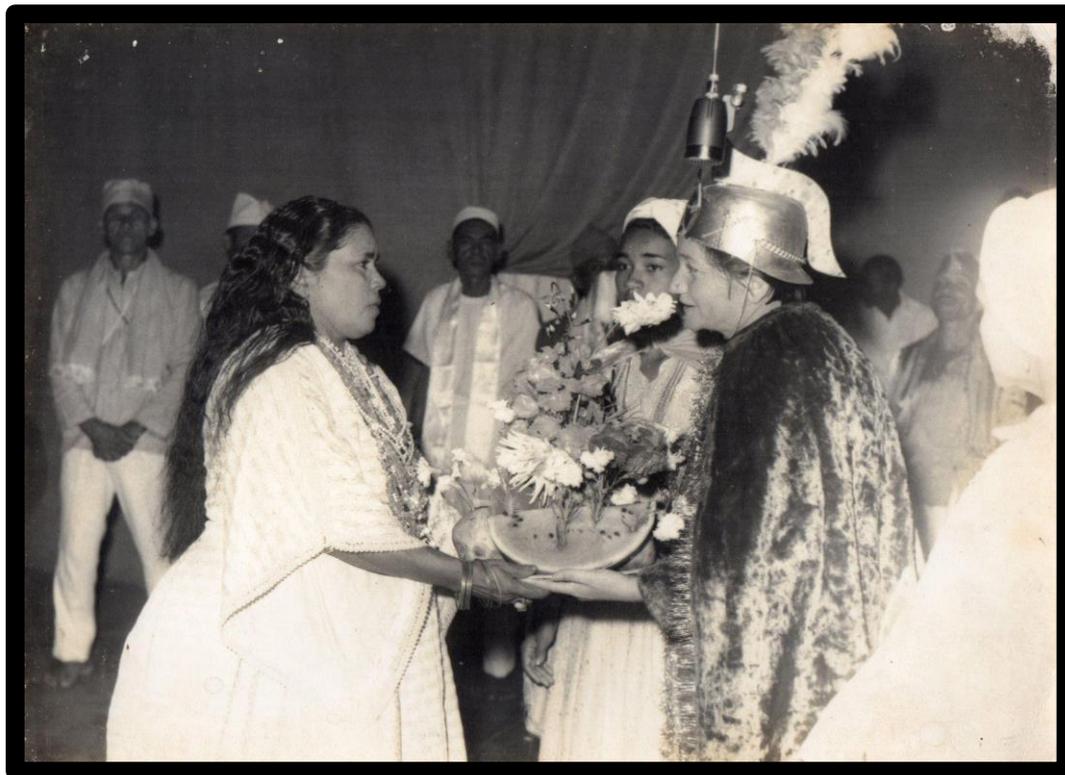


Fonte: Acervo IHGP, 2022

Nesses encontros, os terreiros convidados realizaram suas apresentações e, entre eles, foram realizadas trocas de presentes como forma de agradecimento como também certificados de participações foram entregues, como mostra a Figura 40.

A Figura prima a imagem onde Mãe Marinalva presenteia Mãe Beata (da esquerda para a direita, podemos ver Mãe Beata recebendo um presente de Mãe Marinalva).

Figura 40 – Momento em que mães de santo trocam presentes nos encontros de terreiros realizados no teatro Santa Rosa



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

A Figura 41 mostra Mãe Marinalva presenteando Zete Farias.

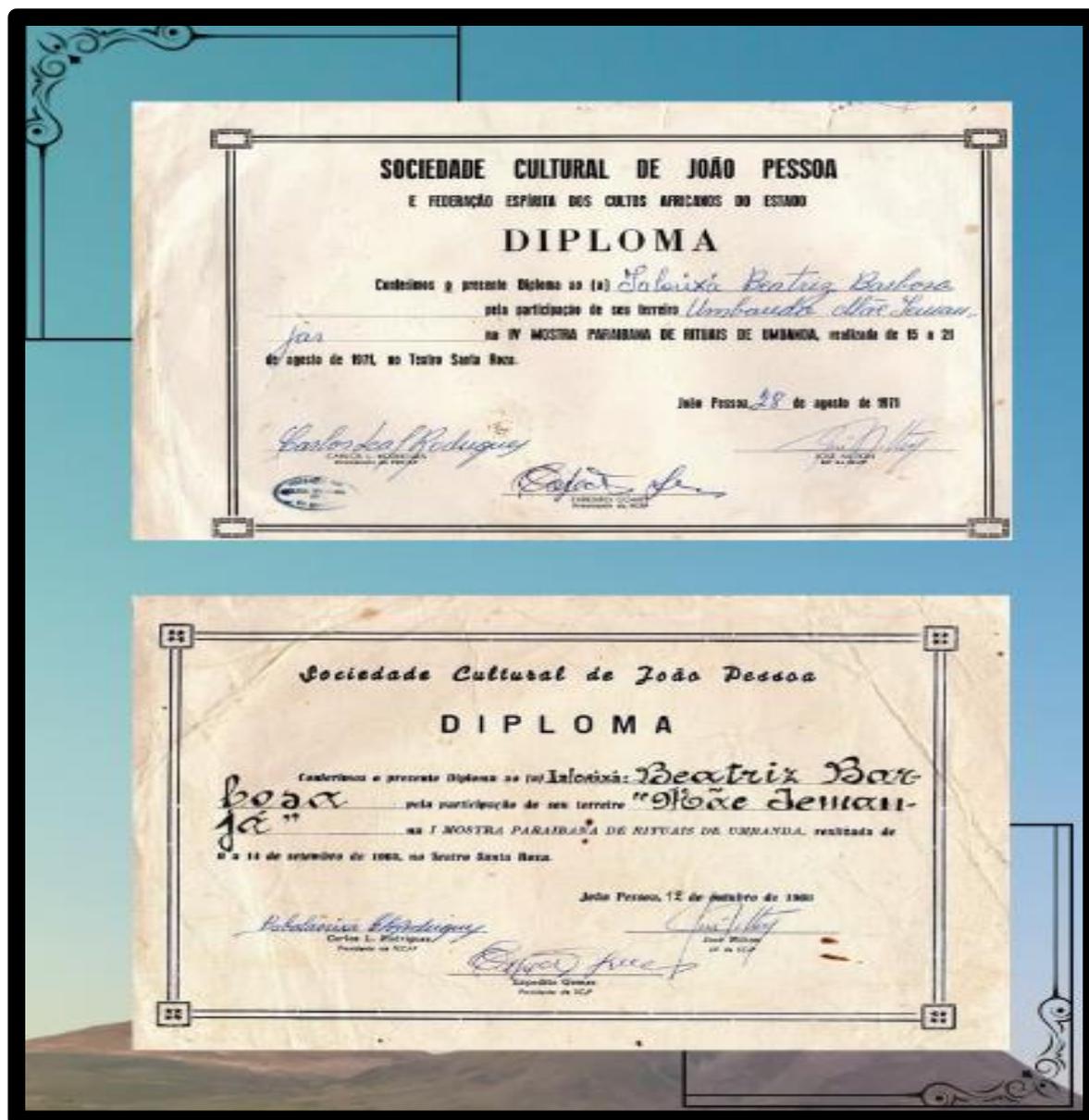
Figura 41 – Da esquerda para a direita Zete Farias recebendo presente de Mãe Marinalva



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Nesta ocasião, os terreiros, que realizaram apresentações, recebiam da Federação o Diploma que certificava as participações, como mostra na Figura 42.

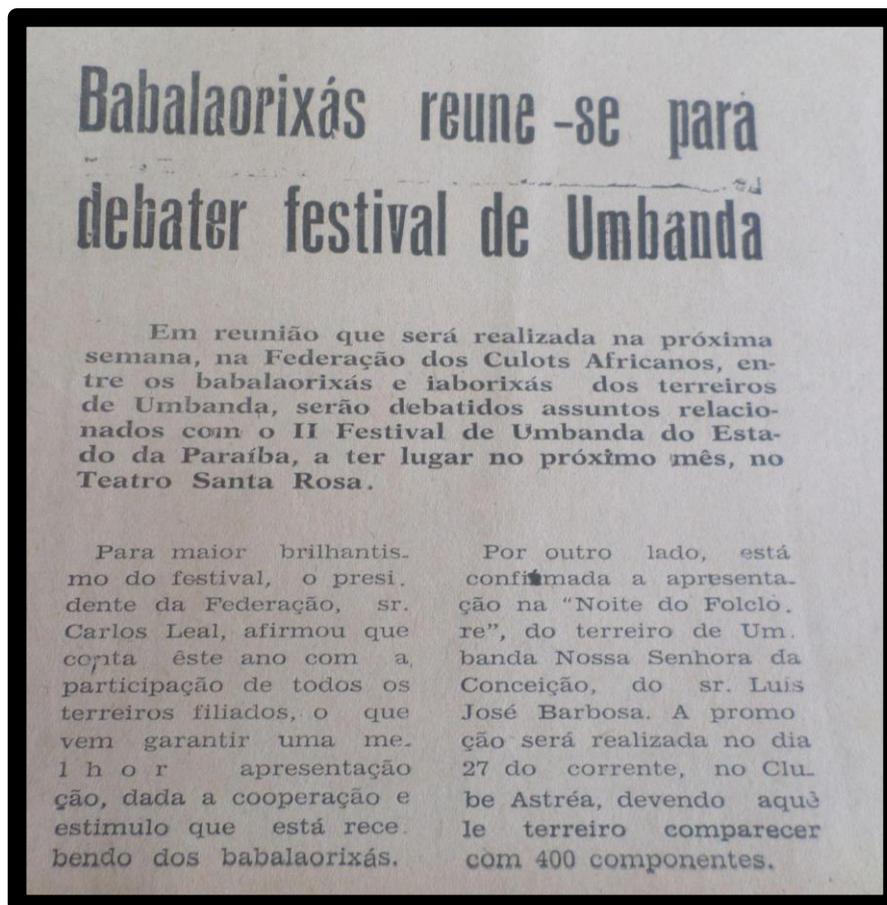
Figura 42 – Diplomas entregues aos babalorixás e as ialorixás como forma de reconhecimento da Sociedade Cultural de João Pessoa pela participação no evento



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2019

No dia 17 de fevereiro de 1970, os babalorixás e ialorixás reuniram-se para debater sobre o II Festival de Umbanda do Estado da Paraíba, promovida pela Sociedade Cultural de João Pessoa junto com a Federação dos Cultos Africanos da Paraíba. Vejamos a Figura 43.

Figura 43 – Reportagem - “Babalorixás reúne-se para debater festival de Umbanda”
- Jornal A União (17 de fevereiro de 1970)



Fonte: IHGP, 2022

O evento teve destaque, e pesquisadores nordestinos, autoridades e apreciadores da Umbanda compareceram ao evento. Convites foram enviados a diversas entidades culturais do Nordeste, entre as quais as Comissões de Folclore de Natal e Recife, o Centro de Pesquisas Sociais Joaquim Nabuco, as autoridades e pessoas ligadas ao folclore como entidades representativas da cultura paraibana e a órgãos públicos e particulares ligados ao turismo. Foi cobrado preço único de Cr \$1,00 (Cruzeiro) cujos ingressos foram todos vendidos antecipadamente.

A Figura 44 trata de divulgar o acontecimento sobre o evento que teve destaque e que pessoas ilustres estiveram presentes.

Figura 44 – Reportagem - Pesquisadores nordestinos virão à Mostra de Umbanda -
Jornal A União dia (07 de fevereiro de 1970)



Fonte: IHGP, 2022

A II Mostra de Umbanda teve início no dia 09 de agosto de 1970, quando o terreiro de Umbanda Mãe Iemanjá da ialorixá Mãe Beata do bairro do Cristo Redentor, Bairro da Cidade de João Pessoa, realizou a abertura oficial do conclave, homenageando os principais orixás dos cultos afro-brasileiros, entre os quais Iemanjá, Xangô, Iansã, Oxum e Orixalá. O evento teve um dos públicos mais numerosos que compareceram ao teatro, assim mostra a Figura 45, com a reportagem do Jornal A União de 1970. O evento ocorreu no teatro Santa Rosa e teve caráter beneficente, cultural e turístico. O evento também recebeu a colaboração da secretaria para fazer a divulgação e o turismo.

Figura 45– Reportagem - II Mostra Paraibana de Rituais de Umbanda –
Jornal A União (07 de agosto de 1970)

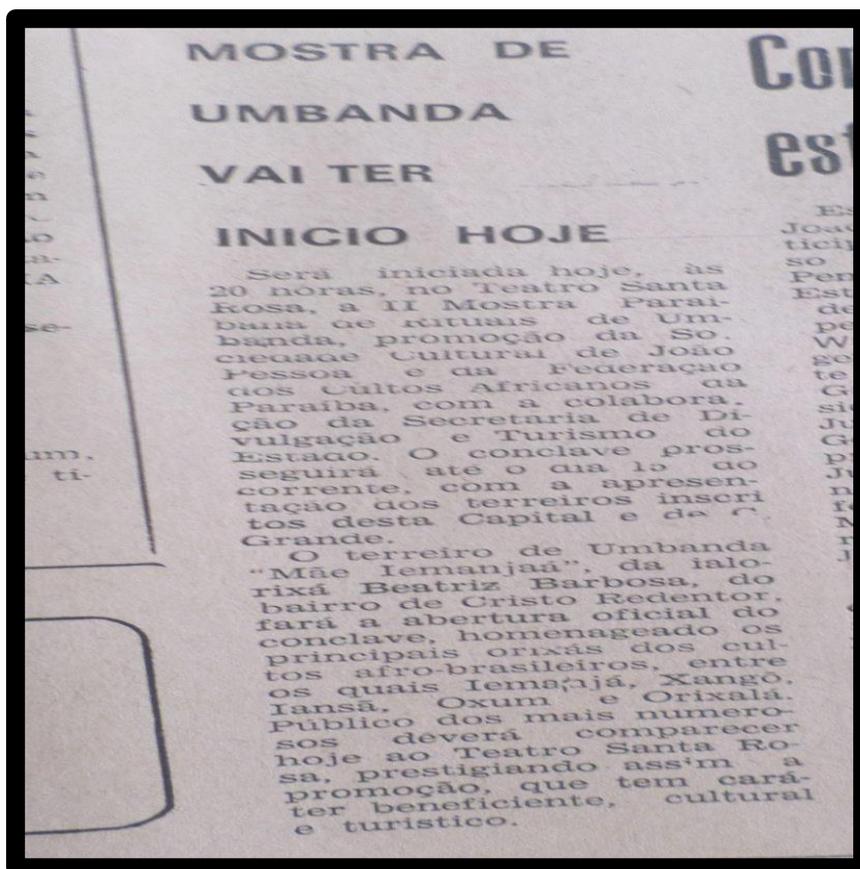


Fonte: IHGP, 2022

Em cada dia de apresentações, havia terreiros nos quais filiados à Federação se apresentavam, mesmo aqueles de outros municípios. As apresentações deram continuidade no dia 23 de agosto: umbandistas e público confraternizaram-se na II Mostra Paraibana de Rituais de Umbanda, com as virtudes e os defeitos típicos de promoções congêneres. Os umbandistas estavam revestidos de um aspecto dos mais importantes, tanto pelo pouco conhecimento sobre a Umbanda por essas bandas do país como pela coragem que os promotores e participantes demonstraram em realizá-lo publicamente. A Umbanda era considerada como manifestação de macumbeiros e xangozeiros e as discussões sobre as práticas religiosas eram intensas. Nesse sentido, as apresentações deram um novo norte a certos entendimentos diante a sociedade, dando a entender que a Umbanda é uma religião composta de um conjunto sociológico, folclórico e religioso e que foi exposta através da representação umbandista. Houve apresentações no teatro Santa Roza, mas quando começou a reforma, os festivais passaram a ser realizados no Teatro da Juventude (JUTECA) no bairro de Cruz das Armas, até o término da reforma do teatro Santa Roza.

A Figura 46 mostra a divulgação do evento no Jornal A União de 1970.

Figura 46 – Reportagem - "Mostra de Umbanda vai ter início hoje" – Jornal A União (09 de agosto de 1970)



Fonte: IHGP, 2022

Dando sequência às apresentações, a cada ano o público era mais presente. O terreiro Mãe Iemanjá de Mãe Beata iniciava os festivais da Umbanda, ou seja, *ela abria as apresentações, ele Carlos Leal tinha Mãe Beata como se fosse uma ialorixá mais antiga* (Mãe Ceíça, 2022).

A Figura 47 mostra o terreiro de Mãe Beata na apresentação no Teatro Santa Rosa em 1970.

Figura 47 – Terreiro Mãe Iemanjá de Mãe Beata na abertura das apresentações dos terreiros no teatro Santa Rosa



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2022

As notas dos jornais comentam sobre as apresentações como está exposto na Figura 48 que discorre sobre a abertura realizada pelo Terreiro Mãe Iemanjá de Mãe Beata (1971), e o encerramento feito pelo Terreiro de Zete Farias (1971).

Figura 48 – Reportagem - "Festival de Umbanda é aberto por Mãe Iemanjá!" – Jornal A União (15 de agosto de 1971)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Em 1971, para assistir as apresentações, precisava comprar um ingresso pelo preço de três cruzeiros, havendo abatimento para estudante. Esse valor já foi depois de um aumento significativo, passando de um cruzeiro para o referido valor. A renda do festival de Umbanda tinha como objetivo ser revertida em obras da construção da sede da Federação. O presidente da Federação o Sr. Carlos Leal afirmou que a mostra tem fins culturais, “[...] mostrando e fazendo o povo paraibano sentir a cultura da Umbanda, que é uma religião como outra qualquer e digna de respeito, nunca o que muito pensa” (Jornal A União, 21 de agosto de 1971). Não podemos deixar de registrar as reportagens sobre o primeiro, o segundo e o terceiro batizado na Umbanda.

O primeiro batizado umbandista do estado da Paraíba foi realizado no Terreiro “Ogum Beira Mar”, no bairro do Miramar, pela ialorixá Marinalva Amélia (Mãe Marinalva) que oficializou a cerimônia de batismo dos gêmeos Cosme Aguinaldo de Souza Silva (Pai Cosme) e Damião Aguinaldo de Souza Silva (Pai Damião), seus

filhos biológicos). O presidente da Federação Umbandista e 'filho de santo' o presidente do terreiro, o Sr. Carlos Leal Rodrigues (Mãe Marinalva, 2022) assistiram à cerimônia. A Figura 49 divulga esse acontecimento.

Figura 49 – Reportagem - Realização do primeiro batizado umbandista na Paraíba - Jornal A União (03 de outubro de 1970)

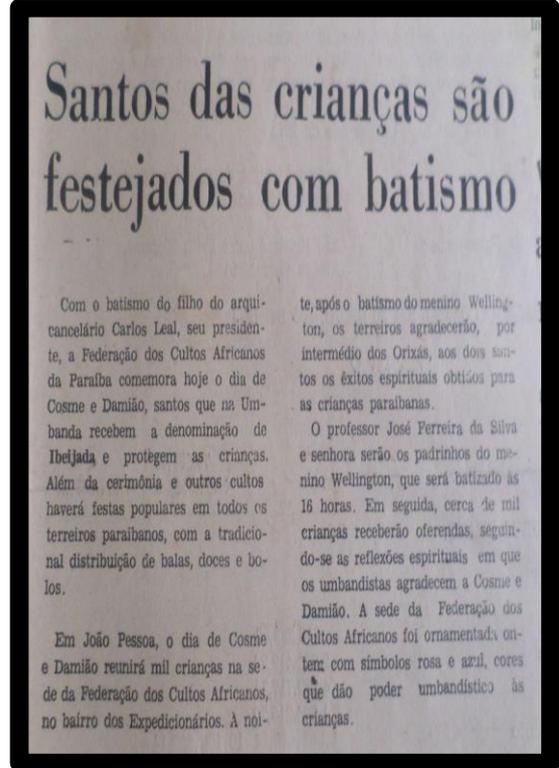


Fonte: Acervo IHGP, 2022

Foram oficializados e celebrados dois batizados pelo Sr. Carlos Leal Rodrigues, o segundo batizado realizado no Brasil, como consta a nota do Jornal União, de 29 de setembro de 1971, e o terceiro, em 27 de setembro de 1973. Aquele era de seu filho biológico Carlos Alberto Leal Farias e este do menino Wellington José Farias Rodrigues, também filho biológico, sendo celebrado no dia em que os umbandistas celebram Cosme e Damião, os protetores das crianças.

A Figura 50 destaca o segundo e o terceiro batizados na Umbanda em João Pessoa, celebrado pelo Sr. Carlos Leal Rodrigues na festa de São Cosme e São Damião.

Figura 50 – Reportagem - "Paraíba lembra Cosme e Damião com batizado"- Jornal A União dia 28 de setembro de 1971 e “Santo das crianças são festejados com batismo” - Jornal A União (27 de setembro de 1973)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Muitas conquistas têm significativa importância para serem descritas e trazidas para o conhecimento de quem não tem ideia das maravilhas conquistadas. Mas devemos reconhecer a força que teve o Sr. Carlos Leal Rodrigues, merecedor de muitos títulos.

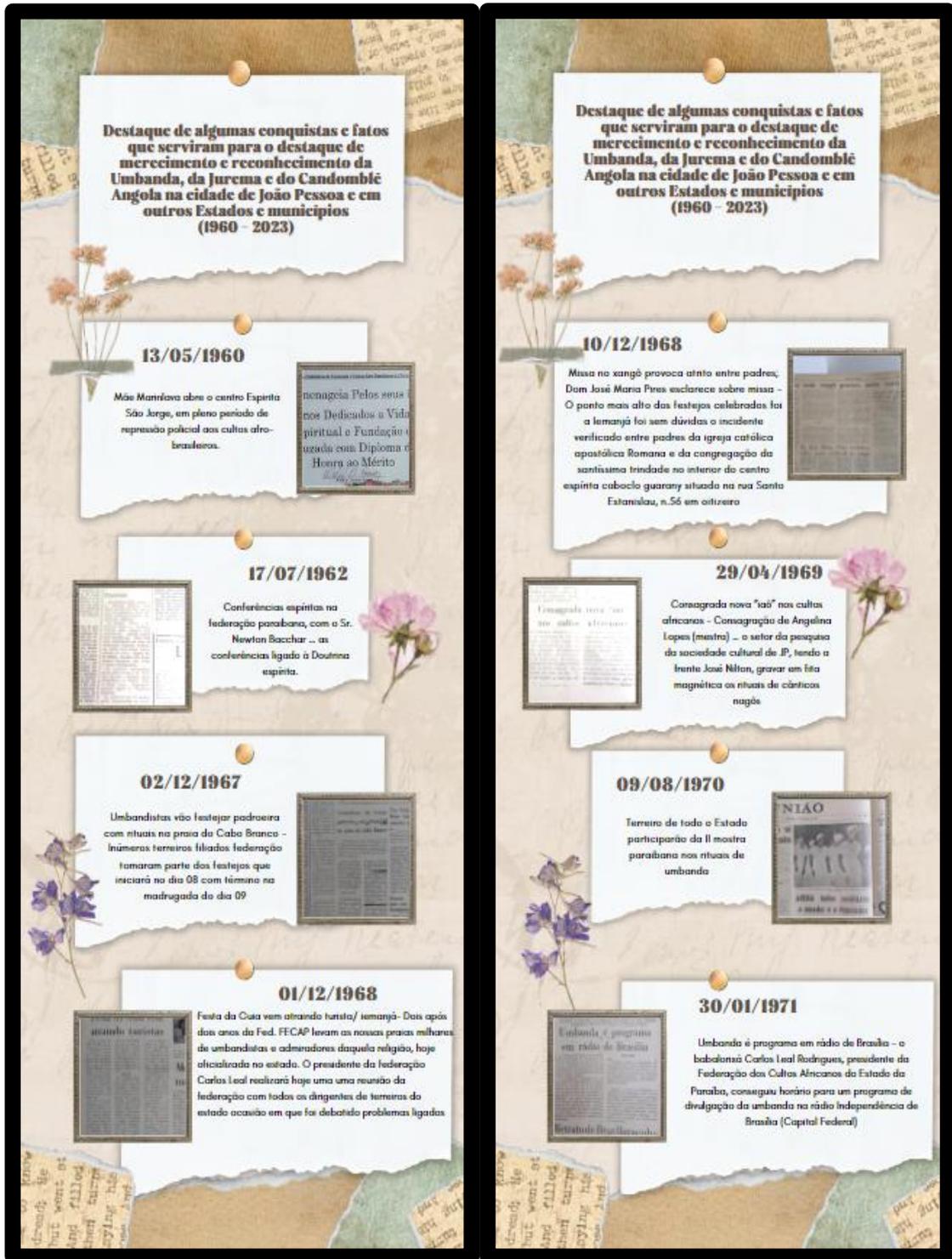
Para reconhecermos essa força que teve o Sr. Carlos Leal, chamado por Mestre Carlos, destacamos outras conquistas e fatos, além dos já mencionados, que serviram para o destaque do merecimento e do reconhecimento da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na cidade de João Pessoa e em outros estados e municípios.

Sendo assim, expomos, na Figura 51, alguns fatos, acontecimentos, descobertas entre 1960 a 2023, em João Pessoa, e inserimos também outros

acontecimentos que poderão servir de motivação a quem deseja conhecer sobre situações ocorridas, sem que tenham sido expostos em notas de jornais. Consulte-se hemeroteca em (Apêndice F)⁸⁶.

⁸⁶ Essa coleta se deu a partir dos dados nas notas dos jornais: A União, O Norte, Jornal da Paraíba entre outros. A escrita encontra-se conforme descrito em cada recorte.

Figura 51 – Fatos, acontecimentos, conquistas e descobertas (1960 - 2023)



Destaque de algumas conquistas e fatos que serviram para o destaque de merecimento e reconhecimento da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na cidade de João Pessoa e em outros Estados e municípios (1960 - 2023)

18/09/1971

Os rituais de umbanda serão repetidos a partir de 10 de outubro, em CC, no teatro Municipal Severino Cabral

10/12/1971

Iemanjá parou Tambá reunindo 30 mil pessoas e 876 fêmeas - transe e política; uma característica das festas de Iemanjá WOODSTOCK TROPICAL na sua versão 71

14/01/1972

Fernando é secretário da umbanda - Fernando é secretário da Umbanda - o prof. e jornalista ao assumir o cargo de primeiro secretário da fed. dos cultos africanos, do est. da Pb declarou estar pronto para trabalhar em prol do engrandecimento da umbanda em nosso estado "há muito tempo sou admirador desta religião e até mesmo historiador do culto"

27/01/1972

Umbanda se reúne em Guarabira - o babalorixá Carlos Leal presidiu uma reunião para tratar de assuntos referentes a inauguração da II escola umbandista do estado a ser fundada naquela cidade com apoio do deputado Álvaro Caudêncio, que é procurador da federação

Destaque de algumas conquistas e fatos que serviram para o destaque de merecimento e reconhecimento da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na cidade de João Pessoa e em outros Estados e municípios (1960 - 2023)

02/02/1972

Ernan encaminhou ao secretário do interior manifesto de umbanda - atendendo a solicitação do presidente Carlos Leal, o governador Ernan Sáhyo encaminhou ao secretário do interior e justiça, sr. Francisco Soares para que tomasse providências no sentido de proibir a interferência de pequenas autoridades nos terrenos de umbanda do interior do estado, que desrespeitam a lei e a própria liberdade religiosa assegurada pelas Constituições Estadual e Federal

20/01/1973

Leal ficou irritado com escritura de fazer funcionar nesta capital um "moderníssimo escritório comercial de umbanda" foi o que mais irritou o babalorixá Carlos Leal Rodrigues que interpreta tal organização com finalidades de lucro e não sentido religiosos

31/01/1974

Umbanda paraibana vai ao sul para encontro de "terreiros" - o babalorixá Carlos Leal Rodrigues confirmou sua participação no Encontro de Umbanda Nacional a ser realizado em Porto Alegre, "Zé Pilétra - Mitologia da Pb" é o tema do trabalho que será apresentado

03/08/1975

Turistas verão culto de umbanda - o sr. John Paul Dwyer e sua senhora Rosa Veloso Dwyer acompanhados do sociólogo jornalista e demagogos autoridades irão assistir o culto invocando das mestres da umbanda

Destaque de algumas conquistas e fatos que serviram para o destaque de merecimento e reconhecimento da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na cidade de João Pessoa e em outros Estados e municípios (1960 - 2023)

06/12/1975

Cruzada - ao lado das festividades haverá uma a parte a que será desenvolvido pela cruzada Espírita Umbandista Afro Brasileira da PB entidade desvinculada da Federação dos cultos africanos, há cerca de dois anos, depois de uma série de desentendimento

25/07/1976

Umbanda : o mistério na era da tecnologia - antigamente a umbanda e o candomblé eram considerados apenas como caso de polícia e quando se tinha notícia de um terrível era porque o assunto estava ligado a coçaçapada, orgas, bananas, etc.

18/03/1977

Lançado há pouco menos de um mês, quando isai Augusta colocou o tabuleiro na rua e a açorajé iguaria exótica e hoje em frente ao Paraíba Palace

26/08/1978

Babalansá viajou antes para o Rio - com finalidade de participar do II Encontro Nacional de Umbandas.

Destaque de algumas conquistas e fatos que serviram para o destaque de merecimento e reconhecimento da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na cidade de João Pessoa e em outros Estados e municípios (1960 - 2023)

19/11/1978

Grupo juleca encerra nova peça teatral - a terceira apresentação da peça Cemitério das Juremas

02/10/1979

Carlos Leal pediu a Figueiredo que tornasse oficial a umbanda - o presidente enviou um memorial ao presidente João Baptista de Figueiredo pedindo o reconhecimento a nível nacional e em termos oficiais, por parte do governo federal do funcionamento da religião umbandista no país bem como do conselho nacional deliberativo (CONDU)

28/02/1980

Os atabaques param. Morre Mãe Naninha, Iágrimas e desmaios no enterro de Mãe Naninha.

18/11/1981

Curso de Cultura Negra tem 50 inscitos - professores e estudantes de segundo grau e universitários, além de jornalistas e profissionais liberais já se encontram inscitos para o I Seminário de Cultura Afro Negra no IHCP

Destaque de algumas conquistas e fatos que serviram para o destaque de merecimento e reconhecimento da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na cidade de João Pessoa e em outros Estados e municípios (1960 - 2023)

10/12/1981

lemanjá é reverenciada por 30 mil - mais de 200 temerás de umbanda de JP e municípios do interior e até de outros estados participaram. Um incidente ocorreu em três tábuas do piso do palanque que se ruíram. Ocorreu porque o palanque recebeu um público excessivo.

01/01/1984

Uma música em ascensão - o umbanda continua sendo uma religião mística, desconhecida em profundidade pela maioria das pessoas. Professadas por alguns e criticada por outros. Texto: Ciza Viega

08/12/1982

lemanjá fecha postos e bancos

09/02/1983

Museu de artes vai promover exposição sobre sexta de Xangô - promoção do Instituto Coethe e museu de artes com o apoio da consúlia da Alemanha em Recife

01/01/1984

01/01/1984

Pai Dudu prevê um ano proposto é criativo e garante que haverá mais diálogo entre as pessoas.

23/03/1985

Umbanda toma posse diretoria da federação - a solenidade foi presidida pelo grão mestre de honra das lojas maçônicas do estado da PB Leopoldo Pereira Lima

02/12/1987

Pb-Tur já definiu programação para a festa de lemanjá

07/12/1988

Festa de lemanjá será comemorada amanhã em Tambau - FECAP garante uma programação especial com alvarado do despertar de lemanjá. O presidente Valter Pereira montará um palanque junto ao busto do almirante Tamandaré. Quando o antecessor do atual presidente da federação, Carlos Leal, a festa era realizada na praça de Cabo Branco em frente a residência do governador JA

Destaque de algumas conquistas e fatos que serviram para o destaque de merecimento e reconhecimento da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na cidade de João Pessoa e em outros Estados e municípios (1960 - 2023)

03/03/1989
Falecimento de Mãe Beata 

29/03/2019
Dissertação defendida por Tadeu Rêna Valente intitulada: Pitadas afro-indígenas: a Cozinha de Santo de Mãe Rita Preta como lugar de memória no programa de Pós-graduação na Ciência da Informação 

13/05/2010
Mãe Marinalva celebra 50 anos de casa aberta 

13/05/2020
Mãe Marinalva celebra os 60 anos de casa aberta sem festejar pois todos os temerosos poram devido a pandemia 

07/12/2013
Geovanni Boas escreve o livro intitulado: *Missão do bem - Minha história, minha vida - Marinalva Anêlia da Silva.* 

30/11/2021
Tese defendida por Carla Maria de Almeida intitulada: *Entre o cachimbo e a fumaça: um estudo das memórias na cultura material da Jurema no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar* no programa de Pós-graduação na Ciência da Informação 

16/03/2017
Dissertação de Carla Maria De Almeida intitulada: *Abrem as portas da ciência para os mestres e as mestras passarem: a resignificação da Jurema no Aterro José Seneão Leal* no programa de Pós-graduação na Ciência da Informação. 

2023
Dissertação de Karina Ceci de Souza Holmes no programa de Pós-graduação na Ciência da Informação. 

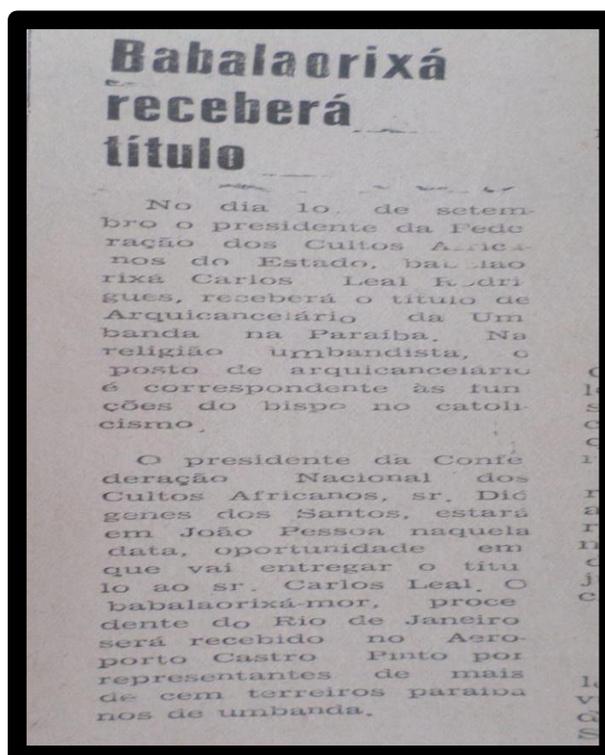
ENTRE OUTROS...

Fonte: Dados da pesquisa, 2022

Diante de tantos feitos, lutas e conquista em defesa da liberdade religiosa das religiões afro-indígenas brasileiras, muitas dessas lutas tiveram o Sr. Carlos Leal Rodrigues à frente. Podemos, então, dizer que Carlos Leal Rodrigues teve a Umbanda e a Jurema como sua vida e teve reconhecimento durante seu tempo à frente da Federação.

O Arquicancelário foi reconhecido por muitos devido aos seus esforços, lutas e anos de dedicação à religião afro-indígena brasileira. E, observando todo seu esforço, dá a entender que ele desejava: que não só a Paraíba, mas o mundo conhecesse a Umbanda e a Jurema como tradições religiosas que têm seus usos e costumes como qualquer outra tradição. O Sr. Carlos Leal teve seu reconhecimento não só local, mas nacionalmente como apresenta o recorte de jornal A União comunicando que: *O título de Arquicancelário da Umbanda na Paraíba, recebido no dia 01 de setembro de 1971, e na religião umbandista, o posto de Arquicancelário é correspondente às funções do bispo no catolicismo e quem fez a entrega foi o Presidente da Confederação Nacional dos Cultos Africanos, o babalorixá - Mor Diógenes dos Santos, como destaca o recorte constante da Figura 52.*

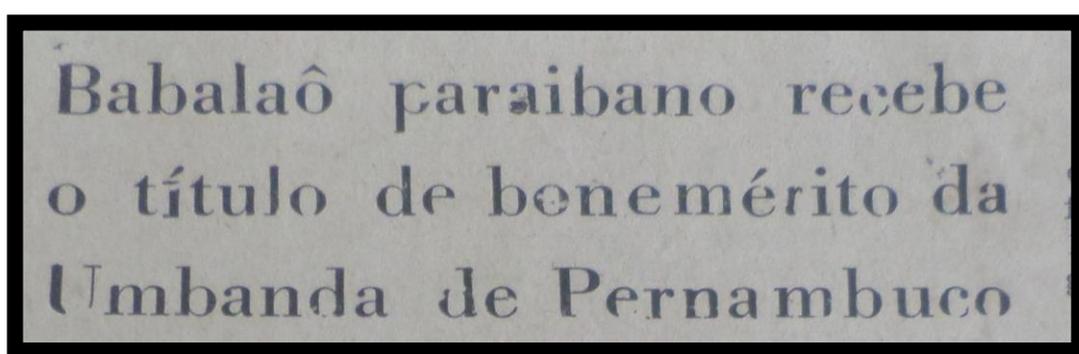
Figura 52 – Reportagem - "Babalorixá receberá título"- Jornal A União (25 de agosto de 1971)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Carlos Leal recebe, no mesmo ano, o título de benemérito da Umbanda de Pernambuco - no ginásio da sede Senac de Recife. O Sr. Diógenes dos Santos destacou que, no Brasil, nos estados da Paraíba e de Pernambuco, a Umbanda vem sendo compreendida por parte significativa dos habitantes, fazendo com que a religião adquirisse uma maior evolução. No decorrer de sua vivência conosco, Carlos Leal lutou para que essa evolução se expandisse e que outras compreensões ocorressem. A Figura 53 mostra o recorte do Jornal A União onde fala do título dado a Carlos Leal.

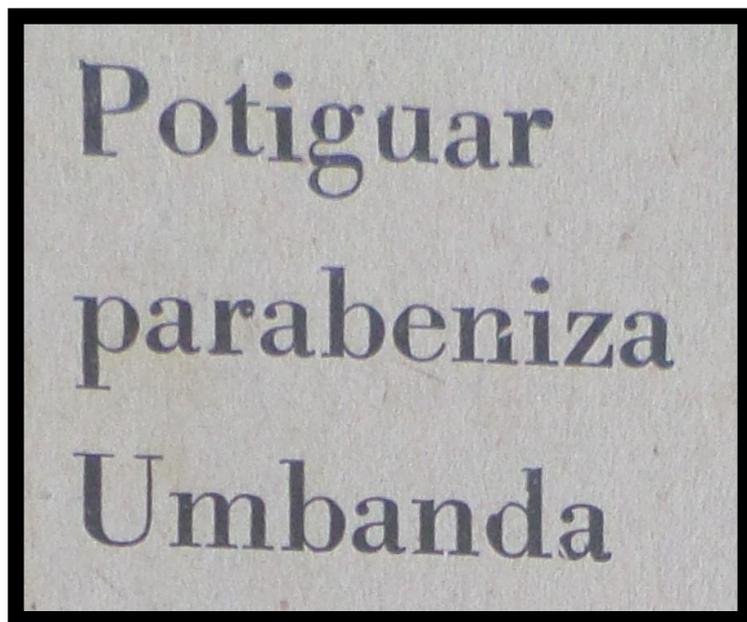
Figura 53 – Reportagem - "Babalaô paraibano recebe o título de benemérito da Umbanda de Pernambuco"- Jornal A União (07 de setembro de 1971)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Posteriormente, o babalorixá recebeu do seu colega Potiguar um ofício do Rio Grande do Norte, parabenizando-o pelo êxito da festa de Iemanjá. O presidente da Federação norte-rio-grandense solicitou ao babalorixá Carlos Leal Rodrigues que participasse como convidado de honra dos festejos umbandistas de terreiros de Umbanda do Rio Grande do Norte e que, na sua viagem, levasse a bandeira da Paraíba e diversos guias turísticos para distribuição com os "filhos de fé". A união entre os umbandistas é bem presente nesses momentos e o reconhecimento por toda dedicação à Umbanda e à Jurema Sagrada. A Figura 54 mostra a reportagem que o Potiguar parabeniza a Umbanda através do reconhecimento do umbandista Carlos Leal.

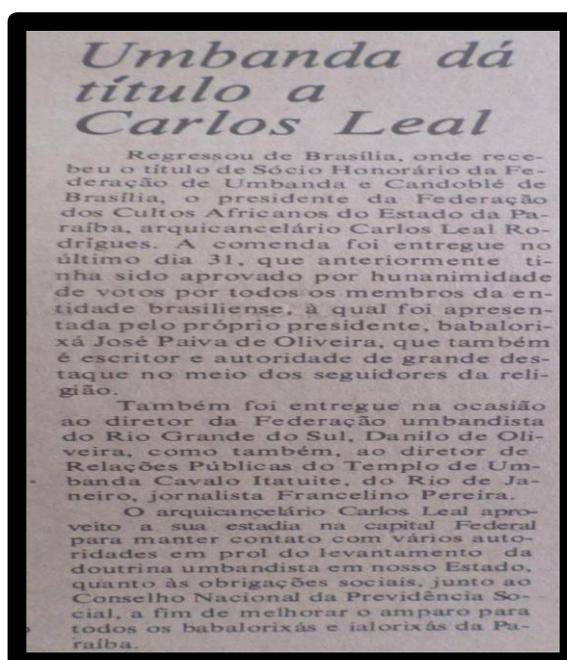
Figura 54 – Reportagem - "Potiguar parabeniza Umbanda"- Jornal A União (18 de dezembro de 1971)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Em 1978, Carlos Leal recebeu o título de sócio honorário da Federação de Umbanda e Candomblé de Brasília, aprovado por unanimidade de votos por todos os membros da entidade brasileira, apresentada pelo babalorixá José Paiva de Oliveira, que também é escritor e autoridade de grande destaque no meio dos seguidores da religião, como retrata a Figura 55.

Figura 55 – Reportagem - "Umbanda dá título à Carlos Leal"- Jornal A União (04 de janeiro de 1978)



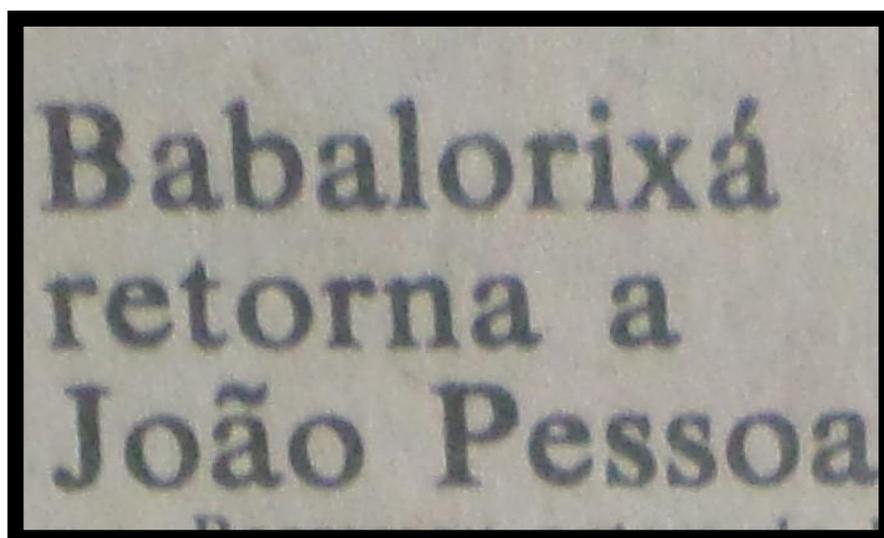
Fonte: Acervo IHGP, 2022

O Arquicancelário Carlos Leal aproveitou para mandar contato de várias autoridades em prol do levantamento da doutrina umbandista em nosso estado quanto às obrigações sociais, junto ao Conselho Nacional da Previdência Social, a fim de melhorar o amparo para todos dos babalorixás e ialorixás da Paraíba. Logo se vê a preocupação do Arquicancelário quando busca os direitos perante à lei da previdência social para que os sacerdotes pudessem ter seus benefícios, visto que muitos sacerdotes sobrevivem da religião, através de trabalhos espirituais, jogos de búzios e cartas, pois a Umbanda é caridade.

Ao nosso pensar, não achamos correto que haja cobranças, mas também sabemos que nada se faz de graça. Dessa forma, cada um dá aquilo que pode, agradam com quantias em dinheiro, joias, materiais de construção, isso vai depender das condições de cada um, como também são realizados trabalhos sem que haja pagamento algum.

Ainda em 1978, Carlos Leal vai ao Rio de Janeiro para receber o título de Embaixador da Nação Jurema no Brasil e realizar comunicação como membro efetivo do Supremo Conselho Sacerdotal dos Cultos de Umbanda e Nações Africanos. O título de embaixador e a carta patente foram conferidos pela sociedade Iorubana Teológica de Cultura Afro-Brasileira. A Figura 56 detalha a ida e o retorno de Carlos Leal ao Rio de Janeiro para receber o título de embaixador.

Figura 56 – Reportagem - "Babalorixá retorna a João Pessoa"- Jornal A União (09 de junho de 1978)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Em 20 de setembro de 1981, em um grave acidente automobilístico, na BR 230 às 20h, morre, aos 53 anos o presidente que dirigiu por 17 anos, desde 1964, a Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba, o “Arquicancelário” quem podemos definir como lutador, defensor da Umbanda e da Jurema, ainda, chamá-lo de Eterno Carlos Leal.

A luta de Carlos Leal - foi um trabalho muito grande aqui na Paraíba, foi um trabalho muito bem-feito, porque ele tinha o prazer de trabalhar para o santo, ele não olhava quem, ele visitava, ele chamava, ele doutrinava foi um trabalho muito árduo pra ele. Mas ele sentia prazer de fazer as festas não só de Iemanjá que já estava no calendário turístico e a festa de Oxum que também fazia parte que era lá no antigo Rio Gramame uma festa muito bonita com vários terreiros vindo de Campina Grande, Santa Rita, dos interiores todinho pra festa de Oxum. Era uma festa muito bonita e tudo isso foi trabalho dele. Trabalho muito honrado, com muita fé, com muita força, ele sentia prazer, passava da hora de dormir, de comer empenhado com o santo (Mãe Ceíça, 2022 - informação oral)⁸⁷.

Com o falecimento de Carlos Leal, é decretado que todos os templos em respeito ao Arquicancelário permanecessem em luto durante trinta dias como é determinado na época e publicado no Jornal para informar a sociedade o falecimento do Carlos Leal o “Mestre Carlos”. A Figura 57 retrata esse acontecimento.

⁸⁷ Live realizada por Mãe Ceíça, viúva do Sr. Carlos Leal Rodrigues, no dia 08 de dezembro de 2020 - Memória da Festa de Iemanjá na Paraíba.

Figura 57 – Reportagem - "Templos ficaram em luto durante trinta dias"- Jornal A União (23 de setembro de 1981)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

(A União) - O Presidente da Secretária da Federação dos Cultos Africanos da Paraíba, em Sousa, senhor José Martins dos Santos, distribuiu nota oficial Suspendendo as atividades dos Templos filiados à Secretaria, pelo período de trinta dias, em razão do desaparecimento do babalorixá Carlos Leal Rodrigues. Como prova do grande respeito e admiração que todos têm com o Babalorixá, a Secretaria mandou colocar os Templos uma Faixa Branca, lembrando as suas pregações sempre em torno da paz, em todo o Estado da Paraíba.

Após sua passagem⁸⁸ para o *Orum*⁸⁹, a Federação teve como substituto o Sr. Emídio do Oriente e outros que vierem a sucedê-lo. As suas lutas não poderiam ficar no esquecimento, mas lembradas pela memória de quem está presente e pode fornecer, através das lembranças, recordações sobre tantos episódios que, se não forem movidos aos registros, ficam para sempre nas boas e velhas lembranças.

⁸⁸ Passagem - na Umbanda significa quando a pessoa morre, se transporta do mundo material para o mundo espiritual.

⁸⁹ *Orum* - palavra de origem iorubá (*Orum*) que define o céu ou o campo espiritual.



*CULT OF THE ORIXÁS: a conversation of faith: Ewé Ó,
Ossanhã!*

*Registro de Mãe Beata com as crianças em uma festa dedicada a São
Cosme e São Damião. Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]*

4 CULTO AOS ORIXÁS: uma conversa de fé: *Ewé Ó, Ossanhã!*⁹⁰

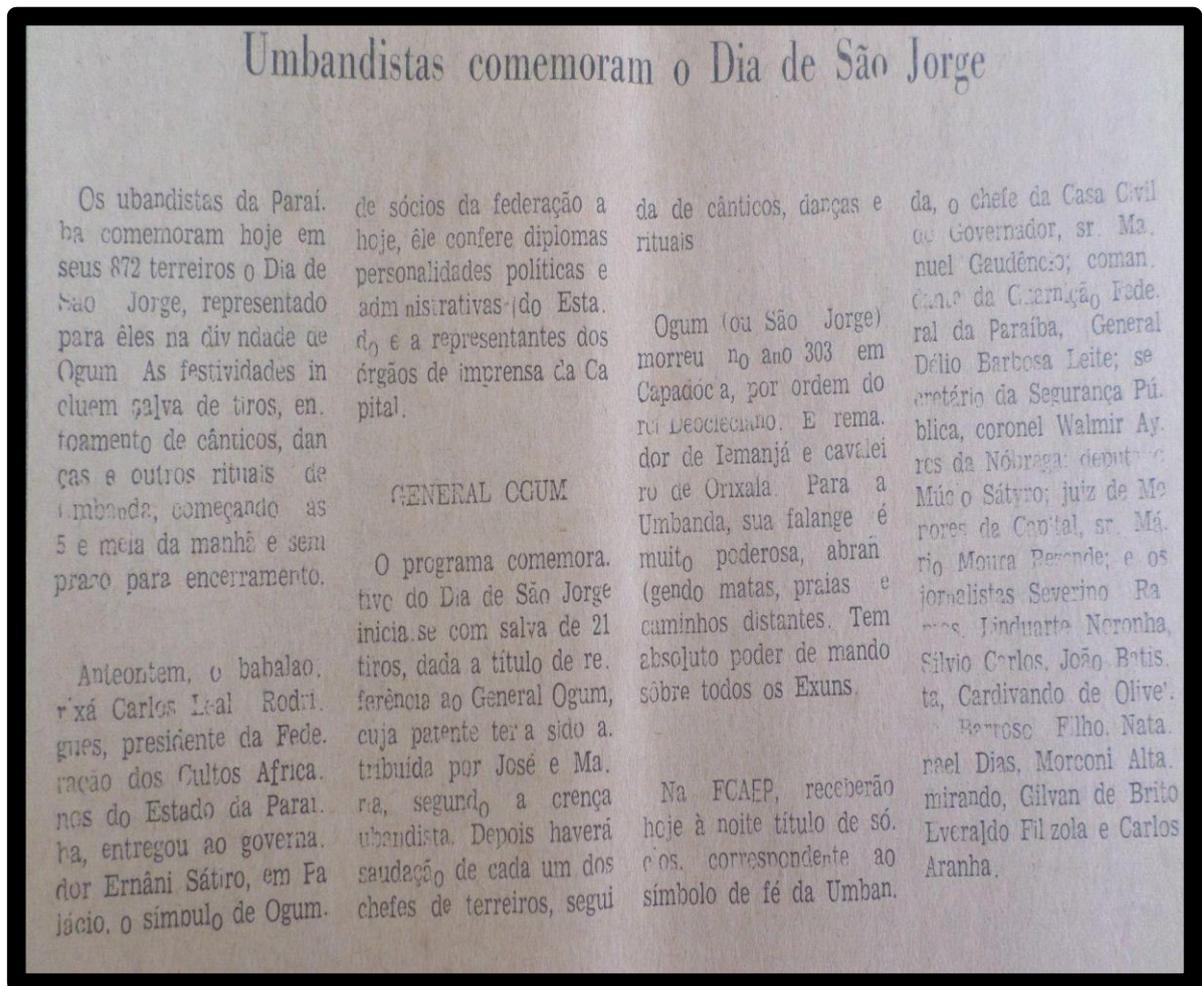
Nas matas virgens
 O sol já raiou
 Ossanhã apanha as folhas
 Que Oxóssi juntou
 Ele juntou pra que
 Para cobrir o ori do filho deste ilê

Srazer o orixá *Ossanhã* a este capítulo é pensar no senhor tempo, no balançar das folhas, no poder de sentir a sensação de estar livre como um pássaro a voar. Aprendemos que *Ossanhã* é o orixá do tempo, das plantas e tem o poder da cura pelas folhas e ervas. Diz a lenda que *Ossanhã* habita nas florestas, a cor que representa esse orixá são as cores verde e branca, prevalecendo mais a cor verde. Sua ferramenta contém sete lanças e um pássaro que representa o poder da floresta. Seu dia é a quinta-feira. Pode-se oferecer milho verde, mel, entre outros, mas, deixamos esclarecido, que cada orixá tem as suas particularidades, importante é que toda a oferenda seja preparada e orientada por um zelador religioso. E assim como *Ossanhã* são as celebrações realizadas para se cultuar os orixás, elas sobrevivem ao tempo e, no momento de celebrações, os praticantes sentem a sensação de liberdade.

As celebrações umbandistas nas décadas de 1960, 1970 e 1980 fizeram parte do calendário turístico oficial da Paraíba, criado pela Empresa Paraibana de Turismo S/A (PBTur), contendo festividades em homenagens aos orixás Ogum, Xangô, Oxum, Cosme e Damião e Iemanjá. De antemão, já captamos o que a Umbanda realizava no estado, assim como são externadas nas reportagens em notas dos jornais. Uma delas está exposta na Figura 58, que dá destaque à festa dedicada ao orixá Ogum, considerado o padroeiro do Brasil e o deus da Umbanda, que é realizada no dia 24 de abril. Era comemorado com salvas de 21 tiros, começando às 5h30min da manhã e sem prazo para encerramentos. Todos com sua fé festejavam e pediam proteção.

⁹⁰ *Ewé Ó, Ossanhã* – saudação a *Ossanhã* significa Salve as folhas! Existem outras variações dessa saudação e denominações além de *Ossanhã*.

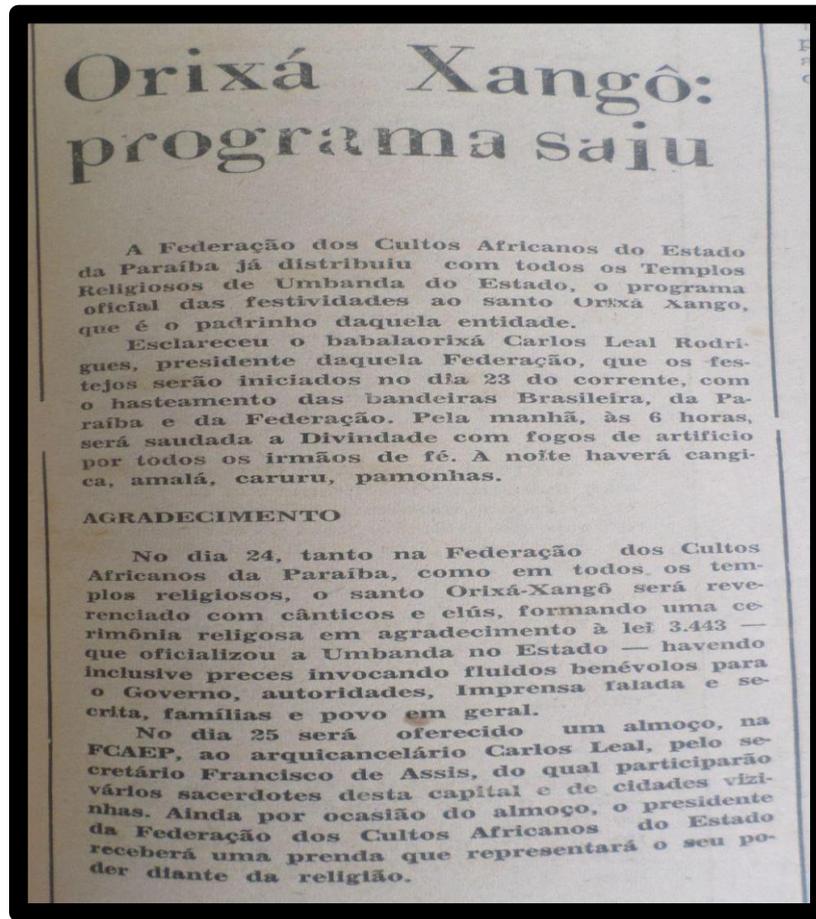
Figura 58 – Reportagem - "Umbandistas comemoram do Dia de São Jorge"- Jornal A União (23 de abril de 1971)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Comemora-se o orixá Xangô, considerado o padrinho da FECAP, no dia 24 de junho. Assim descreve a Figura 59.

Figura 59 – Reportagem - "Orixá xangô: programa saiu"- Jornal A União (21 de junho de 1972)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Em seguida, no mês de julho, comemoramos o orixá Oxum, as festas eram realizadas no rio Gramame ao lado da ponte velha, onde aconteciam as giras com cânticos e entregas de oferendas como perfumes, flores ofertadas à deusa dos rios.

A Figura 60 retrata o ponto do rio Gramame em estado atual (2023).

Figura 60 – Imagem da ponte no Rio Gramame, onde era celebrada a festa para o Orixá Oxum

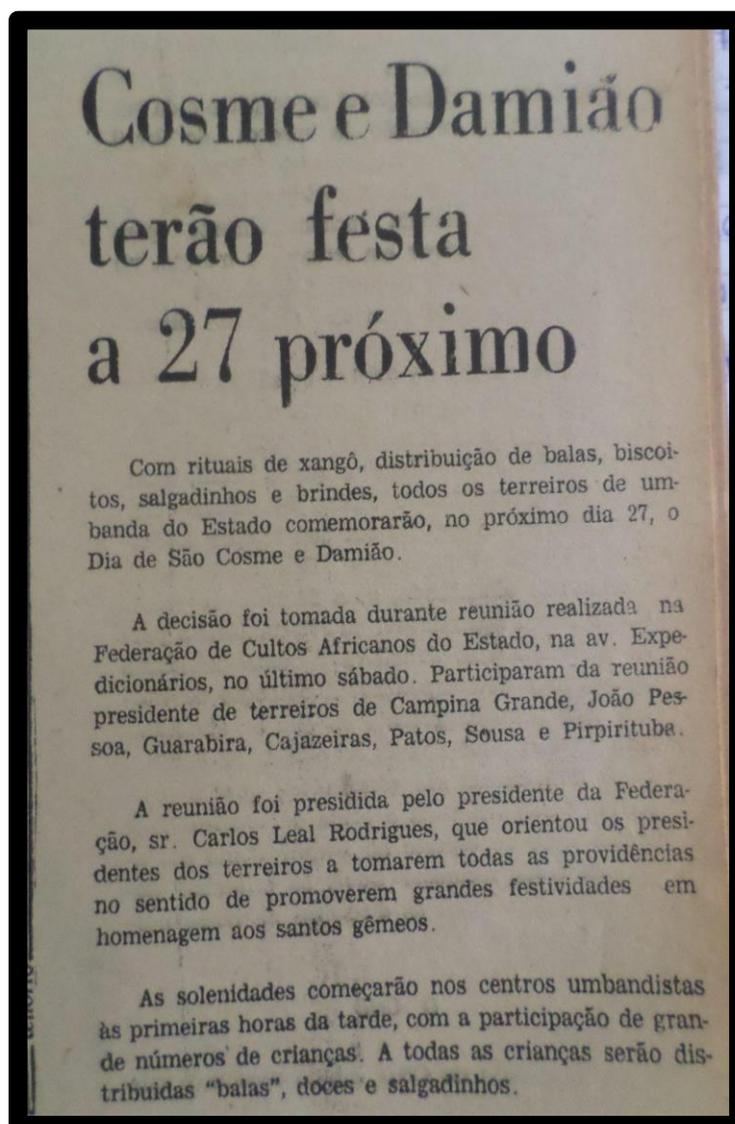


Fonte: Acervo pessoal de Marcos Leal Rodrigues, 2023

No que se refere aos santos orixás Cosme e Damião, são celebrados no dia 27 de setembro e, nas festas, reuniam-se várias crianças para comemorar a festa dos *eres*⁹¹ com entrega de doces e presentes. As festas atraíam e atraem não apenas os praticantes religiosos, mas a população de modo geral. As festas acontecem nos terreiros, e as festas que ocorreram nas décadas em destaque eram sempre divulgadas nos jornais locais como bem mostra a Figura 61.

⁹¹ *Eres* - são divindades infantis, crianças.

Figura 61 – Reportagem - "Cosme e Damião terão festa a 27 próximo"-
Jornal A União (19 de setembro de 1974)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

A Figura 62 mostra a casa de Mãe Beata no dia de festa em homenagem aos orixás que são considerados crianças na Umbanda. Nesse espaço festivo é dito às crianças presentes a história dos orixás Cosme e Damião. É um momento de ensinar não só as crianças praticantes, mas aquelas que vieram participar e ganhar os doces e os presentes. Aprendizagem também para os adultos porque, em muitos momentos, só se aprende praticando, ouvindo e olhando como faz os mais velhos na religião.

Figura 62 – Mãe Eurídice explicando às crianças sobre os orixás Cosme e Damião



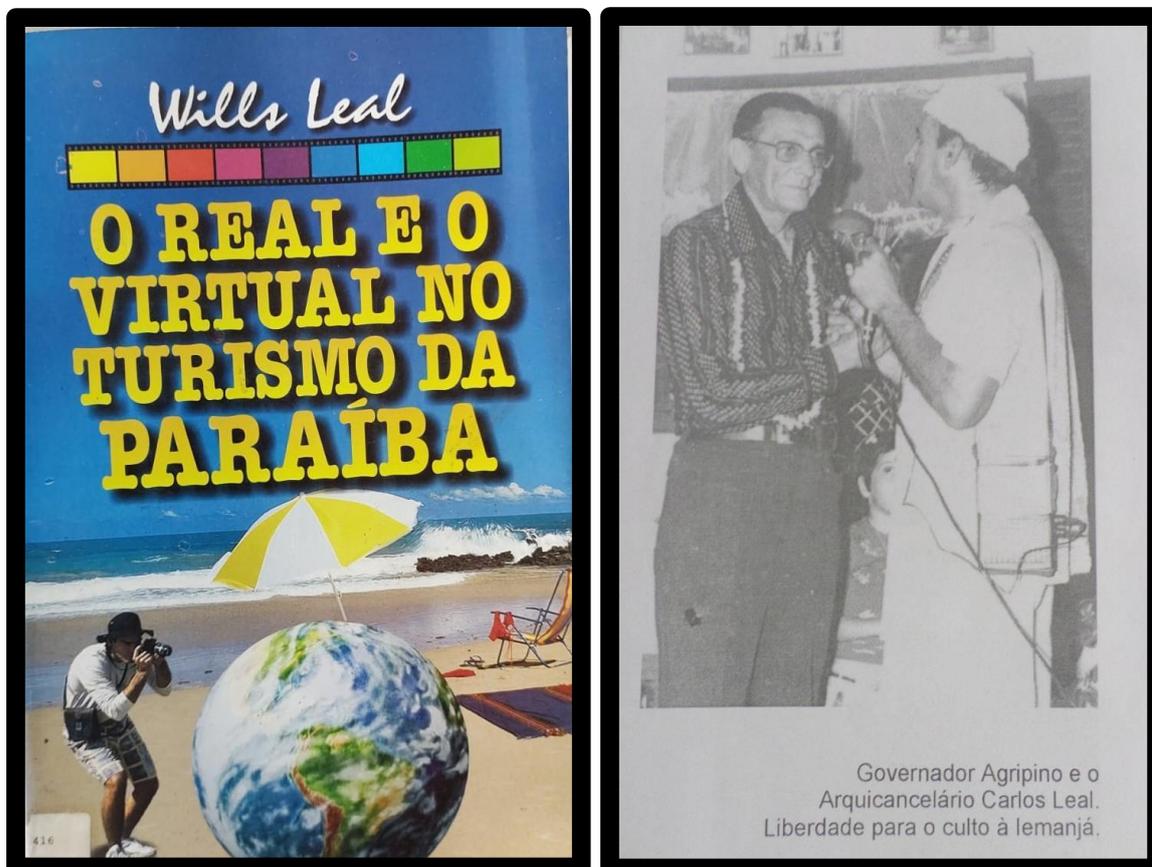
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

O dia da Mãe Iemanjá é festejado e celebrada em 08 de dezembro, pelos umbandistas. Os umbandistas celebravam e celebram a conquista da Lei n.3343 que dá direito a todos os cultos do estado a exercerem as manifestações de Umbanda. Essa Lei foi sancionada pelo governador João Agripino que recebeu grandes homenagens, além de todos os governadores que o sucederam. As festas foram realizadas a partir deste feito em louvor à Grande Mãe a “Mãe Iemanjá”, conhecida no sincretismo religioso como Nossa Senhora da Conceição. A festa era realizada em frente à casa do ex-governador João Agripino, na praia do Cabo Branco, com palanques montados. Era um momento de muita harmonia, quando se reuniam muitos terreiros de diversos estados e várias autoridades da época. Havia sempre homenagens para saudar o governador João Agripino e, mesmo depois de seu mandato, ocorreram homenagens tanto a ele quanto a seus sucessores e autoridades que se faziam presente. Hoje (2023) essas homenagens não acontecem como antes.

A Figura 63 expõe o livro de Leal Wills (2001), intitulado “O real e o virtual no

turismo da Paraíba”⁹², que mostra o encontro do governador João Agripino com o Sr. Carlos Leal para falar sobre a liberdade do culto à lemanjá.

Figura 63 – João Agripino e o presidente da Federação Espírita Paraibana Carlos Leal Rodrigues



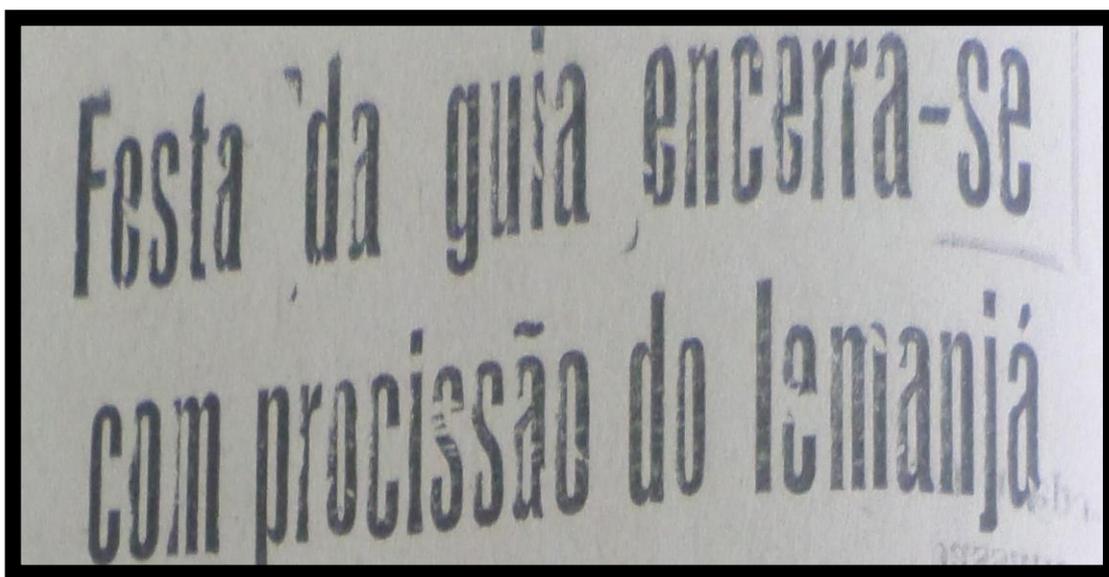
Fonte: Acervo IHGP, 2022

O Arquicancelário Carlos Leal sempre se reunia com os praticantes das religiões afro-indígenas brasileiras na Federação para organizar e definir com outros pais e mães de santo o direcionamento da festa de lemanjá, festejada pelos cultos africanos da Federação. A Federação era um espaço onde se realizavam palestras, giras, almoços, jantares e reuniões na intenção de agregar ideias e sugestões. Nesses momentos, eram elaborados programas de comemorações que eram distribuídos para a imprensa, iniciando a festa de lemanjá com alvorada às 6h da manhã, a saída do cortejo, às 18h, da sede da Federação, na Avenida Expedicionário.

⁹² O livro traz destaque sobre o turismo cultural e religioso, dando destaque à cidade da Jurema, a festa de lemanjá, entre outras.

A festa de lemanjá chegou a reunir em um só dia mais de 800 terreiros de Umbanda e muito mais de 3 mil umbandistas na praia do Cabo Branco. Essa grande manifestação religiosa chegou a se propagar com a Festa da Guia que é encerrada com a procissão de lemanjá como mostra a Figura 64.

Figura 64 – Reportagem - Dando ênfase a festa da Guia - Jornal A União (07 de dezembro de 1969)



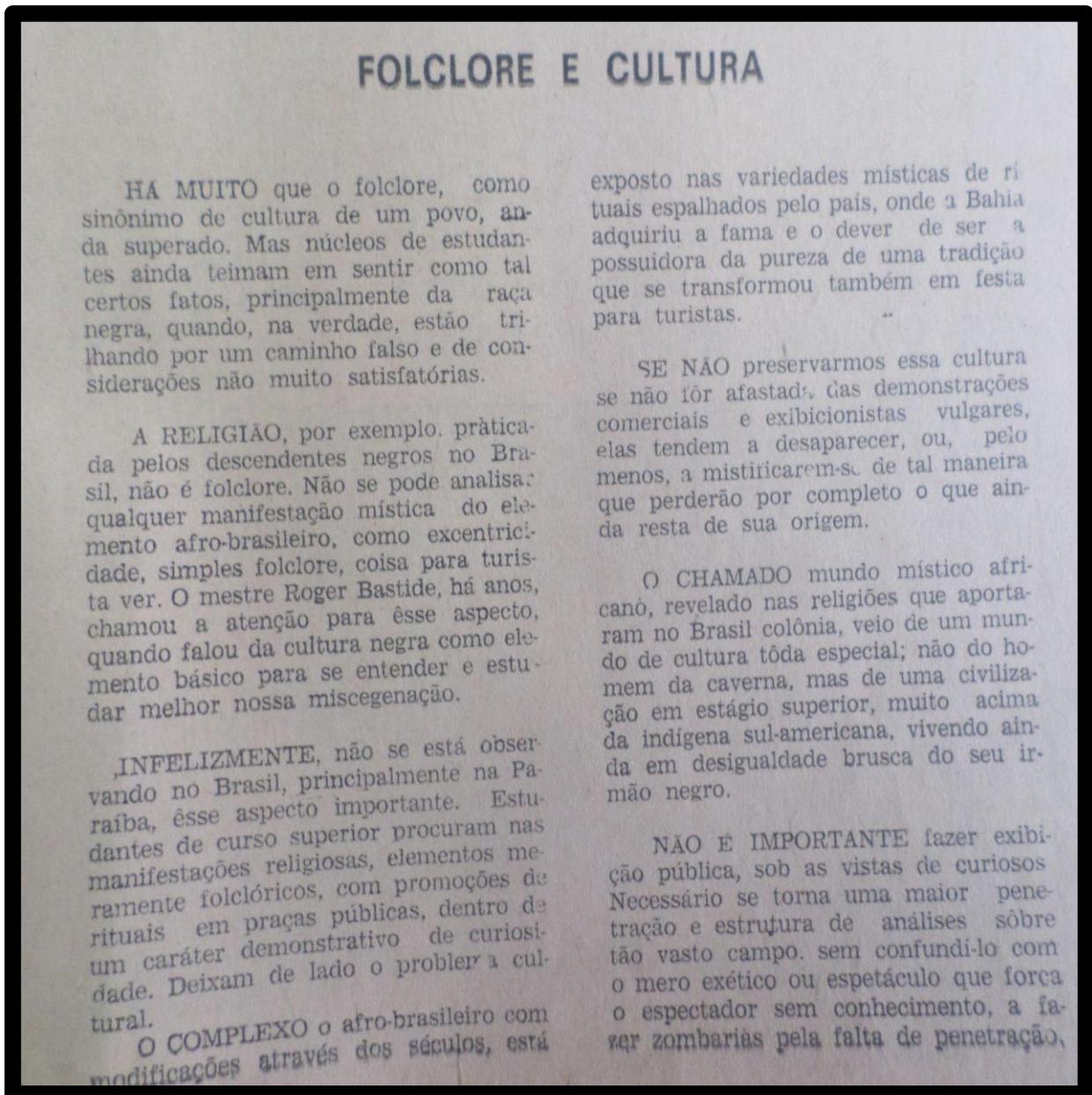
Fonte: Acervo IHGP, 2022

Com a festa, a rainha do mar não só atraía os pessoenses, mas adeptos e curiosos de todo o mundo. Por isso, essa festa era marcada no calendário turístico, afirmando o nosso dia 08 de dezembro considerado o dia de uma das maiores festas culturais do estado. O Mestre Roger Bastide⁹³ há anos havia chamado atenção para esse aspecto da cultura negra como elemento básico para se entender e estudar melhor nossa miscigenação. No entanto, infelizmente esse aspecto não está sendo observado no Brasil, principalmente na Paraíba. Estudantes de cursos superiores procuram, nas manifestações religiosas, elementos meramente folclóricos. Além disso, o olhar deles não dá destaque para pensar que as manifestações religiosas não devam ser observadas somente como elementos considerados folclóricos para atrair turistas, mas também como manifestações de celebração, agradecimento diante da

⁹³ Professor da Universidade de São Paulo.

fé. Roger Bastide em 1969 faz um questionamento importante sobre o folclore e a cultura exposta na Figura 65.

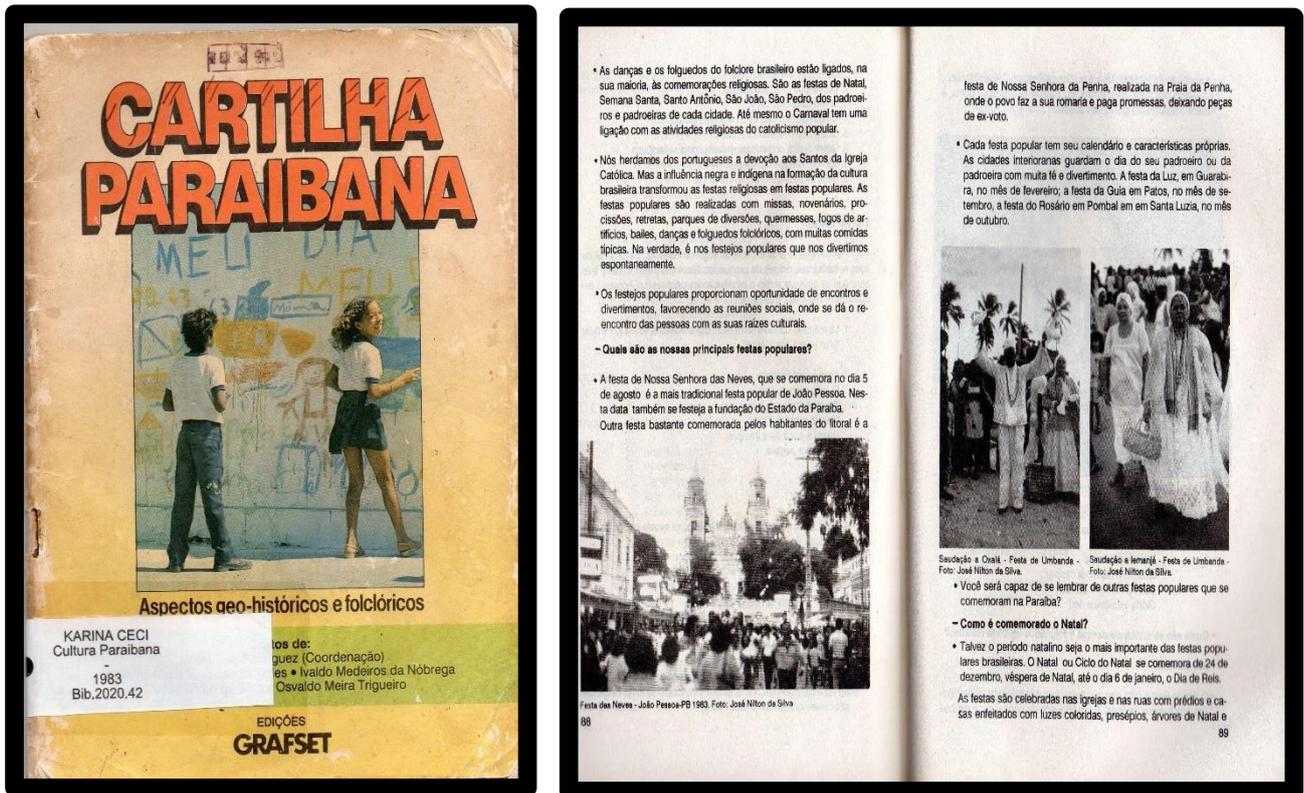
Figura 65 – Reportagem - “Folclore e Cultura” - Jornal A União (02 de julho de 1969)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

A festa de Iemanjá foi registrada na Cartilha Paraibana, conforme a Figura 66, como festa popular que traz o registro de Pai João e Mãe Beata.

Figura 66 – Pai João na praia saudando Oxalá e Mãe Beata saudando Iemanjá (1983)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 1992

Em uma das celebrações para Iemanjá, registrada no I Jornal da Umbanda, diz que o dia 08 de dezembro pode ser considerado o maior espetáculo de cunho folclórico-religioso de João Pessoa e da Paraíba, além de ser um dos maiores de todo o país. A Figura 67 exibe o comunicado sobre a festa no primeiro Jornal da Umbanda na Paraíba.

Figura 67 – Divulgação de festa de Iemanjá no I Jornal da Umbanda na Paraíba (1977)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 199?

É interessante pensarmos que a religião praticada por descendentes negros no Brasil não seja meramente uma atividade de folclore, mas de marcos históricos e importantes como as histórias de vidas, de lutas, de resistência, de força, de fé, entre tantas outras atividades que são essenciais para o fortalecimento da fé. Destacamos também a importância das pesquisas em busca de entendimento e de conhecimento sobre as religiões excluídas por pessoas fechadas ao conhecimento.

O I Jornal da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba - "Umbanda no Lar" traz momentos de norteamo de conquistas difíceis para a época. Ele nos destaca as festas religiosas; os reconhecimentos obtidos; as conquistas tidas pela Federação presidida por Carlos Leal; traz o primeiro casamento da Umbanda com efeito civil; mostra a visita do ex-governador à Federação; mensagens do presidente da Federação Carlos Leal; a legislação da Umbanda na Paraíba; alguns segredos da Umbanda; templos de Umbanda filiados à Federação paraibana tanto de João Pessoa como de templos do interior do estado da Paraíba; Carlos Leal mostrando a cidade da Jurema e relatando a história da cidade da Jurema em Alhandra/PB; consagrações do Iaô no Templo de Umbanda Caboclo Andrade em Santa Rita; consagração de Rita Maria da Conceição; o ritual de consagração de Iaô no terreiro de Umbanda Oxum Jagurá em Campina Grande do babalorixá Manoel Rodrigues; o babalorixá Vicente Mariano do Templo de Umbanda Senhor do Bonfim

da cidade de Campina Grande, atuando com seu mestre Antônio Pretinho; Mestra Maria do Acais; visita do presidente da República Geisel à Paraíba; registro feito no fascículo 7, da revista *Tree of Knowledge*, tendo como editor Jonh Ruck, de responsabilidade da Editora Marshall Cavendish Ltda, impressa na Grã-Bretanha. Mãe Ceíça (informação oral)⁹⁴ diz que: *a BBC de Londres passou a semana gravando na Jurema e nos toques dos orixás [...] vieram para registrar a Jurema e de Iemanjá o fenômeno aqui.*

Nesse registro do Jornal Umbanda no Lar, encontra-se o Arquicancelário, suas/seus filhas/os de santo e Mãe Ceíça incorporada com Iemanjá. A Figura 68 presenteia esta pesquisa com o registro da capa do I Jornal da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba - “Umbanda no Lar”.

Figura 68 – Reportagem - "Enciclopédia britânica divulga a Rainha do Mar" - Jornal Umbanda no Lar Ano I - n. 01 - novembro de 1977



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 199?

⁹⁴ Live realizada por Mãe Ceíça viúva do Sr. Carlos Leal Rodrigues no dia 08 de dezembro de 2020 - Memória da Festa de Iemanjá na Paraíba.

O jornal revela ainda muitas outras informações que podem contemplar lacunas abertas e a memória nos presenteia com esse preenchimento nos possibilitando melhorar o entendimento.

A festa da Mãe Iemanjá tornou-se um grande evento, um dos maiores em determinados tempos e *com objetivo saudar a santa* (Mãe Ceíça, 2020, informação oral)⁹⁵. E vários terreiros faziam e continuam a fazer suas celebrações não tanto como era antes, com procissões que arrastavam milhares de pessoas e adeptos. O encontro na praia de Cabo Branco era imenso, chegando a fechar a avenida com tantas pessoas que vinham para assistir e até mesmo para fazer apresentações. Os terreiros vinham de outros estados para fazer as apresentações.

Mãe Ceíça (informação oral)⁹⁶,

Que a festa antigamente se iniciava às 5h da manhã com salva de fogos, 21 tiros ali na ponta do Cabo Branco não era no busto de Tamandaré. Era a abertura da manhã de festa com salva de 21 tiros preparado pelo Carlos Leal. Ele acordava todo mundo com aquela saudação a Iemanjá. E daí começava os trabalhos. [...] Carlos Leal convidava os gestores, prefeito, representante do prefeito, secretária de turismo, era uma festa muito bonita, organizada, preparada, eram 3 meses de preparação.

Hoje as festas já não ocorrem como antigamente, e a festa de Iemanjá já não acontece com tamanha vastidão. Nem a imagem de Iemanjá já não é vista, respeitada e valorizada como deve ser um patrimônio cultural. Isso ocorre claramente e visto a olhos nus devido a situação de precariedade que a mesma se encontra, danificada não pelo tempo, mas por ataques produzidos por pessoas intolerantes e preconceituosas.

E mesmo João Pessoa tendo essa explosão de fatos que dá uma vasta amplitude religiosa, o poder público tapa os olhos diante dessa realidade como se observar a imagem exposta na praia do Cabo Branco. A precariedade na estátua de Iemanjá exposta na Figura 69 é lamentável.

⁹⁵ Live realizada por Mãe Ceíça viúva do Sr. Carlos Leal Rodrigues no dia 08 de dezembro de 2020 - Memória da Festa de Iemanjá na Paraíba.

⁹⁶ Live realizada por Mãe Ceíça viúva do Sr. Carlos Leal Rodrigues no dia 08 de dezembro de 2020 - Memória da Festa de Iemanjá na Paraíba.

Figura 69 – Estátua de Iemanjá localizada na praia do Cabo Branco, orla de João Pessoa/PB (2022)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (29 de outubro de 2022)

Temos que considerar a força de religiosos que continuam na busca do deslocamento da estátua de Iemanjá para o local onde era celebrada a festa de Iemanjá em João Pessoa/PB e na luta para que a festa e a tradicional caminhada para Iemanjá, não seja esquecida e que continue com a sua magnitude. A Figura 70 nos mostra a divulgação feita por pais de santo que permanece com a tradição da festividade e da caminhada em João Pessoa.

Figura 70 – Encarte de divulgação da caminhada tradicional de Mãe Iemanjá (2022)



Fonte: https://www.instagram.com/babalorixa_pai_teddy_de_oya/
Acesso: 23 nov. 2022

A Figura 71 nos mostra uma outra divulgação da carreata, com saída de Cabedelo/PB, realizada pelos Fóruns Liberdade Religiosa da Paraíba e de Cabedelo com parcerias e apoio da Prefeitura de Cabedelo, Defensoria Pública do Estado da Paraíba, Federação Independente de Cultos Afro-brasileiros do Estado da Paraíba (FICAB/PB), Federação Paraibana de Tradições Afro-descendentes (FPTAD) e Comissão Especial de Liberdade Religiosa (OAB).

Figura 71 – Encarte de divulgação da carreata “Cortejo de Iemanjá” (2022)



Fonte: https://www.instagram.com/casabahia_jp/
Acesso: 07 dez. 2022

Novas comemorações adaptadas para a festa de Iemanjá, como a realização da coroação de Iemanjá no dia 07 de dezembro de 2022, anterior a seu dia, vem sendo realizada na véspera do dia de Iemanjá. A festa é organizada pelo Pai Elialdo de Iemanjá e o Babalorixá Wid de Oxum, com o apoio da Federação Paraibana de Tradições Afro-descendentes (FPTAD). A carreata já está em seu sexto ano e sai da zona sul de João Pessoa (bairro do Valentina de Figueiredo) ao encontro da tradicional Caminhada de Iemanjá (realizada desde a década de 1960), sob a organização do rei do Candomblé da Paraíba, Pai Gilberto, para juntos seguirem a orla marítima. A programação dia 07/12 (véspera - coroação) e a carreata (saída de Iemanjá - dia 08/12) independem das atividades realizadas no busto de Tamandaré.

A Figura 72 descreve a carreata.

Figura 72 – Festa da Coroação de Iemanjá (2022)



Fonte: <https://www.instagram.com/elialdodeiemanja/>
Acesso: 07 dez. 2022

Percebem-se, desde então, muitos outros acontecimentos como eventos, carreatas agregadas à divulgação, à propagação da riqueza que temos em nossa cultura religiosa. Porém, ao pensarmos nas festas realizadas, na grandiosidade, na vastidão como sucediam as festas, é perceptível que já não ocorram como antes. Um exemplo é a programação da festa de Iemanjá descrita na reportagem abaixo. A festa continua quase do mesmo jeito, mas com algumas modificações.

O Portal Correio destaca toda programação da festa realizada em 2019.

João Pessoa e Cabedelo celebram Iemanjá com cortejos e oferendas

Em João Pessoa, a festa começa às 16h na Praia de Cabo Branco, com recepção dos participantes e visitação ao templo montado para receber oferendas e preces. Ao mesmo tempo, um cortejo sai do Palácio de Xangô Alafim, no bairro de Cruz das Armas, com destino à praia. A caminhada passará pela Avenida Cruz das Armas, Rua Francisco Manoel, avenidas Vasco da Gama, Américo Falcão, João Machado, Maximiano Figueiredo e Beira Rio até chegar à praia do Cabo Branco pela Avenida Monsenhor Odilon Coutinho. Durante todo o percurso, agentes da Semob-JP farão bloqueios em ruas perpendiculares na medida em que o cortejo avançar. Após a passagem dos religiosos, o trânsito será imediatamente liberado. O cortejo deverá avançar utilizando apenas metade das faixas de circulação, deixando a outra livre para veículos, que deverão trafegar com velocidade reduzida. Para a concentração final, agentes estarão na Av. Cabo Branco orientando a passagem de carros e pedestres. Caso seja necessário, será realizada a interdição da Av. Monsenhor Odilon Coutinho a partir da intersecção com a Av. Tabelação José Ramalho Leite. A abertura oficial da festa na Praia de Cabo Branco acontece às 18h, com homenagem da presidente da Federação dos Cultos Afro-Brasileiros na Paraíba, Mãe Penha de Iemanjá, seguida por queima de fogos. A partir das 19h, haverá apresentações do Afoxé Ylé Áwá e do templo religioso de Pai Gel de Alagoa Grande. Por volta das 20h30,

ocorre a chegada do cortejo. Na sequência, sobem ao palco os templos religiosos de todas as localidades da Paraíba. A Festa de Iemanjá na Capital também realiza ação social, arrecadando alimentos não perecíveis, fraldas descartáveis e produtos de higiene pessoal, que serão doados à Casa da Criança com Câncer.

Região metropolitana - Em Cabedelo, o cortejo está programado para sair às 16h da Rua apóstolo São Miguel, no Jardim Mangueiros, com destino ao monumento de Nossa Senhora dos Navegantes, no calçadão da Praia de Formosa. Lá, cada barracão fará uma apresentação, seguida por uma homenagem e entrega de uma oferenda em um barco. A homenagem será finalizada às 22h, com a tradicional queima de fogos.

Iemanjá - Iemanjá é uma divindade africana. No Brasil, possui caráter sincrético e reúne atributos de outros orixás femininos. Há ainda uma falsa equivalência à Nossa Senhora da Conceição. No período escravocrata, negros eram proibidos de manifestarem suas crenças nas senzalas. Por isso, disfarçaram orixás de santos católicos.

Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/joao-pessoa-cabedelo-celebram-ianjanja/> Acesso: 18 de novembro de 2022

Durante a pandemia, exatamente no dia 08 de dezembro de 2021, Mãe Penha de Iemanjá, a atual presidente da Federação Paraibana de Tradições Afrodescendentes (FPTAD) deu uma explicação ao Jornal G1 Paraíba.

A religiosa explica que, por causa da pandemia, não haverá a festa tradicional em 2021, quando mais de 30 terreiros de diversas partes da Paraíba se apresentam na praia, com danças e músicas. O evento ficará resumido a uma apresentação de um terreiro do município de Alagoa Grande, num ato bem menor, com menos gente.

Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2021/12/08/festas-publicas-a-ianjanja-completam-55-anos-na-paraiba-apos-passado-de-violencia-policial.ghtml> Acesso: 19/11/2022

Em 07 de dezembro de 2022, em reportagem ao G1-PB, Mãe Penha de Iemanjá, uma das organizadoras do evento e Presidente da FPTAD-PB, fala sobre a programação da festa que ocorreu no dia 08 de dezembro de 2022.

Festa de Iemanjá acontece em João Pessoa nesta quinta (8); confira programação

Evento foi interrompido por dois anos devido à pandemia de Covid-19; neste ano, o tema da festa é 'Intolerância Fora!'

A tradicional festa de Iemanjá volta a acontecer em João Pessoa, nesta quinta-feira (8), após dois anos de interrupção por conta da pandemia de Covid-19. Realizada no Busto de Tamandaré, entre as praias de Cabo Branco e Tambaú, o tema escolhido este ano é 'Intolerância Fora' para levantar a discussão sobre intolerância religiosa. O evento tem início às 16h, quando uma caminhada vai sair do Palácio de Xangô, no bairro de Cruz das Armas, guiada por Pai Gilberto, que conduz a caminhada já há muitos anos até o Busto de Tamandaré. A chegada é prevista por volta das 20h. Antes disso, já a partir das 19h, no Busto de Tamandaré, a abertura da tradição vai ser

realizada com fogos de artifícios e com balões, que carregam dentro frases sobre o problema da intolerância religiosa. A queima de fogos, em homenagem a Iemanjá, junto com a apresentação de um grupo de afoxé acontece às 22h da noite. O evento deve durar até 00h. “Nós sofremos todos os dias com intolerância religiosa. Isso é uma doença que precisa ser destruída, e para isso acontecer, todos têm que se unir. Pedir forças a Deus e à Iemanjá”, disse Mãe Penha, uma das organizadoras da tradição, em entrevista à TV Cabo Branco (G1-PB - Mãe Penha De Iemanjá- 2022)⁹⁷

Muito foi conquistado em tempos duros de perseguições. Chegamos a ter destaque internacional, a acolher pesquisadores para o nosso reconhecimento no ambiente acadêmico. Com as matérias de jornais e alguns destaques retirados da internet, os pesquisadores mostram a riqueza das festividades e dos feitos realizados tanto pelo Arquicancelário como pelos babalorixás e as ialorixás que se dispuseram a lutar, estando sempre presentes. E também por aqueles que ainda se dispõem a lutar pelo bem da religião afro-indígena brasileiro. “E assim o presente valoriza o passado, e o passado é valorizado no presente” (Prandi, 1991, p. 88).

4.1 UMA MISTURA DE UNIÃO, DIVERGÊNCIA, CRENÇA E ESPERANÇA: *Ora Yê Yê, Oxum!*⁹⁸

Branco de babá Oxóssi
Azul de babá Oké
Oxum bordou seu vestido
Com a luz do amanhecer
Oxum era uma menina
Que esqueceu de envelhecer
E quanto mais que ela chore
O rio não para de correr
Ora minha yaê, êê

Chamar pelo orixá Oxum é se banhar nas cachoeiras e nas águas dos rios. É a deusa do ouro, da beleza, do amor, da fertilidade. Corresponde, para os católicos, à Nossa Senhora do Carmo. Sua ferramenta é o abebé⁹⁹. Suas cores são o amarelo e branco. Sua comida pode ser um doce de mamão. O dia da semana é o sábado. Suas paramentas são abebé, adê¹⁰⁰, entre outros. E, por ser o orixá

⁹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/12/07/festa-de-iemanja-acontece-em-joao-pessoa-nesta-quinta-8-confira-programacao.ghtml>_Acesso: 07 dez. 2022.

⁹⁸ *Ora Yê Yê, Oxum* - Saudação ao Orixá Oxum - significa salve a senhora da bondade. Salve mãezinha benevolente. Rainha da água doce.

⁹⁹ Abebé - é um leque em forma de círculo na cor dourada com um espelho no centro.

¹⁰⁰ Adê - é uma coroa que vem acompanhado do chorão, nome dado às miçangas que ficam presas no adê com a função de cobrir o rosto do filho.

também da saúde, da paz e da tranquilidade, é que acentuamos o orixá Oxum a este momento que se refere aos fatos marcantes da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola.

Destacamos a união que havia entre os umbandistas quando nos referimos às celebrações, ao respeito entre eles, às contradições e à esperança de se tornarem livres. Um exemplo é a força de todas/os em prol da liberdade, da vontade de juntos apresentarem a Umbanda e a Jurema à sociedade, quando todas/os se reuniam para tomadas de decisões em relação às programações festivas entre tantas outras realizações, concretizadas coletivamente.

O Arquicancelário Carlos Leal fazia visitas aos terreiros em todo o estado e se preocupava com o andamento e os segmentos de alguns. A Federação tinha uma preocupação de manter a ordem para que as autoridades não pudessem voltar a se fazerem presentes. A Federação tinha o papel de defender, sempre que necessário, os acontecimentos ocorridos nos terreiros de Umbanda. Mas, com o surgimento de uma crise na Umbanda, devido ao conflito entre a Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba e a Cruzada Espírita Umbandista Afro-Brasileira, até a justiça se ocupou das atenções ao Secretário da Segurança Pública, o general Nogueira Villar, e da vara de menores, o Sr. Mário de Moura Rezende, em relação à permissão do juizado para que de menores pudessem frequentar os terreiros existentes nos bairros de João Pessoa. E os senhores Carlos Leal Rodrigues e Ednaldo da Silva discutiram, na presença do juiz e de 50 adeptos à seita e Carlos Leal, apelando para o lado sentimental. O Sr. Carlos Leal alegou que estava

[...] sendo perseguido pelos próprios seguidores da umbanda por, uma maioria que não quer ver a religião evoluir em terreiros de umbanda. Carlos Leal chegou a se considerar um segundo cristo, "pois estou sendo perseguido pelos próprios seguidores da umbanda por uma maioria que não quer ver a religião evoluir em nosso Estado. Se for preciso derramarei "meu próprio sangue para que a minha religião seja respeitada e cumprida" (Carlos Leal Rodrigues, Jornal A União, 03/01/1973).

No entanto, o juiz acabou com a discussão sem dar razão a nenhuma das duas federações, informando que os menores poderão frequentar centros de Umbanda por meio de uma carteira assinada pelo juizado e que não cabia a nenhuma das Federações discutir o aspecto jurídico das duas sociedades. Percebe-se, desde então, alguns conflitos entre as federações, porém olhemos para aqueles pais e mães de santo que tinham filhos menores ou aqueles que buscavam ajuda espiritual. A

Figura 73 apresenta a rivalidade, provocando crise na Umbanda na cidade de João Pessoa.

Figura 73 – “Rivalidade provoca crise na Umbanda” - Jornal A União (03 de janeiro de 1973)

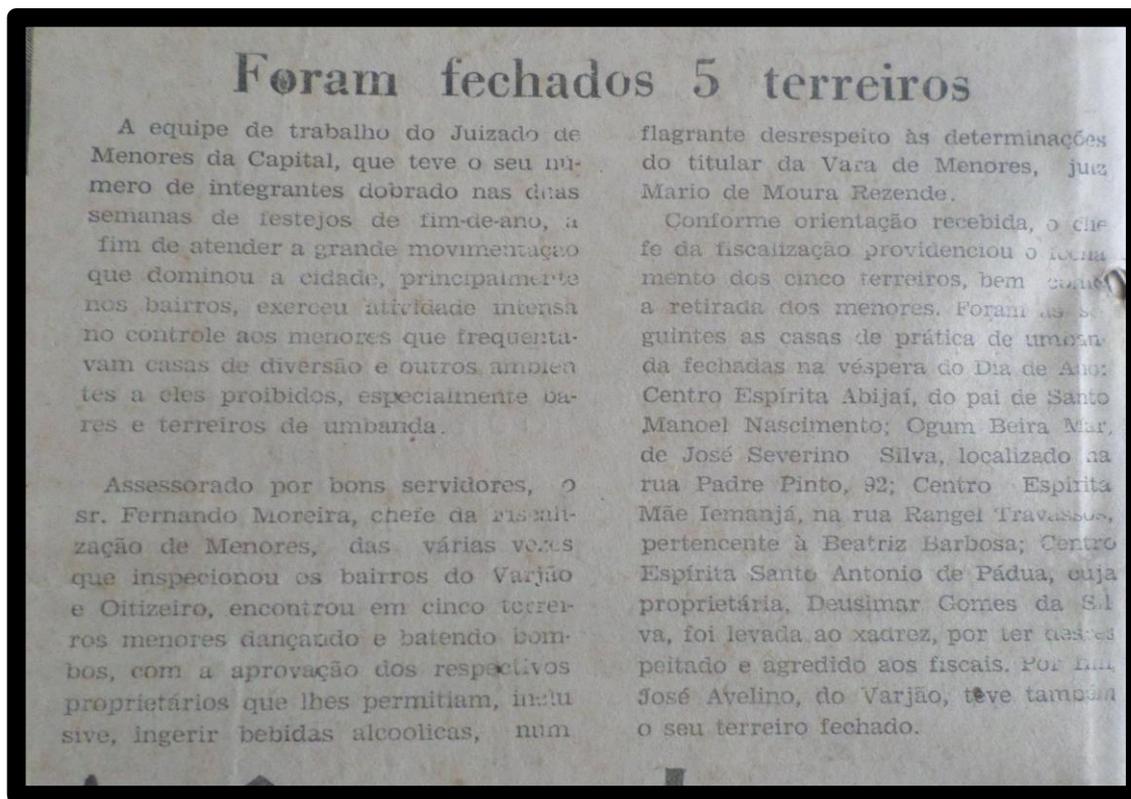


Fonte: Acervo IHGP, 2022

E, diante dessas discussões, as autoridades policiais fizeram fiscalização culminando no fechamento de cinco terreiros e bares, em razão da presença de menores nesses espaços. O Sr. Fernando Moreira, chefe da fiscalização de menores, das várias vezes que inspecionou os bairros do Varjão e Oitizeiro, encontrou menores dançando e batendo bombos e disseram que, com a aprovação dos respectivos responsáveis, é um flagrante desrespeito às determinações da titular da vara de menores, a juíza Maria de Moura Rezende.

Casas foram fechadas, a exemplo do Centro Espírita Mãe Iemanjá, pertencente à Beatriz Barbosa, Mãe Beata. À época era considerado um dos maiores centros espíritas do estado. Mas, a preocupação do juiz Fernando Moura, por causa do desrespeito às determinações da juíza Maria de Moura Rezende e da rivalidade entre as federações, recomendou que os umbandistas deixem de lado leis e *status* para seguirem unidos pela religião e sem confusões entre Federação e Cruzada. A senhora Maria Rezende reforçou o conselho, lembrando o exemplo da igreja católica, “onde quem manda na religião é um Estado, é um bispo. Devido a tal organização, quando um padre vai celebrar uma missa não é necessária uma ordem da polícia”. Essa fala está exposta na Figura 74.

Figura 74 – A reportagem sobre os terreiros que foram fechados por conter menores participando - Jornal A União (03 de janeiro de 1973)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Ainda em relação a menores frequentarem terreiros, o Jornal A União intitula a reportagem como: *Pedido de controle de menores na Umbanda*. A reportagem expõe a fala do juiz Mário de Miranda de Moura Rezende para que houvesse um controle dos menores como aponta a Figura 75.

Figura 75 – Reportagem - “Pedido de controle de menores na Umbanda” – Jornal A União (04 de janeiro de 1973)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

A nota do jornal apresentada na Figura 75 retrata o que ocorreu entre o juiz Mário de Miranda de Moura Rezende e os juízes. Os primeiros contradizem o que fala os segundos, fato apontado na Figura 74 sobre a preocupação com a frequência de menores aos terreiros de Umbanda na Paraíba. Mas lembra que eles “podem ser enormemente prejudicados se forem oligofrênicos, esquizofrênicos ou paranoicos”. E que os pais nordestinos, mesmo os católicos, gradualmente vão deixando de ter poderes como conselheiros para procurarem confiança nos terreiros de Umbanda. Os babalorixás, na verdade, atuam como psiquiatras dos pobres, até dos ricos, aconselhando, curando o espírito com confiança e tentando, às vezes, curar o corpo com ervas num ato anticientífico.

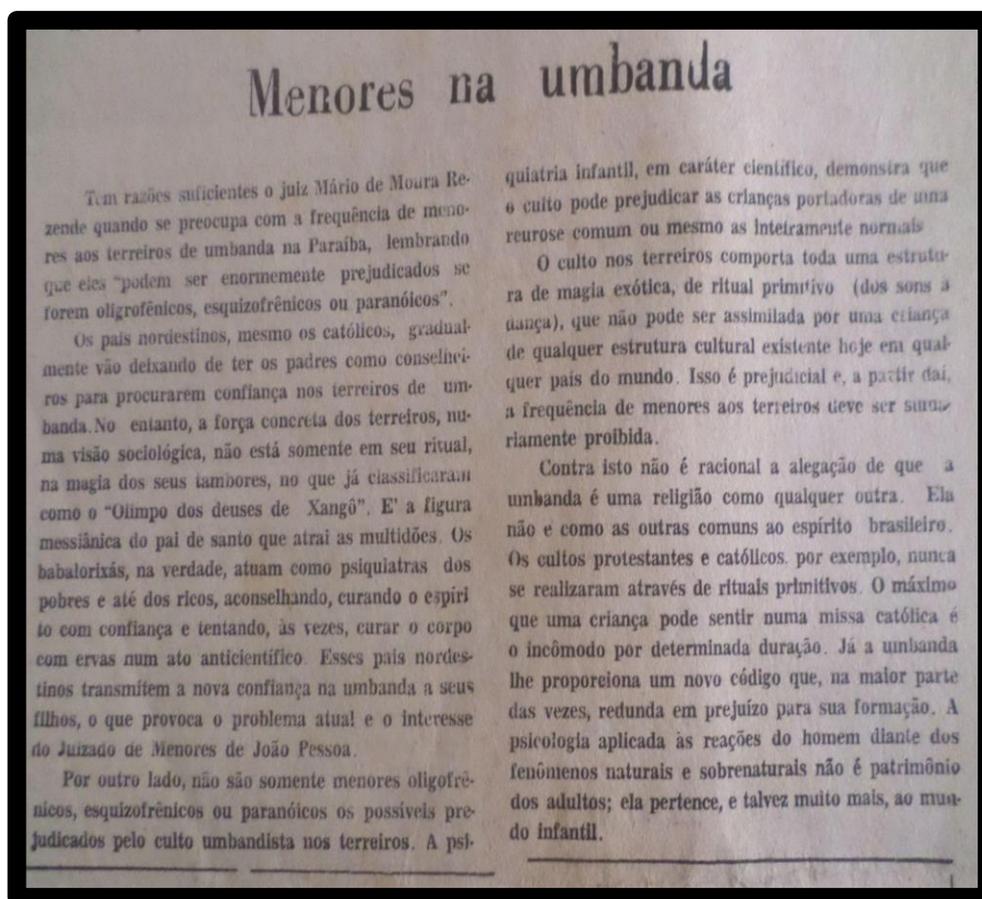
A psiquiatria infantil, em caráter científico, entendeu que o culto pode prejudicar as crianças portadoras de uma neurose comum, ou mesmo as interinamente normais, porque o culto nos terreiros comporta toda uma magia exótica, de ritual primitivo (dos sons à dança), o que não pode ser assimilada por uma criança de qualquer estrutura

cultural da existente hoje em qualquer país do mundo. A partir dessas considerações, a frequência de menores nos terreiros devia ser seriamente proibida. E que, contra isto, não é racional a alegação de que Umbanda é uma religião como qualquer outra. Também foi considerado que a Umbanda não é como as outras comuns aos espíritos brasileiros e que os cultos protestantes e católicos, por exemplo, nunca se realizaram através de rituais primitivos. E o máximo que uma criança pode sentir numa igreja católica é o incômodo por uma determinada duração.

É com essa preocupação que diz sentir as autoridades, que a pesquisadora, como praticante da Umbanda e da Jurema desde um ano e seis meses de vida, pode sentir o preconceito e o não reconhecimento, bem como a falta de respeito às religiões diante da escrita na reportagem, entendendo assim as divergências entre os juízes.

Notícia destacada na Figura 76.

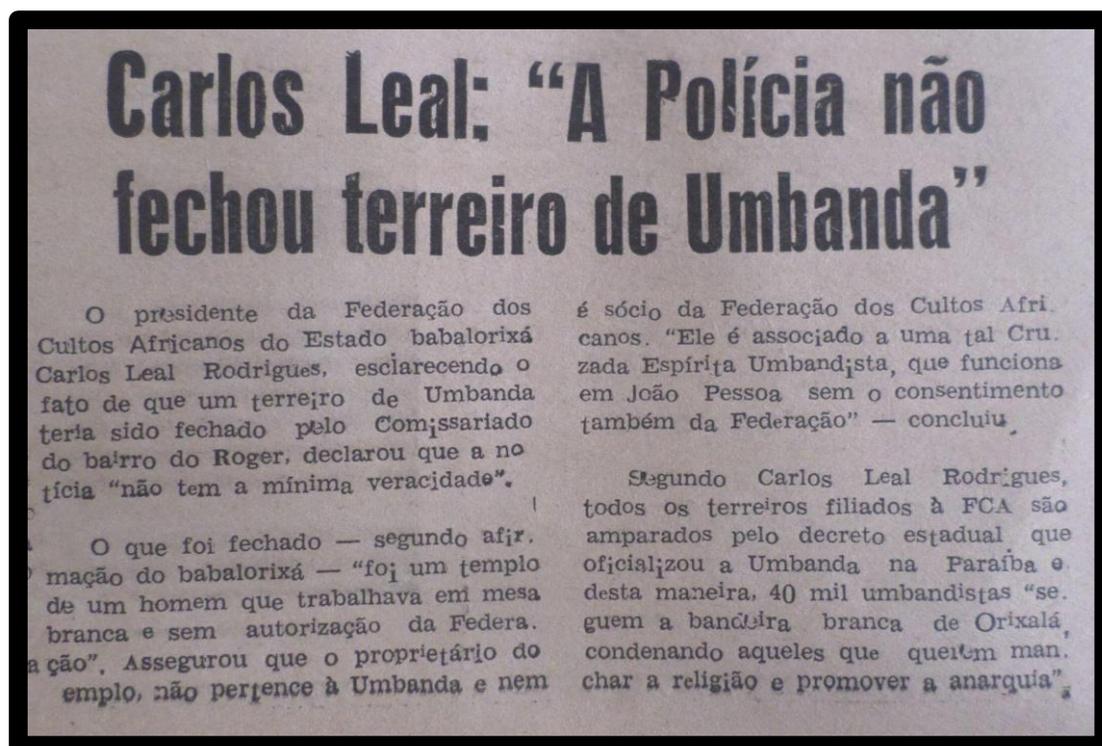
Figura 76 – “Menores na Umbanda” - Jornal A União (05 de janeiro de 1973)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Assim amplia-se o desentendimento entre os umbandistas, que se mantinham entre eles os umbandistas, devido à criação de uma nova Federação. Mas, quando se tratava dos menores nos terreiros Carlos Leal, este ainda saía em defesa como bem descreve a Figura 77. Ele dava explicações, pois acreditava ser esse um dos papéis das federações em se preocupar com as notícias que podem atingir compreensões desfavoráveis às religiões. Ainda, ele explicou que a polícia não fechou o terreiro e essa informação que não tinha a mínima veracidade, além de que o comparecimento de crianças aos cultos de Umbanda era obra de uma minoria “que não querem seguir as normas da Federação”. Carlos Leal explicou que o que foi fechado foi um templo de um homem que trabalhava em mesa branca e sem autorização da Federação, assegurando que o proprietário do templo não pertencia à Umbanda e nem era sócio da Federação dos Cultos Africanos. O babalorixá responsabilizou também alguns praticantes que, com suas badernas na Umbanda, conseguiram prejudicar cinco pais de santo, mas que a Umbanda não cairá enquanto ele for presidente.

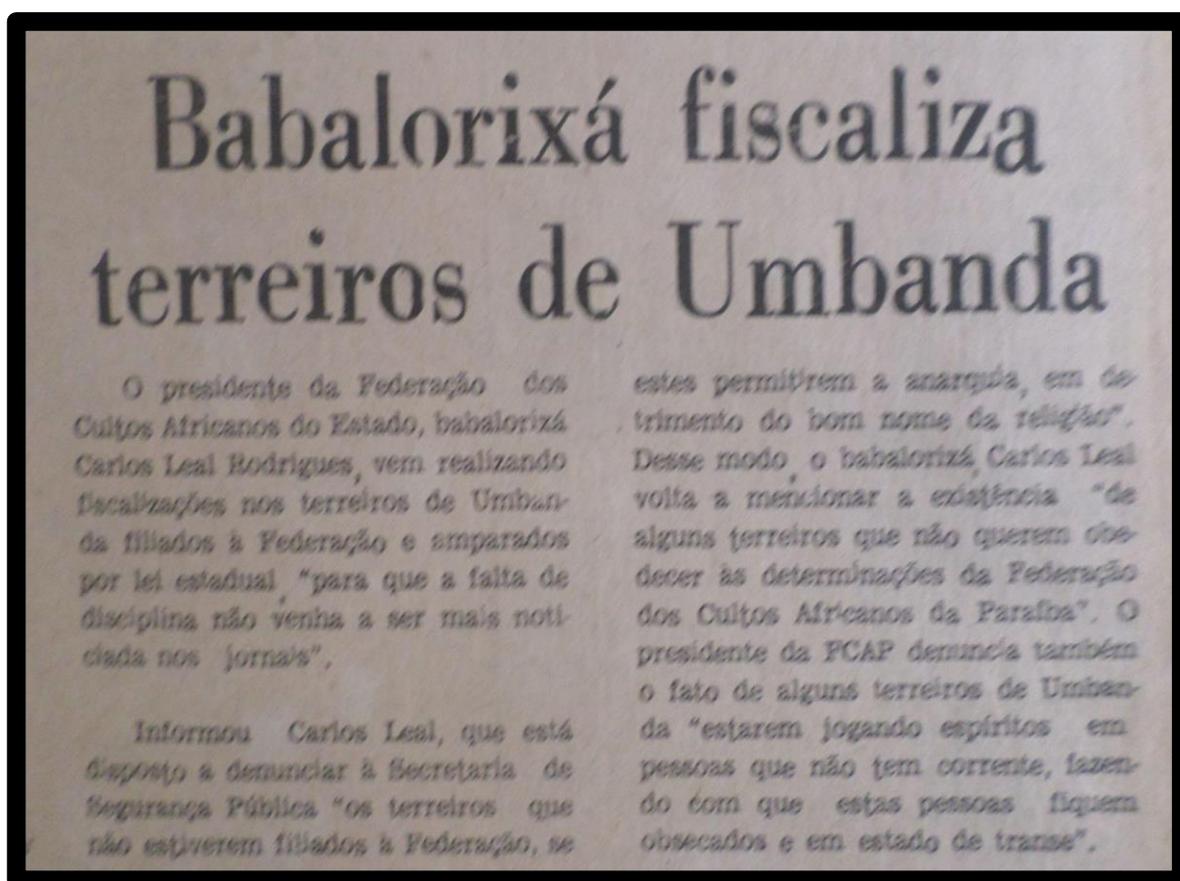
Figura 77 – Defesa do presidente da Federação aos terreiros barrados pela polícia - Jornal A União (12 de janeiro de 1973)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Conforme mostra a Figura 78, Carlos Leal afirmou que continuaria a fiscalizar os terreiros e, se necessário, denunciaria à Secretaria de Segurança Pública os terreiros que não estiverem filiados à Federação e que estivessem em desacordo com as determinações legais, administrativas e religiosas da Federação. Devemos pensar que depois da assinatura, as crianças que, por muitos anos, se escondiam embaixo dos axós de seus responsáveis quando as autoridades chegavam, puderam se fazerem presentes dentro das festividades religiosas como são expostas nos registros de Mãe Beata.

Figura 78 – Compromisso do Sr. Carlos Leal se propôs a fazer: como fiscalizar terreiros de Umbanda - Jornal A União (18 de janeiro de 1973)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Possivelmente, a criação da nova Federação tenha se dado em razão da pluralidade de pensamento que influenciava nos procedimentos protocolares e administrativos da entidade, bem como na forma de oposição ao pensamento do arqui-cancelário Carlos Leal Rodrigues, que possuía uma linha gestora firme discordante das opiniões e vontades de alguns outros sacerdotes.

Muitos porquês vêm à mente, mas sabemos também que muitas Federações negligenciam processos administrativos, favorecem o surgimento de pessoas descomprometidas com a prática religiosa e alimentam certos charlatanismos. Todavia, vale ressaltar que as discordâncias, que levaram à criação de uma nova entidade, não desfizeram amizades construídas ao longo do tempo como a do Arquicancelário Carlos Leal e Mãe Beata.

Nesse sentido, Mãe Ceixa (2022) reitera a admiração que eles alimentavam. Para o Arquicancelário, a *Mãe Beata era destinada a fazer as aberturas das apresentações nas Mostras de Terreiros e a fazer entregas de certificados aos considerados pela Federação como Autoridades do Estado*. A Figura 79 mostra Mãe Beata entregando certificados a algumas pessoas consideradas autoridades do estado da Paraíba.

Figura 79 – Mãe Beata fazendo a entrega dos certificados da FECAP às autoridades do estado assim considerados pela FECAP – (10 de março de 1971- frente e verso)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Nas cenas de representatividade política e cultural da religião, Mãe Beata sempre aparece. Em muitos momentos, a situação era circunstanciada pelo Arquicancelário Carlos Leal, como mostra o relato de Mãe Ceixa (2022) sobre a chegada dos turistas à Paraíba, procurando por Carlos Leal.

[...] chegavam à Paraíba, já vinham informados do que era, do que ia encontrar na Paraíba com a cultura, parte cultural da Jurema, dos orixás, procurava Carlos Leal Rodrigues [...] mas durante os eventos que Carlos leal fez com vida, ele, o lado turístico era bem recebido, participavam dos cultos porque Carlos Leal mesmo fazia questão de fazer visitas nos terreiros o de Mãe Beata, o de Maria do peixe (Dona Maria dos prazeres) aqui na torre. Os terreiros de Bayeux, o do finado Dudu. Ele saía apresentando os terreiros, o jeito de cada um cultivar as nações, uma era ketu, outro Angola, então os turistas gostavam de acompanhar e daí quando eles voltavam praqui, pra Federação, Carlos Leal ia explicar o significado de cada um deles, de cada terreiro que eles iam [...] (Mãe Ceíça, 2021- informação oral).¹⁰¹

Mãe Beata, com sua sabedoria religiosa, era bem conhecida pela sociedade paraibana, conforme depõe Anco Márcio (2022):

Era uma mulher de axé. Axé no verdadeiro sentido da palavra, sabe! Hoje em dia você escuta dizer 'tem santo' porque muita gente é adepta, gosta, deve ter seu grau, tem sua mediunidade, mas vamos dizer que ela tinha um grauzinho, aquele canal mais elevado. Eu sei que cada um tem, mas a frequência de cada um é que faz a diferença.

Foi a primeira Mãe de Santo na Paraíba a celebrar o casamento na Umbanda com efeito civil, evento ocorrido no dia 28 de março de 1970, quando a filha biológica do Arquicancelário Carlos Leal, a senhora Maria da Penha Ataíde, casou com o senhor Carlos Roberto Ataíde (Pai Robertão de Iemanjá).

A cerimônia aconteceu no Templo de Umbanda Iemanjá, na Rua Rangel Travassos, no 1098, no bairro do Rangel na cidade de João Pessoa/PB. A cerimônia foi presidida pela Ialorixá Beatriz Barbosa de Souza (Mãe Beata) e assistida por centenas de amigos dos nubentes e fiéis, como mostra a Figura 80. Da esquerda para a direita Mãe Beata, Pai Robertão (noivo), Mestre Carlos Leal (pai da noiva), o juiz, Maria da Penha (noiva), Zete Farias e as/os demais filhas/os, visitantes e convidadas/os.

¹⁰¹ Live realizada por Mãe Ceíça, viúva do Sr. Carlos Leal Rodrigues, no dia 08 de dezembro de 2020 - Memória da Festa de Iemanjá na Paraíba.

Figura 80 – Registro do primeiro casamento na Umbanda com efeito civil realizado por Mãe Beata em seu terreiro (frente e verso)



Após a cerimônia, no discurso de
Azeite embeado de Beto.
28 março 1970
Roberto
Pentia

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Na Figura 80, temos a nota do I Jornal da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba - "Umbanda no Lar", reiterando o evento exposto na Figura 81.

Figura 81 – Registro do Jornal Nossa Lar sobre o casamento na Umbanda

4 novembro de 1977 UMBANDA NO LAR

Consagração em Santa Rita



A "Iaô", do Templo de Umbanda "Caboclo Andrade", Rita Maria da Conceição, foi consagrada em cerimônia presidida pelo Arquicancelário Carlos Leal Rodrigues.

A festa religiosa realizada no referido Templo, um dos mais conhecidos daquele município, localizado à rua Nilo Peçanha, 117, contou com grande número de fiéis e autoridades sacerdotais, além de convidados.

I SEMINÁRIO CATARINENSE DE UMBANDA DE 4 A 6 DE NOVEMBRO EM BLUMENAU

Uma delegação de quatro membros da Federação dos Cultos Africanos do Estado vai representar a Paraíba no I Seminário Catarinense de Umbanda, a ser realizado nos dias, 4, 5 e 6 de novembro em "Blumenau". A representação será chefiada pelo presidente da entidade, arquicancelário Carlos Leal Rodrigues.

Os parabéns pretendem apresentar no encontro diversos trabalhos desenvolvidos pela Federação, a exemplo de "Jurema sua origem histórica preservação e consolidação dos aspectos comuns do seu culto", Teologia e crença da Jurema: constituição doutrinária, filosofia, cristianismo, orientalismo e espiritualismo" e "Moral e ética religiosa: preceitos, direitos e deveres na Umbanda".

DELEGAÇÕES

O sr. Carlos Leal Rodrigues recebeu convite do próprio presidente do Superior Orgão de Umbanda do Estado de Santa Catarina, arquicancelário José dos Lyrios de Lyra Telles. O I Seminário Catarinense de Umbanda reunirá delegações estaduais de todo o país e durante sua realização será criada a União Municipal Blumenauense de Umbanda.

CONSAGRAÇÃO DE IAÔ



Ritual de consagração de "Iaô" realizada no Templo de Umbanda, "Oxum Jaguará", sediada à rua Cícero Jacinto, 55, em Campina Grande, no ano de 1976.

A cerimônia foi presidida pelo Babalorixá Manoel Rodrigues, confirmada pelo Arquicancelário Carlos Leal Rodrigues, da Federação.

GIRA DA UMBANDA



Atila Nunes

Bambina Bucci

Destacamos o recebimento do Jornal "GIRA DA UMBANDA", editado, no Rio de Janeiro, um dos maiores centros umbandistas do mundo.

O editor é o deputado estadual Átila Nunes, fervoroso adepto do credo de Oxilá.

O jornal também conta com a valiosa colaboração da senhora Bambina Bucci, viúva do saudoso Átila Nunes, pai do editor.

"GIRA DA UMBANDA" é um dos mais conhecidos e conceituados jornais do país, sobre o tema da nossa doutrina.

CASAMENTO



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Sobre esse evento, Mãe Ceíça (2022) esclarece que,

No casamento de Penha, meu finado marido levou Ernani Tavares, era deputado estadual, Joacil de Brito,¹⁰² e quem ele tinha do meio político, ele convidou e foram para o casamento de Penha, que foi o primeiro casamento [com efeito civil realizado no estado]. Houve até uma despeita porque ele escolheu Beata, mas porque ela (Penha) era filha de Santo de Mãe Beata.

Já o segundo casamento realizado na Umbanda com efeito civil foi celebrado no Terreiro Caboclo Guarany, em João pessoa, momento que favoreceu o encontro

¹⁰² As informações nos levam a questionar se o deputado Joacil de Brito é o representante udenista que procurou subordinar a Federação dos terreiros de Umbanda e demais cultos sobre exercício e funcionamento em todo o território paraibano em 1962.

da atriz-cantora e mãe de Santo Zete Farias e o radialista Assis Mangueira, ambos funcionários da Rádio Tabajara¹⁰³.

A Figura 80 foi apresentado pelo Jornal A União, em 22 de dezembro de 1970. Podemos observar melhor na Figura 82.

Figura 82 – Segundo casamento realizado na Umbanda de Zete Farias com Assis Mangueira (22 de dezembro de 1970)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Percebe-se o quanto Mãe Beata sentia prazer em suas práticas religiosas, pois se sentir pertencente a uma religião tão discriminada e sendo uma mulher negra, é sentir que as mulheres também têm força e vai à luta a partir de objetivos bem delineados. Essa força apresentada por Mãe Beata também se reflete em pleno

¹⁰³ Rádio Tabajara - fundada no dia 25 de janeiro de 1937, sendo a primeira rádio da Paraíba e uma das 100 emissoras mais antigas do Brasil que hoje integra a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC).

século 21, quando temos que continuar a luta em defesa do respeito constitucional de um estado laico. Essa prática, na condição de umbandista, também me caracteriza.

Mãe Beata inseriu, neste período, um terceiro nome [Beatriz] e conquista respeito acadêmico, ao ser convidada pelo Professor Universitário Marcos Navarro, na década de 70, para que ela, enquanto representante legítima da religião de matriz afro-indígena, fosse à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), discorrer sobre a temática, tornando-se, dessa maneira, a primeira umbandista a adentrar nos muros da academia no estado, propiciando o efetivo encontro entre a ciência e a cultura popular, como relata Pai Robertão¹⁰⁴ de Iemanjá em depoimento concedido a Silva, Oliveira e Rosa (2019, p. 154): “Mãe Beata foi a primeira sacerdotisa afro-brasileira a adentrar a Universidade Federal da Paraíba a convite do professor Marcos Navarro na década de 70”. Anco Márcio (2022) destaca, em uma de suas falas, que

Roberto disse que acompanhou ela várias vezes a dar palestras tanto para a UFPB, como no teatro, como apresentações diversas. Roberto dizia que quem visse ela falar, dizia que era uma doutora, porque ela falava do que sabia, falava com propriedade de que conhecia... Ela tinha uma liderança e um conhecimento que conversava com doutores de igual para igual, com pessoas de relevância sociocultural, não só socialmente, mas culturalmente também, mas ela tinha um perfil, ele dizia que quem não soubesse dizia que essa mulher era uma catedrática.

Considerando o que está posto, observa-se que falar sobre Mãe Beata é perceber uma mulher à frente de seu tempo, quando também se permitia ser iniciada por um pai e uma mãe de santo vindos da Bahia, tornando assim, a primeira mulher a ser feita no Candomblé Angola na cidade de João Pessoa. Tal atitude, pode ser considerada um divisor de águas entre a Umbanda e o Candomblé. Todavia, se visto por outro ângulo, uma ação que provoca, ao mesmo tempo, uma junção, pois Mãe Beata realizava o Candomblé quando a família religiosa (pai, mãe, tias(os), irmãos(ões) de santo) vinham da Bahia tanto para festejar suas datas comemorativas e quando ia iniciar uma/um filha(o) de santo. Mãe Beata continuou cultuando a Umbanda mesmo tendo sido iniciada no Candomblé em respeito as/os filhas(os) de santo pois elas(es) sentiam dificuldades de adaptarem-se às novas canções (cantadas em yorubá) e as práticas da Candomblé.

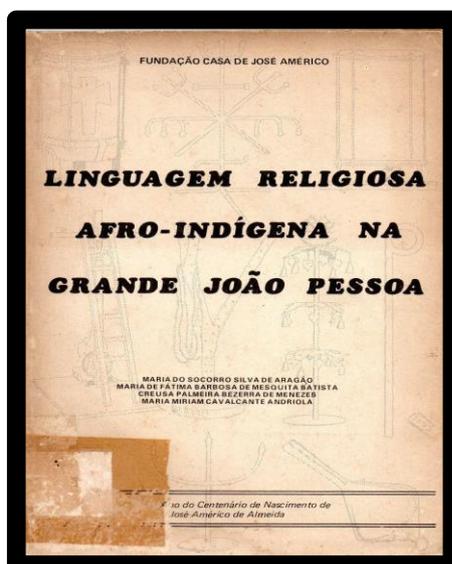
¹⁰⁴ Pai Robertão - filho de santo de Mãe Beata falecido em 2021 de Covid 19.

Solícita, Mãe Beata sempre foi procurada por acadêmicos em busca de seu conhecimento religioso, tanto que, em 1987, foi publicado o livro “*Linguagem religiosa afro-indígena na grande João Pessoa*”, fruto de inúmeras entrevistas não apenas com Mãe Beata mas também com outras/os religiosas/os umbandistas, candomblecistas e juremeiros. Todas/os juntas/os contribuíram para a construção dessa pesquisa materializada em livro, que acabou sendo premiado no Concurso Literário IV Centenário da Paraíba. Pode-se dizer que foi uma pesquisa, de certo modo, pioneira, materializando para o futuro fatos significativos da nossa gente e de seus hábitos e crenças.

Os pesquisadores do trabalho Aragão, Batista, Menezes e Andriola (1987) ofereceram o trabalho aos Cultos Afro Indígenas da Paraíba e agradeceram a todos que colocaram seu conhecimento para que eles pudessem trazer à cena conhecimentos de suas práticas religiosas. Para tanto, registrara, como efetivos contribuintes, Mãe Ceça, Pai Dudu, Mãe Rosa, Mãe Beata, Mãe Tulinha, Francisco Cardoso da Silva (Pai Cardoso), João Vilarim Meira, Edivaldo Gomes da Silva, Jardecilha Luiza de Souza, Terezinha Pelágio, Gilberto Cândido da Silva e os professores José Elias Barbosa Borges pelos ensinamentos e pelo prefácio, André Luiz por contribuir com as fotografias, Luiz Carlos de Terra Neto e Aderaldo Silva pela ajuda nas identificações das plantas científicas e a Afrânio Aragão pelas sugestões.

A Figura 83 expõe a capa do livro que tem Mãe Beata como entrevistada.

Figura 83 – Capa do livro – linguagem religiosa afro-indígena na grande João Pessoa (1985)



Fonte: Acervo da Biblioteca Branca Dias, 2021

Já se sente o peso de se realizar pesquisas principalmente no nosso próprio meio de vivência, mas são conquistas necessárias para que, no futuro, a nova geração conheça um pouco, não apenas de ouvir falar, mas afirmando cientificamente assim como está sendo realizada, ao apresentar à Ciência da Informação, a *Cartilha Paraibana*, o livro *Linguagem religiosa afro-indígena na grande João Pessoa* e a dissertação: *Religiões afro-brasileiras no terreiro da política paraibana: uma análise Histórico-antropológica acerca dessas religiões em pleitos eleitorais* (2016), de Maria Isabel Pia dos Santos. Pois, “a principal ferramenta de sobrevivência do homem é sua mente” (Richardson, 2012, p.20).

Desse jeito é possível fazer valer cada detalhe registrado nesta pesquisa para que, no certo momento, possa servir como está sendo cada registro pesquisado, quando saímos em busca da informação seja escrita, falada, imagética, além de poder desconstruir certas informações falsas.

Podemos apontar com clareza os pioneiros de vários acontecimentos como também, podemos argumentar e trazer fatos novos, indagações de concordância ou não, isso é o que faz a ciência.



IFORUKOSILE IBI TI OBINRIN TITUN

Registro de Mãe Beata celebrando o seu aniversário. Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

5 REGISTRANDO O NASCIMENTO DE UMA NOVA FILHA

É importante destacar que “[...] todo indivíduo morto pode converter-se em um objeto de memória e de identidade, tanto mais quando estiver distante no tempo”, uma vez que “[...] a memória dos mortos é um recurso essencial para a identidade” (Candau, 2021, p. 143-145). Batista (2014, p.43) reforça que “[...] a identidade brota entre os túmulos da comunidade, mas floresce graças à promessa da ressurreição dos mortos”.

É libertar toda uma história que permeia uma vida, trazendo a um grupo, ou até mesmo, a um único ser, uma trajetória que possibilita descobertas para certos mistérios, embora não haja explicações para alguns mistérios da imaginação. Segundo Ricoeur (2007, p. 27), “[...] a memória e a imaginação partilham o mesmo destino”, nos levam à compreensão de que a memória nos permite conhecer, sentir e imaginar. E “contar as histórias dos antepassados é também transmitir a força deles. Saber a tradição e estar protegido, fortalecido [...]” (Evaristo, 2008, p. 08).

Nascida no dia 18 de junho de 1922, no município de Bonito de Santa Fé, na Paraíba, Maria Barbosa de Souza foi apresentada na Figura 84, conhecida como Mãe Beata, filha do Sr. José Pedro da Silva e da Sra. Deolinda Maria da Conceição.

Figura 84 – Mãe Beata



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Mãe Beata veio para João Pessoa ainda jovem e aqui se firmou, construindo sua família ao lado do senhor João Cândido de Souza (Pai João de Oxalá) filho do Sr. Cândido de Souza e da Sra. Joaquina Maria da Conceição, natural de Piencó/PB. Pai João faleceu aos 81 anos, no dia 15 de julho de 1996, nesta capital. Homem tranquilo, mas com pulso firme, relata a sua filha Eronilda Cabral (2022), que seu pai fez parte do cangaço de Lampião (*cangaceiro brabo*), deixando porque foi proibido, ou saia ou morria. A informante relata que ele viveu com sua família em torno da religião e na religião tanto Pai João quanto Mãe Beata fizeram sua passagem¹⁰⁵.

A Figura 85 mostra as certidões de óbito de Mãe Beata e de Pai João.

Figura 85 – Certidões de óbito de Mãe Beata e de Pai João

The image shows two official death certificates from the Civil Registry of João Pessoa, Brazil. The left document is for Maria da Conceição (Mãe Beata), dated July 15, 1996. The right document is for João Cândido de Souza (Pai João de Oxalá), dated July 15, 1996. Both documents are handwritten and include details of the deceased, their parents, and the declarant.

Left Document (Mãe Beata):
 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 REGISTRO CIVIL
 3º Cartório do Registro Civil da Cidade de João Pessoa, Capital do Estado da Paraíba
 ZONA RUA
 Maria de Fátima Delgado Leal Dutra Pessoa
 Oficial Major
CERTIDÃO DE ÓBITO
 Nº 100
 CERTIFICO que, às fls. 100 do Livro C-12 do Registro de ÓBITOS, foi feito o assento de falecimento de Maria da Conceição de Souza, nascida em [illegible] de 19 [illegible] em [illegible] com [illegible] anos, natural de [illegible] de cor [illegible], profissão [illegible], residente e domiciliada em [illegible] de idade, estado civil [illegible] filha de [illegible] e [illegible] profissão [illegible] natural de [illegible] residente em [illegible] de D. [illegible] e de D. [illegible] natural de [illegible] residente em [illegible]. Foi declarante [illegible] sendo o atestado de óbito firmado por [illegible] que deu como causa da morte [illegible] e o sepultamento feito no cemitério de [illegible].
 Observação: [illegible]
 O referido é verdade e dou fé.
 João Pessoa, 16 de julho de 1996
 [illegible] OFICIAL

Right Document (Pai João):
 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 REGISTRO CIVIL
 7º Cartório Civil da Cidade de João Pessoa
 Capital do Estado da Paraíba
 IRENE GOMES DE SOUZA
 OFICIAL
ÓBITO Nº 3006
 CERTIFICO que, às fls. 850-V do Livro Nº C-3 de registro de óbitos consta que foi lido e arquivado neste Cartório no dia 15 de julho de 1996, o assento de falecimento de João Cândido de Souza, nascido em [illegible] de 1926, às [illegible] horas, em [illegible] nesta capital, do sexo masculino, de cor [illegible], profissão [illegible], natural de [illegible], residente e domiciliado nesta capital com [illegible] e [illegible] de idade, estado civil [illegible] filho de [illegible] de Souza e de [illegible] de [illegible] natural de [illegible] residente em [illegible] e de D. Joaquina Maria da Conceição natural de [illegible] residente em [illegible]. Foi declarante Carlos Antônio da Silva sendo o atestado de óbito firmado por [illegible] que deu como causa da morte [illegible] e o sepultamento feito no cemitério de [illegible].
 Observação: O falecido não era casado, deixou [illegible] e deixou duas filhas.
 O referido é verdade e dou fé.
 João Pessoa, 16 de julho de 1996
 [illegible] OFICIAL

Fonte: Acervo pessoal de Eronilda Cabral, 2022

Quanto ao falecimento de Mãe Beata, Silva, Oliveira e Rosa (2019) registram que foi em 02 de fevereiro de 1989, data que os autores acessam a data de falecimento de Mãe Beata por meio de entrevista. Todavia, o atestado de óbito aponta que a data de falecimento foi dia 03 de março de 1989. Para este estudo, adotamos a data do documento oficial.

¹⁰⁵ Passagem – referi ao seu falecimento.

Mãe Beata faleceu nesta capital, vítima de problemas de saúde, e sepultada no Cemitério São José, situado no bairro de Cruz das Armas. Já em estado doentio, Mãe Beata fez um pedido aos familiares: que sua lápide fosse em cova rasa, tendo sua vontade respeitada. Vejamos a Figura 86.

Figura 86 – Registro do dia do sepultamento de Mãe Beata no cemitério São José



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2021

A Figura 87 expõe o santinho da missa de um ano, celebrada em memória do falecimento de Mãe Beata.

Figura 87 – Santinho da missa de um ano do seu falecimento de Mãe Beata (1990)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 1989

Em 2021, sua lápide, apresentada na Figura 88, além de apresentar algumas modificações, permanece em cova rasa e, naquele ano, foi furtado de sua lápide o registro que identifica que, naquele local, foi sepultada Mãe Beata. Além de Mãe Beata, hoje estão sepultados, no mesmo local, seu esposo Pai João, sua filha Eurídice Barbosa e seu neto Elias Barbosa.

Figura 88 – Lápide de Mãe Beata (2021)



Fonte: Acervo pessoal de Kaynara Barbosa¹⁰⁶ (17 de setembro de 2021)

¹⁰⁶ Filha de Eurídice Barbosa e de Gerson Ferreira. Neta de Mãe Beata.

Pai João e Mãe Beata foram pais biológicos de duas meninas chamadas por: Eurídice Barbosa de Souza, nascida em João Pessoa/PB e falecida no dia 29 de outubro de 2007, aos seus 69 anos de idade na mesma capital; e Eronilda de Souza Cabral, natural de João Pessoa, nascida no dia 26 de janeiro de 1941, colaboradora ativa desta pesquisa. Dona Eronilda Cabral (2022) informa que ela e a irmã sempre tiveram uma infância boa e tranquila e que os pais eram muito bons.

A Figura 89 revela a felicidade que se encontram Mãe Beata e Pai João ao lado de suas duas filhas e de sua sobrinha Mãe Anália (*in memoriam*) da esquerda para a direita: Mãe Eurídice¹⁰⁷, Mãe Beata, Pai João, Mãe Anália¹⁰⁸ e Eronilda.

Figura 89 – Mãe Beata com suas filhas, seu marido e sua sobrinha (Mãe Anália)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

No decorrer de sua vida, Mãe Beata buscou viver para a família e para a religião a qual preservava, cuidava e defendia. Foi uma mulher de muitas decisões, valente e rígida, características destacadas por Dona Eronilda Cabral, Mãe Ceiça, Mãe Marinalva, Mãe Silvinha, Anco Márcio e Mãe Karina.

“Muito cuidadosa e vaidosa, estava sempre bem vestida, com os cabelos tratados, de cor preta, eram lindos, lhe adornavam o rosto e vinha até a cintura” (Mãe

¹⁰⁷ Mãe Eurídice foi iniciada na religião por Mãe Beata;

¹⁰⁸ Mãe Anália era sobrinha de Pai João e fazia parte da religião. Mãe de santo residente no Bairro do Varjão, na cidade de João Pessoa/Pb. Faleceu em 2021, devido ao Covid-19.

Ceiça, 2022). *“Cabelos longos e ondulados, unhas bem-feitas e dona de casa”* (Mãe Karina, 2022).

Ela fazia as coisas de casa, fazia tudo e colocava as filhas também para aprender (risos), mas sempre tinha alguém da Umbanda assim para fazer, ajudar, ela foi uma boa mãe, sempre nos colocou para estudar, eu sempre fui mais preguiçosa, a Eurídice era mais ativa (Eronilda Cabral, 2022).

Mãe Beata era uma mulher negra que, apesar de não ter escolarização formal, ela dominava bem a leitura e a escrita de forma autodidata. Eronilda Cabral (2022) relata que *Mãe Beata não se profissionalizou, vivia da religião, mas estudou, ela lia muito e escrevia*. Reforçando a fala de Dona Eronilda Cabral, exponho que Mãe Beata sempre incentivou o estudo como complementa Mãe Karina (2022):

Sempre fui motivada a estudar por ela que não permitia ficar em casa, não permitia faltar aula. E com voltar a esse tempo, as lembranças me levam aos lanches que ela colocava na lancheira (biscoito com kisuke de laranja) e sempre havia alguém para me levar, buscar e cuidar de mim durante os quase 10 anos em sua companhia (Mãe Karina, 2022).

Evaristo (2008, p. 08) constata que “a memória e o relato da história se transformam em lição, explicando o mundo e orientando a vida”. Nesse sentido, entende-se que Mãe Beata compreendia a educação como um caminho a ser trilhado e sem abrir mão da religião, pode-se dizer que ela via na educação uma preparação secular, uma forma de defesa do ser humano diante das críticas apresentadas pelas elites, fazendo da educação a possibilidade de escolher seu próprio caminho (Freire, 1967). Mãe Beata incentivava não só aos seus, mas a todos os que com ela conviviam e que, *dentro de casa como na religião, não tinha preconceito, tratava todos do mesmo jeito* (Eronilda Cabral, 2022), *recebia todo mundo da mesma forma* (Mãe Ceiça, 2022).

Anco Márcio ainda reitera o que relatou Mãe Ceiça (2022), que Mãe Beata *era muito vaidosa, se vestia muito bem e queria as coisas mais organizadas e queria que seus filhos tivessem uma boa apresentação*. Sobre o contexto religioso,

Em primeiro lugar destaca que o que escutava das pessoas mais velhas era o que ela tinha na mão o axé. A questão de ser certa. Exemplo: Se entrasse para resolver alguma coisa, ela resolvia. E entrava e sabia com propriedade o que fazer e onde ia chegar (Anco Márcio, 2022).

Diante das informações colhidas sobre Mãe Beata em entrevistas, todas reforçam o cuidado dela com as pessoas, como ela tratava bem a todas/os sem

distinção, ela apenas acolhia. A Figura 90 exibe Mãe Beata no seu terreiro, em dia de toque de orixá, realizando um ritual que utiliza a água e um ponto acesso (vela), mas esse segredo só a mesma poderia nos dizer.

Figura 90 – Mãe Beata em seu terreiro no dia de festa de santo



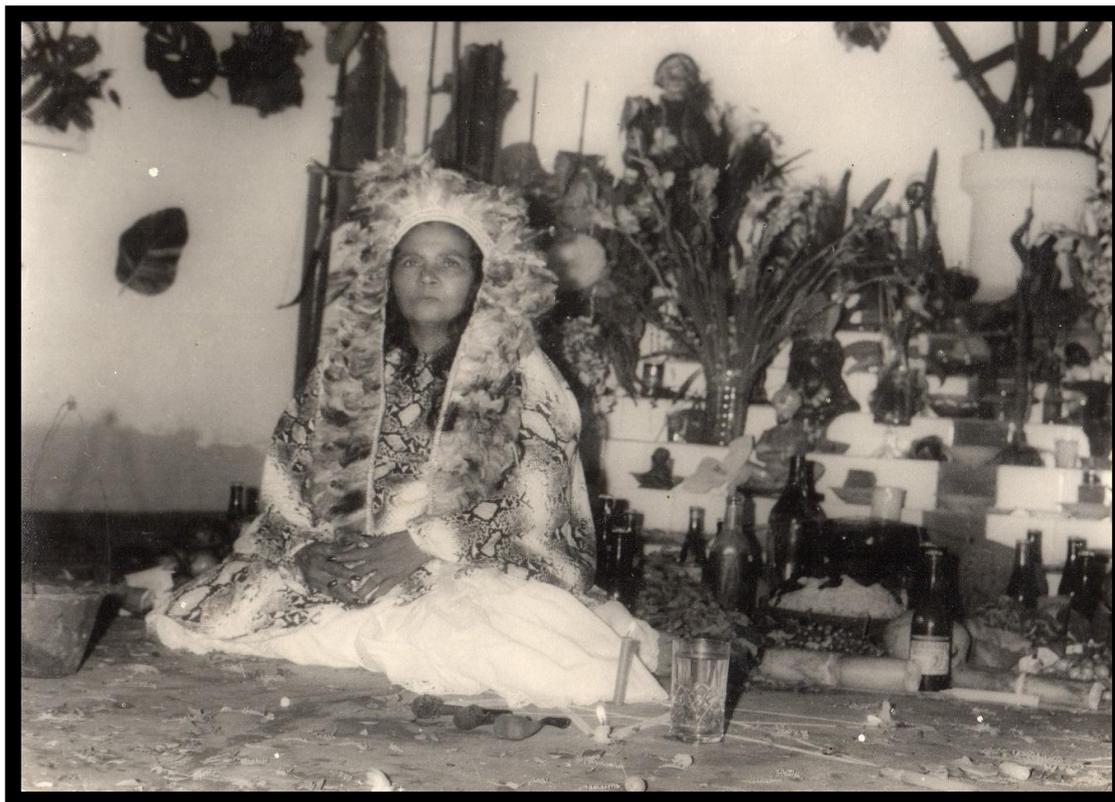
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Mãe Beata era uma sacerdotisa que acreditava no ser humano e tinha muita fé nos Orixás e nas entidades da Jurema Sagrada. Suas incorporações, ou seja, as *manifestações dela, tinha uma caboclinha chamada Ceci e Roberto*¹⁰⁹ *elogiava muito, muito e muito. Roberto dizia que era impressionante a cabocla Ceci e das coisas que aconteciam* (Anco Márcio, 2022).

Na Figura 91, Mãe Beata incorporada dentro do quarto de Jurema.

¹⁰⁹ Conhecido como Pai Robertão de Iemanjá companheiro do Sr. Anco Márcio.

Figura 91 – Mãe Beata com seu penacho incorporada em seu quarto de Jurema



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Mãe Beata buscava na sua crença ser o que quisesse. Lutou para ser ouvida e respeitada e não aceitava ser desrespeitada nem como cidadã e nem como religiosa. Ao responder sobre Mãe Beata, Anco Márcio (2022) diz que ela foi uma mulher:

Respeitada, invejada pela figura dela porque ela era uma mulher que hoje a gente luta por esta questão da mulher negra, da representação e ela foi tudo numa época que nem se falava nisso. Mãe Beata era muito respeitada pela comunidade, pelos feitos e pela postura. Isso já ouvi de várias pessoas, inclusive da Bahia, que ela tinha postura de rainha.

Mãe Beata era muito bem assistida, bem recebida e reconhecida em todos os lugares que ia. Havia muitos filhos de santo, independente de condições financeiras, tinha do mais humilde a grandes políticos. Suas festas recebiam inúmeros visitantes, muitos dos políticos também seus filhos de santo que não participavam das festividades públicas, mas sempre ajudava quando necessitava e quando realizavam seus pedidos no particular

Famosíssima e que Mãe Beata pela parte do santo era respeitadíssima e atendia à alta sociedade que a lemanjá dela era riquíssima. Roberto dizia assim que ela tinha um verdadeiro tesouro nos pés de lemanjá. Muitas vezes as pessoas iam pagar as coisas, ela não recebia dinheiro, mas as pessoas davam presentes.

Mãe Karina (2022) diz que:

Mãe Beata sabia conduzir sua vida pessoal da religiosa e sobre isso ela bem ensinava aos seus filhos e a mim como bisneta. Aprendi e levo no meu dia a dia a separar vida pessoal da vida religiosa. Deixo de lado algum problema com determinadas pessoas quando se trata do momento religioso. Trato seja lá quem for da mesma maneira, mesmo aqueles iniciantes os quais chamamos de *anbiãs*¹¹⁰. Aprendi com minha bisa acolher independente de quem me procure e de quem busque saber ou aprender.

Observa-se que Mãe Beata, além de seu lugar de mãe de santo conceituado, era respeitada e procurada por diversas pessoas, pois sabia acolher, cuidar, talvez essa tenha sido uma de suas maiores virtudes, o respeito ao ser humano.

5.1 MÃE BEATA E SEU ESPAÇO SAGRADO

antes da liberação da Umbanda em 1966, na cidade de João Pessoa/PB, Mãe Beata já batia seus *elús*, tendo seu primeiro terreiro sido instalado no bairro do Cristo Redentor, próximo ao Departamento de Medicina Legal (IML): *era pequeno e o segundo já era maior, tinha muitos filhos de santo, era um casarão*¹¹¹ (Mãe Ceíça, 2022).

O segundo terreiro foi construído em 1971, na Rua Rangel Travassos, n.º 1098, no Bairro do Rangel, momento em que ela ergueu o casarão e firmou o seu terreiro, conforme mostra a Figura 92 que retrata a fachada do Terreiro.

¹¹⁰ *Anbiãn* – filhos iniciantes na religião.

¹¹¹ Casarão – era como as pessoas chamavam a residência de Mãe Beata, pois era fixado em um terreno bem amplo e espaçoso.

Figura 92 – Fachada do terreiro antes das mudanças realizadas no prédio



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

O terreno em que se instalou era amplo, possibilitando instalar, além de sua residência o terreiro. De acordo com Eronilda Cabral (2022): *Era um espaço bem arejado e organizado, era muito enfeitado, tinha gente pra zelar.* Com o passar do tempo, Mãe Beata começa a fazer melhorias no terreiro como apresenta a Figura 93.

Figura 93 – Fachada do terreiro no decorrer das mudanças



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

O terreiro passou por diversas mudanças para melhoramentos do prédio e acolhimento de quem buscava ajuda e/ou o prazer de estar naquele espaço. Ao passar de fora para dentro do espaço sagrado para Mãe Beata, você já via, do lado direito, o cruzeiro como apresenta a Figura 94.

Figura 94 – Mãe Beata fazendo um registro em frente ao cruzeiro



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Um pouco mais ao lado, está a casa dedicada ao Oxalá, e, entre a casa de Oxalá até chegar à casa onde permaneciam as/os filhas/os de santo que morava com ela, continha plantas, ervas, árvores era um espaço bem verde e arborizado. Nessa casa onde permaneciam as/os filhas/os, Mãe Beata hospedava as pessoas que vinham visitar o terreiro, para participar de alguma festa comemorativa.

Do lado esquerdo de quem entrava para o terreiro, tinha a casa do povo da rua (os exús e as pombas gira) e um beco que conduzia até o quarto da Jurema, que ficava fora do casarão, colado pela parede com o casarão, mas havia uma porta que dava passagem do terreiro para dentro da Jurema.

A porta do casarão era bem larga e, assim que alguém entrava, se percebia uma divisão feita em alvenaria chamado de subcorrente onde os visitantes permanecem em dias de festas.

A Figura 95 mostra a subcorrente na qual ficavam as pessoas que iam assistir, mas separados dos que iam participavam da gira.

Figura 95 – Subcorrente



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

O lado direito, dentro do terreiro, tinha o quarto onde Mãe Beata jogava os búzios; outro quarto era destinado à secretaria do terreiro; e, no outro quarto, ela dormia com sua bisneta Karina Ceci. Mas, entre os anos de 1986 e 1987, o terreiro, não o casarão inteiro, mas o espaço onde se realizavam as giras (o salão) veio a cair e foi exatamente quando Mãe Beata, de mãos dada com a sua bisneta, retornava do lado de fora, onde de costume saía no final de tarde para receber o pão. Ao chegar à sala do casarão, o salão veio abaixo, tornando-se necessária uma reforma forçada.

A reforma trouxe algumas modificações no âmbito do terreiro, a exemplo da estátua de Iemanjá, que ficava do lado esquerdo de quem entrava, foi transferida para o lado direito e colocada dentro de um repositório que continha água e peixes; os *elús* e os atabaques que ficavam do lado direito de quem entrava foram colocados do lado oposto, no lugar antes ocupado pela estátua de Iemanjá.

A Figura 96 exibe a estátua de Iemanjá e o *elú* com o *ogã*¹¹² nos lugares anteriores à alteração física, em decorrência da reforma. As mudanças, possivelmente ocorreram em razão de Mãe Beata ter tido orientações de seu pai de santo, quando passou a cultuar o Candomblé Angola, depois de sua feitura, até porque percebe-se atabaques instrumentos utilizados no Candomblé.

Figura 96 – Estátua de Iemanjá, ogã e elú



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Anco Márcio (2022) confirma que o terreiro tinha:

A estrutura é dos que vi na Bahia, das casas que eu conheci. Ela tinha uma doutrina muito do que eu vi na Bahia e no Rio de Janeiro, um barracão imponente, com roncó, fundamentos tudo em seu devido lugar. Me chamou atenção a questão da cozinha grande, a questão de tudo ser separado.

Percebe-se que Mãe Beata fez, na prática, a junção da Umbanda com o Candomblé, mas continuou com a cultuar a Umbanda porque suas/seus filhas/os de santo já estavam acostumadas/os com a Umbanda e tinham dificuldades em adaptarem-se aos cânticos do Candomblé, que eram em iorubá. Mãe Beata continuou

¹¹² *Ogã* – pessoa que toca o elú e atabaque.

a realizar os toques na Umbanda, mas os rituais de iniciação, os segredos de santo eram realizados no Candomblé. Batista (2014) diz que,

[...] os integrantes do candomblé utilizam pouco as palavras em línguas africanas, variando de nação para nação (Angola, *Jejê* e *Ketu*). A língua é mais um símbolo dos rituais, ou na maior parte deles, visto que as cantigas são entoadas nessas línguas demarcando a fronteira de pertencimento (Batista, 2014, p. 41).

Ainda percorrendo os meandros do casarão e saindo do terreiro, adentramos na sala de TV. Nesse mesmo espaço, do lado direito, havia uma porta onde ficava o *peji*,¹¹³ local que tinha seus *ótas*¹¹⁴ e suas imagens de santo. Ainda dentro do *peji* tinha o quarto onde as/os filhas/os de santo que ficavam em seu recolhimento religioso.

A Figura 97 mostra Mãe Beata dentro do seu *peji* do orixá, espaço que poucas pessoas podiam e podem entrar. É preciso ser autorizado à entrada, pois se trata de um lugar sagrado.

Figura 97 – Mãe Beata dentro de seu peji



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

¹¹³ *Peji* – santuário, quarto sagrado onde encontram os orixás e todos os objetos a eles pertencentes.

¹¹⁴ *Otá* – local onde são colocadas as pedras, preparadas e onde são postas as mengas. Local onde firma a obrigação, feitura das(os) filhas(os) de santo.

Saindo da sala e entrando na cozinha, do lado esquerdo tinha uma dispensa com tamanho bem favorável, uma mesa de mais de dois metros e vários bancos. Lembro que o meu banco era pintado na cor azul. Ao sair da cozinha, tinha uma área coberta contendo um fogão à lenha, onde era preparado o *ageum*¹¹⁵ servido ao final dos toques seja do santo ou da Jurema.

A Figura 98 mostra Mãe Beata sentada, servindo o *ageum* que é colocado em *alguidar*¹¹⁶ de barro que eram colocados sobre uma esteira¹¹⁷ estendida no chão. Há terreiros que utilizam bacias de ágata¹¹⁸ e servem aos visitantes e aos filhos de santo.

Figura 98 – Mãe Beata servindo o *ageum* e suas filhas de santo distribuindo



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Pensar no espaço sagrado é pensar nas giras, nos toques, nas realizações que ocorrem nesse espaço até hoje, conhecido como o Casarão de Mãe Beata. Suas

¹¹⁵ *Ageum* - nome dado à comida religiosa ofertada no fim dos toques.

¹¹⁶ Alguidar –recipiente redondo feito de barro.

¹¹⁷ Esteira – feita de palha, é também utilizada para deitar.

¹¹⁸ Bacia de ágata – serve para o preparo das comidas, como também para servir a comida, preparar banhos, entre outras finalidades religiosas.

festas reuniam muitas pessoas: tanto filhas/os de santo como visitantes e simpatizantes, como descreve Anco Márcio (2022), em: *as festas eram muito bonitas e fartas, e a gira muito alegre, muita vibração e que os ogãs respondiam bem. Fiquei encantado.* Anco Márcio (2022) disse que ainda chegou a participar de uma festa: *Eu participei da última gira, se eu não me engano uma festa de Xangô, e, logo em seguida, não sei precisar o tempo que a cumeeira¹¹⁹ caiu, mais foi logo em seguida.* São detalhes que sincronizam com detalhes de outros relatos. Isso mostra o fervor e a dinâmica que tem a memória quando são disparados os gatilhos que nos trazem as lembranças.

A Figura 99 destaca um toque dedicado aos orixás São Cosme e São Damião, no Terreiro de Mãe Beata.

Figura 99 – Toque dedicado aos Orixás Cosme e Damião (*Erês/Ibejis*) e Mãe Beata organizando a gira com as crianças



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Além dos toques realizados no terreiro, Mãe Beata realizava carreatas para celebrar o Orixá Oxum (Nossa Senhora do Carmo) nas margens de um rio, e para o

¹¹⁹ Cumeeira - parte superior do telhado.

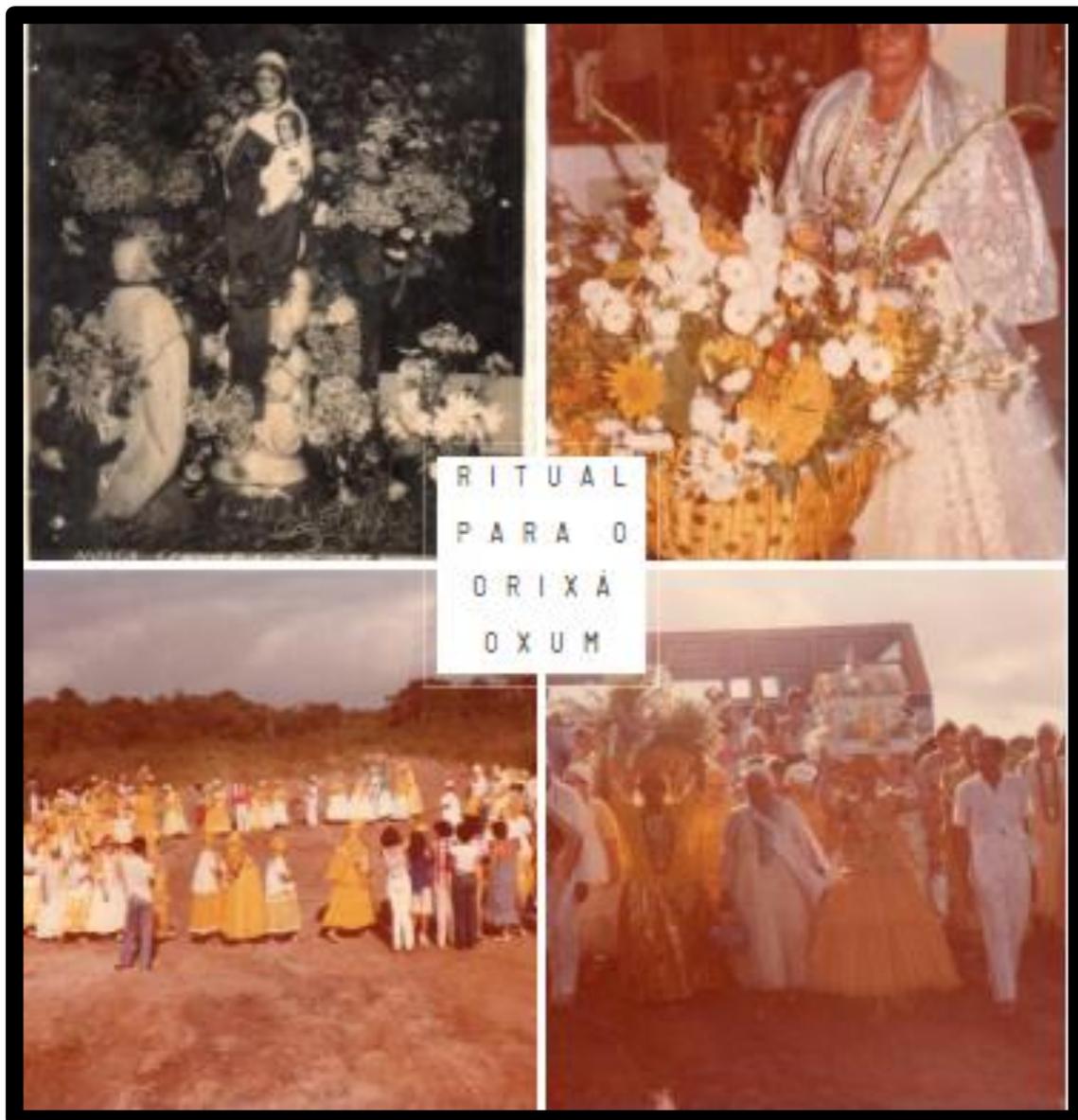
Orixá Iemanjá (Nossa Senhora da Conceição), a dona de seu *Ori* na praia, locais sagrados para os praticantes da religião. Esses são mais um dos momentos de louvação em que todos podem levar suas oferendas, fazer seus pedidos e agradecer por tudo. Entre essas oferendas, temos os cestos enfeitados de flores, rosas e enfeites nas cores que representam o orixá. Nestes cestos todas/os podem colocar seu presente, seja um perfume, um sabonete, algo para pagar uma promessa feita. Os cestos para Oxum são entregues em águas doces (rios) e para Iemanjá em águas salgadas (praia).

Antes eram fretados ônibus para poder levar quem desejasse participar do ritual. A carreata saía em comboio e com as imagens das santas em andor. Essas festas eram realizadas nos meses de julho e dezembro. Mas, após a feitura da Mãe Beata no Candomblé, a festa à Mãe Iemanjá passou a ser realizada no dia 02 de fevereiro como é festejado na Bahia e não mais no dia 08 de dezembro.

Outra curiosidade de Mãe Beata era que ela levava oferendas para Iemanjá também no dia 01 de janeiro de cada ano, conforme Mãe Silvinha (2022) informa: *ela levava as oferendas nesse dia, pois dizia que tinha que iniciar o ano pedindo coisas boas.*

A Figura 100 mostra Mãe Beata ofertando as cestas dedicadas a *Oxum*.

Figura 100 – Mãe Beata e suas/seus filhas/os de santo levando a cesta do orixá Oxum para festejar nas margens do rio Gramame, em João Pessoa



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Na Figura 101 mostra as cestas dedicadas à Iemanjá.

Figura 101 – Mãe Beata com suas/seus filhas/os de santo na carreata com a estátua de Iemanjá, seguindo à praia para festejar a santa e depositar, nas águas do mar, as oferendas



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Mãe Beata tinha o sorriso estampado no rosto, sentindo-se realizada diante de sua fé. Assim nos presenteia o registro de Mãe Beata na Figura 102.

Figura 102 – Mãe Beata com seu sorriso e trajada com seu axó e com as suas guias¹²⁰



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Diante de tantas informações obtidas quando visualizados os registros, manuseadas as notas de jornais, realizadas as entrevistas, além da convivência da pesquisadora com o objeto investigado, se completa com o prazer desta escrita. E, ao registrar os pontos das narrativas, sentimos internamente uma satisfação. Registrar a trajetória de Mãe Beata e o percurso da Umbanda, da Jurema e do Candomblé na cidade de João Pessoa/PB, é uma grande responsabilidade.

Destacamos passagens das narrativas que nos proporcionaram a sensação de proximidade com a Mãe Beata. É admirável como as/os entrevistadas/os falam sobre Mãe Beata:

¹²⁰ *Guias* – colar para ser usado no pescoço, representa um orixá, serve de proteção, varia de cor, de acordo com o santo.

Mãe Ceixa (2022) relata

Que admirava seu sorriso, podia tá como fosse, ria logo. Tinha luz nesse riso dela, parece que os risos e os olhos falavam bem-vinda, chegue, sempre recepcionando, coração bom. [...] meu enteado frequentava lá não tinha hora para chegar.

Mãe Karina (2022) diz que

A casa, o terreiro eram carregado de boas energias e vibrações positivas, todas(os) envolvidos neste momento tinham suas responsabilidades e funções ninguém ficava parado, mas havia limitações. Nem todas(os) podiam fazer, pegar em tudo, pois há uma hierarquia e quem pode fazer determinados serviços. Dentro de um terreiro, temos o Pai e a Mãe Pequena¹²¹. O responsável para cuidar da casa dos exús e das Pomba giras, temos a iabassê é quem cuida da comida e da cozinha do santo entre tantas outras funções.

Anco Márcio (2022) comunica que seu companheiro Pai Robertão dizia,

Que eles viviam como uma roça mesmo. Quando iam pra lá não era dias, era semanas. Quando tinha obrigações era meses. Quando ela dizia ninguém sai, ninguém saia, ficava lá dentro. Seu João, quando demorava pra trazer o mantimento, a ração como a gente chama, o rancho, e ela dizia é pra esperar aqui e isso me chamou muito atenção, parecia uma coisa, uma roça isolada que a gente nem vê, mas uma roça de origem.

Mãe Beata tinha uma organização. Ela também tinha pessoas de sua confiança como Pai Robertão, Afonso Araújo (Pai Afonso) e José Carlos (Pai Zé Carlos).

A Figura 103 apresenta Pai Robertão, Pai Afonso e Pai Zé Carlos, chamado carinhosamente de Zé.

¹²¹ Pai Pequeno e Mãe pequena são as pessoas que, na ausência do pai e mãe de santo, assume o comando do terreiro.

Figura 103 – Pai Robertão; Mãe Beata na praia por trás Pai Afonso; Mãe Beata e, do seu lado direito, Pai José Carlos (Zé)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Mãe Karina (2022) reforça as falas dos demais depoentes quando afirma que:

Mãe Beata gostava de organização e que, se cada um pudesse ter seu lugar em seu espaço sagrado, assim não ocorria desavenças, competitividade, e sim respeito. Ela confiava em Roberto, Afonso e Zé. E que haviam outras pessoas que vó confiava também, falo com propriedade deles três porque vieram na lembrança. Lembro que tinha a vizinha também a Maria, o meu padrinho de Jurema chamado de Capitão Hamilton, ele era do corpo de bombeiros (aqui mesmo de João Pessoa) e que confiava também em mainha e na minha avó Eurídice, principalmente quando entregava os toques para que elas dessem segmentos. A minha avó, para cantar e direcionar os filhos de santo, mainha para dar apoio às pessoas, principalmente que se manifestavam na subcorrente. É chamo vó Biata, mas ela é minha bisavó, a chamo de Biata mesmo com a vogal i, pois foi assim que cresci chamando.

Mãe Ceíça (2022) relata que Mãe Beata

Cobrava, mas sempre estava ali chamando o filho, aconselhando, conversando, procurando entender mais sempre respeitando os horários de

terreiro, respeitando o irmão. Mãe Beata passava a mão, e dizia deixe o bichinho, deixe fulano de tal porque chegou agora minha filha, lemanjá né [...].

A forma com que as falas descrevem Mãe Beata dá para sentir a força que tinha a sacerdotisa, a mãe de santo, a esposa, a amiga. E, através da escuta e da vivência dentro do seu lugar sagrado, sinto a diferença que hoje é refletida nas ações de seus filhos de santo, como também de quem teve o privilégio de conviver com ela.

5.2 UMBANDA E CANDOMBLÉ: unidas em um só espaço: Épa babá!¹²²

Pombinho branco
Que voou, voou
Aos pés de Orixalá
Oxaguiã daí me felicidade
Para os seus filhos
Meu Pai Oxalá

É *pa bàbá* é saudar o criador da humanidade Orixalá¹²³, o Deus Supremo, senhor da criação. O mesmo que Olorum e Orumilá. Em algumas nações é confundido com Oxalá¹²⁴ considerado “[...] filho do Altíssimo. Corresponde a Jesus Cristo, o filho de Deus [...]” (Souza, 1964, p.75).

No sincretismo Orixalá é considerado Deus e Oxalá o filho de Deus. As ferramentas vão depender da falange se é o *Oxaguiã*¹²⁵ ou *Oxalufã*¹²⁶; a cor e o dia da semana são os mesmos para ambos, a sexta-feira quando usamos o branco em respeito ao nosso Criador, o nosso Deus Supremo; as paramentas também vão depender da falange.

Nesse sentido, envolvemos o orixá considerado o Pai de todos, o pai da criação, com o quesito da junção que fez Mãe Beata, quando agregou o Candomblé Angola que já praticava com a Umbanda e a Jurema.

Mãe Beata realizou ações e, para que a junção ocorresse, passou por obstáculos difíceis que transcenderam limites, um deles foi quando apresentou o Candomblé Angola que “[...] legitimou desde cedo o culto dos caboclos brasileiros,

¹²² *Épa bàbá* - saudação ao *Orixá Oxalá*; significa “obrigado Pai”; é o Orixá da paz, o pai maior nas nações das religiões de tradição de matrizes africanas.

¹²³ Orixalá - Pai eterno.

¹²⁴ Oxalá - considerado o filho do Pai Eterno.

¹²⁵ Oxaguiã - é considerado o Oxalá mais velho.

¹²⁶ Oxalufã - é considerado o Oxalá mais novo.

que além de se constituir como rito independente, foi também incorporado lá pelos anos 30 e 40 do século XX por casas nagôs [...]” (Prandi,1991, p. 20). E, dessa maneira, legitima o Candomblé Angola na cidade de João Pessoa/PB, através de sua iniciação, realizada no dia 25 de fevereiro de 1973, pelas mãos do pai de santo que veio da Bahia, Pai Cecílio e de Mãe Carmita.

A Figura 104 nos apresenta o momento da entrega da peneira, contendo artefatos que foram usados no decorrer de sua obrigação¹²⁷. Podemos visualizar, do seu lado direito, Pai Cecílio; do seu lado esquerdo, a Mãe de santo Dona Carmita e o esposo Pai João de Oxalá, entre filhos de santo e visitantes.

Figura 104 - Mãe Beata no trono, recebendo as paramentas utilizadas em seu recolhimento para o orixá por seu pai de santo Cecílio (1973)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Com essas iniciativas, firma o Candomblé Angola na cidade de João Pessoa, graças à determinação, coragem e garra de Mãe Beata, sob a orientação de seus orixás e entidades da Jurema. Mas, antes de se entregar ao Candomblé, vejamos o que nos revela Anco Márcio (2022), ao reproduzir as informações que escutara de Roberto, sobre a de Mãe Beata:

¹²⁷ Obrigação – significa feitura, ser iniciado no santo.

Que ela teve conhecimento com o pessoal de Pai Adão [Recife]. Ela foi no sítio, conheceu algumas pessoas e ela furou roncó¹²⁸. Teve coisa... ela disse a Roberto que ela era muito perspectiva. Aliás, como a gente acha que as filhas de lemanjá é muito viva, tem um sexto sentido incrível. Se eu não me engano, se quiserem diminuir ela ou fazer alguma coisa que ela não concordou, ela viu e disse epa. Ela tinha conhecimento de fundamento. Mário Miranda ia na casa dela. Roberto dizia que para ela chegar na Bahia, ela tomou informações e foi procurar alguém para acompanhar ela e se reconhecer naquele axé [...] ela se arrumou toda e disse eu vou resolver minhas coisas do santo e muito bem quando chegou, ela se entendeu Padrinho Cecílio (era como eles chamavam). Ele abriu o jogo e, enfim, acatou a casa e quando ele chegou encontrou a casa (dela) com toda a estrutura.

Mãe Ceíça (2022) declarou que Mãe Beata, apesar de feita no Candomblé, continuou cultuando a Umbanda:

A renovação, mas ela não cultuou o santo que ela tocava, mas ela aprendeu muita coisa nos cânticos, nas danças tudinho. E eu acho, devido ela ser feita com Cecílio, ela deu um renome a ela, porque ninguém da Paraíba tinha sido feito por um baiano, entendeu?

São fatos e acontecimentos que revelam momentos de enfrentamento, marcados em razão de um período de repressões políticas, ideológicas, religiosas entre tantos outros fatores.

Conhecer essa trajetória é seguir o caminhar religioso em João Pessoa/PB, é orientar os que desejam conhecer a história de seu início e entender o nosso agora, pois “[...] os indivíduos buscam a informação para responder às suas necessidades e inquietações” (Galdino, 2015, p.29). Um desses momentos de caminhar religioso se apresenta na Figura 105, que mostra os instrumentos (os *elús*¹²⁹ e os atabaques) utilizados na Umbanda e no Candomblé como importantes e essenciais para o momento de celebrações. O *elú* ou *ilú* é um tambor pequeno encourado de ambos os lados, preso a hastes de ferro e madeira. Nele, está amarrado um pano branco. O atabaque, instrumento de maior porte, é ornado com o pano nas cores branca e vermelha. Em ambos, o som grave, médio e agudo é repercutido pelas mãos ágeis do Ogã, de predominância masculina.

¹²⁸ Furar *roncó* - deixar o quarto de santo, estando em preparação para alguma obrigação.

¹²⁹ Geralmente o *elú* é usado na Umbanda, e o atabaque, em um único ritual específico do Candomblé, chamado de saída e que representa o orixá *Ossanhã*.

Figura 105 – Festa na praia o elú e o atabaque se juntam



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Mas o que levou Mãe Beata a cultuar o Candomblé Angola? Prandi (1991) explica que, entre os anos 1960 e 1970, ocorreu uma movimentação das/os sacerdotisas/es que se filiaram ao Angola por ser mais próximo da Umbanda. Ele explica também que um dos motivos para realizar essa passagem de uma tradição para outra, em que pais e mães de santo abandonam a Umbanda e se inserem no Candomblé, atribui-se à possibilidade de desejo de uma entidade espiritual e que dela se tem a orientação para realizar a passagem. Isso acontece geralmente com as/os sacerdotisas/es que tem como sinal uma doença.

Mãe Beata consegue fazer história, através de seus feitos e conquistas. Dar visibilidade à essa trajetória é uma forma de agradecimento, buscando não ser a melhor, mas, com base em seus feitos, registrar que os umbandistas, candomblecistas e juremeiros também podem ser e fazer realizações como qualquer outra tradição religiosa. A Umbanda e o Candomblé são duas tradições diferentes, com a finalidade do bem comum, do trato e da assistência à espiritualidade dos integrantes.

5.3 O IR E VIR: o preconceito e a caridade

Já apresentamos outras perseguições e frustrações que marcaram tanto a vida de Mãe Beata quanto a própria religião que ela cultuava. Mas Silva, Oliveira e Rosa (2019, p. 152) trazem, em seu artigo - *Memórias in memoriam: Mãe Beata e o nascimento do Candomblé Angola na Paraíba*, testemunhos de filhos de santo de Mãe Beata, como os de Pai Robertão e Mãe Anália, relatando que “o esposo [referindo-se ao de Mãe Beata], certa vez, chegou a interná-la como louca por causa do grande número de entidades espirituais que se manifestavam através dela”. Mãe Ceíça (2022) diz que *quando Mãe Beata teve cobrança do santo, fez sua renovação, ficou doente e bem obsediada*¹³⁰, *ficou bem aluada fazendo roupa, desmanchando roupa, até seu esposo chegar a interná-la, sei dessa história.*

Informações sobre esse episódio, Mãe Silvinha (2022) acrescenta:

Eu escutei na época que ele havia internado ela por conta do espiritismo, [20?], só que ele não entendia. Muita gente ainda hoje passa por isso, por não aceitar a religião. Há pessoas com depressão, mas sem ser e pela falta de entendimento e às vezes por não querer aceitar que seja um problema espiritual, não procura ajuda. Tem pessoas que acham que o espiritismo é um bicho de sete cabeças, mais não é, simplesmente é a realidade do mundo. Há situações que só a religião cura, sabemos que medicina tem a medicação com uso de remédios controlados e isso você se vicia e termina ficando doente, sem aceitar que seja um problema espiritual. Aqui tinha um lugar em Cruz das Armas, onde os terreiros iam pra lá para fazer preces por conta da loucura, muitos não era louco, e sim devido à mediunidade que era grande demais e por não saber o que era, pirava. Ouvia sempre de minha mãe quando ia, que lá colocavam camisa de força, dava medicação, mas não melhoravam e alguns deles se sentiam melhores quando recebiam passes, as mães e pais de santo faziam suas preces, reuniões, mesa branca, fazia nos doentes e aqueles que o problema era espiritual se recuperavam, saia rápido. Aqueles que não era problema espiritual era diferente. Uns tinham problemas mais fortes, mas a família não queira aceitar.

Com isso, pode-se pensar na visão da sociedade sobre questões religiosas, especialmente às que se referem à mediunidade. Ao incorporar uma entidade, logo afirmavam ser traços de loucura, negando uma possível possibilidade espiritual, silenciando o verdadeiro significado diante das incorporações e das obsessões.

¹³⁰ Obsediada – para os umbandistas, são pessoas que estão possuídas por espíritos obsessores. São espíritos que fazem com que a pessoa obsediada tenha momentos aparentemente de loucura, que fazem coisas fora do normal e, para quem não entende, considera essas pessoas como loucas.

Sobre a cura espiritual, “[...] diversos desafios se apresentam ao povo de santo [...]” (Batista, 2014, p. 96). É possível aprender através da sabedoria, ser resistente. Anco Márcio (2022), ao ser questionado sobre o fato, nos diz:

Estou arrepiado, eu não vou entrar em detalhes, sinceramente falando porque não vou entrar nas coisas de fábulas pra depois não dizer não é isso. Eu tô falando de uma realidade de pessoas que eu convivi com quase 90 anos que diziam e comentavam entre si, feitos. E de pessoas que entraram na questão da cura espiritual. Que entraram numa situação, às vezes loucas completamente amarradas, eles contavam assim. Mãe Anália e Roberto diziam que pessoas vinham amarradas, agressivas, completamente transtornadas, cientificamente falando estava louca. Para eles (os que fazem parte da religião) era um grau de obsessão, grandes pessoas essa de relevante importância daqui de dentro do estado que saíram e levaram suas vidas normais, casaram-se e viveram felizes, ficando na religião ou não, mas foram curadas ali.

Não se pode reduzir ou relativizar a sensibilidade espiritual a problemas psicológicos que não são descobertos ou resolvidos pelos casacos brancos¹³¹. Muitos que ignoram e não acreditam consideram essas pessoas loucas. Para nós praticantes da religião afro-indígena, sabemos que há casos decorrentes de uma obsessão, presença de *eguns*,¹³² que procuram estar próximos de entes queridos, pensando que estão fazendo bem, como há também *eguns*/obsessores perturbados, indisciplinados que não aceitam sua realidade.

A Figura 106 revela traços de um momento de incorporação na praia quando Mãe Beata festejava a festa de Iemanjá. Esse fato ocorre sempre com médiuns que incorporam espíritos. A Figura 106 mostra um que ocorreu na frente não só dos praticantes, mas também de quem estava presente. Para quem não conhece, pode chegar a ser assustador. Mãe Silvinha (a direita) ajuda a levantar a filha de santo juntamente com o público que estava assistindo à gira.

¹³¹ Casaco Branco – termo adotado pelas entidades quando se referem aos médicos.

¹³² *Eguns* - é uma denominação referente às almas de pessoas falecidas.

Figura 106 – Praticante incorporando na festa na praia



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

O Jornal A União (1973) tem como reportagem a “Umbanda condenada por um vereador protestante”, destacando o comportamento do vereador que condenou a Umbanda por ser uma religião primitiva e fruto da ignorância e de distúrbios psíquicos das pessoas. O vereador José Faustino deixou momentaneamente de lado os problemas da Câmara Municipal, em troca de uma preocupação condizente com a sua atividade de pastor protestante: a salvação do Mundo. Fim dos tempos - como primeiros sinais do fim dos tempos, “que se iniciará nos próximos 10 anos” apontou José Faustino as minissaias, os rapazes cabeludos e o aparecimento dos “Hippies”.

A fala expressada pelo vereador, na década de 70 do século XX, parece não se distanciar de práticas ainda vigentes em pleno Século XXI, apesar de ter garantido na Constituição Federal a laicidade do Estado e a liberdade do culto religioso. Muito pelo contrário, discursos de intolerância religiosa tem se ampliado, sobretudo no período de 2020 a janeiro de 2023.

Por outro lado, observa-se na Figura 107, uma nota do Jornal A União de 26 de outubro de 1973, referente à condenação de um vereador protestante por referir-se à Umbanda como religião primitiva e que, para a salvação, caberá a religião cristã.

Figura 107 – Reportagem - que refere à condenação de um vereador protestante -
Jornal A União (26 de outubro de 1973)



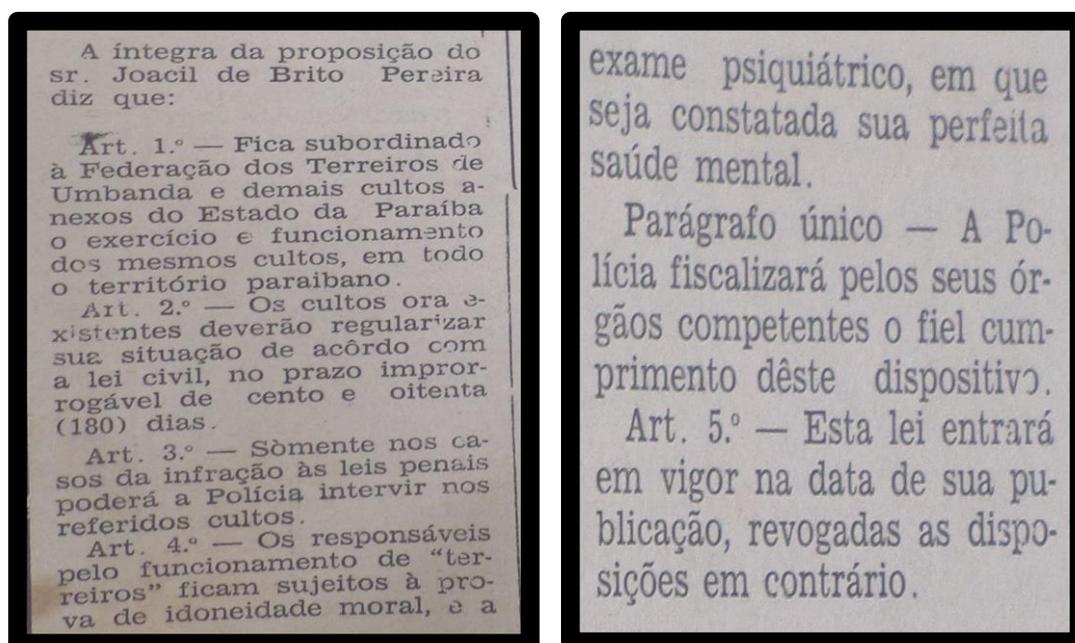
Fonte: Acervo IHGP, 2022

Além do fato em destaque, Mãe Silvinha (2022) revela que aos *pais e mães de santo* eram solicitados sempre a dar passes aos doentes do Manicômio situado no bairro de Cruz das Armas. Isso dá a entender que, apesar das duras e injustas críticas, aos sacerdotes e às sacerdotisas eram solicitado/as ajuda para quem necessitava.

Os pais e mães de santo eram vistos como pessoas que tinham problemas e que era necessário comprovar sua perfeita saúde mental, através de exames de sanidade, como descreve a nota do Jornal Correio da Paraíba, datada de 1962, e apresentada na Figura 108. É elaborado um curioso projeto de lei, apresentado na Assembleia Legislativa, pelo deputado federal Joacil de Brito Pereira, representante udenista, que determinava a subordinação da Federação dos terreiros de Umbanda e demais cultos anexos ao estado da Paraíba. O exercício e o funcionamento dos cultos, em todo o território paraibano, precisariam da liberação do estado. O projeto conta com cinco artigos, entre os quais um destaca que os responsáveis pelo funcionamento

dos “terreiros” ficam sujeitos à prova de idoneidade moral e ao exame psiquiátrico, em que seja constatada sua perfeita saúde mental.

Figura 108 – Mostra os cinco artigos que os terreiros deveriam cumprir para poder funcionar



Fonte: Acervo IHGP, 2022

Contudo, percebe-se o preconceito instituído, pois as regras não se estabeleciam para outras religiões. Essa parece ser uma forma de controle e vigilância ao desconhecido, o poder de se impor como uma autoridade, deflagrando as práticas religiosas da ‘macumba e dos xangôs’ como eram denominados por pessoas que não conheciam as religiões tidas como diferentes, neste caso específico, a Umbanda e a Jurema.

Esses são fatos ocorrem em épocas de perseguições policiais porque eles tinham o poder de impor o seu autoritarismo, e os praticantes das religiões afro sentiam-se retraídos, com medo de perseguições. Até hoje religiões de matrizes africanas são denominadas por muitas pessoas como catimbó, macumba, terreiros de feitiços e xangô.

Sabemos que vários pais e várias mães de santo foram consideradas/os como loucas/os. Mas, mesmo sendo consideradas/os loucas/os por quem desconsiderava as práticas afro-indígenas como religião, essas pessoas eram convidadas a assistir pacientes em espaço onde havia pessoas consideradas/os pacientes com transtornos mentais.

A Figura 109 nos expõe que a Federação dos Cultos Africanos da Paraíba recebeu um documento em que solicita que todos os representantes sacerdotais da Umbanda, no estado da Paraíba, sejam reconhecidos pelos Ministérios da Saúde e da Justiça a atuarem em nos hospitais, assistindo doentes portadores de males espirituais. A circular divulgada pela Sociedade Instituto Sanatório Espiritual do Brasil concede direitos não só aos sacerdotes paraibanos, mas os de todo o Brasil.

Figura 109 – Reportagem: “Umbanda vai assistir pacientes” - Jornal A União (09 de julho de 1976)



Fonte: Acervo IHGP, 2022

A Federação dos cultos Africanos da Paraíba recebeu circular da Sociedade Instituto Sanatório Espiritual do Brasil, solicitando a remessa de fichas pessoais de todos os representantes sacerdotes da umbanda neste Estado para que sejam reconhecidos pelo Ministério da Saúde e da Justiça com os quais, a entidade firmou convênio. O órgão foi fundado especificamente para coordenar os diversos cultos afro-brasileiros do país e representar suas

entidades junto aos órgãos públicos. O convênio celebrado com o Ministério da Saúde estabelece que os babalorixás e as ialorixás de todo o Brasil passarão a atuar nos hospitais, assistindo os doentes portadores de males espirituais.

Alguns babalorixás e ialorixás foram solicitados a fazer visitas ao hospital psiquiátrico localizado na Avenida Cruz das Armas para fazer giras, rezas e dar passes, como informa Mãe Marinalva (2022), uma das solicitadas para essa missão.

A Figura 110 mostra a fachada do Instituto Psiquiátrico da Paraíba, hospital situado na Avenida Cruz das Armas, n.º 104, local onde se efetivou o acompanhamento espiritual com/dos pacientes.

Figura 110 – Fachada do antigo Instituto Psiquiátrico da Paraíba (2023)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2023

A Redação Brasil de Fato, em 24 de abril de 2019, às 13h30min, fez uma reportagem sobre o fechamento do antigo Instituto Psiquiátrico da Paraíba, “após constatações de tortura e maus tratos”. Além disso, a Instituição teve uma avaliação considerada “péssima” pelo governo¹³³. A notícia do fechamento veio da Coordenação Estadual de Saúde Mental, órgão ligado à Secretaria de Saúde da Paraíba (SES-PB).

O hospital, portanto, foi fechado e seu prédio abandonado. Nesse viés, percebe-se que se ponderou por muitos anos esse olhar sobre as ações vistas sobre os praticantes das religiões afro-indígenas quando eram incorporadas ou até mesmo quando estavam obsidiadas e isso não distingue em ser praticante ou não. Qualquer pessoa pode encontrar-se nesse estado.

¹³³ A reportagem pode ser acessada pelo endereço eletrônico: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/24/paraiba-hospital-psi-quiatrico-e-fechado-apos-constatacoes-de-tortura-e-maus-tratos>



Escrevivência

*ÌRÁNTÍ KÍKÓ: òun, èmi àti àwọn m̀ìràn: Atotô!
Pessoas que foram entrevistadas pois tiveram contato com Mãe Beata e
Pai João. Fonte: Acervo da pesquisadora, 2022.*



6 ESCRIVIVÊNCIA DAS MEMÓRIAS: ela, eu e outras/os: Atotô!¹³⁴

Ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si (Ricoeur, 2007, p. 107).

Pronunciar o orixá *Obaluaê* que, para alguns, é o mesmo que *Omulu* é pensar onde ele atua. E ele atua nos cemitérios e nas igrejas. É o orixá da peste e das doenças, é representado por São Lázaro, São Roque e São Bartolomeu. Sua ferramenta é um *xarará* e a roupa feita de palha da costa e cobre todo o corpo. Reunir o orixá *Obaluaê* a representar ela, eu e outras/os é pensar no cuidado que temos em querer cuidar das feridas encontradas no corpo de São Lázaro, o protetor dos animais¹³⁵. O dia da semana é segunda-feira. Suas cores são marrons e branca. Esse orixá tem como representatividade de oferecimento a pipoca.

Desse modo, é pensar no cuidado que temos sobre como narrar a trajetória das práticas de Mãe Beata, associando-as às nossas próprias práticas e as de outras mulheres que também vivenciaram e vivenciam a religião de matriz afro-indígena.

E falar sobre as práticas dessas religiões e sobre Mãe Beata é pensar na influência que ela teve na história de outras/os. É pensar no tratamento, ao observar as narrativas colhidas nas entrevistas, sendo indispensável deixar de lado o pensar no cuidado quando tratam de trajetórias das pessoas que já fizeram sua passagem, pois “[...] as pessoas morrem, mas não morrem, continuam nas outras” (Evaristo, 2017, p. 111).

Logo vem à mente o que Mãe Beata fazia para as pessoas. Nas narrativas, todos os entrevistados e entrevistadas relembram como Mãe Beata era acolhedora e generosa, porém firme, independente de quem quer que fosse. Uma mulher que acolhia quem precisasse e pedisse ajuda.

Pensar em seus feitos, nos leva a imaginar como seria se ela ainda estivesse materialmente neste século, atacado pelo leviatã Sanitário do Covid 19, quando as pessoas ainda estão em busca de seu encontro e de melhorias.

Mãe Ceíça de Oxum (2022), ao ser interrogada sobre Mãe Beata, afirma:

Era muito respeitada por ser uma mãe de santo bem renomada né, com um alto conhecimento e ter um pouco da história, do fuxico, o enredo do povo da

¹³⁴ *Atotô* - saudação a *Obaluaê* e *Omulu* - significa silêncio, pedido de licença. Em algumas nações, é o mesmo que *Omulu*.

¹³⁵ *Xarará* - objeto feito de palha da costa.

Bahia/Salvador. E outra coisa, as entidades de Mãe Beata tinha muita entidade africana, entendeu? Ela tinha aquele rostinho moreninho assim, redondinho sabe, quando ela ria era uma preta africana, cabelo preto assim com aquelas ondinhas, era muito bonita Mãe Beata.

Mãe Marinalva de Ogum (2022) reitera o entendimento de Mãe Ceíça e acrescenta:

Ela era uma ialorixá que, do jeito que recebia um, recebia a todos. Isso era um cego, um aleijado, aqueles que pedisse recebia, colocava pra dentro o que podia fazer fazia. Era uma *lá*¹³⁶ que zelava muito pelos Orixás e ajudava muito as pessoas, cuidava, trabalhava. Uma pessoa chegava lá doente se fosse possível dava a vida pra curar as pessoas. Foi uma das grandes ialorixás, uma das primeiras, posso dizer uma das mais importantes.

Mãe Silvia de Xangô (2022), que teve uma vivência ainda mais próxima com Mãe Beata, afirmou:

Mãe Beata, ela sempre ajudava o próximo, acolhia aquele que precisava, não voltava, ali mesmo ficava. Ajudava no que podia. Ela pagava essas pessoas não era porque estavam lá, não porque ela estava ajudando que ela não pagaria não. Tá precisando trabalhar então sua função é essa, a sua aquela. Chegava o final do mês, tá aqui seu pagamento, mesmo sabendo que estava acolhido, ajudava das duas formas. Isso na casa dela, fora os que chegavam e ela ajudava com uma prece, uma reza. Ela pagava o INSS das pessoas que ela acolhia, pessoas que hoje têm seus templos, que são pais de santo, mas que ela acolheu do zero.

Para Anco Márcio (2022), Mãe Beata:

Era uma mãezona, rígida, mas mãezona agora com uma palavra bem forte, mesmo [...] mais um doce de pessoa. Tratava todo mundo muito bem, mas assim ela se colocava bem no lugar de Mãe Beata (mãe de santo). Cobrava de um filho, cobrava de outro. E vi todo mundo respeitando a hierarquia independente de qualquer coisa. A hierarquia era respeitada.

Mãe Karina de Iemanjá (2022) acrescenta que,

Além de Mãe Beata ser mãe, avó, bisavó e mãe de santo, ela tratava todos/as por igual e que, na sua convivência, podia ver e ouvir como as pessoas eram tratadas e acolhidas. Os que tinham o privilégio de trabalhar com ela era acolhido e tratado como da família, pois vivíamos em comunidade, onde quem estava lá tinha acolhimento, dormida, alimentação, mas também tinha que seguir regras e normas e quando ela dava uma ordem ai de quem não cumprisse.

Percebe-se então que a religiosa Mãe Beata, mesmo sendo uma pessoa considerada uma saudosa religiosa, ela *era uma boa mãe tanto biológica como*

¹³⁶ lá – mãe de santo.

espiritual, e que não fazia diferença de ser mãe de Eronilda, de seus filhos de santo (Eronilda Cabral, 2022).

Ela não fazia distinção, além de zelar pelos Orixás e pela Jurema Sagrada, ela zelava pelo bem-estar das pessoas que, em sua casa, chegava (Mãe Karina, 2022).

Dona Eronilda Cabral (2022) nos conta que

Mãe era muito caridosa. Tinha uma moça com uma ferida na perna e ia todo dia para ela tratar dessa perna. E eu um dia peguei o remédio da moça e joguei no mato. Minha filha, olhe, levei uma pisa (risos), uma pisa daquelas. Eu era astuciosa, mas sempre fui assim, rebelde não. Eu dava trabalho demais, minha irmã não, mas eu dava. Mamãe sempre nos colocou pra estudar, eu sempre fui mais preguiçosa, a Eurídice eu era mais ativa (risos). Ela não fez esse negócio de profissão, vivia da religião, mas estudou, ela lia muito e escrevia. Fazia as coisas de casa, fazia tudo e colocava as filhas também para aprender (risos). Agora sempre gostava de ter alguém da Umbanda assim para fazer, ajudar a ela. Ela não olhava apenas para os seus, ela via as pessoas como seres humanos que aprende, que ajuda e que necessita ser ajudado. Ela sempre foi a mesma dentro de casa como na religião, não tinha preconceito, tratava todos do mesmo jeito. Todos entravam, recebia todo mundo. Mas, nem todo mundo podia entrar no seu peji e nem na Jurema. Se ela fosse colocar os búzios, era só uma pessoa. Mãe Beata tinha muitos conhecimentos no meio político e, mesmo assim, era humilde e caridosa.

Iniciamos as entrevistas por Dona Eronilda Cabral, chamada pelos que lhe conhecem de Eron. Ela se prontificou desde que o convite lhe foi feito e reiterou o prazer da partilha e do reconhecimento para com a trajetória de sua mãe.

A opção das entrevistas e do relato se justifica em razão de adotar a escrevivência como percurso teórico-metodológico nesta pesquisa. Nesse sentido, optamos, portanto, por adotar a descrição quase em sua totalidade da fala dos entrevistados e das entrevistadas, respeitando-se as características da oralidade.

6.1 AS DOCES LEMBRANÇAS DE ERONILDA CABRAL DE SOUZA



Em entrevista, Eronilda Cabral faz uma espécie de informação de si, especialmente quando entendemos que a “narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. *É a sua memória*” (Bosi, 1979, p. 253, grifos da autora). Nessa busca, se coloca Eronilda Cabral (2022):

Eu sou Eronilda, nasci em João Pessoa, filha de Mãe Beata e de Pai João. Minha infância

foi boa e meus pais eram bons demais. Sou a filha mais nova, a minha irmã se chamava Eurídice. Sempre dei trabalho à minha mãe. Minha irmã era mais tranquila. Fui iniciada na religião, sou filha de **lansã**¹³⁷ (risos e lágrimas). E comecei recebendo as entidades, e Mãe Beata, com seus conhecimentos, fazia alguma coisa para eu não receber, tipo assim: o espírito vem, aí ela fazia porque a minha entidade era valente, caía, apanhava. Eu morria de medo, toda vida tive medo, até quando via mãe assim, eu saía logo de perto. Ela sempre tinha um pozinho que colocava na minha mão para não receber a entidade. Lembro que ia pouco lá, porque meu falecido [Marido] não gostava, eu ia porque ia mesmo, enfrentava e ia, era minha mãe e eu não iria abandonar e eu gostava de ver, embora eu tivesse medo (risos). Eu gostava de ver, não de participar, era muito sério o negócio (risos). O terreiro, eu lembro era muito enfeitado, tinha gente pra zelar e ela dentro daquele quarto dela era o segredo que não entrava todo mundo ali não, só ela e quem ela quisesse. Ela tinha que conhecer as pessoas para entrar lá. Seu primeiro terreiro foi no bairro do Cristo e o segundo foi construído no terreno que ganhou no bairro do Rangel. Iemanjá, a rainha do mar, era seu santo de cabeça, e, logo que ela faleceu, foi despachado e ninguém mais bateu, nem tomou conta se referi ao terreiro e seus materiais/paramentas/objetos

¹³⁷ Dona Eronilda por ser filha de lansã, damos destaque em sua fotografia com a cor que representa o orixá dona de seu ori.

religiosos. Afonso [Pai Afonso] fez vários trabalhos lá para tirar as coisas (despachar), mas ele não queria, nem ele e nem Zé Carlos tomar conta, responsabilidade dali. Eurídice também não quis, eu nunca tive vontade, eu acho que não assumia não (risos e lágrimas), não assumia de jeito nenhum, minha cabeça não dá, só ela mesmo. A responsabilidade é grande demais, eu não enfrentava não, uma que meu falecido [Marido] não gostava. Quando o terreiro caiu, ela estava com a bisneta dela. Foi pegar o pão no portão e, quando atravessou e quando voltou o terreiro, só o terreiro caiu. Tem gente que diz que é conversa, mas quem viu sabe. Tudo no seu lugar não é e, de repente, afundou e se levantou ligeiro. Tive muitas lições com minha mãe e de tudo o que foi de bom, eu tive uma mãe muito boa. Destaco que Mãe Beata nunca deixaria a religião, ficaria até aguentar. Suas festas eram muito bonitas, tinha muita comida, muita gente. A mãe tinha um bom conhecimento, Carlos Leal, mesmo presidente da Federação espírita gostava de conversar com ela, ela adiantava as coisas que ele não sabia. Ele adorava conversar com ela. Minha irmã participava de dentro mesmo. Afonso [Pai Afonso] não era da família, mas era de dentro. O neto dela Elias [Elias Barbosa de Sousa Silva] participou poucas vezes, batia o *elú*, era o *ogã*. E tinha também Karina [Karina Ceci de Sousa Silva]. Ela chegou pequena e a minha mãe era louca por ela. Karina morava com ela, é filha de Nino [Elias Barbosa de Sousa Silva] e Silvinha [Maria da Silva Souza], passou muito tempo com Mãe Beata, participava, tinha roupinhas (risos) deste tamanho [gesticulando o tamanho da roupa]. A relação dela com Karina era muito boa, tinha Karina como uma filha. Silvinha, a mãe dela, também gostava, deixava ela lá e Mãe Beata tomava conta, era muito apegada a ela. Silvinha não ligava porque sabia que ela estava bem guardada (risos). Já meu pai não era nem carne e nem peixe [ditado popular] participava assim, de olhar tudo, ele lia muito e participava por ser marido dela, mas ele não jogava búzios, não tinha essa inteligência (risos) que ela tinha. Ele era feito no santo, mas esse negócio de búzios ele não sabia, não. Ela ensinou muito, e ele não aprendeu. Éramos uma família bem atuante na religião. No terreiro, Mãe Beata tinha Anália - Mãe Anália (sobrinha), Jair Barbosa (neto), Elias - Nino (neto), Eronilda (filha), Eurídice (filha), Karina (bisneta). Cultuava a Umbanda, mas foi feita no Candomblé por Pai Cecílio e sua esposa Dona Carmita, ambos de Salvador, passava dias lá em seu Cecílio, mas nunca comentava nada, guardava só pra ela. Mãe cultuava

Umbanda e, depois de sua feitura, juntou Umbanda e Candomblé. Mãe Beata era bem vaidosa, seus axós eram bem zelados. Ela era muito brava, Karina [referindo-se à bisneta] puxou a ela, quando ela queria dizer, dizia mesmo (risos). Celebrou o casamento de Penha Ataíde e Robertão Ataíde (Pai Robertão). Gostava de tomar um vinhozinho, mas ninguém mexia com ela e, se mexia, ouvia o que não queria. Ela não tinha medo de ninguém. Não fez esse negócio de profissão, vivia de religião, mas estudou, ela lia muito e escrevia. Mãe Beata fez sua passagem nova, faleceu daquela doença [referindo-se ao câncer], quando descobriu já estava avançado. Ela foi mais, ela tá aqui né, vai a gente não quer, mais daí vai sem querer, mais vai.

Nas memórias de Eronilda Cabral, a mãe era uma mulher forte, de atuação intensa na Umbanda, embora ela Eronilda Cabral, não tivesse muito envolvimento para com a religião, provavelmente em razão de o marido não gostar, como afirma Eronilda: “A responsabilidade é grande demais, eu não enfrentava não, uma que meu falecido [Marido] não gostava”. Esse é um modo de impor sua própria vontade, levando a esposa a não aderir à religião. Mas, fica patente nas palavras de Eronilda Cabral, a força daquela mulher, que quebrou estatutos sociais, ao celebrar o primeiro casamento na Umbanda, tomando vinho livremente sem se curvar a determinados estereótipos impostos pela sociedade vigente. Uma mulher livre e à frente de seu tempo.

Na busca por memórias, encontramos Mãe Ceíça de Oxum, Mãe de Santo que conviveu com Mãe Beata. O encontro com Mãe Ceíça se deu em oportunidades que o Mestrado nos possibilitou e em razão de tantas memórias que foram coletadas por filmagem. Além de possibilitar remexer no baú interior. Colaboradora ativa nesta pesquisa, com a palavra Mãe Ceíça de Oxum.

6.2 MÃE CEIÇA EMBALADA NO OURO DA OXUM



*M*aria da Conceição Farias é natural de Timbaúba/PE, do bairro de Mocóis, vindo para a capital paraibana aos 11 anos de idade. Sua mediunidade começou ainda na infância, todavia, em sua cidade de origem, não se podia falar em Umbanda, em espiritismo, algo quase que proibido. E se havia algumas práticas, todas eram às escondidas. Quando criança, ainda sem muita clareza religiosa,

tinha muitos sonhos. Muitas vezes acordava em pavor, conforme relata: “Eu tinha muito sonhos e acordava apavorada, assustada, vendo vultos passar e, quando acordava assim, eu ia para o meio dos meus pais e ficava vendo tudo quanto era espírito, eu não sabia o que era aquilo, o povo dizia que era alma do outro mundo, vai dormir”.

A vinda de Conceição Farias para a Capital da Paraíba foi motivada por uma prima que carecia de ajuda para concluir os estudos. Essa foi a razão pela qual pediu aos pais, da ainda menina, que a deixasse vir passar dois meses até a conclusão do Curso, tendo como missão cuidar dos filhos da prima. A ideia foi aceita por todos. Conceição revela: “Fiquei doida pra vir, todos falavam da Paraíba. Coloquei as roupas melhorzinhas, a gente era tão humilde que tinha essas roupas para passeio. Vim embora. O curso terminou, e eu não quis voltar mais porque eu gostei, passeava, viajava tudo com ela, com os filhos e tudo era bom. Envolvida com a prima que era praticante religiosa de matriz afro, veio a descoberta e a certeza da mediunidade. Conforme narra Conceição: Daí veio a mediunidade, ela frequentava um terreiro lá em Recife, lá em Peixinhos e eu ia com ela. Ela era médium desenvolvida e eu comecei acompanhar ela. Mas eu não queria nada com o espiritismo, ficava lá longe, tinha uns bancos e eu ficava sentada (na subcorrente). Aí começava a cantar ou tocar. Me dava vontade de chorar, e o homem vinha perto de mim jogava um pano na minha cabeça para ver se eu recebia. Quando foi um dia de mesa branca que era nas quinta-feira,

aí eu via as estátuas andando na mesa, os índios flechando as flechas pra mim, os copos andando e eu disse: vou ficar aqui não logo ela pergunta porque eu digo tô me sentindo bem não, estou me sentindo mal, eu tô vendo essas estátuas vindo para perto de mim, eu tô vendo os índios querendo me flechar, esses índios pretos aí. Eu saí muitas vezes. Quando foi um dia o pai de santo disse, essa menina é *médium*. Minha prima disse: eu sei que ela tem umas coisas mesmo, vê umas coisas, ela tem mediunidade. Ela vai ter que desenvolver, eu disse mais eu não quero não, eu nem queria ouvir falar. Eu tinha aproximadamente 13 anos de idade. Aqui na Paraíba tinha uns pais de santo antigo como Manoel Babá que veio de fora, dizia que era baiano. Tinha Mariinha Queiroz que a chamavam de bruxa, ninguém queria negócio com ela, dizia que ela matava em 24h. E tinha Sebastião Gama, no Cristo Redentor, e eu corria para assistir esse povo. Minha prima me perguntou: tu dissesse que não queria esse negócio, o que tu vai ver lá. Eu disse que eu acho bonito o tambor batendo, o povo recebendo, eles batiam palmas, porta fechada e o negócio me chama e eu vou. Um dia fui à casa dessa mulher que o povo chamava de bruxa [Maria Queiroz], ninguém queria nada com ela, ela era de lansã de Balé, depois que eu vim saber. Depois que eu já sabia o que era santo. lansã de Balé é lansã do cemitério e todo mundo tinha medo da mulher que andava com vestido comprido, cabelo solto, cabelo ripado, de unhas grandes, mas eu não tinha medo dela. Um dia eu cheguei à casa dela e entrei e fiz umas perguntas a ela. Eu sei que a mulher me mostrou o quarto de santo dela, me mostrou tudo o que ela tinha, ninguém entrava lá nessa casa. Ela me disse: tão me dando autorização para lhe dar esses dois livros. E eu perguntei o que vou fazer com esses dois livros? Ela me responde que esses dois livros têm muita ciência, se estão mandando lhe dar, porque você mereceu. É merecedora desse prêmio, o livro da bruxa e de São Cipriano. Só tem uma coisa, só quem pode ler esse livro é você, abrir esse livro é você, não deixe ninguém pegar neste livro, guarde em lugar seguro, se alguém pegar quem não tem competência, bagagem para pegar passa mal e até passar. Eu disse o que é passar? Ela responde que os espíritos levam, morre. Eu disse 'Virgem Maria', e como é que eu vou levar esses livros? Leve. Estão mandando lhe dar. Levei, guardei no guarda-roupa, não mostrei a minha prima, não. Mas ela me perguntou aonde eu havia ido e eu disse que passei na frente da casa de dona Maria de Queiroz estava aberta. Ela gostou foi de mim, me

mostrou tudo o que ela tinha lá e ainda jogou uma mão de búzios para mim. E ela disse: é minha filha, você tem muita ciência, é uma médium, tem muito africanos e tem a mesma lansa que eu tenho. E eu sabia o que era santo nem nada. Conheci a mulher sem querer, as entidades me levaram. Com o tempo, não sei o que foi que houve, a mulher foi embora [morreu]. Guardei o livro e deixei lá. Um dia eu saí com umas amigas, aí quando cheguei, minha prima estava desmaiada no chão, como uma morta e o livro aberto. Aí eu me lembrei, bem que ela disse que ninguém podia pegar neste livro. Será que ela morreu, mole, mole. Ela tinha uma mesinha porque ela já recebia, tinha uns perfumes, um copo com água e a estátua do mestre, era Jurema. Aquilo me veio logo o recado, eu nem sabia o que era recado, intuição, eu não sabia. E escutei pega isso e isso e passa nela, limpa e reza ela. Fui salmo que ela tinha, comecei rezando, rezando, rezando e botando perfume, jurema e com a maracá balançando para o mestre, aí ela respirou, respirou e voltou, o guia dela foi buscar ela, né? Peguei o livro e envolvi numa toalha para levar para Recife. E comecei frequentando com ela e daí veio o meu desenvolvimento e as minhas primeiras obrigações, já fiz com os meus 18 anos já estava até noiva. E, lhe digo como se fosse hoje, **Oxum**¹³⁸ queria mesmo a obrigação, porque eu sonhei, se nem dinheiro eu tinha. O marido dela não acreditava e nem queria ouvir falar, pra gastar dinheiro com macumba não. Fui dormir, pedindo a Nossa Senhora do Carmo que me desse uma luz, me desse uma ajuda para eu fazer meu *bori*¹³⁹. Pedi com tanta fé e sonhei que meu tio chegava no ônibus, e o ônibus tinha muitas listras e pinturas amarelas. Ele parava e chamava Téia, vem cá Ceixa tô indo viajar, quer ir viajar? Eu dizia Téia, eu queria ir, mas a gente não aprontou nada, como ir. Eu arroteava o carro e via a placa do ônibus, aí acordei. No outro dia joguei, foi tiro e queda, tirei uma bolada de dinheiro, deu para fazer as obrigações todinhas. Fiz o assentamento para Oxum e Ogum, mas não queria de jeito nenhum. Quando terminava, eu corria, tirava a roupa e jogava para lá. Quando o santo virou comigo, me pegou e eu me acostumei. Foi em Recife, foi iniciada por Pai Eugênio, porque o outro pai de santo era Umbanda e não nagô e a corrente de minha mãe é nagô. Com o tempo, fui me acostumando, aí deixei

¹³⁸ Mãe Ceixa, por ser filha de Oxum, damos destaque em sua fotografia com a cor que representa o orixá dona de seu ori.

¹³⁹ Bori – obrigação, ritual.

de me assombrar, deixei de ter as visões e de me perder na rua, de sair de si e cair no choro na sala de aula, de cair no choro, sem saber que era a mediunidade, não pude mais estudar, as amizades que eu tinha ninguém quis mais nada comigo porque dizia que eu era louca e me diziam que eu tinha que tomar remédio de nervos. E fiquei boa depois que me desenvolvi, foi passando aquelas coisas, voltando a minha vida normal. Isso porque tinha aceitado o meu destino. Meu noivo na época dizia ser espírita, macumbeiro, mas quando via eu receber espírito, ele não queria. Ele dizia ser uma pessoa pública e muito conhecido e que vivia por política e que me queria como sua esposa, uma dama e eu não me casei com ele. Deu tudo errado, as entidades mesmo tirou ele, não é mesmo? Comecei a frequentar, com a minha prima, a casa de Carlos Leal e não tinha microfone nem caixa de som, era tudo muito humilde, tinha só o terreiro pequeno. Carlos Leal disse: Téia, mande sua menina cantar uns pontos. Eu disse, mas eu não sei cantar não, nem do santo eu sou, eu fiz o santo mas não fiquei girando. Mas cantei umas turimbas até que aprendi em Marinalva onde meu ex-noivo era tesoureiro e eu era secretária. Cantei Ogum Megê, general de Umbanda, e lembrava de Marinalva com aquela espada dela, e eu cantei Ogum da Guerra, Ogum Beira Mar, aí pronto. Quando eu cheguei lá fora uma mulher disse para as filhas de santo, venha cá, já viu quem o velho Carlos leal vai entregar o terreiro, é a ela. Eu! perguntei, é você que vai tomar conta desse terreiro aqui? Eu disse: Deus me livre eu não quero compromisso com terreiro não senhora, eu frequento em Recife só vim ver o toque. Ele convidou, ele mandou cantar duas turimbas, eu cantei o que aprendi correndo gira por aí. Mas é você que vai tomar conta disto aqui. Era a mulher dele, mas acho que era uma entidade dela. Conheci Carlos Leal quando fui lá em Marinalva, achando-o muito chato, muito estrela e o povo jogando em cima dele arroz, perfumes, flores. Oxe! Eu disse, quem é esse homem aí, cara feio, com esse narigão que tão jogando tanta flor? Me responderam é o presidente da Federação. Vigi! E precisa disso tudinho, até receber ele com alá¹⁴⁰? Era solicitado quatro filhos de santo para receber e entregar a moringa do orixá da casa para o pai ou mãe de santo que chegava para despachar de um lado e do outro, pedindo licença para entrar e

¹⁴⁰ Alá - é um pano da cor que representa um determinado orixá que serve para cobrir a cabeça de um filho em determinadas ocasiões e para outras determinadas funções, como receber com receber pais e mãe de santo quando faziam visitas aos terreiros.

todos cantavam assim: *Nessa casa quando entrei. Eu louvei Maria. Saravei os orixás. Eu louvei Maria.* Para louvar aquele babalaô chegando. Nos saudamos com o sarava e os pais e mãe de santo com o bachochô¹⁴¹. Hoje muita coisa mudou e hoje muitos não fazem porque não seguem os ensinamentos dos mais velhos. Fiz o santo em 1981, com Penha [Maria da Penha Ataíde] (filha biológica de Carlos Leal) e Roberto (genro de Carlos Leal). Já foi aqui no terreiro, já mãe de filhos e eu estava muito doente e já estava com Carlos Leal que não confiava em colocar outra pessoa. E esse tempo, o santo não me cobrou filhos de santo, terreiro cheio, porque eu não pedi, eu não queria ter filhos de santo. Faço limpeza, sacudimento para ajudar quem está caído. Mas não quero compromisso para zelar pelo santo de ninguém. Sou exigente e chata e ninguém hoje obedece. Fiz minha Jurema com Mãe Gláucia de Campina Grande. E, assim, nas visitas com Carlos Leal, conheci Mãe Beata que já estava grávida do meu primeiro filho Beto em 1870, tinha Penha e Robertão que eram filhos de santo. Conheci Eurídice, a filha dela, quando chegamos lá, éramos muito bem recebidos. Pulso firme era Eurídice. Os axós de Mãe Beata eram muito bonitos, ela fez o santo com um pai de santo da Bahia, muito bem assistida, parecia uma baiana, torço¹⁴² bonito na cabeça. Ela não relaxava nos seus axós. Ela chegava ficava ali e era de uma ordem severa, era de uma ordem ela e seu João, o marido dela, filho de Oxalá, muito calmo, tranquilo. Quando a gente chegava lá nem era festa, íamos conversar lá um pouquinho e, quando íamos embora, ela dizia: vá agora não Mestre Carlos, demore mais um pouquinho. Falavam sobre a Umbanda, os trabalhos, os avanços, conversavam sobre o que tinha que fazer no terreiro, mudança. O primeiro terreiro de Mãe Beata foi no Cristo [Redentor], era pequeno e o segundo já era maior, tinha muitos filhos de santo, era um casarão e o casamento da Umbanda foi feito lá. Meu relacionamento com Mãe Beata era como a mulher do presidente. E, nas minhas visitas, observei muito o terreiro e seu comando. Ela tinha muita ordem, tanto dela como de Eurídice, os filhos de santo eram cobrados. Tinha o filho de Eurídice, acho que era Jair que tocava o *elú* ou era o outro filho, o Nino (Elias), já não tenho tanta certeza. Nessa época, meninos, quando iniciavam, faziam carteirinhas de menor e só podia frequentar

¹⁴¹ Bachochô - maneira de cumprimento entre os pais e mães de santo.

¹⁴² Torço - Pano que colocamos na cabeça, para cobrir o *ori*.

sob a supervisão de um adulto. Eu sempre levava o registro e uma foto no juizado de menor para as autoridades e fazer as carteirinhas para poder frequentar. Os dois filhos de Eurídice participavam, Marinalva [referindo-se a Mãe Marinalva] tinha aquela menina Silvinha e Aguinaldo seu esposo, que era tudo ali mão de faca, *acipa*¹⁴³, *ogã*n. Lembro que, quando tinha vontade de conversar com Mãe Beata, me aproximar dela nunca tinha tempo, era muito procurada e quando tinha as coisas, Carlos Leal [referindo-se ao Arquicancelário Carlos Leal Rodrigues] colocava o nome dela e se apresentava no teatro Santa Roza, ia com os seus filhos de santo. E abriam às apresentações por ela ser filha de Iemanjá, por ser feita pelo povo da Bahia. Carlos Leal tinha essa consideração. O que mais me chamou atenção em Mãe Beata eram as vestes que ela usava. O jeito dela ser, bonita, rígida com o terreiro dela e assim as coisas dela de dizer sobre o santo era ela muito simples, ela não gostava de aparecer, de se mostrar.

Nas memórias narradas por Mãe Ceixa de Oxum, descortina uma Mãe Beata, organizada, austera e devota de sua prática religiosa. Narrativa que converge com a descrita por Eronilda Cabral sobre a Mãe dela. Todavia, há que destacar o respeito amalhado para si e a relação respeitosa que ela tinha com o Mestre Carlos Leal e ele por ela. Suas indumentárias e todos os seus elementos de prática religiosa eram cuidados com afinco.

¹⁴³ *Acipa* – o responsável pela casa de exú, pessoas de confiança dos pais e mães de santo.

6.3 MÃE MARINALVA NA PROTEÇÃO DE OGUM



*M*arinalva Amélia da Silva, nasci em Serra Branca/PB, sou filha de Amélia Maria da Conceição e de Inácio Leovegildo Guilherme. Fui criada por uma mãe de santo de nome Maria Salomé Soares (Mãe Preta) no município de Tucano/BA, um povoado, uma cidadezinha. Minha mãe de sangue, quando faleceu, eu era pequenininha. Ela era católica-apostólica-romana nem queria ouvir falar em espírito. Segundo minha mãe me falou que

minha mãe de santo é minha mãe de umbigo, também foi quem me pegou e que eu nasci com os pés pra frente e imediatamente cruzei as mãos. E que ela olhou pra minha mãe e disse assim: *Madrinha Amélia, a senhora acabou de ter uma prenda*. A resposta dela foi essa: *se for pra dizer que é para seguir o espiritismo, eu prefiro botar uma mortalha nela e enterrar porque eu não quero ela dentro do espiritismo*. Como ela era a parteira dela (dos filhos todinhos), eram muito amigas, bem dizer irmãs elas duas, elas se comunicavam muito, então ela não ligava, eu vivia mais na casa de minha mãe de santo. Meu pai morreu eu tinha quatro anos e quando minha mãe faleceu já tinha cinco anos de idade. Quando minha mãe faleceu, foi uma confusão porque meus irmãos queriam ficar comigo, teve que levar o caso pra justiça, mas eu não queria ficar de jeito nenhum, eu ganhei na justiça pra ficar com mãe preta¹⁴⁴ e com ela me criei até meus 30 anos. Mas eu sempre passeava, vinha para o sertão, ficava com os meus irmãos, nunca deixei de ver minha família. Minha irmã Nova é a única que está viva que eu sei. No espiritismo só sou eu somente e minha mãe não era espírita, mas ela é neta de cabocla braba mesmo, a avó dela, a minha bisavó foi pega a dente de cachorro na mata [é como Mãe Marinalva descreve como sua bisavó foi encontrada na mata]. Quer dizer que eu trouxe como a caçula de cinco irmãos,

¹⁴⁴ Mãe Preta é como Mãe Marinalva chama sua Mãe de santo.

como a última, eu trouxe toda parte espiritual dela. Ela não seguiu, mas eu sim, hoje respondo no tempo que ela tinha que ter seguido o santo. Mas antes de assumir o santo foi um problema porque eu não queria assumir de jeito nenhum, fui crescendo, meu santo eu sabia que era filha de **Ogum**¹⁴⁵. Pois tive um recado quando tinha 5 anos, dormindo, eu tive o recado de meu santo. Mas só Oxum gritava e foi aquela confusão medonha. Então, fomos a uma cachoeira e fizemos um bocado de oferendas e terminou Ogum com lansã que é *juntó*¹⁴⁶, minha madrinha é Oxum, o pai de cabeça de quem me fez é Xangô. Seguir ajudando minha mãe de santo, não tinha quem a ajudasse, comecei a zelando pela Jurema, a zelar pelo santo desde os meus seis anos, antes dos sete anos de idade minha mãe de santo não mexia com o *ori* de criança. E nos meus sete anos de idade consagrei minha jurema e jovem ainda não queria assumir. Apanhei no santo por minha rebeldia, tive muita doença, todo tipo de doenças na minha vida. E por isso comecei a cultuar aos meus orixás e minha Jurema. Posso dizer que com cinco comecei, com sete anos fiz minha Jurema e com quinze anos fiz meu santo. Porque eu já tive doenças demais por causa do espiritismo. Eu sempre fui espírita de nascença, trouxe o dom, fundamento que Deus me deu, tive ensinamentos só dela, a única mãe que me ensinou foi ela. Com mãe preta me criei, posso dizer que era filha única porque ela tinha quatro filhos homens hoje todos falecidos, inclusive ela. Eu continuei na vida espírita e fiquei trabalhando antes de me casar com um rapaz daqui de João Pessoa, o José Aguinaldo. E antes de abrir casas de santo, em 1960, eu já jogava búzios, cartas e fazia consultas, já fazia meus trabalhos, minhas coisas. Quando abri a casa, eu já tinha meus dois filhos na época Isaías [Isaías Oliveira da Silva] e Silvinha [Maria da Silva Souza]. Daí por diante, já estava com meu terreiro na enseada no bairro do Miramar em João Pessoa. Morei muito tempo numa casa de palha, tirando água de cacimba e ali eu já comecei a bater e aí foi quando comecei a ser perseguida pela polícia. A polícia, todo dia estava na minha porta, eles faziam aquelas coisas. Reclamei muito, mas fiz uma promessa a meu pai Ogum que ia deixar a Umbanda liberta e deixei. Desse tempo, só existia Sebastião Gama, que era antes de mim, Zefa Corcunda que foi depois, Joana

¹⁴⁵ Mãe Marinalva, por ser filha de Ogum com lansã de junto, damos destaque em sua fotografia com a cor de um dos orixás dono de seu ori.

¹⁴⁶ Juntó é o orixá que forma par do orixá de frente, dando equilíbrio à pessoa.

de Dudu, Severina da Torre já tinha o centro dela, quando eu comecei a bater. Era tudo fechado, era tudo escondido, tinha muitas pessoas que trabalhavam, era só em mesa branca. Fazia minha procissão para Nossa Senhora da Conceição, dali do Miramar até onde reúne o povo¹⁴⁷, ali tinha uma alpendi¹⁴⁸ e comecei a dar meus toques. E depois da liberação da Umbanda pelo governador João Agripino, fazia minhas procissões e ficava na frente da casa dele na praia. E um dia, recebi a sereia que me jogou na água, ele entrou dentro da água pra me salvar, pensando que eu ia morrer afogada, foi aquela preocupação. Mas, antes da liberação da Umbanda, enfrentei a polícia, briguei, discuti com pessoas que dominavam o Miramar que não queria que eu fizesse meus trabalhos e chegava na minha porta e dizia construa para o trator passar por cima, isso era um sargento que dizia. O cabo que morava perto de mim passava e soltava uma lera¹⁴⁹. Não podia rezar, não podia fazer nada por causa da perseguição. Foi nesse tempo que corri atrás de liberdade e, nesse momento, mais perseguições ocorreram. Essa minha história está toda no livro, conto tudo no livro: *Umbanda minha vida: missão do bem*. Nunca foi fácil, às vezes nada tinha para comer e conseguimos comprar a nossa casa devido um tratamento que fiz para uma menina de Campina Grande [cidade paraibana] que passou oito dias em minha casa. Ela ficou boa e, quando vieram buscar a moça, o rapaz me perguntou quanto devia, eu disse que não devia nada que eu não trabalho por dinheiro. Ele pegou 20 cruzeiros e me deu, apareceu essa casa por 13 cruzeiros no Miramar de palha e o restante sai e fiz uma feira e passei muito mais de 15 dias, meus cunhados fizeram a casa de tijolo, fiz o terreiro atrás de 25x13 de área coberta e graças a Deus estou levando a vida assim. Depois veio uma lei que aqueles terreiros tinham que fazer um registro na delegacia. Foi uma turma, nesse tempo eu trabalhava para o Henrique Primo. Mestre Carlos [Carlos Leal Rodrigues]¹⁵⁰ baixou a cabeça e todos olharam e ele disse assim: atenda essa senhora aqui, ela tem dois filhos pequenos e os terreiros tinha que ter uma licença assinada

¹⁴⁷ Mãe Marinalva se refere à festa de Iemanjá quando reunia seus filhos de santo, no bairro do Miramar, em João Pessoa, e seguia em carreta até a praia para ir ao encontro de terreiros.

¹⁴⁸ Alpend – Mãe Marinalva se refere a um tipo de ponte, presente na orla da Cabo Branco, em João Pessoa (mas, de acordo com o mapa da cidade sobre o alped que relembra Mãe Marialva, ele ficava localizado na praia do Manaíra).

¹⁴⁹ Lera - um tipo de piada.

¹⁵⁰ Carlos Leal Rodrigues - primeiro presidente e fundador da Federação Paraibana dos Cultos Africanos na Paraíba.

pela polícia e devia ser renovado tempos em tempos, legalizar em diário oficial. Até aí não tinha a Federação. Entrei em contato com Carlos Leal, combinamos, abrimos a Federação, se ele não colocou nos documentos, mas eu sou uma das fundadoras. A Federação organizou as apresentações no teatro Santa Rosa e em Campina Grande e, nesses encontros de terreiros, havia muitos encontros entre os pais e mães de santo. Eu conheci Beata [Mãe Beata] no tempo de Ribeiro [José Ribeiro de Souza - Pai Ribeiro]. Eu a conhecia de vista. Todos comentavam de Mãe Beata. Ela deu uma festa para lemanjá e disse, Ribeiro mande Marinalva vir. Era uma casinha bem pequenininha, de esquina, assim, pegando a pista ao lado do Instituto Médico Legal (IML). E nesta festa, na praia, ela fez as preces dela, rezamos, ela colocou a panela dela e agradeceu. E de vez por outra, visitávamos Beata. Nunca soube quem era mãe e pai de santo dela. Teve uma outra festa e a filha dela bem jovem, a Eurídice, vó de Karina [Ceci] puxava os toques, Nino no canto, Beata ia para o meio do terreiro rodava o dedo assim (gesticula) parece que estou vendo e dizia é comigo mesmo, adorava aquelas brincadeiras. Fez o terreirão já era o segundo terreiro. Aí ela começou a frequentar a Bahia, mas não batia Candomblé, era Umbanda limpa. Eu lembro quando fez a obrigação de teu bisavô, foi Manoel de Campina Grande que veio fazer o santo dele para Oxalá, ela via as coisas, olhava pra mim, piscava o olho, mas ficava quieta. Depois teve o casamento de Robertão e Penha, o primeiro casamento na Umbanda foi Beata quem realizou. Depois ela passou para Salvador, vinha o pessoal bater, fazer obrigação, a gente se desencontrou eu não sou muito de Candomblé eu deixei de frequentar lá. Viemos nos encontrar no Teatro Santa Rosa, ela sabe na vida espiritual que eu queria muito bem a ela, sempre ia para as minhas apresentações e para as de Zete Farias. Levei um presente para ela e ela trouxe um também, dei uma cesta de frutas e flores. Mas sempre teve uma ligação entre nós, até porque eu passava para ela coisas do santo e ela passava pra mim. Seus toques, a filha Eurídice ajudavam muito, pois ela tinha asma e, quando começava a cantar, ficava cansada. Ela dava palestras, era exigente e nos recebia muito bem. No santo para receber uma visita, uma pessoa ia lá para dentro pegava o *alá*, a mãe pequena com uma quartinha com quatro filhos de santo feito ao receber o babalorixá lá na entrada, entrava debaixo do *alá* e tinha a quartinha para isso também e quem chegava cantava: *Dá licença babá, que eu quero entrar, com a força de Ogum, eu quero entrar.* E eu

respondia: *O alá é seu babá, o alá é seu babá*. Hoje já não faço mais, mas recebo os pais e as mães de santo com o *ogã* batendo um *alojá*¹⁵¹, mudou muito. Mãe Beata não gostava de ir em terreiro não, era difícil ver Beata em outros terreiros. Ela dizia: *gosto de meu terreiro, fico sentadinha na minha cadeirinha mais meu neto*. Ela não recebia com o *alá*, era só com a quartinha. Na entrada do terreiro tinha um cruzeiro, e um dia a linha principal do terreiro veio a cair. Ela modificou muito o terreiro, a cozinha do santo foi lá para trás. As roupas do santo sempre muito bem-vestida, mangas longas, corpo princesa, ela era baixinha e dentro do santo era vaidosa que só. Ela girava, ia no pé do santo cantava, quando cansava a filha Eurídice [Eurídice Barbosa] tomava e cantava. Quando ela estava incorporada, os filhos de santo colocava o *alá* e batia *jôco*¹⁵² e tomava benção. Todos eles tinham uma coisa do jeito que ela era mimada, quando o orixá descia, desse jeito era com os orixás dos filhos nos pés dos filhos incorporados quando tinham obrigação. Ela dava muito ensinamentos dentro da Umbanda, ela foi uma guerreira. Lembro uma vez que Ribeiro e eu fomos lá, e ela gostava de tomar um vinhozinho, ela animada soltava os cabelos e conversava. Ela ensinou muito a Penha, Robertão a Afonso, só que não era de dizer o segredo do santo, mas, se Afonso foi feito por ela, eu não soube. A outra ligação que eu tenho com Beata é que Silvinha, minha filha, que já conhecia o neto de Beata, o Elias (Nino), depois de um tempo separada, começou a gostar e dos dois veio às minhas duas netas Karina [Ceci] e depois Kadja [Kadja Elyze de Sousa Silva]. E assim ela começou a frequentar a casa de Beata e trazia, de vez em quando, as meninas à minha casa. Vocês não frequentavam a minha casa quando moravam com a Beata e depois que ela ficou com vocês, a última vez que eu tive lá foi na tua obrigação de tua cabocla, aí deixei de ir. Ela colocou a mão na bisneta, deu tudo o que tinha direito. Ela cultuava Jurema, mas se dedicava mais ao santo. E colocou o teu nome de Ceci, pois ela tinha uma caboclinha chamada Ceci que ajudou muito ela. Então ela tinha que deixar pelo menos uma lembrança, uma representação. Uma história, o começo de uma história, ela faleceu mais deixa vocês para continuar a história. Comprovadamente, você [referindo-se a Karina Ceci] e Kadja que se curvaram ao santo até quando Deus quiser, não adianta

¹⁵¹ *Alojá* – louvação.

¹⁵² *Jôco* – uma maneira de cursar ao santo.

correr não. Acredito que colocar o nome dos espíritos em uma pessoa do próprio sangue é para se evoluir como ela se evoluiu.

Nas memórias de Mãe Marinalva de Ogum, observa-se a força de Mãe Beata. Suas filhas não deram continuidade à herança religiosa deixada por ela, exceto Eurídice Barbosa, que atuava dentro do terreiro, diretamente com ela. Todavia, Mãe Beata repassou para sua bisneta uma herança simbólica. Como disse a narradora, “Então ela tinha que deixar pelo menos uma lembrança, uma representação. Uma história, o começo de uma história, ela faleceu mais deixa vocês para continuar a história. Comprovadamente, você [referindo-se a Karina Ceci e Kadja Elyze] que se curvaram ao santo até quando Deus quiser, não adianta correr não. Acredito que colocar o nome dos espíritos em uma pessoa do próprio sangue é para se evoluir como ela se evoluiu”. As memórias também se referem a uma mulher forte, com muita determinação e rigor. Assim seguiu Mãe Beata, na prática de sua religião.

Mãe Beata, também foi lembrada por Mãe Silvinha, que foi casada com o neto de Mãe Beata, Nino [Elias Barbosa]. Mãe Silvinha é a mãe de suas duas bisnetas.

6.4 MÃE SILVINHA E O CHAMADO DE XANGÔ



*N*asci em João Pessoa, paraibana, com muito orgulho. Meus pais são Marinalva Amélia da Silva (Mãe Marinalva) e José Aginaldo de Souza (*ogãn*). Somos sete irmãos: tem o Isaías [Isaias Oliveira da Silva], eu [Maria da Silva Souza], Jorge [Jorge Aginaldo da Silva Souza], Emanuel [Emanuel Aginaldo da Silva Souza], Cosme [Cosme Aginaldo da Silva Souza] já falecido, Damião [Damião Aginaldo da Silva Souza] e Cristina [Isabel Cristina Ribeiro da Silva]. Eu fui a primeira iniciada deles, minha mãe deu o primeiro passo, pois tive problemas de saúde muito sério e para eu

poder me recuperar com nove anos de idade eu tive que dar oferendas aos meus orixás **Xangô**¹⁵³ e Nanã. Depois foram iniciados Cosme, Damião e Cristina. Os outros tiveram seus feitos, mas não praticam¹⁵⁴ a religião, frequentam em uma visita, o Emanuel até bate o *elú*, mas de dentro mesmo hoje só eu, Damião e Cristina. Eu, quando iniciei, era a única mulher no meio dos homens, então eu ficava mais em casa e tomava conta de meus irmãos para minha mãe poder bater nas quartas-feiras e nos domingos, então eu ficava na responsabilidade da casa, dos meninos e do terreiro, pratico até hoje e nunca procurei outra religião. E minha história, posso dizer que foi maravilhosa, pois tenho a Umbanda como a religião que me completa. Conheci Mãe Beata na minha infância quando eu frequentava o terreiro, minha mãe sempre me levava, só tinha eu de filha única (mulher). Ela nunca me deixava sozinha em casa. Eu tinha uma mediunidade muito grande e todo canto que ia me irradiava, mas eu não participava porque era proibido pela justiça de menor frequentar. Mas, quando eu incorporava, alguém me guardava, me colocava em algum lugar, tinha que me esconder em algum lugar porque eu não podia participar. E quando eu incorporava, minha mãe vinha, subia meu orixá e eu voltava e ficava quietinha no meu canto. E assim conheci Mãe Beata, pessoa antiga no santo, era uma pessoa de respeito e muito vaidosa, muito rígida na religião. A sua casa, frequentava a alta sociedade e sou testemunha viva. O meio político estava presente, frequentava, mais muitos não queria ser exposto e a gente tinha que respeitar. E do jeito que a gente via, ouvia, do mesmo jeito que se calava. Hoje a religião está mais liberal. Mãe Beata sempre ajudava o próximo, acolhia e aquele que precisava não voltava, ali mesmo ficava. Hoje tem pessoas que têm seus templos, são pais de santo, mais que passou por ela, foi acolhido por ela ajudando no que podia. E ela pagava essas pessoas não porque estavam lá, porque ela estava ajudando. Ela dava serviço e pagava, por isso dizia assim: *tá precisando trabalhar então sua função é essa, a sua essa, acabou, chegou o final do mês, tá aqui seu pagamento*. Mesmo sabendo que estava sendo acolhido, ajudava das duas formas. Isso na

¹⁵³ Mãe Silvia por ser filha de Xangô damos destaque em sua fotografia com a cor que representa o orixá dono de seu ori.

¹⁵⁴ O Isaias e o Jorge não segue a nenhuma tradição religiosa mas acredita na Umbanda; Emanuel segue a religião católica; Cosme era pai de santo filho conhecido como Pai Cosme falecido em 1992; Silvinha (Mãe Silvinha), Damião (Pai Damião) e Cristina (Mãe Cristina) fazem parte do terreiro Ogum Beira Mãe de Mãe Marinalva.

casa dela, fora os que chegavam e ela ajudava certo e ainda pagava Fundo de Garantia do Tempo de serviço (FGTS). O primeiro terreiro era perto do IML. O outro no Rangel, um casarão bem espaçoso, muito bonito, muito grande e tinha a casa de Oxalá era onde seu João repousava. Os toques de Jurema eram em dias separados dos orixás, a fumaça nem sonhava. A Jurema tinha uma entrada do lado de fora, cozinha de santo com fogão a lenha, cozinha da casa, *peji*, quarto de jogar os búzios, atender os clientes, tudo na casa era individual. Tinha uma casa fora do casarão para receber as visitas, o povo da Bahia, o movimento no terreiro era durante o dia, agora na hora de dormir, bater papo tudo era fora do terreiro. O templo era só religioso para não misturar uma coisa com outra e o quarto que ela dormia com Karina [Ceci, a bisneta]. As giras nos dias de toques eram grandes, as roupas impecáveis tanto as dela, que tinha quem cuidasse como as dos filhos de santo e, se não tivesse não importava, participava também. Tinha muitos filhos e todos respeitavam as cerimônias, todos participavam e vinham para a arrumação do terreiro, todos tinham que trabalhar, todos tinha sua função, um lavava o *gongá*¹⁵⁵, outro lavava o terreiro, outro ia receber os convidados, outros iam para o axós, pois naquela época tinha filhos para cuidar de tudo. Era tudo impecável, tratava todos com muito carinho e, ela não exigia, pedia e ninguém questionava. E quando um filho de santo chegava saudava o terreiro, tomava a benção e passava direto para tomar seu banho de descarrego, podia vir de onde fosse. Mãe Beata para receber o pai de santo no dia de festa, ela pegava a quartinha do orixá, despachava a água da quartinha e recebia cheia novamente, muitas vezes até fogos soltavam. E ela participava pouco das giras, devido ao seu problema de cansaço, não podia tá girando direto, mas quando estava na gira seu João sentado em sua cadeira observava, ou então estava perto do *elú*. E eu ficava incumbida de observar as visitas se estavam com roupas adequadas entre outras observações. Por isso, a filha dela, minha sogra Eurídice tomava conta do terreiro, tinha também o Jair e Nino que são os netos dela. Dona Eronilda, a outra filha dela, era mais afastada por causa do marido que não aceitava, era mais calma. Eu adorava quando ela dizia: *Silvinha fica aí minha filha, ajude a tomar conta que eu vou tomar um vinhozinho, eu confio em você*. Ela se sentava na mesinha dela, nem era longe não, uma

¹⁵⁵ *Gongá* – altar.

distância de três a quatro metros do terreiro para a sala que, de lá sentadinha, ela estava ali olhando. Tomava seu vinho, fumava seu cigarro, não dentro do terreiro, lá fora. E ninguém via a garrafa em cima da mesa, nada, não chamava atenção de ninguém. O orixá para ela era a coisa mais sublime do mundo. Fretava ônibus, os filhos cooperavam eram de dois a três ônibus, tinha o andor no jeep, colocava anjos (crianças vestidas de anjos) e Nossa Senhora da Conceição, fora os carros particulares, era gente demais nas oferendas de lemanjá. Ela gostava de arriar as oferendas no antigo Bahamas,¹⁵⁶ ali perto do Hotel Tambaú, pedindo coisas boas para o ano que se nascia. Tinha a limpeza com os pombos, feita por seu João, e as oferendas no mar, o barco levava para o alto mar por pescadores. Eu evitava neste dia usar axó porque já sabia da correria, socorrer um filho, olhar outro, e ela ficava despreocupada porque sabia que tinha alguém de olho. E quando o meu orixá me irradiava ela vinha e dizia: calma Silvinha, calma, colocava a mão em minha cabeça e me acalmava porque meu orixá é de gira. Mas não posso esquecer de dizer que, na festa do 08 de dezembro, ela participava, mas as suas oferendas eram no dia 01 de janeiro, porque ela achava que as oferendas eram dadas com muito carinho, com muita concentração dos filhos e a festa tinha muita gente. Ela procurava um lugar mais silencioso, mais calmo. Sua responsabilidade era muito grande no dia da festa da praia porque levava pessoas antigas no santo, pessoas iniciadas, *anbiãs* e requer atenção porque, se acontecesse incorporações de um filho que não tinha experiência, a responsabilidade era dela. Havia festas bem grandiosas como a festa a Oxum no rio Gramame¹⁵⁷, de Ogum, de Cosme e Damião, de Xangô e as festas de Jurema. E, em relação à sua feitura, eu não sei dizer por quem ela foi feita na Umbanda. Quando cheguei à casa dela, ela já era feita. Depois veio um pessoal da Bahia fazer exclusivamente ela. Agora porque ela procurou o Candomblé, já não sei também. Ela era muito reservada sobre os preceitos. Sua particularidade religiosa, só cabia a ela. Quando estava o pessoal da Bahia, ela cultuava o Candomblé, mais quando não, ela cultuava a Umbanda, devido ficar

¹⁵⁶ Bahamas – Restaurante à beira mar localizado na praia de Manaíra na cidade de João Pessoa/PB. Mãe Beata levava as oferendas próximo a esse restaurante, por isso o tem como ponto de referência.

¹⁵⁷ Rio Gramame fica localizado em João Pessoa-PB.

difícil para as pessoas entenderem. O iorubá¹⁵⁸ que é a linguagem do Candomblé. E com o pessoal da Bahia, ficava mais fácil entender e bater o Candomblé. Sobre o casamento de Roberto com a filha do mestre Carlos, foi Mãe Beata a realizar o primeiro casamento na Umbanda. Seu terreiro veio cair, teve a reforma e depois sua partida e depois de sua morte não levaram o terreiro à frente, até soube que o terreiro foi tombado pela Casa Branca de Salvador, ou era por Brasília, não sei bem informar. E ingressei na família quando conheci o neto de Mãe Beata em uma festa de 15 anos. Tivemos um breve namoro, mas não deu certo e o tempo passou me casei, separei e nos reencontramos anos depois eu e Elias o qual gostava de ser chamado de Nino. Comecei a namorá-lo e construímos nossa família e mãe Beata passou a ser minha mãe porque ele me acolheu, me deu guarita, carinho. Mãe Beata gostava de ficar sentadinha e dizia: Silvinha, vá tomar conta do terreiro e eu ia com todo o prazer do mundo, devido à confiança que ela depositava em mim. O neto dela ficava no *elú*, eu no terreiro, observando a gira, o que acontecia. O filho que incorporava qualquer coisa, assim que eu não podia resolver, eu avisava, comunicava quando a filha dela não estava (Eurídice). Fiquei com ela até quando Deus permitiu. Nosso namoro foi bem difícil no início porque eu era uma mulher desquitada e já tinha uma filha do primeiro casamento a Karla [Karla Danielle de Souza Silva] e quando tivemos a nossa primeira filha Karina Ceci, tivemos uma longa jornada com ela. Levei Karina, no dia 04 de dezembro de 1981, no dia em que celebramos lansã. Em uma noite de chuva, cheguei à casa de Mãe Beata com Karina nos braços, muito cansada, doente. Bati na sua porta, e ela perguntou: *Quem está batendo em minha porta?* Eu disse: Silvinha. Ela disse: *Quem é Silvinha?* Respondi: A esposa de Nino. Abriu a porta, entrei, e ela disse: *Não acredito!* Eu respondi: Acredite, essa aqui é sua bisneta. Ela automaticamente olhou a menina que caiu nos braços dela e ela disse: *Pronto, não tem o que questionar, sobre isso é a cara do pai.* Daí me deu guarita, fiquei com a Karina lá porque estava muito doente, cansadinha com um ano e seis, sete meses. E desse tempo pra cá, não se desgrudou mais. Sabia da bisneta, mas não a

¹⁵⁸ Iorubá ou Yorubá idioma da família linguística nígero-congolesa. No continente americano, o iorubá é usado em ritos religiosos afro-brasileiros (onde é chamado de **nagô**).

conhecia até aquele momento e, nesse momento, ela chamou: *João, vem ver é a cara de meu neto e a minha cara, foi uma festa. Olha, João, que coincidência a filha de Nino nos meus braços, olha o estado que ela tá cansadinha.* Mãe Beata a levou até uma mesa, até o peji, mostrou as bonecas, mostrou uma coisa, mostrou outras, e ela me deu a palavras de conforto, aquele aconchego que muitas vezes eu não tinha fora, e eu tive dela. A menina tinha muito cansaço, e Mãe Beata tinha, e a bisneta tinha o mesmo problema de saúde. Nesta noite, o pai estava viajando, Mãe Beata fez um chá com uma medicação e ela teve melhora. Deixei a menina com ela no dia seguinte, e fui trabalhar. Só cheguei à noite. Nesse tempo, só tinha a mais velha Karla Danielle e Karina Ceci e, dois anos depois, veio Kadja Elyze e, quando chegou, mãe Beata também não me deixou ficar com ela sozinha. Disse: *Você vai trabalhar, Karina fica comigo que já está maiorzinha e Kadja fica com uma pessoa e eu fico olhando ela porque eu já não tenho mais idade para tomar conta de três crianças.* Karina continuou com as febres muito altas e essa febre não cessava de maneira alguma, e uma noite eu tinha tido um sonho onde eu via uma telha virgem, com quatro flores de jasmim vapor. Em cada ponta da telha, tinha quatro velas acesas e uma pessoa de joelho, essas pessoas e eu conheci. Amanheci apavorada e a menina doente, com muita febre, convulsão e tudo, a levei ao hospital, a internei e Mãe Beata chegou e disse a mim o seguinte: *Temos que fazer uma oferenda.* E eu disse: O que houve? Ela responde: *Tem um trabalho feito para sua filha, era para você, mas veio para sua filha, era o único meio de separar vocês. É o único meio de separar você e o pai dela.* Fizemos a oferenda de frutas, todo tipo de fruta na Jurema para os caboclos e a cabocla de Mãe Beata chamada de Ceci, arriamos uma oferenda para tirar ela Karina do hospital. Ela não movimentava o pescoço e nem as pernas, depois da convulsão e, graças a Deus, até hoje tá aí com 42 anos. Depois disso, a Mãe Beata sentada, me pediu para trocar o nome, e eu disse: Como trocar o nome se o pai que escolheu? Então vamos botar o Ceci depois de Karina. Eu disse: Está certo. Daí ficou Karina Ceci. Para as outras meninas, ela passava banhos cheirosos que era para as coisas serem mais claras porque Karina era a pivô, era a chave mestra da história. Tudo o que vinha pra mim passava pra ela porque eu era a pessoa que queriam atingir, e como não conseguiram, mexia com ela uma bebê, por ser a primeira bisneta. Ela se batizou com mais de um ano na igreja de Nossa Senhora de Lourdes, e o padre

quase que não batizava por causa do nome Ceci. Karina conviveu com Mãe Beata até quase seus 10 anos de idade. Até esse momento, Karla estava no Orfanato Dom Ulrico e Kadja por ser a mais nova no Orfanato Jesus de Nazaré. Então, no certo momento, ela me chamou e pediu: *Silvinha, eu não tenho mais condições de tomar conta de Karina* e diretamente entregou a menina a mim, ela estava muito doente, ela não aceitava que ninguém judiasse das meninas, não cedia para ninguém. Tudo o que ela falava, eu aceitava, ela para mim foi uma pessoa clara, ela nunca teve esse negócio de arroteio, de mentiras, picuinhas, era pá puf (maneira de dizer que as não media suas palavras, uma pessoa direta) tinha todo o respeito, ela nunca mentiu pra mim. Ela pediu para levar Karina mais que não deixasse a outra sozinha (Kadja), sempre as deixasse juntas. Depois de seu pedido, Karina ficou junta com Karla no Orfanato Dom Ulrico [ambos na cidade de João Pessoa], mas teve problemas com a Kadja que sentiu falta das irmãs e, quando pude tirar, tirei as três. As bisnetas, ela cuidava com muito carinho. Até hoje tenho essa lembrança muito boa, ela me adotou, adotou duas bisnetas e a bisneta de coração (risos), a minha filha mais velha. Morei na casa dela, tive toda mordomia, fui muito bem acolhida e hoje sinto uma falta muito grande por tudo isso. A bisneta foi a quebra de um tabu, por ser desquitada. Mãe Marinalva que é minha mãe biológica e Mãe Beata, a minha mãe do coração, se davam bem, mas quando começou a ficar entre a filha (eu) e as bisnetas, começou os ciúmes porque Mãe Beata passou a ter Karina como xodó. Lembrei de um fato quando uma mulher foi me desafiar na porta da casa de sua bisa por causa de seu pai, ela estava sentada levantou-se, era baixinha, me lembro como se fosse hoje, pegou a beretinha¹⁵⁹ do bolso e disse a mim: *Fique aí que você está com a menina nos braços e quem vai resolver sou eu*. Atravessou o campo que tinha perto da casa dela e deu um disparo. Ela não mexia com ninguém, mas também ninguém mexia com ela. Sei que, quando ela faleceu, não pude, nem eu e nem as minhas filhas, participar de seu velório. O terreiro ficou fechado, ninguém deu continuidade, mas sei que Nino chegou a morar lá. Soube que o terreiro tinha sido tombado, não sei bem dizer se foi pela Casa Branca da Bahia ou se foi por Brasília, escutei de bocas de outros que o templo não podia ser demolido. Infelizmente depois do seu falecimento, minhas filhas não tiveram

¹⁵⁹ Beretinha – é um revólver pequeno.

mais contato. E depois que Mãe Beata eu evitei deixar as meninas na religião, porque eu poderia levar as meninas para o terreiro de sua outra avó, não queria que elas praticassem a religião, acho que por medo. Mas nunca as proibi, só evitava porque é uma religião que requer sacrifícios. Mas Karina, nunca procurou outra religião e enquanto estava com Mãe Beata, ela sempre acompanhou nas giras e tirando filhos de santo e suas roupas eram iguaizinhas às de sua bisavó. Já Karla e Kadja já foram ser evangélicas, mas não permaneceram. Hoje Karina e Kadja estão na religião junto com suas famílias. Karina na Umbanda com Mãe Marinalva e Pai Damião e Kadja no Candomblé, já Karla não pratica nenhuma religião, mas acredita em Deus e tem fé em Iemanjá.

As memórias evocadas por Mãe Silvinha vão ao encontro de parte das memórias narradas por Mãe Ceixa e Mãe Marinalva. Especialmente ao considerar dois aspectos: a vida de Mãe Beata e a luta da mulher pela liberdade religiosa. No depoimento de Mãe Silvinha, fica patente a força de Mãe Beata, acrescida da particularidade em afirmar sobre a frequência e a participação de políticos paraibanos no terreiro dela, bem como sua forma de liderar sua prática religiosa. Disciplina, ainda que lhe requeresse vários sacrifícios, parece ser outra característica que permeia a vida de Mãe Beata.

E, ao tratar de disciplina, chegamos à memória do primeiro filho de santo de Mãe Beata a ser feito com a obrigação de iaô, Pai Robertão (*in memoriam*). Sua passagem aqui na terra, sua convivência com Mãe Beata foi narrada por seu companheiro Anco Márcio.

6.5 A MEMÓRIA DE ANCO MÁRCIO MISTURADA COM A SAUDADE DE ROBERTO¹⁶⁰



Natural de João Pessoa/PB, nascido e crescido aqui no bairro de Jaguaribe e na fase adulta. Conheci Roberto e a gente começou um relacionamento homoafetivo que, na época, não era tão fácil. E fomos morar em outra cidade, em Rondônia. Éramos de família muito conhecida e não foi só por isso que a gente se mudou, pois poderíamos ter enfrentado mais pela facilidade que

tínhamos em Rondônia, tínhamos parentes e por Roberto já ter morado lá, ter conhecimento e trabalhado lá, achamos que seria mais cômodo para a gente começar a vida em outra cidade. Eu já conhecia a religião não só como cliente, porque na Bahia tomei algumas iniciações, e a doutrina fui conhecer com Roberto Ataíde. Fiz um *bori*, meus padrinhos foram dona Maria Honorato, filha de santo de Roberto, a *labassê*¹⁶¹ dele, e seu Jorge Ramalho hoje ambos falecidos. Comecei a desenvolver na Jurema até da obrigação de Jurema o tombo, como chamamos. Minha madrinha era Madalena que, por sinal, frequentou a casa de Mãe Beata também. Na sequência, tomei algumas obrigações no *jejê*¹⁶². E, na época que conheci Roberto, nesse comecinho, conheci a história do Roberto com Mãe Beata. Posso dizer que Roberto cria do barracão desde sempre. Sei que Roberto iniciou em Marés quando criança até um certo ponto em mesa branca e o guia da casa um dia lhe disse que ele tinha orixás que não era de mesa branca e que ele teria que desenvolver porque os próprios guias da casa deram permissão para ele procurar alguém ligado à religião afro, foi aí que ele chegou à Mãe Beata. Quando começamos, Roberto

¹⁶⁰ Não damos destaque a cor do orixá que comanda o ori do Márcio, na sua a moldura, que se encontra em seu registro, pois não obtivemos essa informação de qual é o seu orixá de cabeça. Então deixamos uma cor neutra para representar o seu orixá.

¹⁶¹ *labassê* – a responsável pelo preparo dos alimentos religiosos.

¹⁶² *Jejê* – nome dado a uma folha, uma tradição do Candomblé (Candomblé Jejê).

me levou na casa dela, fomos almoçar, ela era bem carismática, uma menina linda. A lembrança que tenho daquele sorriso, aquela mulher dinâmica, mulher de temperamento forte que a gente nem precisava mandar recado, não é? Uma filha de lemanjá dinâmica. E, nessa oportunidade, Roberto contou minha história a ela e ela disse assim: *Olha, eu gostei desse menino e sinceramente eu falando se esse menino ficasse aqui quem ia cuidar dele era eu. Mas eu acho que não vou ter tempo pra isso né, Roberto? Mas eu deixava ele no jeito.* Eu por ser novo, mais por conviver com pessoas mais velhas, tinha esse privilégio de me sentar e ouvir as histórias entre eles. E isso me despertou muito respeito. Eu a conheci pessoalmente e toda a história e de quem ela representou para matriz africana. Eu ouvi de várias pessoas, eu ouvi de Mãe Anália, Roberto e também de uma irmã de santo que fazia parte do barco das antigas, também de lemanjá. Eu ouvi em conversa a caminhada dela, a forma dela trabalhar, a forma que ela desenvolvia, os relatos, as histórias de dentro do terreiro. Eu ouvi falar do primeiro terreiro, sobre os preceitos que eram seguidos, a responsabilidade e sobre a doação de si quando o pessoal se anulava¹⁶³ da vida social, pois ali você, quando virava um sacerdote, tinha dedicação ao pessoal, coisa que hoje em dia, você não vê mais como antes. Temos as procissões, as visitas que eram feitas, os preceitos dos *iaôs*, eu sei que se resguardam ainda, mais me refiro à vida de roça porque naquela época, eles viviam como em uma comunidade, como se fosse uma roça, inclusive para invocar encantados, esperar respostas, terem visões. Eu acredito piamente porque até 86, porque isso era coisa de 60, 70 que eu acompanhei várias vezes conversas de *baú de segredo*¹⁶⁴, é falar até onde sei e posso. Digo assim em relação ao axé, ao fundamento que existia ali das coisas dela de dizer que vai acontecer tal coisa, tal dia, tal hora, acontecia exatamente certas e completamente reais. Roberto dizia assim: *Mãe Beata, dentro da espiritualidade, se ela dissesse, eu quero uma entrega em tal lugar,* Roberto fazia e trouxe dela de não fazer nada sem recado, confirmava no búzio, às vezes só orixá ou com só Exú. Quando era coisa de Exú, ele sempre esperava

¹⁶³ Quando o senhor Anco Márcio se refere à essa anulação, é devido aos sacerdotes terem preceitos para o momento em que necessitam estar preparados para se entregar aos rituais religiosos.

¹⁶⁴ Baú de Segredo - é uma forma de direcionar segredos que não podem ser abertos a qualquer pessoa, são os segredos de dentro daquela comunidade ou até mesmo de certos rituais, feitura entre outros.

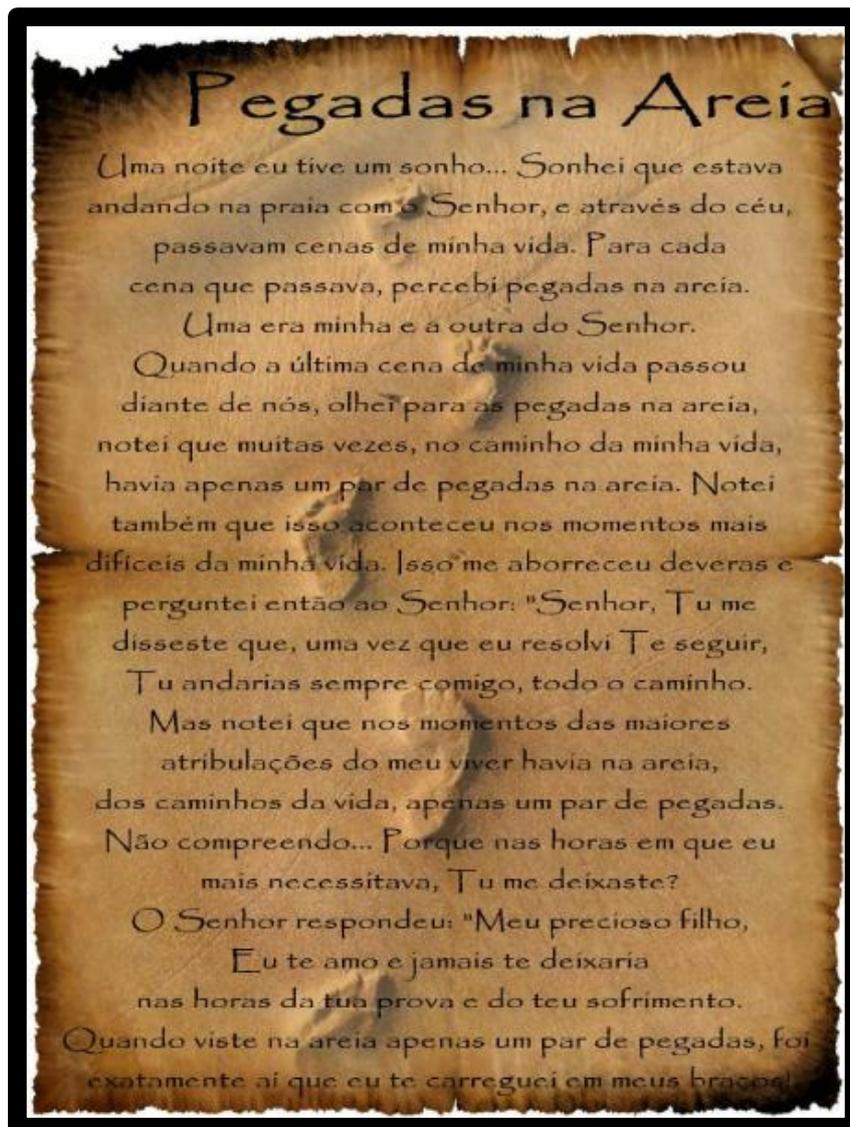
o recado material. Ele dizia: *A gente vai ficar aqui até acontecer tal coisa, nem que seja uma pessoa passar, olhar e dá boa noite e sair sem dizer nada.* Isso é um exemplo do que ele fazia, podia ser uma animal, alguma coisa porque veio dela. Estou arrepiado, eu não vou entrar em detalhes sinceramente falando, porque pode haver pessoas e pensar é coisa de fábula. Mas estou falando de uma realidade de pessoas que convivi e com quase 90 anos que diziam e comentavam entre si. Meu relacionamento com Mãe Beata foi rápido, mas tive a chance de conhecê-la por intermédio de Roberto. Cheguei a participar da roda¹⁶⁵ em uma festa de Xangô. E, como as coisas a gente não sabe explicar no dia do falecimento de Mãe Beata, nós estávamos vindo de Rondônia de férias pra cá. Quando a gente chegou no aeroporto e pegou um carro, o motorista de táxi deve ter reconhecido Roberto e disse o senhor veio para o velório, o sepultamento de Mãe Beata, não vai dar tempo já saiu. Roberto sem saber me deixou no Cristo, deixou a mala inteira, vestiu uma roupa branca¹⁶⁶ e foi para o barracão. Ao chegar lá, realmente não tinha mais ninguém, só uma pessoa que o recebeu, se agarrou chorando e daí esperaram para saber o que fazer. Olha que coisa! Era pra gente tá presente e a gente sem saber de nada. Dona Carlinda Feitosa disse, dias antes a nós, que Mãe Beata tinha tido uma melhora boa, dona Carlinda era muito presente e amiga de Roberto. E antes disse que Mãe Beata havia enviado há pouco tempo um cartão de Natal com a Oração Pegadas na Areia para Roberto e atrás tinha uma escrita dela.

A Figura 111 mostra a oração.

¹⁶⁵ Roda - o senhor Márcio se refere à gira.

¹⁶⁶ Nós umbandista vestimos branco para vivenciar o luto.

Figura 111 – Oração pegadas na areia



Fonte: <https://presentepravoce.wordpress.com/2008/05/28/pegadas-na-areia/>
Acesso: 04 jan. 2022.

E para as realizações fúnebres, depois de um tempo de luto, tem pessoas designadas para realizar esses rituais. Mãe Beata cultuava a Umbanda e depois passou para Angola. Ela deu suas obrigações para seu Cecílio de Santana. O seu barracão tinha reconhecimento da Casa Branca, tanto reconheceu que foi designada Mãe Olga *Kalossi* para fazer o *sirum*¹⁶⁷. Os baianos preservam muito isso e, se ela não tivesse esse reconhecimento, não teria indicação da Casa Branca para virem fazer o *sirum*. Por razões como essa, o barracão era para ser

¹⁶⁷ *Sirum* - cerimônia fúnebre.

tombado. Tem várias casas que nasceram na Umbanda e que às vezes continuam a sua Umbanda no dia de festa. Isso é comum. Quantos aos axés, eu conheço os dos mais antigos aqui, no Rio, São Paulo. Muita gente não é assim porque tinha suas entidades, sua Jurema. Ela vai abandonar o que tem? Vai passar uma borracha? Não existe isso. Quem pode apagar passado?

Sobre Mãe Beata, sei que ela cumpria preceitos e cada um teve pai e mãe de santo teve sua importância no seu tempo. Mãe Beata respeitava os encantados, os caboclos, pretos, mestres. Suas manifestações eram lindas. Roberto dizia que ela tinha incorporações dormindo, era espontâneo e acontecia naturalmente. Ele dizia que as entidades dela vinham muito positivas. E quero deixar registrado que, na oralidade, esses relatos são fontes e por ela (Mãe Beata) e por ele (Robertão), em memória dos dois e da vivência rica que tiveram, eu me achei, mesmo ainda na fase (luto), que era necessário, isto pelo que você Karina representa para a ancestralidade e tradição de um povo.

6.6 MÃE KARINA NOS BRAÇOS DE IEMANJÁ: Odociá!¹⁶⁸



Iemanjá considerada a mãe de todos os orixás, conhecida como Janaína, considerada por Souza como,

“Rainha de todas as rainhas, Rainha de todos os Santos, Rainha dos profetas. Dos Anjos, dos Apóstolos, dos Patriarcas e das Virgens; vive em todos os corações, o coração de Maria, símbolo sagrado do amor, da fé e da pureza” (Souza, 1964, p.39).

Ela representa as águas salgadas, as águas do mar. Dona de uma beleza e que encanta quem escuta seu cantar como mostra a canção de nome “*Como é lindo o canto de Iemanjá*”, de autoria desconhecida.

¹⁶⁸ *Odociá* - saudação ao Orixá Iemanjá - significa Salve a Senhora das águas.

Mãe d'água
 Rainha das ondas, sereia do mar
 Mãe d'água
 Seu canto é bonito quando tem luar
 Como é lindo o canto de lemanjá
 Faz até o pescador chorar
 Quem escuta a Mãe d'água cantar
 Vai com ela pro fundo do mar
 lêê, lemanjá!
 Rainha das ondas, sereia do mar

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/umbanda/1152903/>
 Acesso: 26 dez. 2022.

Falar de **lemanjá**¹⁶⁹ é destinar um cuidado com as palavras, pois é mãe de meu *ori* e a quem bato cabeça. Esse cuidado se dá no momento em que retrato a escrevivência, a vivência de uma mulher negra, umbandista e juremeira. E isso possibilita que outras Mãe Beatas, Karinas possam perceber e entender que

[...] a escritora ou o escritor ao incentivar a sua escrita, pode deixar um pouco de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens (Nunes, 2020, p. 32).

Nesse viés, é possível compreender que, no seu/nosso escrever, possamos criar meios de enfrentamento contra a não aceitação, o preconceito, a discriminação, a intolerância, a falta de respeito, contra a falta de cuidados com os menos favorecidos, enfim contra tudo o que impede as nossas/os e até a nós mesmas/os realizarmos nossos projetos. Através da escrevivência, está sendo possível dar gritos usando as letras.

6.7 MEMÓRIAS DE INFÂNCIA: trajeto de uma identidade

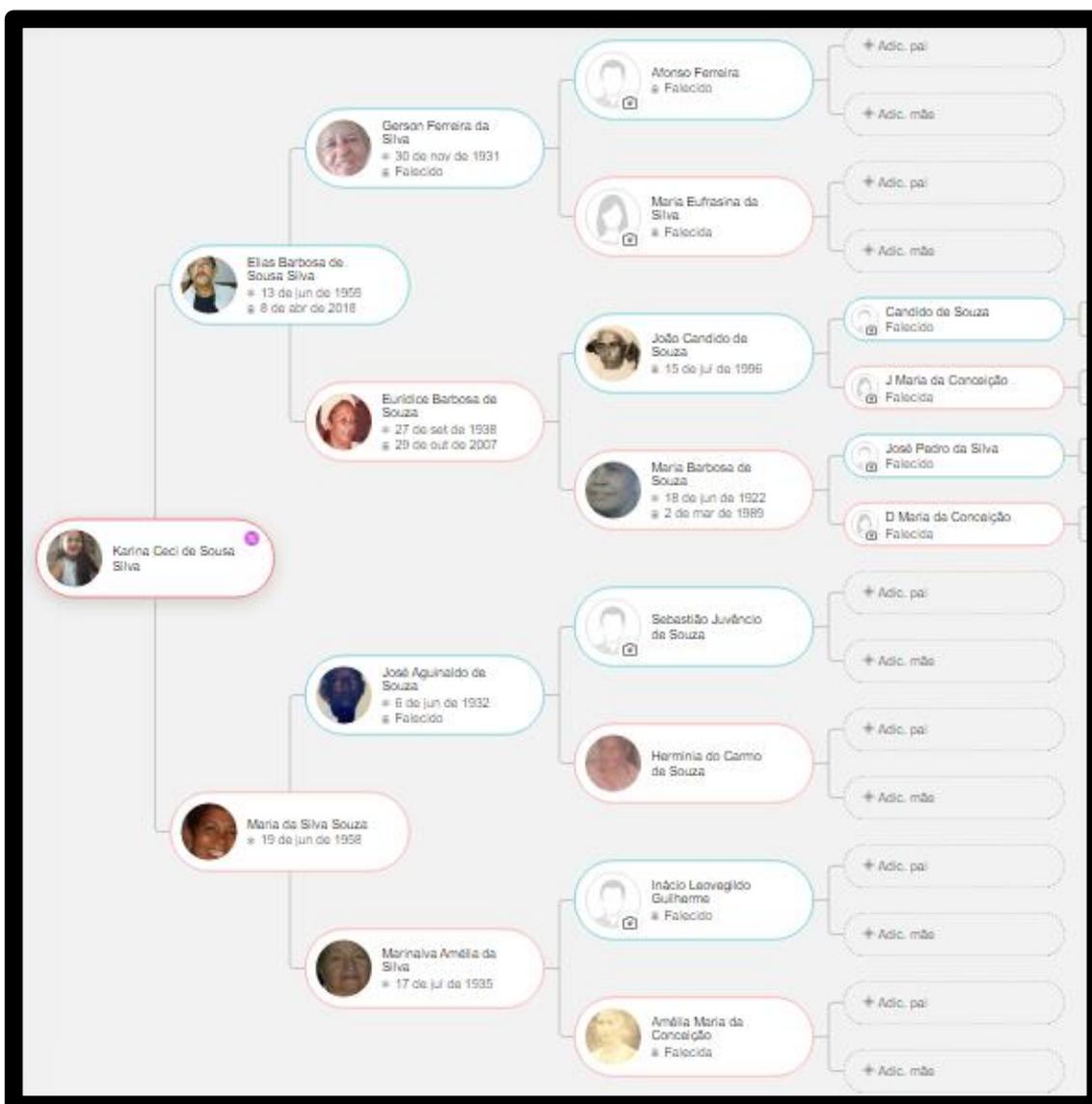
Falar de infância é entender “[...] que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução do passado, mais do que uma reconstituição fiel de si mesmo [...]” (Candau, 2021, p. 09), é falar da memória como fenômeno

¹⁶⁹ Por ser filha de lemanjá, damos destaque, em sua fotografia, com a cor que representa o orixá dona de seu ori.

construído tanto individual como coletivamente, é poder trazer, na mente, fatos e acontecimentos vividos em um momento especial da vida.

A Figura 112 mostra a minha árvore genealógica disponibilizada pelo MyHeritage¹⁷⁰.

Figura 112 – Árvore Genealógica de Karina Ceci (2023)



Fonte: Adaptado de MyHeritage, 2023
Disponível em: <https://www.myheritage.com.br/>

¹⁷⁰ É uma plataforma de genealogia *online* que oferece serviços e produtos *web*, *móveis* e de *software*.

Quando nos referimos às memórias de infância, vem à mente lembranças de pessoas, de objetos, de lugares, de brincadeiras, das traquinagens,¹⁷¹ entre tantas formas de trazer à superfície momentos sofridos, felizes, compartilhados ou não, mas que marcaram parte da vida.

Dessa forma Córdula e Oliveira (2015, p. 50) afirmam que “não voltamos no tempo para reviver, mas refletimos sobre o vivido, agregando a experiência do presente ao frescor dos acontecimentos passado”. Se as experiências do presente envolvem o frescor dos acontecimentos passados, como Córdula e Oliveira (2015) afirmam, é possível reafirmar que somos construções e mudanças dos nossos antepassados, e isso pode ocorrer conforme as mudanças que o tempo nos presenteia.

Ao tratar da identidade que pode ser percebida e representada por nossas ações, pelos grupos sociais, pelos indivíduos, que mostram suas diferenças e particularidades, nosso entender há um mesmo objetivo a ser percebido e respeitado por todos.

Para Santos (2011, p. 146), “identidade e diferença são indissociáveis. Sem a diferença, não há identidade”. Sobre essa questão, Heidegger (2018, p. 07) explica que “o comum-pertencer de identidade e diferença é apontado como aquilo que deve ser pensado”. Compreendemos que a identidade serve para diferenciar e identificar um costume, modo de viver de um povo, diferenciando dos demais indivíduos.

Então, pensemos na identidade cultural, destacando a crença religiosa que tem sua identidade herdada com as tradições e constrói memórias coletivas com ensinamentos dos mais velhos que tentam não vivenciar as mudanças que surgem naturalmente no decorrer do tempo e da situação social, e, sem perceber convivem entre uns com os outros, envolvidos nas mudanças.

Mas, a identidade, como descreve Santos (2011, p. 149), são “fontes de significado mais importante que os papéis sociais” e que “os papéis organizam funções e as identidades organizam significados”. Contudo, pensamos que organizar o registro da memória de uma infância agrega sentimentos como afeto, saudade, medo, alegria, entre tantos que estão ocultos e/ou na reserva do mais profundo lugar da memória.

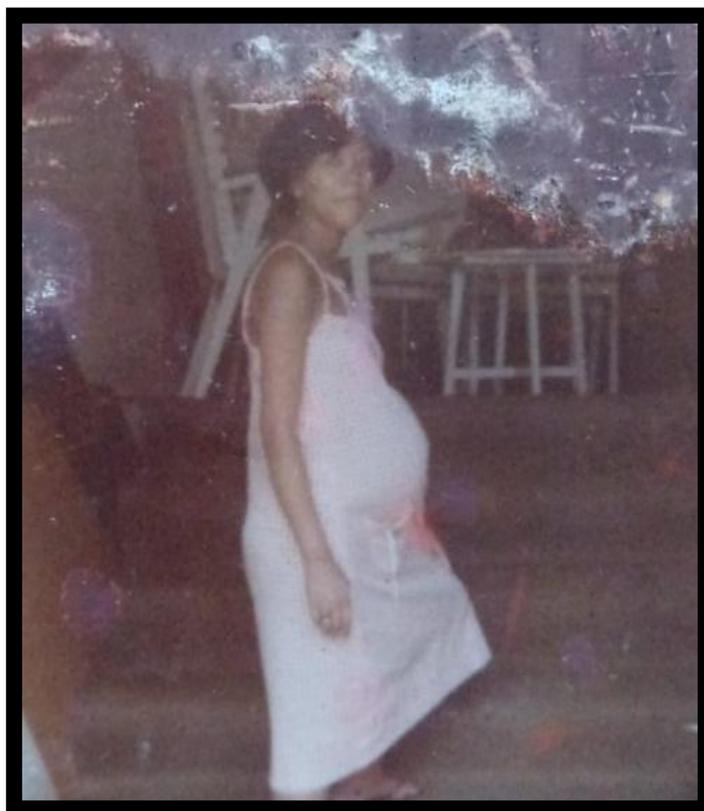
¹⁷¹ Traquinagem - comportamento inquieto, brincadeira, agitação.

6.8 A MEMÓRIA INVISÍVEL: o esquecimento

Assmann (2011, p. 34) nos assegura que o “[...] esquecimento e recordação estão indissociavelmente intrincados. Um é possibilitador do outro”. Então, para trazer à superfície momentos vividos, é preciso que tenhamos um incentivo, que um gatilho seja disparado e que toque em um de nossos sentidos, permitindo um saborear, um sentir, um perceber, um ouvir, um olhar, que representam o passado através da memória. E, como atesta Oliveira (Informação oral),¹⁷² “a memória é uma representação do passado, um reavivamento de um tempo presente, é a leitura do presente sobre o passado”.

A Figura 113 expõe Silvinha grávida de Karina Ceci.

Figura 113 – Silvinha grávida de Karina Ceci (1980)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 1980

¹⁷² Informação oral da professora Bernardina Freire na aula da pós-graduação em Ciência da Informação, durante a ministração da disciplina Informação, Memória e Identidade, no dia 25 de agosto de 2021.

Essa leitura faz com que o tempo, para uns, tenha o prazer de revocar; para outros, o desejo que permaneça esquecido/adormecido. Também há situações com bloqueios que interferem no sucesso para que ocorra uma “recordação bem-sucedida chamada de memória feliz” (Ricoeur, 2007, p. 46), mas, para que ocorra uma memória feliz, devemos entender que a felicidade está dentro de nós, observando o nosso interior, permitindo sentir a própria felicidade.

Com isso, permitir sentir a própria felicidade resulta em um reconhecimento de si, considerando indivisamente ação e paixão: ação de agir mal e paixão de ser afetado por sua própria ação (Ricoeur, 2007) e uma reconciliação entre o eu e o passado como a construção memorial de todo o momento da construção de si.

6.9 MEMÓRIA APAZIGUADA: lembrar para não esquecer

Estar presente no lugar que nos contempla prazer é facilmente presenteado pela memória um relembrar, um viver. Yates (2007, p.23) escreve que

Um *locus* é um lugar facilmente apreendido pela memória, como uma casa, um intercolúnio, um canto, um arco etc. Imagens são forma, signos distintivos, símbolos daquilo de que queremos nos lembrar (Yates, 2007, p.23).

Ao tratar da lembrança, Ricoeur (2007, p.107) diz que “ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si”, que “lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança” (2007, p. 24). Logo, compreende-se que lembrar é nos permitir não falar apenas de si, mas envolver-se num coletivo que fez parte do momento, rememorando pessoas, fatos, acontecimentos, mesmo que alguns deles não venham contidos de boas lembranças.

Com base na Figura 114, a pesquisadora relembra uma fase da vida, o momento em que viveu dentro de uma comunidade religiosa inserida dentro de seu próprio convívio familiar (Karina Ceci sentada em cima da mala do carro e, ao seu lado esquerdo, a tia Eronilda Cabral).

Figura 114 – Dia de festa no Terreiro de Umbanda – Mãe Iemanjá¹⁷³.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 1982

Bosi (1978, p. 23) diz que “se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar [...]”. Bosi continua afirmando que “a lembrança é a sobrevivência do passado”. E lembrar pode ser considerado o presente da história vivida e guardada no passado, saboreando no presente o desfrute da trajetória e da experiência de vida através da memória, porque “a lembrança é a recuperação do conhecimento ou da sensação ocorrida. É um esforço deliberado para encontrar seu caminho entre os conteúdos da memória, perseguindo aquilo que se quer lembrar” (Yates, 2007, p. 54).

Precisamos registrar através das lembranças, pois [...] “a lembrança é a representação de um objeto ausente” (Bergson, 1999, p. 275), e isso serve para preservar fatos e acontecimentos vividos individual e coletivamente, além de preservar os lugares de memória, em qualquer sentido para que o fato não caia

¹⁷³ Terreiro de Umbanda Mãe Iemanjá dirigido por mãe Beata, situado no bairro do Rangel em João Pessoa/PB, década de 1980.

no esquecimento e serva de prova/ testemunho às pessoas que não viveram nesses momentos. Com isso, passam a saber, conhecer a sua/minha trajetória de vida, como lugar onde nasceu, viveu, apresentando pessoas com que convivemos, sejam familiares ou amigos.

A Figura 115 mostra um momento de celebração, de realização e de felicidade para alguns presentes. Podemos concordar com o que nos afirma Bergson (1999), ao explicar que, mesmo os momentos ausentes, eles podem ser representados e preservados nos registros.

Figura 115 – Karina Ceci como dama de honra do casamento de sua prima Lourdes Cabral na Igreja do Rosário - JP/PB



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 198?

A Figura 116 nos presenteia com outros momentos ausentes, mas representados através dos registros e lembrados pela memória.

Figura 116 – Karina Ceci e sua irmã mais velha Karla Danielle no carnaval no bloco de carnaval Dona Emília¹⁷⁴ e Karina Ceci, no São João do Orfanato Dom Ulrico



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 1987

Consideramos as lembranças como um conjunto de experiências de todo o decorrer da vida, carregadas de histórias e de objetos tangíveis e intangíveis que, transcritas e descritas, possibilitam a visibilidade do que estava oculto.

Candau (2021, p. 72) considera a memória como

[...] uma arte da narração que envolve a identidade do sujeito e cuja motivação primeira é sempre a esperança de evitar nosso inevitável declínio. É por isso que muitas vezes as pessoas, ao envelhecer tornam-se muitos falantes ou então definitivamente silenciosas, após terem aceitado o inevitável. [...] sabe-se que o estado emocional do narrador, as influências que sofre, pode ter efeito sobre a natureza das lembranças evocadas sem que se possa realmente determinar se a qualificação feita do acontecimento, quando recordado, deve-se a elementos seus ou à projeção do seu humor no momento mesmo da reminiscência. Seja o que for, o sujeito que experimenta um sentimento interior de tristeza terá, talvez, a tendência a recordar experiências qualificadas como tristes, conferindo assim uma visão tendenciosa de sua própria vida. Essa dependência do contexto participa, portanto, da reconstrução das lembranças.

¹⁷⁴ Bloco Dona Emília – era um bloco carnavalesco organizado por Tatinha (in memoriam – pai de santo) seu terreiro era no bairro do Varjão, João Pessoa/Pb, era próximo do casarão de Mãe Beata e a mesma sempre colocava sua neta do coração Karla Danielle irmã mais velha de Karina Ceci e de Kadja Elyze junto com Karina Ceci para participar como integrante do bloco.

E mesmo que seu presente momento não seja de total alegria, algumas lembranças, algumas recordações possibilitam trazer à memória momentos silenciados. Contudo, faz-se presente guardados dentro dos baús que existem preservados no palácio da memória, como diria Santo Agostinho.

Irei também além desta força da minha natureza (a memória: n.d.r), ascendendo por degraus até àquele que me criou, e dirijo-me para as planícies e os vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens veiculadas por toda a espécie de coisas que se sentiram. Aí está escondido também tudo aquilo que pensamos, quer aumentando, quer diminuindo, quer variando de qualquer modo que seja as coisas que os sentidos atingiram, e ainda tudo aquilo que lhe tenha sido confiado, e nela depositado, e que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou (Confissões, X, 8, 13; Agostinho, 397/2004, p.454).

O palácio, metaforicamente adotado pelo autor, indica o espaço que abriga e habita o ser, o eu. Nesse caso, o eu que também tem o que dizer, um espaço dotado de escrevivências habitadas, no qual se instalam vários baús.

6.10 BAÚS DE UMA MEMÓRIA FELIZ

[...] as identidades dos sujeitos são construídas, e a cultura é constituída a partir de ações de criação e apropriação dos registros de conhecimento (documentos) pelos sujeitos agindo de forma reciprocamente referenciada na construção dos saberes (Araújo, 2017, p. 29).

Evocar lembranças é trazer junto a sensação de estar naquele determinado tempo, tempo de boas, más e maravilhosas recordações. Buscamos revirar o baú e nele encontrar momentos que poderão servir de gatilhos na memória de outros, permitindo-os sentir sensações adormecidas.

De acordo com Candau (2021, p. 19),

Se a memória é 'geradora' de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a 'incorporar' certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais, [...] que dependem da representação que ele faz de sua própria identidade, constituída 'no interior de uma lembrança'.

Araújo (2017, p. 29) considera que

[...] as identidades dos sujeitos são construídas, e a cultura é constituída a partir de ações de criação e apropriação dos registros de conhecimento (documentos) pelos sujeitos agindo de forma reciprocamente referenciada na construção dos saberes.

Transcrevemos um reavivamento junto às lembranças pessoais de uma época considerada a mais linda de toda sua trajetória como bem mostra a Figura 117, em que a pesquisadora, aos três anos de vida, estava presente no momento em que a bisavó festejava o orixá dela. Ao lado estavam os irmãos na fé, o bisavô Pai João e a bisavó Mãe Beata e a irmã caçula Kadja Elyze (1983).

Figura 117 – Karina Ceci e sua irmã mais nova Kadja Elyze na festividade religiosa em comemoração a Iemanjá, no Terreiro de Umbanda Mãe Iemanjá



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 1983

Com esse registro, volto a lembrar e, ao fechar os olhos, posso ouvir a voz de minha mãe 'Silvinha' quando relatava fatos de minha infância que busco sempre recordar, mas o esquecimento às vezes se faz presente. Recordo ela falar assim:

Você tinha 1 ano e 7 meses de vida quando adoeceu e, em uma noite chuvosa, exatamente no dia 04 de dezembro de 1981, sai desesperada à casa de sua bisavó e ao chegar lá, a joguei em seus braços, automaticamente, ela chama seu bisavô - 'João corre aqui e veja, é a cara de Nino'. Em seguida, comecei a falar sobre o sonho que tive com você, ela em sua crença já descreveu o sonho e me disse o que deveria fazer. E depois da realização do que deveria ser feito, ela me pede para colocar em seu registro o nome da cabocla dela a CABOCLA CECI. Como você bem sabe, ela tinha a Umbanda como religião. E fomos marcar seu batizado e ao chegar à igreja, aquela que fica na entrada de quem vai para Cruz das Armas, a Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, o Padre logo questionou e disse com esse nome não batizo, e foi um batizo e um não batizo, que nem lembro como conseguimos convencê-lo. E, no dia 17 de maio de 1981, conseguimos lhe batizar, foi uma alegria imensa. Depois disso, sua avó não me deixou trazê-la de volta, pediu para ficar com você e, como eu trabalhava muito, permiti, mas sempre indo lá. O tempo passou, você sempre ao lado de sua bisavó, de seu bisavô, de sua avó, de seu tio, como de mim e seu pai, participando das festividades religiosas, dos rituais, no dia a dia, menos das práticas, pois você era muito novinha e geralmente crianças naquela época não via certos rituais. Mas, nas festividades, sua bisavó fazia questão, tinha um orgulho danado de ter você participando junto a ela, você sempre foi muito tímida, então sempre permanecia quieta, pedia para vestir suas roupas (sempre combinando com as de sua bisá), era a mini roupa, em uma mini aprendiz. Sua infância foi com ela e quando ocorreu o momento dela ficar doente, ela me chamou para que eu trouxesse você pra casa, mas você já estava prestes a fazer 10 anos. Tive que colocar você no orfanato junto com suas irmãs, você se lembra bem disso. Sua irmã Kadja era mais nova, ficava no Jesus de Nazaré aquele ao lado do Hospital São Vicente de Paula, Karla e você no Dom Ulrico, isso me deixava triste em estar tão distantes de vocês, tu lembra? Que vocês iam nas segundas e, nos sábados, voltava. Quando dava, eu pegava e quando não, os clientes do salão pegavam vocês e deixavam no meu trabalho porque eu não podia sair naquele horário e, à noite, íamos para casa todas juntas no ônibus Setusa (risos) e eu só tinha o sábado à noite e o domingo com vocês. Mas era preciso trabalhar para sustentar sozinha uma casa e três filhas. Sobrevivemos, não é?

Ao lembrar das histórias de minha vida, narradas por minha mãe, me permitiu sentir a felicidade dos momentos felizes, sem que, nesse momento presente, eu estivesse na minha total felicidade. Fez-me voltar no tempo que aparentemente estava no presente, mas dentro de minha memória e, como anuncia Ricoeur, "as imagens sensíveis e as noções se acrescenta à lembrança das paixões da alma: de fato é dado à memória lembrar-se sem alegria da alegria, sem a tristeza da tristeza" (2007, p.110).

A seguir, a Figura 118 ilustra um momento feliz sentido não só por mim, mas por quem presente estava quando entrega Karina Ceci aos cuidados do nosso criador. E esse momento é sentido no seu batismo, mesmo tendo ocorrido algo que, no nosso entender, foi um ato de intolerância. Porém, há fatos e

acontecimentos que, mesmo voltando ao passado, não precisam ser esclarecidos, por tocar em sentimentos profundos dentro de nós.

Figura 118 – Batizado de Karina Ceci na Matriz de Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 1981

Há pontos na fala de minha mãe que lembro sim, como também há muitos fatos que nem me atrevo a dizer que lembro, como há fatos que prefiro deixá-los no ocultamento, mais que foram ativado no momento de escuta. Mas, “talvez uma volta no passado possa senão explicar, mas esclarecer os fatos” (Costa, 1997, p. 111).

Como o porquê de o padre não querer realizar o batismo por conta do meu sobrenome que provém de uma cabocla, a cabocla da minha bisavó Mãe Beata. A Figura 119 apresenta a estátua que representa a cabocla Ceci.

Figura 119 – Fotografia da estátua da cabocla Ceci dentro do quarto de Jurema de Mãe Beata



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, [20?]

Vamos lembrar de coisas que nos trazem sentimentos bons, lembrar de momentos felizes, prazerosos que o tempo não apagou dentro de mim, por exemplo:

Quando dormia em uma rede no próprio quarto de minha bisavó e ela coloca uma bacia de alumínio para aparar meu (risos) xixi; lembro de brincar sempre com a vizinha e a nossa divisão era uma cerca de varas; minha avó sempre aos sábados, quando vinha da feira, trazia panelinhas de barro para que eu pudesse brincar de casinha; lembro de uma mesa enorme na cozinha e meu lugar era sempre ao seu lado e meu assento era um banco de madeira na cor azul; lembro que, pela manhã, Afonso ou Zé Carlos me levavam à escola e meu lanche (ai que delícia, estou sentindo o gosto na boca) kisuke¹⁷⁵ de laranja e bolacha cream- cracker ou biscoito de leite; amava comer cuscuz com biscoito 3 de maio e continuo amando; lembro que, no quintal de casa,

¹⁷⁵ Kisuke – forma de denominação aos sucos em pó nas décadas de 1980 e 1990.

havia um pé de pimenta, e ela me fez com 8 anos ficar embaixo para que eu acreditasse que minha chupeta estava ardendo devido eu estar embaixo do pé de pimenta e eu a joguei para o lado do muro; lembro do fogão à lenha, na área de fora da cozinha onde era feita o *ageum* do santo; lembro de um quintal imenso e com várias árvores, ervas e plantas; lembro das viagens que fizemos uma para a Bahia, outra para o Rio de Janeiro quando tive que subir em um navio por uma escada de metal que balança horrores no meio do oceano e minha bisã jogou um pente daqueles que prende cabelo ao mar e tive a sensação de acalmar a ventania, lembro nessa mesma viagem que me inxiri¹⁷⁶ de fazer brigadeiro e o mesmo caiu e tive queimaduras no pé esquerdo onde fez bolhas enormes; lembro que fomos à Conceição de Piancó na Paraíba (local onde sua família residia) e, ao lado da casa, havia um pé de umbu cajá lindo (trago bem na memória os frutos) e que, nessa mesma viagem, fomos tomar um banho de cachoeira e eu vi uma cobra engolindo um sapo; lembro que sempre participei junto com ela das festas religiosas e eu tinha um medo danado quando as pessoas se irradiavam com as entidades e vinham próximo a mim; lembro de sentar na sala e escutar ao lado deles no passa disco Luiz Gonzaga e Trem da alegria; lembro que à tarde sempre ficávamos sentadas na frente de casa, esperando alguém trazer o pão quentinho naquela sacolinha de pano e, em um certo dia, ao retornar ao interior da casa, ao atravessarmos o salão¹⁷⁷, o teto do mesmo desabou e ela conseguiu construí-lo novamente, mas o destino quis que ela partisse cedo demais aos seus 62 anos e nem ao seu velório puder ir, me impediram e, depois disso (acredito), fiquei com esses pouquíssimos momentos na memória, lógico que existem mais momentos que só escavando cada camada de minha memória, só disparando certos gatilhos que virão à tona, mais tem um momento que desse eu tentarei não esquecer foi no dia em que retornei ao casarão, era assim que a residência de minha bisavó era denominada, para pegar meus pertences e, ao caminhar para a porta de saída, viro o rosto para o lado esquerdo do salão, em direção ao nosso quarto e a vejo sentada em frente à penteadeira, penteando seus longos cabelos, eu uma criança sem entender, sem ter participado do momento de seu enterro, me deparo com pessoas chorando por causa de sua ausência e eu simplesmente a vejo e o que faço naquele momento 'corro' para o lado de fora e choro desesperadamente e dizendo 'eu vi ela ali, bem ali'. E hoje a tenho linda em minha memória e a sensação que ela está apenas viajando (Karina Ceci, 2021).

Ao revocar essas memórias, registro um pouco dos momentos vividos individual e coletivamente. A emoção tomou conta de mim, ressurgiu, o coração acelerou e uma chama acendeu no meu interior, a chama da saudade, do apego, do amor. A Figura 120 mostra Karina Ceci, conduzindo um filho de santo e sendo direcionada por Mãe Beata e Pai Afonso.

¹⁷⁶ Inxirir vem de enxerimento – expressão regional comum no Nordeste.

¹⁷⁷ Salão - local onde eram realizadas as festas religiosas.

Figura 120 – Mãe Beata e Pai Afonso guiando Karina Ceci para que ela conduza uma filha de santo em sua saída para o orixá no Terreiro de Umbanda Mãe Iemanjá (1986)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 1986

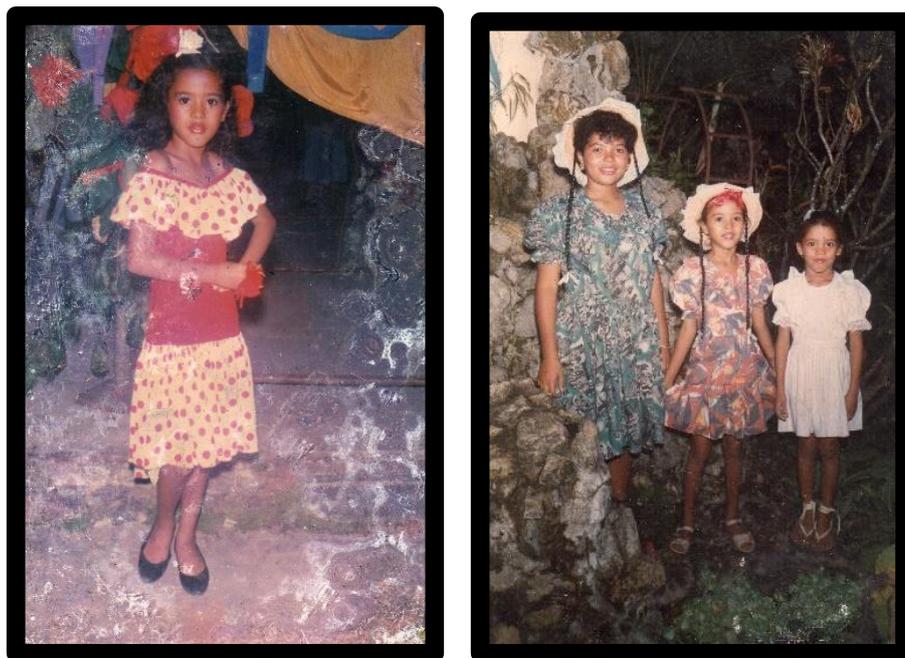
Carvalho (2019, p. 93) explica que

Registrar experiências é sem dúvida reviver o passado, buscando nas lembranças e memórias histórias que podem ser socializadas, tornando-se memória coletiva de experiências também coletivas, visto que vivendo em sociedade as histórias individuais são realizadas com o compartilhamento e relação com outras pessoas, onde os laços de interação são profundamente imbricados em redes estruturadas e cenários de comunicação.

Sinto meu passado vivo, presente, e tenho a sensação de que aquela menina, prestes a fazer 10 anos, hoje com 43 anos e com poucas lembranças, teve a sorte de uma infância linda e feliz, continua bem ativa e bem viva dentro de mim.

A Figura 121 expõe bem esse sentimento quando participava da semana da criança e do São João no Orfanato Dom Ulrico.

Figura 121 – Karina Ceci e suas irmãs em apresentação cultural no Orfanato Dom Ulrico (1989)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 1990

Continuo com os ensinamentos aprendidos pelos meus antepassados dando importância à minha história e traduzindo minha existência. Claro que em alguns desses caminhos da vida, algo a mim transmitido quando criança teve modificações, porém, certos costumes, certas manias, certos pensares, certos gostos, certas maneiras de agir, entre tantos certos na vida, me proporcionaram resistência.

E nessa resistência permaneço na religião apresentada a mim por minha bisavó Mãe Beata e meu bisavô Pai João. Hoje (2023) sigo ao lado de meus familiares que são meus zeladores e irmãos na fé.

O Quadro 1 descreve alguns dos familiares praticantes da Umbanda, Jurema e do Candomblé.

Quadro 1 – Nomes de familiares praticantes das religiões afro-indígena brasileira (2023)

NOME RELIGIOSO	NOME E PARENTESCO	FAMILIARIDADE RELIGIOSA
<i>Mãe Marinalva de Ogum</i>	Marinalva Amélia da Silva - avó biológica	Mãe de santo
<i>Pai Damião de Oxum</i>	Damião Aguinaldo de Souza Silva - tio biológico	Pai de santo
<i>Mãe Silvinha de Xangô</i>	Maria da Silva Souza - mãe biológica	Irmã de santo
<i>Pai Hilton de Oxalá</i>	Hilton Torres Holmes - esposo	Irmão de santo
<i>Pai Vinícius de Ogum</i>	Mácio Vinícius de Sousa Santana - filho biológico	Irmão de santo
<i>Mãe Cristina de Oxum</i>	Izabel Cristina Ribeiro de Souza - tia biológica	Irmã de santo
<i>Mãe Kadja de Xangô</i>	Kadja Elyze de Sousa Silva - irmã biológica	Irmã de santo
<i>Pai João Paulo de Iemanjá</i>	João Paulo Cardoso da Silva Souza - primo biológico	Irmão de santo
<i>Abiaxé¹⁷⁸ Maria Beatriz</i>	Maria Beatriz de Souza Targino - sobrinha biológica	Irmã de santo
<i>Yasmin Famo¹⁷⁹ de Yemonjar</i>	Yasmin Yohanne de Souza Alves - sobrinha biológica	Irmã de santo
<i>Anbiã Luan</i>	Luan Souza Santos - sobrinho biológico	Irmão de santo

¹⁷⁸ *Abiaxé* - pessoa que recebeu ainda no ventre da mãe os sacrifícios da obrigação, feita.

¹⁷⁹ *Famo* - termo utilizado no Candomblé (Ketu), pois foi onde a filha de santo foi iniciada. *Famo* descreve a posição de que o filho/a sai junto aos irmãos de santo no dia de sua obrigação/feitura, e se chama de barco.

<i>Ogã Alisson</i>	Alisson de Oliveira Souza - primo biológico	Irmão de santo
<i>Ogã Hércules</i>	Hércules Bráulio Alves Santos - cunhado	Irmão de santo
<i>Anbiã Jonatha</i>	Jonatha Ribeiro Lourenço dos Santos - primo biológico	Irmão de santo
<i>Anbiã Maria Luíza</i>	Maria Luiza Rodrigues Marcone - nora	Sobrinha no santo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2023

Fazer o registro dos familiares me permite escrever, valorizar e fortalecer a minha identidade, a nossa História enquanto praticantes das religiões afro-indígena. É perceber que, mesmo pertencendo a tradições religiosas diferentes, vivemos em comunhão, cumplicidade, parceria e respeito.

A Figura 122 mostra a pesquisadora sendo apresentada à família de santo e às pessoas que estão no espaço para prestigiar a *iaô* e, ao mesmo tempo, pessoas que estão no intuito de conhecer e outros para pesquisar.

Figura 122 – Karina Ceci em sua saída de *iaô* no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar, representando os orixás Iemanjá e Oxalá (31 de maio de 2015)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2015

A Figura 123, mostra a pesquisadora acompanhada dos pais de santo, representando o orixá *Ogum*.

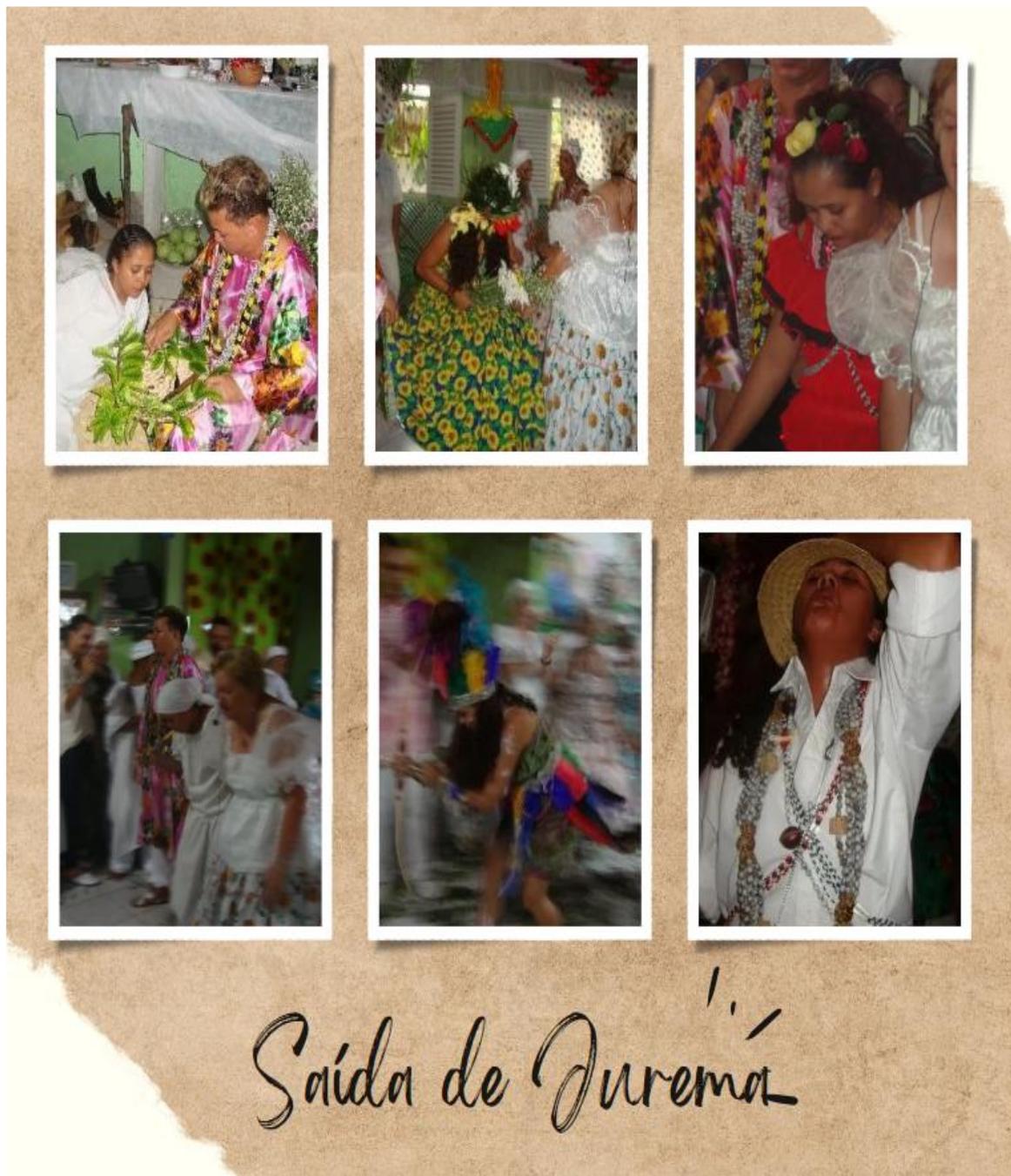
Figura 123 – Karina Ceci em sua saída de iaô no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar, representando o orixá Ogum (31 de maio de 2015)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2015

A Figura 124 mostra a pesquisadora recolhida no quarto da Jurema, recebendo ensinamentos de seu pai de santo (Pai Damião). Esse foi o dia em que ocorreu um toque de Jurema para que a filha que estava recolhida pudesse sair de obrigação da Jurema (2013). Ocorreram saídas para representar as entidades da Jurema como: *Ossanhã*, pomba gira, cabocla, preta velha e o mestre.

Figura 124 – Obrigação na Jurema de Karina Ceci (24 de fevereiro de 2013)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2013

E, com resistência, ensinamos aos mais novos, dando continuidade à história sem ter vergonha de onde veio, das origens, do lugar de pertencimento, mesmo aqueles que buscaram outras formas de viver ou de outras práticas religiosas.

Ensinamos que devemos viver em comunhão, em paz uns com os outros, mostrando que o mundo necessita de compreensão e respeito.

A Figura 125 mostra a bisavó (Mãe Marinalva), avó (Mãe Silvinha) ambas incorporadas no orixá, saudando o Pai Vinícius na época ainda *anbiãn*.

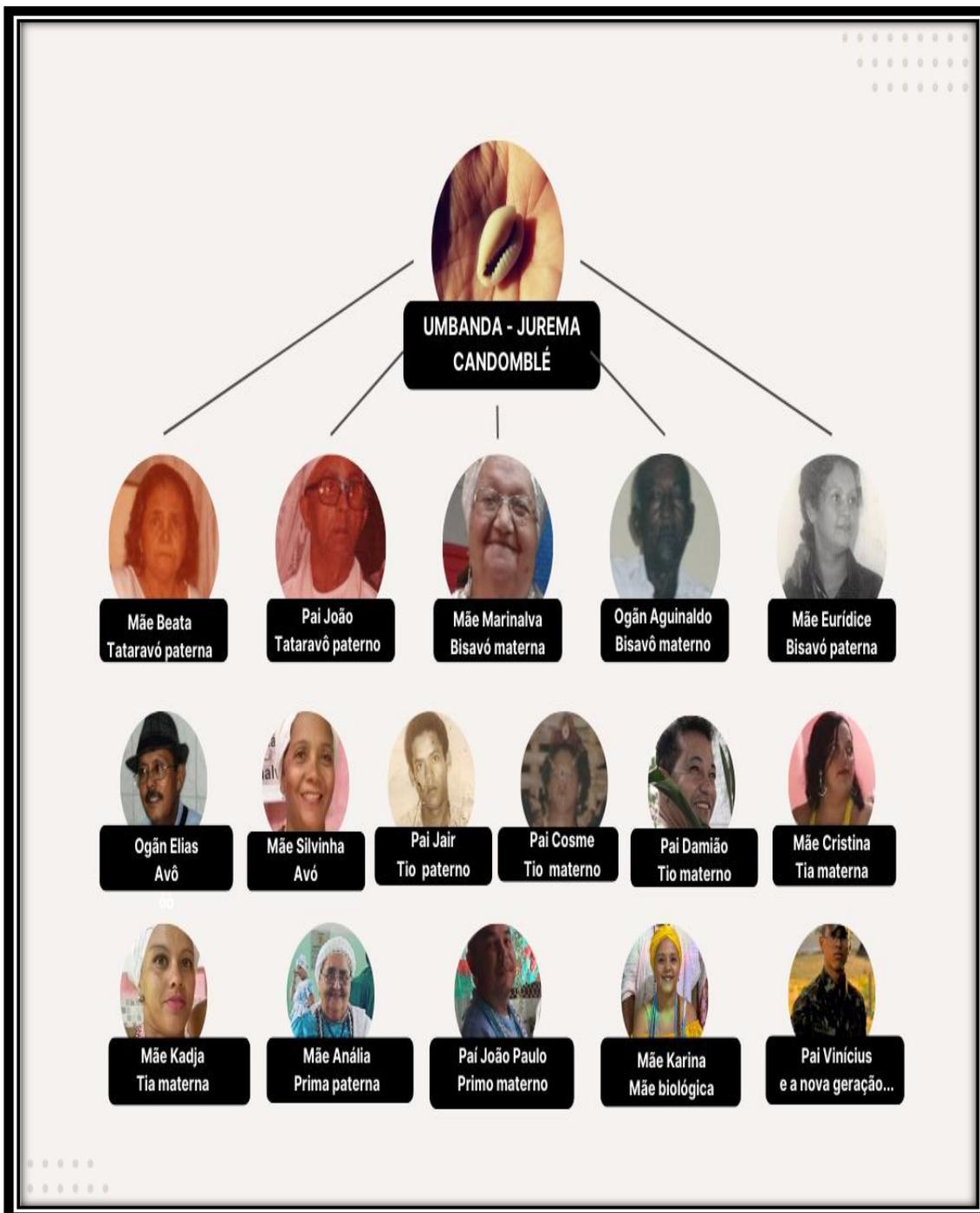
Figura 125 – Encontro de gerações (abril de 2008)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2008

Pai Vinícius (iaô) é tataraneto de Mãe Beata e Pai João; bisneto de Mãe Marinalva e Aginaldo de Souza (*ogã*), bisneto de Mãe Eurídice (iaô); neto de Mãe Silvinha (iaô) e Elias (*ogã*) e filho de Mãe Karina (*laô*). A Figura 126 apresenta o ciclo familiar religioso e sanguíneo de Mãe Beata e Mãe Marinalva.

Figura 126 – Ciclo familiar de Mãe Beata e de Mãe Marinalva que compõe a família religiosa de Pai Vinícius a quinta geração de Mãe Beata



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023)

E Pai Vinícius, continua os segmentos da nossa religião, conforme revela a Figura 127. Trata-se do testemunho de que a história continua sendo repassada de geração a geração, pois a tradição segue por meio daqueles que

nos sucedem, e os nossos antepassados merecem nosso reconhecimento, firmando uma identidade.

Figura 127 – Karina Ceci ao lado de seu filho biológico (31 de maio de 2015) e Mácio Vinícius no dia de sua obrigação de laô representando o orixá Ogum (24 de abril de 2016)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2015/2016

E, como “não há identidade sem memória” (Granato, 2009, p. 09), certos valores como o respeito, a ética, o olhar o outro como quero ser vista, a vivência dos costumes aprendidos como seguir a religião que sempre me fez bem, isso nada mudou, apenas se fortaleceu. Os registros e narrativas aqui postas buscam evidenciar diferentes maneiras como as coisas são lembradas e perpetuadas.



Meu Deus que sonho foi esse
Que me trouxe até aqui
Vestida de azul e branco
Mas eu sou filha de lemanjá Oci
Oh! Virgem da Conceição
Vós queirais nos ajudar
Livrando dos inimigos
Oh! Minha Mãe lemanjá
Oh! Virgem da Conceição
Vós queirais nos ajudar
Cobrindo os filhos com o vosso manto
Oh! Minha mãe lemanjá¹⁸⁰

NINU gbigbon ti awon igbi INTERTwined IN THE
Charm OF THE TURIMBAS: ti o ti koja ni akoko
bayi

Mãe Beata com sua bisneta Karina Ceci (1981). Fonte: Acervo da pesquisadora.

¹⁸⁰ Turimba/toada que leva minha memória aos cuidados de Mãe Beata.

7 NO BALANÇAR DAS ONDAS ENTRELAÇADAS NO ENCANTO DAS TURIMBAS/TOADAS: o passado no presente

Quando alguém quer revocar qualquer coisa, seu procedimento será o seguinte: procurará descobrir um ponto de partida para um movimento que o conduzirá àquele que ele busca (Aristóteles, 2012, p. 82).

Sou feita de retalhos.
 Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.
 Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.
 Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...
 Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...
 Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.
 E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...
 Haverá sempre um retalho novo para adicionar a alma (Pizzimenti, Cris. 20?).



Toda caminhada em algum momento requer uma parada. Não é diferente na produção acadêmica, embora tenhamos muito ainda por dizer. Mas, igual a uma colcha de retalhos, procurei tecer cada pedaço com fios da memória dos outros aliada à minha própria memória, com vistas a construir um enorme bordado de vidas que se entrelaçaram, alguns bordados mais intensamente que outros, mas todos deram, de alguma maneira, o colorido desse percurso, cujo objetivo foi de construir a trajetória infomemorial de Maria Beatriz, Mãe Beata. Consideramos, para tanto, aspectos do contexto cultural, social e religioso da cidade de João Pessoa (PB), com base no acervo pessoal de Mãe Beata, sob a perspectiva da escrita de si aliada às práticas da escrevivência.

Assentar a investigação nessas teorias propiciou repensar a pesquisa também como uma realização pessoal que nos permitiu (re)direcionar o olhar sobre Mãe Beata a partir da junção das informações memoriais constantes na documentação analisada. Isso incluiu desde documentos pessoais, cartoriais a recortes de jornais, bem como depoimentos narrativos de pessoas que

conviveram com ela em várias frentes, desde sua vida pessoal, religiosa e social, destacando-se de forma ativa junto à Mãe Beata, mulher negra e praticante da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola, e que desenhou sua própria trajetória.

Nesse sentido, acreditamos ter alcançado cada objetivo específico, culminando com o cotejamento de informações orais e documentais na construção infomemorial da religiosa Mãe Beata. Isso implica reiterar que consideramos em cada documento, em cada narrativa as metamemórias, ou seja, os aspectos representacionais sobre Mãe Beata. Dito de outra maneira, consideramos a partilha da representação de um passado que se supõe comum (Candau, 2005). Das informações, extraímos aquilo que consideramos significativo informacionalmente para atender aos objetivos traçados.

Nessa direção, olhar informacionalmente o passado partilhado de Mãe Beata nos fez metaforicamente imaginar uma linha e com ela tecer as costuras de sua trajetória, tornando possível caminhar e escrever aspectos silenciados das práticas religiosas da vida de Mãe Beata, como também dos praticantes da religião de matriz afro-indígena. Além disso, foi possível perceber estratégias de enfrentamento das imposições sociais e uma possível “harmonia” com/no campo social e no poder do estado.

Quando nos referimos ‘harmonia no campo social’, destacamos as oportunidades que as religiões afro-indígenas paraibanas tiveram para se apresentar à sociedade sem que fossem impedidas e barradas como: apresentações em teatros, divulgações de suas atividades religiosas em meios de comunicação, presença em eventos nacionais, fundação da primeira Federação Paraibana de Cultos Africanos, participações em locais jamais pensados como ter registro em revista internacional entre outras inacreditáveis oportunidades.

As religiões como a Umbanda, a Jurema e o Candomblé são denominações religiosas muitas vezes discriminadas, fato que tem se intensificado ainda em pleno século XXI, apesar da inconstitucionalidade, como práticas sem direcionamento religioso, possivelmente, por não possuírem um texto sagrado e pautarem-se na tradição oral.

De todo modo, essa possível “imaterialidade” de regras se firmam quando transformados em textos acadêmicos por pesquisadores que têm a

compreensão de que os registros orais são fonte de informação e memória, uma memória partilhada, tornando-se, portanto, fontes de pesquisa e informação. Essa prática de registro promove a disseminação da informação de forma segura e a possibilidade do conhecer e entender fatos, acontecimentos, realizações, trajetórias de pessoas que, em muitos momentos e situações, têm suas identidades negadas.

A capacidade informacional dos registros nos leva a entender que a memória e a informação se complementam porque nos permitem descobertas, encontros e lembranças de coisas que estavam perdidas no permissível esquecimento.

Nesse sentido, foi permitido, por meio dos registros acessados, como: documentos oficiais e não oficiais, fotografias, documentos pessoais, notas de jornais, narrativas e relatos, refletir sobre os feitos, as lutas e as conquistas de quem buscava cultuar seu sagrado na época da Ditadura, época de perseguições e intolerâncias.

As análises dos dados nos possibilitaram construir a trajetória infomemorial de Mãe Beata, possibilitando relatar e retratar algumas veridades encobertas pelo desconhecido ou mesmo silenciadas. Nesse sentido, o que aqui está posto se apresenta como síntese das lutas, enfrentamentos e vivências, registros da vida e batalhas vividas não só por Mãe Beata, mas também por outras pessoas que tiveram e ainda têm histórias de vida voltadas à prática das religiões afro-indígena brasileira, tornando-se livres para o exercício de suas práticas religiosas e professando sua fé.

O acervo pessoal de Mãe Beata, agregada a outras fontes informacionais, nos direcionou exercer como pesquisadora a capacidade e ao mesmo tempo a delicadeza de reescrever sua trajetória, com o nosso entendimento que provém do cuidado para trazer à cena possíveis certezas assentadas em provas e testemunhos.

As informações encontradas nos mostraram como à Umbanda e à Jurema foram permitidos ecoarem seus cânticos e os seus sons somados aos sons dos atabaques provindos do Candomblé e que chegaram à João Pessoa dando força a este pertencimento de liberdade. Ambas as tradições religiosas conduzidas pela força, pela vontade, pelas lutas, pelo desejo, pelas conquistas e pelo orgulho de quem conhece e vive a religião afro.

E nesse conhecer através da escrita nos foi concedido viver momentos passados, porque ler nos permite viajar no presente, ir ao encontro do passado, imaginar como poderemos chegar ao futuro, mesmo com as incertezas existentes que blindam nosso trajeto em algum momento da vida.

Foram disparados os gatilhos na memória que nos forneceram autorizações para perceber os significados de algo ou coisas para apresentar através da evocação das lembranças e situações ausentes na história das religiões afro-indígena paraibana. O esquecimento nos deu a oportunidade de olhar cuidadosamente os documentos que descortinaram segredos e funcionaram como extensores da memória.

Percorremos entre a escrita de si e a escrevivência, utilizamos recursos metodológicos e executamos com exatidão os propósitos da investigação. As confissões retrataram não só uma vida, mas vidas de pessoas que o tempo deixou esquecidas. Provavelmente, não foi o tempo o responsável pelos esquecimentos, mas as pessoas que não entenderam que o passado fortalece o presente e informa o futuro, pois o passado tem suas raízes.

A partir desse fortalecimento, tivemos a força de dizer por escrito que eu, você, nós temos história e que cada um pode fazer e registrar não só a sua história, mas a nossa história. Isto porque a história de vida, quando transcrita através da memória, dá visibilidade e materializa o intangível. Além disso, a história, permite trazer para o presente experiências vividas e guardadas no passado e recuperadas pelo presente, deixando para as futuras gerações a oportunidade de saborear as experiências presenteadas pela vida, para que venham reconstruir fatos e acontecimentos adormecidos pelo tempo, mas trazidos pelas lembranças.

Nesse sentido, reviver momentos é permitir viver novamente, sentir tudo de novo, amar e odiar seu passado, porém, possibilitar aberturas para novas transformações. Isso acontece com quem busca mudanças interiores, reflete e se espelham sob o olhar da evolução em sua própria história. Para isso, é necessário que haja registro do que foi feito, criado, produzido para que possamos descrever não só os caminhos percorridos, mas também as vivências, as realizações, as construções, o apego ou desapego. Enfim, descrevendo esse conjunto pertencentes a cada ser humano firma-se a identidade que nos diferencia.

Podemos pensar que necessitamos descortinar feitos através da memória, veículo de divulgação para a Ciência da Informação para que outras pessoas possam questionar, conhecer, indagar e entender como a Umbanda, a Jurema e o Candomblé Angola firmaram-se na cidade de João Pessoa e por quem, com destaque, nesse caso, a Mãe Beata como protagonista de caminhada.

Desejamos que a escrevivência possa ser vista como instrumento para novas construções, novos caminhos com novos olhares e despertar nos futuros discentes o prazer de se aventurar na escrita do escrever. Mesmo que, em alguns momentos, possamos nos sentir inseguros, uma vez que falar de si e do outro muitas vezes nos coloca em áreas desconfortáveis, considerando que nem todos tem o prazer ou o desejo de serem expostos, realçamos a importância dessa tarefa. Além disso, nem todos os personagens de uma história real, que venha a se tornar fictícia, desejam que suas histórias já concretizadas em registros, seja apresentada dessa maneira. Tivemos o cuidado e a preocupação com o entendimento para que não caíssemos na armadilha do eu acho sem ter a certeza comprobatória dos fatos.

Permitir-nos, desde o início, mergulhar nas buscas pelas descobertas e nos sentirmos confortáveis com a escrita desta dissertação, trabalho pensado como o registro que poderá agradar ou não quem tiver a oportunidade de conhecê-la.

Desse modo, acreditamos que esta pesquisa pode contribuir para a construção de novos olhares, inquietações, compreensões, entendimentos, discordâncias e supressas como também sirva de abertura para novas pesquisas, pois deixamos pontas do fio para quem desejar continuar este artesanato, cuja(o) artesã/ão, com novas propostas, possa presentear o meio social com a sua obra.

Compreendemos que uma discussão nunca chega ao fim, apenas possibilita novos caminhos como em cada toque, seja de Umbanda ou de Jurema, que encerra cantando o Hino da Umbanda¹⁸¹. E como a letra do Hino nos pede PAZ, UNIÃO e AMOR, damos uma pausa até chegarmos a futuras outras pesquisas que se configurarem em novos registros.

¹⁸¹ Composição: José Manoel Alves.

Apresentamos o Hino da Umbanda na Figura 128.

Figura 128 – Hino da Umbanda



Fonte: Letras de música. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/umbanda/914435/>
Acesso: 11 set. 2023

Embaladas/os pelo cântico, deixamos sugestões para que possamos continuar a bordar a memória das religiões de matriz afro-indígena na Paraíba, sob a perspectiva da Ciência da Informação, com o olhar sobre personagens ainda silenciados, mas que, neste estudo, se fizeram gigantes, a exemplo de Carlos Leal Rodrigues e suas práticas. Deixamos o registro da repressão durante a ditadura militar e as práticas informacionais em relação à essa prática religiosa, às tradições e aos extensores memoriais, entre tantas outras marcas. Mas, uma coisa é certa “Haverá sempre um retalho novo para adicionar a alma”, parafraseando a autora que introduz este capítulo; haverá sempre um novo

retalho informacional que pode ser acrescido para ressignificar o papel de praticantes da religião e deles mesmos. Concluo com a certeza que procurei tecer os fragmentos infomemoriais da força de uma mulher negra, umbandista, juremeira, candomblecista, humana, ativa, mãe, avó, bisavó entre tantos papéis por ela exercidos. Seus fragmentos não revelam apenas sobre si mesma, mas sobre a necessidade de enfrentamento social em defesa de sua fé. Foi uma mulher forte, cujo exemplo poderá iluminar outras lutas.

Portanto, encerro com certeza de que Mãe Beata teceu sua própria história e não está a sombra do palco, mas nele resiste. Ela, agora protagoniza junto com outras/os praticantes religiosas/os e simpatizantes, a certeza da luta pelo respeito ao estado efetivamente laico. Mãe Beata, presente!

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. "O que é o Contemporâneo?" *In: O que é o Contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AGOSTINHO. **Confissões**. Lisboa: Imprensa nacional-casa da moeda, 2004. (Original publicado por volta de 397).

ALBANO, Helena de Oliveira. **No rastro dos boitempos**: considerações sobre poética memorialista em Drummond e dois contemporâneos seus. 2005. 130 fl. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de São João Del-Rei, Minas Gerais, 2005. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES/NO_RASTRO_DOS_BOITEMPOS.pdf Acesso em: 20 ago. 2022.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo : Contexto, 2008. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2813702> Acesso: 30 jun. 2022.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. **A escritura a escrevivência a invenção a poema**: performance e descolonialidades nas gramáticas culturais das coletivas de poetas periféricas. *Trab.Ling. Aplica*, Campinas, n. (60.3): 612-625, set./dez.2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8666550/27990> Acesso: 16 mar. 2022.

ALMEIDA, Carla Maria de. **Abram as portas da ciência para os mestres e as mestras passarem**: a resignificação da Jurema no Acervo José Simeão Leal. 2017. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9714> Acesso: 10 fev. 2022.

ALMEIDA, Carla Maria de. **Entre o cachimbo e a fumaça**: um estudo das memórias na cultura material da Jurema no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar. 361 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba -UFPB. João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22389> Acesso em: 10 jun. 2022.

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. BEZERRA, Simone Maria. **Escrevivência: escrita, identidade e o eu feminino negro em Ponciá Vivência de Conceição Evaristo**. **Revista Científica da FASETE**, 2019.1. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2019/22/escrevivencia.pdf> Acesso em: 06 jun. 2022.

ANDRADE, Brenda Alves; OLIVEIRA, Bernardina. M. J. Freire de. Memórias cotidianas de Francielly. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 7, n. 1, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119498> Acesso: 13 fev. 2022.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de [et al]. **Linguagem religiosa afro-indígena na grande João Pessoa**. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1987. (Ano do IV centenário da Paraíba).

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Teorias e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Infor. Pauta**, Fortaleza, v.2, jul./dez. 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v.4, n. 1, p. 57-79, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/19120> Acesso: 15 jun. 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Teorias e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Inf. Pauta**, Fortaleza, v.2, n. 2, p. 09-34, jul./dez. 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33233/1/2017_art_caaaraujo.pdf Acesso: 08 jun. 2020.

ARISTÓTELES. **Parva Naturalia**. São Paulo: Edipro, 2012. (Série Aristóteles. Clássicos Edipro).

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**. Teoria e método. Bauru: Edusc, 2006

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200> Acesso: 05 jan. 2022

ASSMANN, Aleida. **Espaços de Recordação**: formas e transformação da memória cultural. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2011.

BAMBACE, Felipe Matos. **Desvendando o Candomblé**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Universidade Presbiteriana Mackenzie - Curso de Jornalismo. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/263ab5ce-5c94-4be8-a8d8-e33769ac5874> Acesso: 08 mar. 2022.

BARROSI, Luana. **(Po)éticas da escriturabilidade**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n.51, p.22-40, maio/ago., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/6BGQKVnCPZFQS4TF4PYc74H/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 14 abr. 2022.

BATISTA, Milena Xibile. **Angola, jeje e ketu**: memórias e identidades em casas e nações de Candomblé na Região Metropolitana da Grande Vitória (ES). Dissertação. 2014. Universidade do Espírito Santo. Disponível em: <https://docplayer.com.br/2268790-Angola-jeje-e-ketu-memorias-e-identidades-em-casas-e-nacoes-de-candomble-na-regiao-metropolitana-da-grande-vitoria-es.html> Acesso: 15 fev. 2022

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. RJ: Jorge Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão única**. Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas II)

BERARDI, Bifo. Crônica da psicodelfação. *In*: AGABEM, Giorgio. et.al. **Sopa de Wuhan**. Aspo, 2020.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº19, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios da Psicologia social. 3.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento. Comunicação Oral apresentada ao GT-02 Organização e Representação do Conhecimento. IX ENANCIB. **Diversidade Cultural e Políticas de Informação**, São Paulo: USP, 2008. Disponível em: [https://skat.ihmc.us/rid=1KR7TM7S9-S3HDKP-5STP/BRASCHER%20CAF%C3%89\(2008\)-1835.pdf](https://skat.ihmc.us/rid=1KR7TM7S9-S3HDKP-5STP/BRASCHER%20CAF%C3%89(2008)-1835.pdf) Acesso: 17 maio 2022.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso: 01 nov. 2022

BRITO, Bianca Maria Santana de. **A escrita de si de mulheres negras**: memória e resistência. 2020. 279f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-01032021-161836/pt-br.php> Acesso: 08 set. 2022.

BRUM, Eliane. **Meus desacontentamentos**: a história da minha vida com palavras. São Paulo: LeYa, 2017.

BURCH, Sally. Sociedade da informação/ Sociedade do conhecimento. *In*: AMBROSI, Alain. PEUGEOT, Valérie; PIMIENTA, Daniel. **Desafios de palavras**: enfoques multiculturais sobre as Sociedades da Informação. Paris: C & F Éditions, 2005. Disponível em: <https://dcc.ufrj.br/~jonathan/compsoc/Sally%20Burch.pdf> Acesso em: 10 jul. 2021.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Zahar. 2003

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus límites. *In*: AGABEM, Giorgio. [et.al]. **Sopa de Wuhan**. Aspo, 2020.

BYNUM, William. **Uma breve história da ciência**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018. (Coleção L&PM POCKET, v.1233).

CAMPOS, Estela Morales (Coord.) **Las posverdad y las noticias falsas: el uso ético de la información**. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2018. (Introdução)

CAMPOS, Estela Morales. Desinformación en la Sociedad de la Información y el Conocimiento. *In*: CAMPOS, Estela Morales (Coord.). **Las posverdad y las noticias falsas: el uso ético de la información**. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2018.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2021.

CANDAU, Joel. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da informação. *In*: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5. Belo Horizonte, 2003. Anais... Belo Horizonte: **Escola de Ciência da Informação da UFMG**, 2003. 1 cd-rom.

CARLI, Deneide Teresinha de. O documento histórico como fonte de preservação da memória. **Âgora**, Florianópolis, v.23, n.47, p.183-197, 2013. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/454> Acesso: 08 ago. 2022.

CARVALHO, Ediane Toscano de. O passado no presente, entrelaçamentos de experiências de vida. *In*. DEPLAGNE, Luciana Calado (Org.). **NUPPO 40 anos: memória, pesquisa e documentação da cultura popular**. João Pessoa: Ed. do CCTA, 2019.

CIACCHI, Andrea; CAVIGNAC, Julie. Ouvir a cultura: antropólogos, memórias, narrativas. *In*: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornelia, BELTRÃO, Jane Felipe. (Orgs.). **Antropologia Patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Editora Nova Letra, 2007. [S.l.]. p. 319-342.

CÓRDULA, Ana Cláudia Cruz; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **Políbio Alves: um homem, um arquivo, uma trajetória**. João Pessoa - PB: Editora da UFPB, 2015.

CORDONA, Natalia Duque. **Representaciones sociales de la lectura-escritura-oralidad en las voces afro-femeninas: horizontes de sentido para prácticas bibliotecarias de educación lectora interculturales en la ciudad de Medellín**. Universidad de Antioquia. Facultad de Educación, 2013. Disponível em: https://bibliotecadigital.udea.edu.co/bitstream/10495/6494/1/NataliaDuque_2014_representacionesafrofemeninas.pdf Acesso: 30 out. 2023.

CÔRTEZ, Gisele Rocha; MARTINS, Gracy Kelli; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Protagonismo social das mulheres no curso de biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima. **O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora Ltda. 2019.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória Institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. 1997. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

COUTINHO, Edny Anderson Bezerra; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **Escrita de si e o relacionamento conjugal**. Revista Fontes Documentais, Aracaju, v.3, n.1, p. 119-124, jan./abr., 2020. Disponível em: <https://aplicacoes.ifs.edu.br/periodicos/fontesdocumentais/article/download/570/469/1621> Acesso: 20 ago. 2020.

DANNEMANN, Angela. Vivências da absorção e da expressão. *In*. DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. (Ebook) Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/divulgacao/escrevivencia-a-escrita-de-nos/> Acesso: 26 dez. 2021.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. (Série Manuais Acadêmicos).

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência da afro-brasilidade: história e memória**. *Releitura*, n.23, Belo Horizonte, 2008. p.5-11. (9 Encontro da Literatura). Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2021/revista_releitura_v23.pdf Acesso: 28 de dez. de 2021.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência da afro-brasilidade: história e memória**. *Releitura*, Belo Horizonte, n.23, 2008. p.5-11. (9 Encontro da Literatura). Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2021/revista_releitura_v23.pdf Acesso: 20 mar. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*. DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. (Ebook) Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/divulgacao/escrivencia-a-escrita-de-nos/>

Acesso: 26 dez. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrivência: sentidos em construção. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed., Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020. (Ebook) Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/divulgacao/escrivencia-a-escrita-de-nos/>

Acesso: 26 dez. 2021.

FOUCAULT, Michael. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, Michael. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009 (Ditos e Escritos, III - Organização e seleção de textos: Manoel Barros de Motta).

FRAGOSO, Tiago de Oliveira. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. **Revista Perspectivas Sociais**, Pelotas, ano 1, n.1, p. 109-124, março, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/percsoc/article/viewFile/2344/217>

Acesso: 02 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra LTDA, 1967.

GALDINO, Suellen Barbosa. **Bico de pena: escrita de si de Nilvalson Miranda**. João Pessoa, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5431?mode=full&locale=es> Acesso

em: 28 dez. 2021.

GALINDO, Marcos. A redescoberta do trabalho coletivo. *In*: AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. (org.). **Informação, patrimônio e memória: diálogos interdisciplinares**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Ed. FGV,2004.

GONÇALVES, Antônio Giovanni Boaes. Memória e Umbanda. **RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.11, n. 33, p. 959-982, dez. 2012.

Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/BoaesArt.pdf> Acesso: 20 ago.

2020.

GONÇALVES, Antônio Giovanni Boas; CECÍLIA, Hermana. Catimbó, Umbanda e Candomblé: o campo religioso afro-brasileiro em João Pessoa. XIII Simpósio Nacional da ABHR, 2012, São Luís. **Anais do Simpósio da ABHR: São Luís:ABHR,2012, v.13, p.01-14** Disponível em:

<https://docplayer.com.br/20651193-Catimbo-umbanda-e-candomble-o-campo-religioso-afro-brasileiro-em-joao-pessoa-i-antonio-giovanni-boas-goncalves-ii-hermana-cecilia-iii.html> Acesso: 20 ago. 2020.

- GONDIM, Linda Maria Pontes; LIMA, Jacob Carlos. **A pesquisa como artesanato intelectual**: considerações sobre método e bom senso. São Carlos: EdUFSCer, 2006.
- GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (Org.). **Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia**. Museus de astronomia e Ciência Afins – MAST. Rio de Janeiro, 2009, Livro eletrônico.
- GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 41(2): 49-73, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/4JrSBZDRqG8c9RjzCfxz4BN/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 11 set. 2023.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz; ARAÚJO, Maria do Socorro de Souza. Cartas do Chile: os encontros revolucionários e a luta armada no tempo de Jane Vanine. *In*: CASTRO, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- HARDING, Sandra. **Ciencia y feminismo**. 5. ed. Cornell University Press, Ithaca, New York: EDICIONES MORATA, S. L., 1993. (La presente obra ha sido editada mediante ayuda del Instituto de la Mujer). Disponível em: <https://edmorata.es/wpcontent/uploads/2020/06/Harding.CienciaFeminismo.PR.pdf> Acesso: 30 out. 2023.
- HEIDEGGER, Martin. **Identidade e Diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. (Coleção Vozes de Bolso).
- HEYMANN, Luciana Quillet. **O arquivo utópico de Darcy Ribeiro**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jan.-mar. 2012, p.261-282. Disponível: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/HQwqFxFk3sPZ56hjjXCFWM/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 01 jun. 2022.
- HEYMANN, Luciana. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. *In*: TRAVANCAS, Isabel. et al. **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- LABBÉ, Brigitte. **Memória e Esquecimento**. São Paulo: Scipione, 2008. (Coleção Cara ou Coroa?: filosofia para crianças).
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Ed. Da UNICAMP, 1990. (Coleção repertórios).
- LEAL, Wills. **O real e o virtual no turismo da Paraíba**. João Pessoa: A União Editora, 2001.
- LIMA, José Leonardo Oliveira; ÁLVARES, Lillian. Organização e Representação da informação e do conhecimento. *IN*: ÁLVARES, Lillian (Org.). **Organização da Informação e do Conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012. 248 p. Cap.1, p.21-48. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jose-Leonardo-Lima2/publication/281969932_Organizacao_e_representacao_da_informacao

[e_do_conhecimento/links/5600067308ae07629e522ad1/Organizacao-e-representacao-da-informacao-e-do-conhecimento.pdf](https://doi.org/10.1590/1981-4188-000000067308ae07629e522ad1/Organizacao-e-representacao-da-informacao-e-do-conhecimento.pdf) Acesso: 18 abr. 2022.

LIMA, Valdir. CULTOS AFRO-BRASILEIROS NA PARAÍBA: memória em construção. *Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib.*, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 056-063, 2015. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/42820> Acesso: 01 de jan. de 2021.

LIMA, Valdir. **Cultos afro-brasileiros na Paraíba**: uma história em construção (1940-2010). Orientador: Severino Celestino da Silva. 2011. 200f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva. Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva. Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2003.

MARINHO, Paula Márcia de Castro. Intolerância religiosa, racismo epistêmico e as marcas da opressão cultural, intelectual e social. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 37, Número 2, Maio/Agosto 2022. p.489 - 510. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/7nwNP6t5HpR4YhyWL64hbFp/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 17 nov. 2022.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 2.ed. São Paulo: Contexto,2012.

MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... novas considerações. *In*: TRAVANCAS, Isabel et al. **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

MELO, Dianne Cristine Rodrigues. Escrivência e exclusão nas práticas de leitura e escrita. *In*. DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição. 1. ed., Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. (Ebook) Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/divulgacao/escrivencia-a-escrita-de-nos/> Acesso: 26 dez 2021.

Meu nome é liberdade (The Book of Negroes). Direção de Clément Virgo. Canadá: 2015. DVD (265 min.). Disponível: 15.01.22 <https://filmow.com/meu-nome-e-liberdade-t93904/ficha-tecnica/> Assistido em 15 jan. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. (Série Manuais Acadêmicos).

MINIDICIONÁRIO LAROUSSE DA LÍNGUA PORTUGUESA. 3. ed. São Paulo: Larousse do Brasil,2009.

MONTEIRO, Samuel Alves; DUARTE, Emeide Nóbrega. Bases teóricas da gestão da informação: das gêneses as relações interdisciplinares. **InCID: R. Ci.**

Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 9, n. 2, p. 89-106, set. 2018/fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/download/133677/148275/317980>
Acesso: 04 nov. 2020.

NASCIMENTO, Denise Morado; MARTELETO, Regina. A informação construída nos meandros dos conceitos da teoria social de Pierre Bordieu. DataGramZero: **Revista de Ciência da Informação**, v.5, n.5, out. 2004. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000002050/693f43d91c1581898cce7d4a8423bbfb> Acesso: 02 set. 2018.

NATÁLIA, Livia. Intelectuais escreventes: enegrecendo os estudos literários. *In*. DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. (E-book) Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/divulgacao/escrevivencia-a-escrita-de-nos/>
Acesso: 26 dez. 2021.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. Prof.História, São Paulo, (10), dez. 1993

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Prof. História**, São Paulo, (10), dez. 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763> Acesso: 04 nov. 2022.

NUNES, Isabella Rosado. Sobre o que nos move, sobre a vida. *In*. DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. (E-book) Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/divulgacao/escrevivencia-a-escrita-de-nos/>
Acesso: 26 dez. 2021.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **José Simeão Leal: o editor público brasileiro**. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2018.

OLIVEIRA, Iranilson; OLIVEIRA, Catarina. **Paraíba: meu passado, meu presente**. Curitiba: Bases Livros Didáticos, 2009.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. "Escrevivência" em becos da memória, de Conceição Evaristo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(2): 344, mai./agos.2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/X8t3QJSM5dMTjPTMJhLtwgc/?format=pdf&lang=pt>
Acesso: 15 abr. 2022.

PEREIRA, João Paulo da Costa Rolim. **Os indígenas na primeira história da Paraíba: um estudo sobre a História da Província da Parahyba de Maximiano Lopes Machado**. 163 f. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba -UFPB. João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5982/1/arquivototal.pdf>
Acesso:18 maio 2022.

PEREIRA, Camila Santos; PEREIRA, Anamaria Ladeira. **Escrevivência nas Ciências Sociais:** reflexões sobre método, desafios e perspectivas. 45º encontro Anual da ANPOCS. GT 30: Pensamento Social no Brasil. [s.d]. Disponível em:

<https://www.anpocs2021.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNToiYTToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSVZPIjtzOjQ6IjU3OTAiO30iO3M6MT0iaCl7czozMjoiMTBINjk0YThmNWYxMGYzZTg4ZTJjNW M2YWVlYTAyYjYiO30%3D> Acesso: 16 abr. 2022.

PETIT, Santiago López. El coronavirus como declaración de guerra. *In:* AGABEM, Giorgio. et.al. **Sopa de Wuhan.** Aspo, 2020.

PINHEIRO, Lêna Vânia Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da informação. **Inf. & Soc.:** Est., João Pessoa, v.15, n.1, p. 13-48, jan./jun.2005. Disponível em:

https://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/11/pdf_dddbe08d7b_0012998.pdf Acesso: 19 jun. 2020.

PINHEIRO, Mariza de Oliveira; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; SIMÕES, Maria das Graças de Melo. O ritual arerua e a conversão indígena no norte do Brasil: entre memórias e representação da informação. *In:* OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. (org.). **Memórias:** lugar onde as lembranças não envelhecem. João Pessoa: Ed. UFPB, 2019.

PIZZIMENTI, Cris. **Sou feita de Retalhos.** Pacto Nacional pela Alfabetização na idade Certa. Educação Infantil - Minas Gerais, 2018. (Encontro de formação). Disponível em: <https://www2.ufjf.br/pnaic/files/2018/06/Sou-feita-de-retalhos-Cris-Pizzimenti.pdf> Acesso: 19 de jun. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941> Acesso: 31 maio 2022.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo:** a velha magia na metrópole nova. São Paulo: Hucita: Ed. da Universidade de São Paulo, 1991.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUECHOL, María Graciela Martha Técuatl. La información: entre la verdad y la posverdad. *In:* CAMPOS, Estela Morales. **Las posverdad y las noticias falsas:** el uso ético de la información. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2018.

QUEIROZ, Verônica Santana. Quando se fecha os olhos e vê: por uma metodologia afetiva. **Reciis** – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 507-516, jul.-set. 2022.

Disponível em: <https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3299> Acesso: 29 set. 2023.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; SIPPEI, Juliana. A escrevivência de Conceição Evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**.20(2), 2019, p. 37-51. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/23381> Acesso: 08 jan. 2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry. (Org.). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo, Ed. Atlas S.A., 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp,2007.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil**. [on line]. Rio de janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/mmtct/pdf/rodrigues-9788579820106.pdf> Acesso: 05 jan. 2022.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Revista Estudos Históricos**, Rio de janeiro, n.17,1996.

SANTOS, Luciano dos. As identidades culturais: proposições conceituais e teóricas. **Revista Rascunhos Culturais**. V.2, n.4, p. 141-157, jul./dez. 2011.

SANTOS, Maria Isabel Pia dos. **Religiões afro-brasileiras no terreiro da política paraibana: uma análise histórico-antropológica acerca dessas religiões em pleitos eleitorais**.2016.226f. Dissertação. (Mestrado em Ciência das Religiões). Universidade Federal da Paraíba/CE. João Pessoa, 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; GOMES, Henriette Ferreira. Conceito de informação na Ciência da Informação: percepções analíticas, proposições e categorizações. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.25, n.1, p. 145-157, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/145/13200> Acesso em: 18 set. 2022.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e [et al.]. **Acervos de ciência e tecnologia no Brasil: preservação, história e divulgação**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins,2012.

SILVA, Rildo Ferreira Coelho da. **Santa Rosa da linha e da cor: o passado presente por meio da escrita autobiográfica**. 2018. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA. João Pessoa, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12403?locale=pt_BR Acesso: 09 jun. 2022.

SILVA, Ronieli Victor da. **SONS DO TEMPO: a música na formação infomemorial e identitária do artista plástico Hermano José**. 2022. 245 fl.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA. João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22783> Acesso: 06 jun. 2022.

SILVA, Valdir de Lima; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; ROSA, Maria Nilza Barbosa. MEMÓRIAS IN MEMORIAM: Mãe Beata e o nascimento do Candomblé Angola na Paraíba. *In*: OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de [et al.]. **Memórias**: lugar onde as lembranças não envelhecem. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p.145-158.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A PESQUISA CIENTÍFICA. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.(Série Educação a Distância). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/213838> Acesso: 18 jun. 2022

SOARES, Stênio. Anos da Chibata”: perseguição aos cultos afro-pessoenses e o surgimento das federações. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 14, Setembro / 2009. p.135 -155. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/46958/28201> Acesso: 01 jun. 2022.

SOUZA, José Ribeiro de. **400 pontos riscados e cantados na Umbanda e Candomblé**. 4.ed. Rio de Janeiro: ECO,1964.

SOUZA, Liliane Braga Rolim H. de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **Afonso Pereira**: por entre as raízes da memória biblioteconômica paraibana. *Biblionline*, v.1, n.1, 2005. p. 01-15. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/16639> Acesso: 13 fev. 2022.

TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana. **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ci. Inf**, Brasília, v.29, n. 2, p.71-77, mai./ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/rmmLFLlYsjPrkNrbkrK7VF/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 15 abr. 2021.

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.

ZIZEK, Slavoj. O coronavírus é um golpe no capitalismo ao estilo de 'Kill Bill' e poderia conduzir à reinvenção do comunismo. *In*: AGABEM, Giorgio. et.al. **Sopa de Wuhan**. Aspo, 2020.

GLOSSÁRIO

ABEBÉ - é um leque em forma de círculo na cor dourada com um espelho no centro.

ABIAXÉ - pessoa que recebeu ainda no ventre da mãe os sacrifícios da obrigação, feitura.

ACIPA – o responsável pela casa de exú, pessoas de confiança dos pais e mães de santo.

ADÊ - é uma coroa que vem acompanhado do chorão, nome dado às miçangas que ficam presas no adê com a função de cobrir o rosto do filho.

AGEUM - nome dado à comida religiosa ofertada no fim dos toques.

ALÁ - é um pano da cor que representa um determinado orixá que serve para cobrir a cabeça de um filho em determinadas ocasiões e para outras determinadas funções, como receber com receber pais e mãe de santo quando faziam visitas aos terreiros.

ALGUIDAR – recipiente redondo feito de barro.

ALOJÁ – louvação.

ALPEND – Mãe Marinalva se refere a um tipo de ponte, presente na orla da Cabo Branco, em João Pessoa (mas, de acordo com o mapa da cidade sobre o alped que relembra Mãe Marialva, ele ficava localizado na praia do Manaíra).

AMALÁ – espécie de pirão feito com pimenta, quiabo, camarão.

ANBIÃN – filhos iniciantes na religião.

ATABAQUE - instrumento mais usado nos rituais de Candomblé; No terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar que se cultua a Umbanda e a Jurema faz uso do atabaque apenas na saída de obrigação de um/a filho/a de santo quando sai representando o orixá Ossanhã, orixá do tempo.

ATOTÔ - saudação a Obaluaê e Omulu - significa silêncio, pedido de licença. Em algumas nações, é o mesmo que Omulu.

AXÓ - são as roupas usadas nos toques/giras, nas festas, roupa do santo.

BACHOCHÔ - maneira de cumprimento entre os pais e mães de santo.

BACIA DE ÁGATA – serve para o preparo das comidas, como também para servir a comida, preparar banhos, entre outras finalidades religiosas.

BAÚ DE SEGREDO - é uma forma de direcionar segredos que não podem ser abertos a qualquer pessoa, são os segredos de dentro daquela comunidade ou até mesmo de certos rituais, feitura entre outros.

BEGUE-BEGUE - saudação aos Orixás gêmeos Cosme e Damião (Ibejis/Erês) – médicos, protetores das crianças - significa: Salve as crianças!

BERETINHA – é um revólver pequeno.

BORI – obrigação, ritual.

CAÔ CABECILÊ - saudação ao Orixá Xangô (Deus da justiça) - significa: “Permita-me vê-lo, Majestade!”.

CASACO BRANCO – termo adotado pelas entidades quando se referem aos médicos.

CASARÃO – era como as pessoas chamavam a residência de Mãe Beata, pois era fixado em um terreno bem amplo e espaçoso.

CAVALO - pessoa quando está em momento de transe com sua entidade em terra, incorporado. É quando tem seu corpo ocupado pela entidade espiritual, nele sendo cavalgado. É um médium na Umbanda.

CUMEEIRA - parte superior do telhado.

DEFUMAÇÃO - é utilizado com queima de ervas, passando entre as pessoas praticantes e/ou visitantes, logo depois que louvamos os exús e as pombas giras. Serve para limpar as pessoas e o ambiente.

EGUNS - é uma denominação referente às almas de pessoas falecidas.

ELÚ - instrumento usado nos rituais da Umbanda e da Jurema.

ÉPA BÀBÁ - saudação ao Orixá Oxalá; significa “obrigado Pai”; é o Orixá da paz, o pai maior nas nações das religiões de tradição de matrizes africanas.

EPARREI - saudação a Iansã (deusa guerreira, senhora dos ventos, raios, trovões e tempestades) - significa: “Salve o raio, Iansã!”

ERÊS - são divindades infantis, crianças.

ESTEIRA – feita de palha, é também utilizada para deitar.

EWÉ Ó, OSSANHÃ – saudação a Ossanhã significa Salve as folhas! Existem outras variações dessa saudação e denominações além de Ossanhã.

FALANGE - são entidades (espíritos) que representam, trabalham e que são invocados com o comando e vibração dos orixás e atuam dentro de uma mesma linha de vibração espiritual.

FAMO - termo utilizado no Candomblé (Ketu), pois foi onde a filha de santo foi iniciada. Famo descreve a posição de que o filho/a sai junto aos irmãos de santo no dia de sua obrigação/feitura, e se chama de barco.

FURAR RONCÓ - deixar o quarto de santo, estando em preparação para alguma obrigação.

GIRA - nome dado ao ritual quando as/os filhas/os de santo se reúnem para celebrar uma entidade seja do orixá como entidade da Jurema. É onde as/os filhas/os de santo se reúnem em círculo, elevando seus pensamentos para pedir coisas boas, ajuda. É onde se dança, canta, evolui, é onde entramos em contato com o que acreditamos. É o momento em que as/os filhas/os de santo giram em círculo para louvar as divindades através do chamado pelos elús e/ou dos atabaques, pelas vibrações e pelo som dos adejas.

GONGÁ – altar.

IÁ – mãe de santo.

IABASSÊ – a responsável pelo preparo dos alimentos religiosos.

IALORIXÁ – sacerdotisa, mãe de santo.

IAÔ – filhos e filhas que tomaram iniciação (feitura no santo).

IBIRI - é um artefato enfeitado com búzios e usando como indumentária.

INXIRIR - vem de enxerimento – expressão regional comum no Nordeste.

JEJÊ – nome dado a uma folha, uma tradição do Candomblé (Candomblé Jejê).

JÔCO – uma maneira de cursar ao santo.

JUNTÓ - é o orixá que forma par do orixá de frente, dando equilíbrio à pessoa.

KISUKE – forma de denominação aos sucos em pó nas décadas de 1980 e 1990.

LAROIÊ/ MOJUBÁ - Saudação aos orixás exú (guardião da comunicação) e às pomba giras considerada um exú feminino, mensageiros entre o mundo dos

orixás e a Terra - significa: “Salve, mensageiro” / “Salve Pomba Gira”. As saudações são a maneira com que os/as filhos/as de santo se dirigem aos orixás.

LERA - um tipo de piada.

MÃE PEQUENA - pessoa que, na ausência do pai e mãe de santo, assume o comando do terreiro.

MANDINGA - feitiços, trabalhos feitos.

MARUÔ - roupa usada pela filha de santo para representar o orixá Xangô. Quando a mulher usa o maruô com o chicotô por baixo e por cima do maruô se coloca o saiote feito de palha da costa. O homem usa calça e por cima o saiote.

NAÇÃO - comunidade religiosa à qual o praticante segue.

OBRIGAÇÃO – significa feitura, ser iniciado no santo.

OBSEDIADA – para os umbandistas, são pessoas que estão possuídas por espíritos obsessores. São espíritos que fazem com que a pessoa obsediada tenha momentos aparentemente de loucura, que fazem coisas fora do normal e, para quem não entende, considera essas pessoas como loucas.

ODOCIÁ - saudação ao Orixá Iemanjá - significa Salve a Senhora das águas.

OGÃN – pessoa que toca o elú e atabaque.

OGUNHÊ - saudação ao Orixá Ogum (o senhor das guerras) - significa: “Salve Ogum!”

ÒKÉ ARO - saudação ao Orixá Oxóssi (o deus caçador, senhor da floresta, orixá da fartura, divindade do conhecimento) - significa: “Salve o grande Caçador!”

ORA YÊ YÊ, OXUM - saudação ao Orixá Oxum - significa salve a senhora da bondade. Salve mãezinha benevolente. Rainha da água doce.

ORI – significa cabeça.

ORIXALÁ - Pai eterno.

ORUM - palavra de origem iorubá (Orum) que define o céu ou o campo espiritual.

ORUMILÁ - orixá considerado como Orixalá, orixá importante que fez a criação do mundo e da humanidade.

OTÁ - local onde são colocadas as pedras preparadas e onde são postas as mengas. Local onde firma a obrigação, feitura das(os) filhas(os) de santo.

OXAGUIÃN - é considerado o Oxalá mais velho.

OXALÁ - considerado o filho do Pai Eterno.

OXALUFÃN - é considerado o Oxalá mais novo.

PAI PEQUENO - pessoa que, na ausência do pai e mãe de santo, assume o comando do terreiro.

PARAMENTAS - instrumentos utilizados por cada orixá e entidades da Jurema. Enfeites, vestuário usado para representar determinada entidade, são objetos representativos.

PASSAGEM - na Umbanda significa quando a pessoa morre, se transporta do mundo material para o mundo espiritual.

PEJI – santuário, quarto sagrado onde encontram os orixás e todos os objetos a eles pertencentes.

PORTEIRA - nome dado pelos praticantes da Umbanda à entrada do terreiro/barracão/ilê/roça.

SALÃO - local onde eram realizadas as festas religiosas.

SALUBA NANÃ - saudação ao Orixá Nanã – significa salve a Mãe das águas Pantaneiras!

SANTA SEARA - um lugar sagrado, uma terra santa.

SIRUM - cerimônia fúnebre.

TERREIRO/BARRACÃO/ILÉ/ROÇA - nome dado aos espaços destinados aos rituais coletivos, onde se realizam as giras, os toques, espaços sagrados. A denominação vai depender da folha na qual o pai e a mãe de santo têm sua feitura firmada, iniciada. Para fins desta pesquisa, adotamos o termo terreiro.

TOQUES - nome aos dias de festas.

TORÇO - Pano que colocamos na cabeça, para cobrir o ori.

TRAQUINAGEM - comportamento inquieto, brincadeira, agitação.

TURIMBA/TOADA - são os termos usados para chamar as canções, as músicas que são cantadas nos rituais. Para nós umbandistas do Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar/PB, as turimbas/toadas são rezas. Na Dissertação vamos nos remeter apenas as turimbas/toadas utilizada no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar/PB, do qual sou praticante há quase 18 anos ininterruptos e muitas das turimbas/toadas desconhecemos suas autorias. As turimbas/toadas

destacadas na Dissertação tem um porque especial pois elas me remetem a momentos que para mim são bem significativos.

XARARÁ - objeto feito de palha da costa.

ZELADORES - outra denominação dada aos pais e às mães de santo.

APÊNDICES

Pesquisa Escrivência		
Pesquisa Bibliográfica	Pesquisa Qualitativa	Pesquisa Documental
01	Momento Exploratório – Suporte Conceitual	
Levantamento e análise bibliográfica para construção teórico-metodológico.		
Fichamento e escolhas teóricas		
02	Momento Exploratório – Levantamento de Dados	
Mapeamento de instituições – memórias e acervos		
Identificação de fontes de informações como jornais, fotografias		
03	Momento de Escuta	
Seleção das entrevistas		
Elaboração do roteiro de entrevista		
Contato com os entrevistados		
Realização das entrevistas		
Anotações em caderneta de campo		
Transcrição das entrevistas		
04	Momento de Narração – fase que permeou todo o trabalho incluindo:	
Leitura bibliográfica		
Leitura da caderneta de campo		
Exercício da escrita pela metodologia da escrivência interrelacionando o eu, o ela e eles		
05	Momento da reflexão e autorreflexão	

Análise e seleção dos documentos
Retorno das entrevistas aos entrevistados
Identificação dos fios que tecem a memória e as relações entre eu, ela e eles
Anotações e releituras da caderneta de campo

APÊNDICE B

FASES PRINCIPAIS DA ENTREVISTA NARRATIVA	
01 PREPARAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Exploração do campo (leituras para conhecer o tema e os entrevistados).
	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Formulação de questões iminentes (que refletem a intenção do pesquisador).
	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Escolha dos gatilhos de memória (fotografias, filmes, cartas, etc.).
02 INICIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Iniciar a gravação, formulando o tópico inicial da entrevista.
03 NARRAÇÃO CENTRAL	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Não interromper a narração, nem fazer perguntas; ❖ Somente encorajamento para continuidade da narração; ❖ Esperar os sinais de finalização.
04 PREPARAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Não discutir contradições; ❖ Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes; ❖ Fazer perguntas iminentes (que tenham surgido durante a narração).
05 PREPARAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Parar a gravação; ❖ São permitidas perguntas do tipo “por que”; ❖ Fazer anotações imediatamente após a entrevista.

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS EXTERNOS A FAMÍLIA

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

FAZER A REFERÊNCIA DA ENTREVISTA

Esta entrevista foi realizada durante a pesquisa para atender as necessidades da Dissertação de Mestrado da autoria de Karina Ceci de Sousa Homes, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação.

COLETA DE DADOS NO CAMPO

Título:

Objeto de pesquisa:

Técnica: Entrevista Narrativa - Temática

Tempo de duração:

Tipo de entrevista: Individual

Procedimento de registro: gravação em imagem e som

Data:

Local: João Pessoa/Paraíba (descreve se na residência/bairro e cidade)

Entrevistada:

Assistente de Filmagem:

Pesquisadora: Karina Ceci de Sousa Holmes

DADOS DO ENTREVISTADO/A

- 1) Nome completo:
- 2) Nome social:
- 3) Data de nascimento:
- 4) Naturalidade:
- 5) Profissão/Ocupação:
- 7) Escolaridade:

- 8) Cor/raça/etnia:
 9) Estado civil: () Casada () Solteira () Viúva () Divorciada ()
 Outra: _____
 10) Tem filhos/as: Quantos? Idade/s:

QUESTÕES DE PESQUISA

Neste momento daremos início a Entrevista com _____, a horas _____, e pedimos autorização para gravar em áudio e vídeo. João Pessoa ____/____/2022.

Eu sou Karina Ceci Holmes, o objetivo desta entrevista é para atender as necessidades da Dissertação intitulada “**MARIA [BEATRIZ] BARBOSA DE SOUZA: na gira da vida de Mãe Beata**”, que tem o objetivo de constituir a trajetória infomemorial da religiosa Mãe Beata, no contexto cultural e social da cidade de João Pessoa (PB), a partir de seu arquivo/acervo pessoal sob a perspectiva da escrita de si.

- 1) Quem é? Filha de quem (Perguntar da seguinte maneira: Quem é Bernardina Maria Juvenal Freire (Ou o nome Social)? Nasceu onde, me fale um pouco de sua história, de seus pais, de sua infância);
- 2) Como se deu seu envolvimento inicial com a religião de matriz afro?
- 3) E quando foi iniciado/a na religião?
- 4) A senhora já ouviu falar sobre Mãe Beata. Então lhe pergunto: quando e como conheceu Mãe Beata e em que circunstância? (Deixa a pessoa falar livremente)
- 5) Qual o nível de relacionamento entre o/a senhor/a e mãe Beata?
- 6) Diante de sua vivência com a religiosa, na sua opinião como Mãe Beata era vista no meio religioso, político e social?
- 7) Que lembranças o/a senhor/a tem daquele Templo/Barracão e como se dava o comando de Mãe Beata?
- 8) Poderia lembrar de como ocorriam essas atividades (gira, festa, saída de filho/s, como Mãe Beata recebia as pessoas etc.). Essa questão será feita se a resposta da anterior for positiva.

- 9) Existe alguma particularidade de Mãe Beata que o/a senhor/a gostaria de destacar? Por exemplo, as vestes, a forma de dançar?
- 10) Existe alguma atitude, em relação à Mãe Beata que lhe chamou a atenção? E o/a senhor/a gostaria de destacar, ou da trajetória dela?
- 11) O/a Senhor/a lembra de pessoas que se tornaram filho/a(s) de Santo de Mãe Beata?
- 12) Em poucas palavras como o/a senhor/a descreveria mãe Beata?



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS EXTERNOS A FAMÍLIA

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

FAZER A REFERÊNCIA DA ENTREVISTA

Esta entrevista foi realizada durante a pesquisa para atender as necessidades da Dissertação de Mestrado da autoria de Karina Ceci de Sousa Homes, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação.

COLETA DE DADOS NO CAMPO

Título:

Objeto de pesquisa:

Técnica: Entrevista Narrativa - Temática

Tempo de duração:

Tipo de entrevista: Individual

Procedimento de registro: gravação em imagem e som

Data:

Local: João Pessoa/Paraíba (descreve se na residência/bairro e cidade)

Entrevistada:

Assistente de Filmagem:

Pesquisadora: Karina Ceci de Sousa Holmes

DADOS DO ENTREVISTADO/A

1) Nome completo:

2) Nome social:

3) Data de nascimento:

4) Naturalidade:

5) Profissão/Ocupação:

7) Escolaridade:

8) Cor/raça/etnia:

- 9) Estado civil: () Casada () Solteira () Viúva () Divorciada ()
 Outra: _____
- 10) Tem filhos/as: Quantos? Idade/s:
- 11) Grau de Parentesco com Mãe Beata: _____ (Dizer se é a primeira, segunda...filha/o).

QUESTÕES DE PESQUISA

- 1) Quem é? Filha de quem (Perguntar da seguinte maneira: quem é Bernardina Maria Juvenal Freire (Ou o nome Social)? Nasceu onde, me fale um pouco de sua história, de seus pais, de sua infância);
- 2) Que lembranças você tem de sua Mãe Beata? Ou em outras palavras: Quem era a mãe Beata no exercício de suas funções maternas, funções domésticas, se cozinhava, passava, o que gostava de fazer?
- 3) Quantos filhos teve Mãe Beata, (dizer do mais velho ao mais novo, se possível quem casou com quem, seus netos e netas...- tentativa de construir a árvores de descendência dela);
- 4) Como era a Religiosa Mãe Beata em casa e no Terreiro?
- 5) Você também é seguidora da religião, como e quando se deu sua iniciação?
- 6) Sendo Mãe Beata sua mãe biológica e Mãe de Santo (isso se o for), como era essa relação?
- 7) Você poderia descrever a Mãe de Santo, Mãe Beata, e como ela vivia sua religiosidade? (Procurar saber dos cuidados que ela tinha com o Peji dela, com os trabalhos, com as roupas, com a espiritualidade dela)
- 8) Você recorda de como era o templo/barracão ou Terreiro? Poderia descrever para nós? E onde funcionava e funcionou?
- 9) Você saberia dizer quem era o Santo de Cabeça de Mãe Beata?
- 10) Como e quando foi fechado o terreiro de Mãe Beata?
- 11) Que lições você tira da sua mãe?
- 12) O que você destacaria na religiosa Mãe Beata?

Apêndice D



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS PESSOAIS

Autorizo a pesquisadora Karina Ceci de Sousa Holmes para utilização, divulgação e reprodução de imagens, áudio, documentos institucionais e dados pessoais extraídos dos Arquivos Pessoais da Sra. Marinalva Amélia de Souza Silva (Mãe Marinalva), residente na Rua Cônego João de Deus, 85, Castelo Branco I, João Pessoa - PB , 58050-360, desde que citada a fonte, para a elaboração de sua Dissertação Intitulada de: “MARIA [BEATRIZ] BARBOSA DE SOUZA: na gira da vida de Mãe Beata”, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. A pesquisadora **Karina Ceci de Sousa Holmes**, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, poderá utilizar, divulgar e reproduzir as informações e documentos acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos, jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (*Internet*); e demais meios de comunicação (TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e eventos de divulgação acadêmica e científica.

Nome		
Endereço		
Cidade	Estado	CEP
RG	CPF	
Telefone	Celular	
E-mail:		



Apêndice E

DESEJO

**Desejo mil coisas
As mais lindas
Desejo todas as flores
Pois a primavera é a tua estação
Desejo que as flores
Exalem perfumes com o balançar das borboletas
Para te banhar pelas asas da memória**



EU

**Ser negra, mulher, umbandista
Não me faz ser
Melhor nem pior
Me faz ser resistência**



Sou o que sou
E ninguém me tira isso
Serei o que quiser
Quero ir e vou
E ninguém me impedirá
Apenas me deixem SER



PERMISSÃO

Faço-me tua aluna
Por ironia do destino, pelo momento, pela religião
Faço-me tua aluna
Sabendo que em algum momento trocaremos de lugar
Pois a vida é uma troca que permite permitir-se



A ELA

**Não atravesso tempestades sozinha
E ela chegou no recanto de lemanjá
Para ajudar a nortear meu voo
O qual fará do meu silêncio
Em gritos escritos**

APÊNDICE F

Destaque de algumas conquistas e fatos que serviram para realçar o merecimento e o reconhecimento da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na cidade de João Pessoa e em outros Estados e municípios (1960 - 2023).

DATA	Destaque de algumas conquistas e fatos que serviram para realçar o merecimento e o reconhecimento da Umbanda, da Jurema e do Candomblé Angola na cidade de João Pessoa e em outros estados e municípios (1960 - 2023)	LOCAL DE ACESSO
13/05/1960	Mãe Marinalva abre o centro Espírita São Jorge, em pleno período de repressão policial aos cultos afro-brasileiros.	Informação oral
17/07/1962	Conferências espíritas na Federação paraibana, com o Sr. Newton Bacchar ... as conferências ligadas à Doutrina espírita.	Jornal Correio da Paraíba
02/12/1967	Umbandistas vão festejar padroeira com rituais na praia do Cabo Branco - Inúmeros terreiros filiados à Federação tomaram parte dos festejos que iniciará no dia 08 com término na madrugada do dia 09.	Jornal A União
01/12/1968	Festa da Guia vem atraindo turista/ lemanjá - Dois após dois anos da Fed. FECAP levam às nossas praias milhares de umbandistas e admiradores daquela religião, hoje oficializada no estado. O presidente da Federação Carlos Leal realizará hoje uma reunião da Federação com todos os dirigentes de terreiros do estado ocasião em que foi debatido problemas ligados.	Jornal A União
10/12/1968	Missa no xangô provoca atrito entre padres; Dom José Maria Pires esclarece sobre missa - O ponto mais alto dos festejos celebrados foi a lemanjá e foi sem dúvidas o incidente verificado entre padres da igreja católica apostólica Romana e da congregação da Santíssima Trindade no interior do centro espírita caboclo guarany situado na rua Santo Estanislau, n. 56 em oitizeiro.	Jornal Correio da Paraíba
29/04/1969	Consagrada nova "laô" nos cultos africanos - Consagração de Angelina Lopes (mestra) ... o setor da pesquisa da sociedade cultural de JP, tendo à frente José Nilton, gravar em fita magnética os rituais de cânticos nagôs.	Jornal A União
09/08/1970	Terreiro de todo o Estado participarão da II Mostra paraibana nos rituais de Umbanda.	Jornal A União
30/01/1971	Umbanda é programa em rádio de Brasília - o babalorixá Carlos Leal Rodrigues, presidente da	Jornal A União

	Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba, conseguiu horário para um programa de divulgação da Umbanda na rádio Independência de Brasília (Capital Federal).	
18/09/1971	Os rituais de umbanda serão repetidos a partir de 10 de outubro, em CG, no teatro Municipal Severino Cabral.	Jornal A União
10/12/1971	Iemanjá parou Tambaú reunindo 30 mil pessoas e 876 terreiros - trânsito e política; uma característica dos festejos de Iemanjá WOODSTOCK TROPICAL na sua versão 71.	Jornal A União
14/01/1972	Fernando é secretário da Umbanda - Fernando é secretário da Umbanda - o prof. e jornalista ao assumir o cargo de primeiro secretário da fed. dos cultos africanos, do est. da Pb declarou estar pronto para trabalhar em prol do engrandecimento da Umbanda em nosso estado "há muito tempo sou admirador desta religião e até mesmo historiador do culto.	Jornal A União
27/01/1972	Umbanda se reúne em Guarabira - o babalorixá Carlos Leal presidirá uma reunião para tratar de assuntos referentes a inauguração da II Escola Umbandista do Estado a ser fundada naquela cidade com apoio do deputado Álvaro Gaudêncio, que é procurador da federação.	Jornal A União
02/02/1972	Ernani encaminhou ao secretário do interior manifesto de Umbanda - atendendo a solicitação do presidente Carlos Leal, o governador Ernani Sátiro encaminhou ao secretário do interior e justiça, Sr. Francisco Soares para que tomasse providências no sentido de proibir a interferência de pequenas autoridades nos terreiros de Umbanda do interior do estado, que desrespeitam a lei e a própria liberdade religiosa assegurada pelas Constituições Estadual e Federal.	Jornal A União
20/01/1973	Leal ficou irritado com escritório de fazer funcionar nesta capital um "moderníssimo escritório comercial de Umbanda" foi o que mais irritou o babalorixá Carlos Leal Rodrigues que interpreta tal organização com finalidades de lucro e não sentido religiosos.	Jornal A União
31/01/1974	Umbanda paraibana vai ao sul para encontro de "terreiros" - o babalorixá Carlos Leal Rodriguez confirmou sua participação no Encontro de Umbanda Nacional a ser realizado em Porto Alegre, "Zé Pilintra - Mitologia da PB" é o tema do trabalho que será apresentado.	Jornal A União
03/08/1975	Turistas verão culto de Umbanda - o Sr. John Paul Dwyer e sua senhora Rosa Veloso Dwyer acompanhados do sociólogo jornalista e demais autoridades irão assistir o culto invocativo dos mestres da Umbanda	Jornal A União
06/12/1975	Cruzada - ao lado das festividades haverá uma a parte a que será desenvolvido pela cruzada Espírita	Jornal A União

	Umbandista Afro-brasileira da Paraíba entidade desvinculada da Federação dos cultos africanos, há cerca de dois anos, depois de uma série de desentendimentos.	
25/07/1976	Umbanda: o mistério na era da tecnologia - antigamente a Umbanda e o Candomblé eram considerados apenas como caso de polícia e quando se tinha notícia de um terreiro era porque o assunto estava ligado a cachaçadas, orgias, bacanaís, etc.	Jornal A União
18/03/1977	Lançado há pouco menos de um mês, quando iaiá Augusta colocou o tabuleiro na rua e o acarajé iguaria exótica e hoje em frente ao Paraíba Palace.	Jornal A União
26/08/1978	Babalorixá viajou ontem para o Rio - com finalidade de participar do II Encontro Nacional de Umbandas.	Jornal A União
19/11/1978	Grupo Juteca encerra nova peça teatral - a terceira apresentação da peça Cemitério das Jurema.	Jornal A União
02/10/1979	Carlos Leal pediu a Figueiredo que tornasse oficial a Umbanda - o presidente enviou um memorial ao presidente João Baptista de Figueiredo pedindo o reconhecimento a nível nacional e em termos oficiais, por parte do governo federal do funcionamento da religião umbandista no país bem como do conselho nacional deliberativo (CONDU).	Jornal A União
28/02/1980	Os atabaques param. Morre Mãe Naninha; Lágrimas e desmaios no enterro de Mãe Naninha.	Jornal A União
18/11/1981	Curso de Cultura Negra tem 50 inscritos - professores e estudantes de segundo grau e universitários, além de jornalistas e profissionais liberais já se encontram inscritos para o I Seminário de Cultura Afro Negro no IHGP.	Jornal A União
10/12/1981	Iemanjá é reverenciada por 30 mil - mais de 200 terreiros de Umbanda de JP e municípios do interior e até de outros estados participaram. Um incidente ocorreu em três tábuas do piso do palanque que se ruíram. Ocorreu porque o palanque recebeu um público excessivo.	Jornal A União
08/12/1982	Iemanjá fecha postos e bancos.	Jornal A União
09/02/1983	Museu de artes vai promover exposição sobre seita de Xangô - promoção do Instituto Goethe e do museu de artes com o apoio do consulado da Alemanha em Recife.	Jornal A União
01/01/1984	Uma mística em ascensão - a Umbanda continua sendo uma religião mística, desconhecido em profundidade pela maioria das pessoas. Professadas por alguns e criticada por outros. Texto: Gisa Viega.	Jornal A União
01/01/1984	Pai Dudu prevê um ano proposto criativo e garante que haverá mais diálogo entre as pessoas.	Jornal A União

23/03/1985	Umbanda toma posse da diretoria da Federação - a solenidade foi presidida pelo grão-mestre de honra das lojas maçônicas do estado da PB Leopoldo Pereira Lima.	Jornal Correio da Paraíba
02/12/1987	Pb-Tur já definiu programação para a festa de Iemanjá.	Jornal A União
07/12/1988	Festa de Iemanjá será comemorada amanhã em Tambaú – FECAP, garantiu uma programação especial com alvorada do despertar de Iemanjá. O presidente Valter Pereira montará um palanque junto ao busto do almirante Tamandaré. Quando o antecessor do atual presidente da Federação, Carlos Leal, a festa era realizada na praia de Cabo Branco em frente à residência do governador J.Á.	Jornal A União
03/03/1989	Falecimento de Mãe Beata.	Informação em registros pessoais da pesquisadora
13/05/2010	Mãe Marinalva celebra 50 anos de casa aberta.	Informação em registros pessoais da pesquisadora
07/12/2013	Geovanni Boas escreve o livro intitulado: Missão do bem - Minha história, minha vida - Marinalva Amélia da Silva.	Informação em registros pessoais da pesquisadora
16/03/2017	Dissertação de Carla Maria De Almeida intitulada: Abram as portas da ciência para os mestres e as mestras passarem: a ressignificação da Jurema no Acervo José Simeão Leal no programa de Pós-graduação na Ciência da Informação.	Repositório Institucional da UFPB
29/03/2019	Dissertação defendida por Tadeu Rena Valente intitulada: Pitadas afro-indígenas: a Cozinha de Santo de Mãe Rita Preta como lugar de memória no programa de Pós-graduação na Ciência da Informação.	Repositório Institucional da UFPB
13/05/2020	Mãe Marinalva celebra os 60 anos de casa aberta sem festejar, pois todos os terreiros estavam parados devido a pandemia.	Informação em registros pessoais da pesquisadora
30/11/2021	Tese defendida por Carla Maria de Almeida intitulada: Entre o cachimbo e a fumaça: um estudo das memórias na cultura material da Jurema no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar no programa de Pós-graduação na Ciência da Informação.	Repositório Institucional da UFPB
27/09/2023	Dissertação de Karina Ceci de Sousa Holmes no programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Entre outros...	Repositório Institucional da UFPB

Fonte: Dados da pesquisa, 2023

Outros fatos e conquistas que não estão inseridos no quadro do Apêndice F

1. **CONFERÊNCIAS ESPÍRITAS NA FEDERAÇÃO PARAIBANA** - com o Sr. Newton Bacchar ... as conferências ligadas à Doutrina Espírita - (Correio da Paraíba, 17/07/1962);
2. **IEMANJÁ REUNIU NA PRAIA DO CABO BRANCO MAIS DE 300 TERREIROS DE UMBANDA** - Encontro de terreiros de diversos estados se encontram na federação onde homenagearam Carlos Dias Fernandes. Estavam presentes o governador J.A. entre outras autoridades, houve homenagem ao governador sendo saudado em sua residência e na sede da entidade - (Jornal A União, 10/12/1967);
3. **POLICIAIS DE VIGILÂNCIA VÃO ACABAR COM XANGÔ DE RAMINHO** - segundo queixa registrada na DVC está passando do limite, durando até às três horas da madrugada - (Jornal O Norte, 15/03/1968);
4. **CATIMBÓZEIRAS USARAM TÚMULO PARA UNS RITUAIS MACABROS** - a polícia de Campina Grande aprisionou [...] as mulheres Maria Reinaldo e Maria Maximiliano de Brito, acusadas da prática de violação sacrílega numa das tumbas mais novas do cemitério de José Pinheiro. VGC (Vigilância geral e Costumes) [...] o despacho ou encomenda, não foi entendido pelos policiais que convidaram, algum tempo depois um membro da federação dos cultos africanos da Umbanda para dizer o que significava aquilo - (Jornal O Norte, 01/05/1968);
5. **CATIMBÓZEIRAS NÃO SÃO FILIADAS** - disse o babalorixá Cícero Tomé da Silva vice presidente e representante em Campina Grande, da federação dos cultos africanos da Paraíba - (Jornal O Norte, 04/05/1968);
6. **UMBANDISTAS APRESENTARÃO "COREOGRAFIA DOS ORIXÁS"** - coreografia dos orixás de umbanda não é apenas uma apresentação de caráter religioso. É também o resultado de pesquisas feitas com o objetivo de proporcionar ao espectador um melhor conhecimento das manifestações religiosas seguidoras de Iemanjá e que hoje são tidas como reflexo do folclore nacional - (Jornal Correio da Paraíba, 19/01/1968);
7. **UMBANDISTAS** - história do nosso teatro, pois, mesmo tratando-se da exibição de um terreiro de umbanda, será mantida uma unidade lógica para a participação do público presente - (Jornal Correio da Paraíba, 19/01/1968);
8. **CONSAGRADA NOVA "IAÔ" NOS CULTOS AFRICANOS** - Consagração de Angelina Lopes (mestra) [...] o setor da pesquisa da sociedade cultural de João Pessoa, tendo à frente José Nilton, gravar em fita magnética os rituais de cânticos nagôs - (Jornal A União, 29/04/1969);
9. **OGUM ALEGRE** - trata do festival no Astréa, cultuando ou não os deuses dos terreiros. A finalidade do festival se destina a falar mais alto do que tudo, por objetivar o alívio do sofrimento na face desta terra. (Arrecadar verbas) - (Jornal A União, 05/07/1969);
10. **UMBANDISTAS VÃO COMEMORAR 8 DE DEZEMBRO EM TERREIROS** - Os associados do centro espírita umbanda "Pai Tertuliano", no Cristo Redentor, estarão reunidos às 11h na praia do Seixas e vai até as 22h. Em Campina Grande, todos os terreiros de umbanda comemoram a vitória da Arena nas eleições para o Senado - (Jornal A União, 24/11/1970);
11. **UMBANDA É PROGRAMA EM RÁDIO DE BRASÍLIA** - O babalorixá Carlos Leal Rodrigues, presidente da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba, conseguiu horário para um programa de divulgação da Umbanda na rádio Independência de Brasília (Capital Federal). O programa é gravado em "tape aqui em

JP, na segunda-feira e levado ao ar às quintas-feiras, no horário de 21h. Devido ao sucesso que vem alcançando o programa "A voz de Umbanda da PB", na rádio Independência de Brasília, é introduzido na rádio Nacional de SP, conforme correspondência em poder do Sr. Carlos Leal Rodrigues - (Jornal A União, - (03/01/1971);

- 12. O PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA DO BRASIL** - O babalorixá Diógenes dos Santos chegará a João Pessoa e estará reunido para formar a comissão de recepção ao presidente da confederação espírita umbandista - (Jornal A União 22/07/1971);
- 13. BABALORIXÁ CHEGA A 1 DE SETEMBRO** - quem chega dia 1 de setembro a JP é o presidente da confederação espírita de Umbanda no Brasil, babalorixá Diógenes Santos, onde fez visitas aos terreiros na capital e em Campina Grande - (Jornal A União 28/08/1971);
- 14. BABALORIXÁ QUER FALAR COM MÉDICI** - a Federação dos cultos africanos do Estado da Paraíba, segundo informou o babalorixá Carlos Leal Rodrigues enviou um ofício ao chefe da casa civil do governador do Estado, Sr. Manuel Gaudêncio, solicitando audiência com o presidente Garrastazu Médici quando de sua visita a esta capital. Pretendem os sacerdotes umbandistas deste Estado, em comissão, oferecer ao presidente da república, um "diploma simbólico cabalístico", a mais alta honraria da Umbanda, acompanhado de um ramalhete de flores, conforme ficou decidido em assembléia geral da Federação. No próximo domingo, às 15h, será inaugurada a nova sede do templo de Umbanda "Mãe Iemanjá", que tem como sacerdotisa a lalorixá Beatriz Barbosa. O novo prédio situado à Rua Rangel Travassos, n. 1098, no Varjão, terá a fita simbólica cortada pelo secretário da Divulgação e turismo, jornalista Noaldo Dantas - (Jornal A União, 28/08/1971);
- 15. LEAL SER LÍDER DAS FEDERAÇÕES** - Para 1972, o Sr. Diógenes Santos anuncia a realização de um congresso nacional de Umbanda em João Pessoa - (Jornal A União, 02/10/1971);
- 16. II MOSTRA DE UMBANDA EM CAMPINA** - (Jornal A União, 02/10/1971);
- 17. FENAV EXIBIRÁ O NAGÔ E A ORIGEM BRASILEIRA** - pela primeira vez, na oportunidade, o som dos elús será complementado por um instrumental eletrônico, participando o conjunto "os selenetos" - (Jornal A União, 04/11/1971);
- 18. LEAL DIZ QUE LICENÇA PARA UMBANDA É VÁLIDA** - o babalorixá Carlos Leal Rodrigues recebeu a confirmação do secretário de segurança, coronel Walmir Nóbrega, de que a licença concedida pela Federação é documento válido para permitir o funcionamento do templo de Umbanda em nosso Estado. O presidente procurou manter entendimentos com o secretário tão logo tomou conhecimento de que o chefe de serviço de censura da DVGC, Sr. Silvio Fernandes, intimou pessoalmente os chefes de terreiros para tirarem licença naquele serviço sob pena de proibir o funcionamento das tendas que não cumprissem a sua determinação. O babalorixá Carlos Leal Rodrigues informou ao jornal a União, que o secretário Walmir Nóbrega reafirmou o seu apoio aos umbandistas, assegurando-lhe que apesar de ser católico, "respeito essa religião e poderei até comparecer ao culto, se receber um convite nesse sentido" - (Jornal A União, 10/11/1971);
- 19. BABALORIXÁ É EXPULSO DA UMBANDA** - expulso do quadro de associados da federação dos cultos africanos do Estado da Paraíba, o babalorixá Ednaldo da Silva perdeu sua condição de sacerdote umbandístico e ficou sem o direito de fazer funcionar o seu templo denominado "Rei dos Astros", sediado à Av. Desembargador Novais, 570, em Cruz das Armas - (Jornal A União, 24/11/1971);

- 20. ELÚS JÁ ESTÃO PRONTOS TOCANDO PARA ANUNCIAR IEMANJÁ** – [...] representações de todos terreiros de Umbanda no interior paraibano e de algumas capitais de Estados nordestinos [...] virão a Tambaú - (Jornal A União, 03/12/1971);
- 21. HOJE É DIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO** - cerca de 800 terreiros de umbanda de todo o Estado da PB além dos Estados de Pernambuco, Alagoas e Rio grande do Norte participará das manifestações – (Jornal Correio da Paraíba, 08/12/1971);
- 22. PRESENÇA DE JOÃO AGRIPINO E O EX-GOVERNADOR** - [...] enviou um telegrama ao babalorixá Carlos Leal Rodrigues, confirmando sua presença nas homenagens à Iemanjá. Ainda este ano será colocada em Tambaú a uma distância de aproximadamente 200 metros da praia, uma imagem de Iemanjá em forma de sereia, sobre uma jangada. A imagem já está em fase de acabamento, será fabricada com material resistente a maresia [...] - (Jornal A União, 13/12/1971);
- 23. FENAV REALIZA SEGUNDA ELIMINATÓRIA COM XANGÔ** - a apresentação “os doentes”, pelo Getex e uma exibição do terreiro de Umbanda Caboclo Guaracy, da ialorixá Zete Farias, forma muito aplaudidos pelo público, que pela primeira vez viu um xangô acompanhado com percussão e guitarras - (Jornal A União, 24/12/1971);
- 24. FERNANDO É SECRETÁRIO DA UMBANDA** - O professor e jornalista assumiu o cargo de primeiro secretário da Federação dos cultos africanos, do Estado da Paraíba. Declarou estar pronto para trabalhar em prol do engrandecimento da Umbanda em nosso Estado “há muito tempo sou admirador desta religião e até mesmo historiador do culto” - (Jornal A União, 14/01/1972);
- 25. ERNANI ENCAMINHOU AO SECRETÁRIO DO INTERIOR MANIFESTO DE UMBANDA** - atendendo à solicitação do presidente Carlos Leal, o governador Ernani Sátiro encaminhou ao secretário do interior e justiça, Sr. Francisco Soares, para que tomasse providências no sentido de proibir a interferência de pequenas autoridades nos terreiros de Umbanda do interior do estado, que desrespeitam a lei e a própria liberdade religiosa assegurada pelas Constituições Estadual e Federal - (Jornal A União, 02/02/1972);
- 26. FEDERAÇÃO ESCALA TERREIRO** - Federação escala terreiros - o presidente da federação atendendo pedido da secretaria da divulgação e turismo do estado, já designou os terreiros de umbanda da capital que ficarão à disposição dos turistas durante os dias da semana, fará apresentações. A primeira escola umbandistas - (Jornal A União, 02/02/1972);
- 27. UMBANDA ENTUSIASMA** - artistas da terra, principalmente os plásticos e compositores estão formando uma corrente de pesquisas culturais e transas espirituais em torno das manifestações umbandistas - (Jornal A União, 06/02/1972);
- 28. MOSTRA DE UMBANDA VAI EXIBIR A COR DOS ORIXÁS** - durante a realização da III mostra de uma dada da Paraíba, os terreiros apresentaram a coreografia de cada orixá e também dos mestres de Jurema. Mostrado Umbanda como religião e também como atração turística. A federação lançará no próximo dia 15, o seu órgão oficial “Jornal da Umbanda” que será impresso com a ajuda da secretaria de Divulgação e Turismo. O lançamento do “Jornal da Umbanda” consta nas solenidades de inauguração da Escola Umbandista da Paraíba, que tem como madrinha, dona Maryland Teotônio da Arena em João Pessoa e o seu esposo o deputado Teotônio Neto, será o patrono - (Jornal A União, 03/03/1972);
- 29. UMBANDA VAI FAZER TAMBÉM QUARESMA** - quinta e sexta feira santa os babalorixás e ialorixás vão confraternizar-se com os filhos de fé na cerimônia religiosa, em sentimento ao sofrimento do mestre Jesus - (Jornal A União, 25/03/1972);

- 30. ESCOLA UMBANDISTA JÁ MATRÍCULA** - a escola orixalá funcionará com aulas pela manhã para crianças e à noite para adultos tendo como diretor o professor Fernando Silveira, tendo como aspiração de todos os umbandistas "que querem a evolução cultural de nossa Paraíba". As carteiras da escola foram doadas pelo governo do Estado, por determinação do governo Ernani Sátyro que designará professoras para lecionarem naquele educandário - (Jornal A União, 09/03/1972);
- 31. UMBANDA QUER RECONHECER JUREMA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NACIONAL** - movimento que objetiva o reconhecimento do "cemitério da Jurema" como patrimônio nacional vem sendo intensificado pela Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba, por ser naquele local onde estão enterrados os grandes mestres da Umbanda tais como Zé Pilintra, Maria do Acais, Carlos de Barros, Manoel Maior, Joana Pé de Chita, Cadete, Eron, Rosalinda e muitos outros - (Jornal A União, 25/05/1972);
- 32. UMBANDA INVADE A PB** - segundo alguns pesquisadores e sociólogos entre os quais o professor paraibano Carlos Alberto de Azevedo, está havendo uma mudança sensível nos grupos e cultos nordestinos: os mais ortodoxos, com a morte da pia ou da mãe de santo, vão adotando os rituais de Umbanda. Antes uma pessoa de "status" social ou econômico mais elevado em JP, mesmo sendo adepta dos grupos de cultos africanos, sentia-se envergonhada com medo das sanções sociais de dizer que era "xangozeira" - (Jornal A União, 08/06/1972);
- 33. UMBANDA DA PARAÍBA NO ESTADO DO RIO** - o presidente Carlos Leal viaja a cidade de Campos para participar juntamente com representantes de outros Estados, do I Encontro Brasileiro de Umbanda, que se realizará entre os dias 21 e 23 do corrente - (Jornal A União, 12/07/1972);
- 34. UMBANDA DA PARAÍBA NO ESTADO DO RIO** - a Paraíba está sendo representada no I Encontro seguindo para o sul os babalorixás Carlos Leal e Antônio da Jurema que levaram teses para serem discutidas - (Jornal A União, 22/07/1972);
- 35. UMBANDENSA REÚNE APÓS AS ELEIÇÕES** - todos os dirigentes são de centros espíritas atendendo convocação do arquivancelário Carlos Leal para a organização dos programas e diretrizes a serem desenvolvidos para a ampliação da religião umbandística e avaliação dos resultados dos programas já desenvolvidos - (Jornal A União, 11/11/1972);
- 36. RELIGIÃO TERÁ ENSINO OFICIAL** - o deputado Átila Nunes enviou ao babalorixá Carlos Leal cópia do projeto de lei encaminhado ao congresso recentemente que dispõe sobre o Ensino Religioso nos estabelecimentos subordinados à Secretaria da Educação do Estado. O parlamentar defende a tese que deve ser ensinado o culto umbandista aos brasileiros, dizendo que há anos vem sendo cometida uma grave injustiça religiosa pela omissão da doutrina espírita no Ensino Religioso - (Jornal A União, 28/12/1972);
- 37. UMBANDA DÁ CURSO SOBRE NATIVISMO** - o mestre de Umbanda Carlos Leal proferirá no início de janeiro curso sobre a seita africana, seus primitivos relacionamentos com os nativos do Brasil e das Américas, bem como sobre Jurema - (Jornal A União, 28/12/1972);
- 38. UMBANDA CHAMA BEKI E IOLANDA COSTA E SILVA** - Beki Kladin, Aracy de Almeida e Iolanda Costa e Silva são os "irmãs" convidadas e esperadas pelo babalorixá Carlos Rodrigues Leal formando a comitiva que virá do Rio de Janeiro para a realização do II Encontro Nacional de Umbanda, a ter lugar entre 16 e 21 de julho em João Pessoa, que tem recebido diariamente conformações de terreiro de Umbanda de todo o Brasil - (Jornal A União, 10/05/1973);
- 39. REGISTRO** - o Sr. Carlos Leal conseguiu registro definitivo no Conselho Nacional de Serviço Social do Ministério da Educação e Cultura. Por conta disso, recebeu do MEC uma subseção de sete mil cruzeiros - (Jornal A União, 17/06/1973);

- 40. TAMBAÚ EM FESTA COM A ABERTURA DO VERÃO 1973** - os festejos de abertura do verão serão prolongados noite adentro, com a apresentação de número de danças folclóricas e do terreiro Xangô-Caô dirigidos pelo babalorixá Carlos Leal, presidida da Federação dos Cultos Africanos da Paraíba - (Jornal A União, 23/09/1973);
- 41. UMBANDA** - Denner, Aracy de Almeida e Iolanda Costa e Silva estarão na abertura do II Encontro Brasileiro de Umbanda a ser efetuado no Hotel Tambaú, em promoção da Federação dos Cultos Africanos do Estado - (Jornal A União, 27/09/1973);
- 42. DOTAÇÃO EM 74** - a Federação dos Cultos Africanos do Estado receberá dotação do Minas do Planejamento, a partir de 1974, de dois mil cruzeiros em favor da Umbanda paraibana - (Jornal A União, 17/10/1973);
- 43. UMBANDA VAI COMEMORAR A OFICIALIZAÇÃO DE LEI** - todos os templos de Umbanda estarão presentes na solenidade em que será feita homenagem ao governador Ernani Sátiro pela passagem de mais uma aniversário da oficialização da Lei 3.443 que torna legal os cultos africanos - (Jornal A União, 30/10/1973);
- 44. UMBANDA PARAIBANA VAI AO SUL PARA ENCONTRO DE “TERREIROS”** - o babalorixá Carlos Leal Rodrigues confirmou sua participação no Encontro de Umbanda Nacional a ser realizado em Porto Alegre, “Zé Pilintra - Mitologia da PB” é o tema do trabalho que será apresentado - (Jornal A União, 31/01/1974);
- 45. PAIS DE SANTO TEM PROGRAMA** - o babalorixá Carlos Leal Rodrigues disse que 20 mil umbandistas em toda a Paraíba participarão dos festejos programados em homenagem ao santo orixá xangô. Haverá uma importante palestra, proferida pelo arquicancelário Carlos Leal sobre o desenvolvimento e penetração da religião umbandístico nos dias de hoje, em todas as classes sociais e culturais - (Jornal A União, 22/06/1974);
- 46. DOCUMENTÁRIO:** no templo Iemanjá ocí em Cruz das Armas será exibido um filme sobre a Umbanda, seus cultos e sua evolução, desde a sua criação na Paraíba - (Jornal A União, 09/07/1974);
- 47. CULTOS AFRICANOS SÃO RECONHECIDOS COMO DE UTILIDADE** - através do decreto do dia 30 de março a câmara dos vereadores de Alhandra reconheceu de utilidade pública os cultos africanos no município assegurando a produção o livre exercício dos rituais da Umbanda, que reúne na Paraíba mais de 100 mil adeptos. O decreto publicado no Diário oficial do Estado - (Jornal Correio da Paraíba, 17/05/1974);
- 48. UMBANDA FESTEJOU 13 DE MAIO** - todos os templos de Umbanda da capital festejaram manifestações alusivas à passagem do 13 de maio dia da abolição da escravatura no Brasil. O babalorixá Carlos Leal proferiu uma palestra sobre a significação e influência dos pretos velhos na formação espiritual do povo brasileiro - (Jornal A União, 03/05/1975);
- 49. TURISTAS VERÃO CULTO DE UMBANDA** - o Sr. John Paul Dwyer e sua senhora Rosa Veloso Dwyer acompanhados do sociólogo jornalista e demais autoridades irão assistir o culto invocativo dos mestres da Umbanda - (Jornal A União, 03/08/1975);
- 50. FEDERAÇÃO DE UMBANDA PROMOVE I FESTIVAL DE JUREMA DO ESTADO** - primeiro festival de Jurema do Estado da Paraíba será iniciado no restaurante o circo - (Jornal A União, 11/09/1975);
- 51. FESTIVAL INSPIRADO EM JUREMA COMEÇA DOMINGO - HISTÓRICO** - o festival foi inspirado na cidade de Alhandra... Para a Federação dos Cultos Africanos do Estado

da Paraíba, é importante uma campanha de informação ao público. A Jurema está para a Paraíba como o Candomblé para a Bahia - (Jornal A União, 12/09/1975);

- 52. IEMANJÁ REÚNE 13 ESTADOS** - participou uma atração internacional um terreiro de Umbanda da Nigéria. Ao todo estarão em JP dois mil terreiros de Umbanda - (Jornal A União, 06/12/1975);
- 53. UMBANDA: O MISTÉRIO NA ERA DA TECNOLOGIA** - antigamente a Umbanda e o Candomblé eram considerados apenas como caso de polícia e quando se tinha notícia de um terreiro era porque o assunto estava ligado a cachaçadas, orgias, bacanais etc. - (Jornal A União, 25/07/1976);
- 54. FILME MOSTRARÁ A UMBANDA NA “CIDADE SAGRADA”** - “O mestre morre e vive” foi o título escolhido para o filme que vem sendo produzido na cidade da Jurema e na Fed. dos Cultos Africanos. A filmagem será rodada em diversas emissoras; Ritual - o filme foi iniciado no dia 02 deste mês, a filmagem mostra todo o cerimonial realizado pelos filhos de santo paraibano - (Jornal A União, 09/10/1976);
- 55. LANÇADO HÁ POUCO MENOS DE UM MÊS** - quando iaiá Augusta colocou o tabuleiro na rua e o acarajé iguaria exótica e hoje em frente ao Paraíba Palace - (Jornal A União, 18/03/1977);
- 56. UMBANDA CELEBROU CULTO EM ALAGOA GRANDE** - a convite do prefeito João Bosco Carneiro com uma comitiva de 80 filhos de fé para “invocar os fluídos benéficos e sábios na cidade”. A solenidade aconteceu na praça principal. Terminando os cerimoniais de praxes, as autoridades e o povo presente solicitaram outras idas da caravana umbandistas, antes, porém, será instalada na cidade uma secretária da Federação dos Cultos Africanos que de pronto foram atendidos pelo prefeito na doação de um terreno para construção onde irão beneficiar os seguidores da Umbanda naquela cidade - (Jornal A União, 23/08/1977);
- 57. JORNAL** - a Federação lançou a segunda edição de seu jornal “Umbanda do lar” vendido a 5 cruzeiro e quase esgotando os exemplares - (Jornal A União, 10/12/01977);
- 58. JOÃO PESSOA SEDE DE ENCONTRO SOBRE A UMBANDA** - o II Encontro Nacional de Umbanda reunirá na Paraíba babalorixás, ialorixás, filhos e filhas de santo que representarão os templos umbandistas de todo o país - (Jornal A União, 17/06/1978);
- 59. DIVULGANDO - AINDA FOLCLORE NA SUA 6º FEIRA A NÍVEL NACIONAL** - O ministro da Educação veio todinho a JP, a UFPB, os governos estadual, municipal, PB-Tur, rede globo de televisão, imprensa escrita, falada e televisada de CG, JP, Recife, RJ, Brasília e SP. Procuraram juntar uma só associação de interesse comum: comprovar previsões e reconhecer nossa capital em tempo de cultura -(Jornal A União, 27/08/1978);
- 60. FESTA DO FOLCLORE JÁ TEM SUA PROGRAMAÇÃO** - será feita a abertura oficial da festa com o hasteamento de bandeiras e o lançamento do selo comemorativo no auditório do centro de cultura, antiga reitoria. Às 21h será aberta a exposição de Orixás com apresentação de Congo e bacamarteiros - (Jornal A União, 08/08/1978);
- 61. PEÇA DE ALTIMAR NA JUTECA** - a peça Cemitério das Juremas de Altimar Pimentel estreou no teatro da Juventude em Cruz das Armas nua montagem do grupo Juteca sob a orientação do teatrólogo Elpídio Navarro, marcando assim, a abertura do teatro da Juteca que recentemente foi reformado. Baseado num fato que aconteceu em Alhandra, onde um senhor pele de negro ia incinerar seu corpo numa fogueira porque ele era mestre do culto de Jurema, mostra a perseguição aos cultos, mesmo depois de extinta a escravidão e a resistência dos fiéis que renunciaram às escondidas. Quando morria um mestre de terreiro, temeroso que a polícia viesse buscar o corpo para incinerá-lo, os seguidores da Jurema, à noite, iam sepultá-lo em um sítio ermo e a cabeça da cova

plantavam um pé de jurema. Ainda hoje já em Alhandra, está o cemitério sem cruzeiros - onde as árvores guardam a memória dos mestres - (Jornal A União, 18/11/1978);

- 62. CARLOS LEAL RETORNA DO PIAUÍ** - em Teresina, o babalorixá Carlos Leal proferiu palestra sobre o culto da Jurema, cujo berço é a Paraíba, a convite do professor Salim Freire - (Jornal A União, 24/08/1979);
- 63. CULTOS AFRICANOS FAZEM REUNIÃO NO FINAL DESTES MÊS** - A Federação dos cultos africanos do Estado da Paraíba realizará uma reunião com todos os babalorixás e ialorixás dos templos de Umbanda de Campina Grande. No mesmo ensejo, será exibido um filme sobre as celebrações dos rituais litúrgicos dos cultos afro-brasileiros de forma ilustrada, dos sacerdotes e sacerdotisas presentes. Presidente da Federação e conselheiro da cultura afro-brasileira na Paraíba, o Sr. Carlos Leal informou que a confederação brasileira dos cultos africanos no Brasil presidida pelo General José Mauro Porto, através do seu conselho deliberativo de Umbanda (CONDU), está promovendo um levantamento estatístico do país. Carlos Leal embaixador do culto e Jurema do Brasil que, relativamente, à Paraíba esse levantamento já foi feito, existindo em nosso estado 4.932 dos quais 930 em João Pessoa e 682 em Campina Grande. Explicou que, para abrir novos centros se fazia necessária autorização da secretaria da segurança pública. Entretanto, foi modificada pela Lei 3895 do ex-governador Ivan Bichara, passando a autorização a ser fornecida pela própria Federação, impondo apenas comunicar o fato à Secretário do Interior e Justiça. Revelou o senhor Carlos Leal que o Ministério da Educação e Cultura vai lançar inicialmente uma edição de 15 mil exemplares, um dicionário de língua portuguesa e o iorubano (dialeto africano). Foi lançado o livro Os cultos mágicos: religioso no Brasil, de Abgvar Bastos - (Jornal A União, 19/09/1979);
- 64. TERREIROS DE CAMPINA SE DESLIGARÃO DA FEDERAÇÃO** - movimento efetuado e liderado pelo babalorixá Manoel Rodrigues, pai de santo do terreiro Oxum Jarurá localizado no bairro do Catolé - (Jornal A União, 09/01/1980);
- 65. OS ATABAQUE PARAM. MORRE MÃE NANINHA** - uma das mães de santo mais conhecida do Nordeste - (Jornal A União, 28/02/1980);
- 66. CURSO DE CULTURA NEGRA TEM 50 INSCRITOS** - professores e estudantes de segundo grau e universitários, além de jornalistas e profissionais liberais já se encontram inscritos para o I Seminário de Cultura Afro Negro no IHGP - (Jornal A União, 18/11/1981);
- 67. FUNDAÇÃO DO CURSO SOBRE CULTURA NEGRA** - A Fundação Casa José Américo promove, no auditório do Instituto de Educação da Paraíba, o I curso paraibano de Cultura Afro-brasileira com o tema: A cultura negra na Paraíba, proferida pelo prof. René Philipe Vandezande que terá como seu debatedor o prof. Wladice Porto, com o objetivo de efetivar a discussão sobre a contribuição do negro na nossa cultura - (Jornal A União, 25/11/1981);
- 68. TRINTA MIL NOS FESTEJOS DE IEMANJÁ** - a festa estava ameaçada de não realizar-se em virtude da morte do ex. presidente da federação dos cultos africanos Carlos Leal - (Jornal A União, 08/12/1981);
- 69. UMBANDISTAS CELEBRAM SAÍDA DE IAÔ** - (Jornal A União, 21/01/1982);
- 70. MUSEU DE ARTES VAI PROMOVER EXPOSIÇÃO SOBRE SEITA DE XANGÔ** - promoção do Instituto Goethe e museu de artes, com o apoio do consulado da Alemanha em Recife - (Jornal A União, 09/02/1983);
- 71. MUSEU DE ARTES ABRE HOJE A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA "XANGÔ"** - Museu de artes Assis Chateaubriand da Universidade Regional do Nordeste - de autoria de Alemã Leonare Mau, é promoção da UFPB Campus II - (Jornal A União, 17/03/83);

- 72. UMBANDISMO PERDE UM DOS LÍDERES DE MAIOR EXPRESSÃO** - uma parada cardíaca causou a morte do Presidente da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba o babalorixá Trajano Borges de Nunes - o Pai Dudu o substitui desde 1980, no sétimo dia o ritual para despachar os objetos no mar, no mato ou em qualquer lugar, dependendo de quem o morto era simpatizante - (Jornal A União - 07/08/1983);
- 73. EMBAIXADORES NA II CONFERÊNCIA DOS ORIXÁS** - uma magnífica ponte religiosa cultural e política entre a África e o Brasil - (Jornal A União, 22/07/1983);
- 74. BABALORIXÁ PRESO PELA POLÍCIA FEDERAL AMEAÇA PEDIR INDENIZAÇÃO/BABALORIXÁ SOLICITA INDENIZAÇÃO FEDERAL** - o patrono do terreiro Xangô Alafim, do babalorixá Gilberto Cândido da Silva, poderá requerer indenização a ser pago pelo Estado como ressarcimento de administrativo de danos morais sofridos por ser preso e ferido a tiros pelo Polícia Federal, no dia 16 de setembro do ano passado, sob acusação de crime de tráfico de entorpecentes - (Jornal A União, 31/03/1984);
- 75. UMBANDA TOMA POSSE DIRETORIA DA FEDERAÇÃO** - a solenidade foi presidida pelo grão-mestre de honra das lojas maçônicas do estado da PB, Leopoldo Pereira Lima - (Correio da Paraíba, 23/03/1985);
- 76. NA IGREJA DO ROSARIO UM SHOW AFRO** - o grupo folclore do Sesc apresenta o show afro-brasileiro coisa de negro - (JORNAL UNIÃO,06/05/1987);
- 77. PB-TUR JÁ DEFINIU PROGRAMAÇÃO PARA A FESTA DE IEMANJÁ** - (Jornal A União, 02/12/1987);
- 78. UMBANDISTAS FESTEJAM DIA DE IEMANJÁ HOJE NA PRAIA DE TAMBAÚ** - A secretaria de segurança pública do estado definiu um plano de ação para garantir a ordem e a segurança dos paraibanos dos festejos de Iemanjá. Valter Pereira explicou sobre o palanque que está montado no busto de Tamandaré. Repartições públicas federais, estaduais e municipais não abrirão hoje – (Jornal A União, 02/12/1988);
- 79. FESTA DE IEMANJÁ SERÁ REALIZADA NA PRÓXIMA SEXTA-FEIRA** - Festa de Iemanjá será realizada na praia de Tambaú e Cabo Branco. Walter Pereira disse também que vai solicitar do governador Tarcísio Burity que seja decretado feriado, enquanto, a prefeitura da Capital decretou que não será antecipado. A mesma solicitação será feita a prefeitura de Campina Grande. Apenas 10 terreiros participou devido não ser feriado - (Jornal A União, 06/12/1989);
- 80. UMBANDISTAS SE PREPARAM PARA HOMENAGEAR A RAINHA DO MAR** - o povo brasileiro é muito religioso e em certo ponto até eclético, pois neste feriado tanto ele pode ir à missa como depois participar dos cultos de oferenda a Rainha do Mar. Na sede da federação, localizado em Mangabeira. A banda 5 de agosto acompanha o Hino da Umbanda. Toda a decoração do altar como toda a festa é em azul e branco que são as cores de Iemanjá na Umbanda. Segundo os umbandistas as velas também devem ter a cor do orixá - (Jornal A União, 07/12/1989);

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

ANEXOS**Comprovante de Envio ao Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba - CCS/UFPB.**

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: MARIA [BEATRIZ] BARBOSA DE SOUZA: na gira da vida de Mãe Beata

Pesquisador: KARINA CECI DE SOUSA HOLMES

Versão: 1

CAAE: 67561923.8.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA UFPB

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 016909/2023

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto MARIA [BEATRIZ] BARBOSA DE SOUZA: na gira da vida de Mãe Beata que tem como pesquisador responsável KARINA CECI DE SOUSA HOLMES, foi recebido para análise ética no CEP Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba - CCS/UFPB em 01/03/2023 às 08:50.

Endereço: Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

Comprovante de Parecer do Centro de Ciências da Saúde da Universidade
Federal da Paraíba - CCS/UFPB.

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MARIA [BEATRIZ] BARBOSA DE SOUZA: na gira da vida de Mãe Beata

Pesquisador: KARINA CECI DE SOUSA HOLMES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 67561923.8.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA UFPB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.958.290

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um protocolo de pesquisa que tem como origem o PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO do CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS da UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.

O presente projeto transita teoricamente no contexto da memória e da teoria da escrita de si, pois ancora-se em um estudo que associa narrativas orais e pesquisa documental, buscando ressignificar a trajetória de vida de uma mulher negra, sertaneja e adepta da religião afro indígena brasileira, Mãe Beata.

No contexto metodológico a presente pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva de caráter documental. Para tanto e com vistas a atingir os objetivos propostos pretendemos percorrer as seguintes etapas: Levantamento teórico a partir da identificação de fontes bibliográficas, com vistas a fundamentar o aporte teórico com vistas a compreender as categorias memória, informação, arquivos pessoais, escrita de si entre outros;

Mapeamento dos documentos necessários a construção da trajetória de Mãe Beata junto ao seu arquivo pessoal que se encontra sob a guarda de seus familiares, atividade considerada como pesquisa de campo, considerando que todos os documentos arquivísticos são considerados fontes primárias conforme afirma Lakatos (2008); Digitalização e Fichamento da Documentação necessária ao atendimento dos objetivos propostos;

Seleção de pessoas a serem entrevistadas e elaboração e pré-teste do Roteiro semiestruturado

Endereço: Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 5.958.290

para coleta dos depoimentos orais, que serão gravados e transcritos, para em seguida serem devolvidos aos entrevistados, todos integrantes do convívio familiar e religioso da titular do arquivo, para que assinem o termo livre e esclarecido para uso de suas falas ao longo da construção do texto; Para se atender ao contexto da pesquisa e

com vistas a análise dos dados utilizaremos a análise documental definida por Aróstegui (2006, p.508) como “um conjunto de princípios e de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações”. Sendo necessário considerar na análise documental dois pilares indispensáveis, que o autor denomina de fiabilidade e a adequação dos documentos (ARÓSTEGUI, 2006).

Hipótese:

Como se constitui a trajetória infomemorial da religiosa Mãe Beata, no contexto cultural e social da cidade de João Pessoa (PB), a partir de seu arquivo pessoal?

Critério de Inclusão:

Pessoas que tinham ligação religiosa com MARIA [BEATRIZ] BARBOSA DE SOUZA, alfabetizados e com idade acima de 18 anos.

Critério de Exclusão:

Pessoas que tinham ligação religiosa com MARIA [BEATRIZ] BARBOSA DE SOUZA que se recusarem a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Objetivo da Pesquisa:

Constituir a trajetória infomemorial da religiosa Mãe Beata, no contexto cultural e social da cidade de João Pessoa (PB), a partir de seu arquivo pessoal sob a perspectiva da escrita de si.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A possibilidade dos participantes da pesquisa, no momento de suas narrativas se sentirem constrangidos, incomodados ou até mesmo inquietos por revelarem experiências pessoais e trazer fatos ocorridos com outras pessoas. Do mesmo modo, eles podem se emocionar ao falar de episódios do passado que os fazem reviver situações traumáticas. Caso isso aconteça, nos comprometeremos em ofertar uma escuta psicológica quando necessário.

Benefícios:

A possibilidade dos sujeitos usarem o momento das entrevistas para produzirem novas descobertas descortinando feitos jamais conhecidos possibilitarão visibilidades, valorização e reconhecimentos por tantos feitos e lutas.

Endereço: Prédio do CCS UFPB - 1º Andar	
Bairro: Cidade Universitária	CEP: 58.051-900
UF: PB	Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791	Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeelica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 5.958.290

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

De comum acordo com os objetivos, referencial teórico, metodologia e referências.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta a documentação de praxe.

Recomendações:

Divulgar resultados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2081336.pdf	26/02/2023 11:09:26		Aceito
Outros	7_ROTEIRO_DE_ENTREVISTA.pdf	26/02/2023 11:08:32	KARINA CECI DE SOUSA HOLMES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	6_TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	26/02/2023 11:08:05	KARINA CECI DE SOUSA HOLMES	Aceito
Orçamento	5_ORCAMENTO.pdf	26/02/2023 11:07:57	KARINA CECI DE SOUSA HOLMES	Aceito
Cronograma	4_CRONOGRAMA.pdf	26/02/2023 11:07:47	KARINA CECI DE SOUSA HOLMES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	3_PROJETO_DETALHADO.pdf	26/02/2023 11:07:36	KARINA CECI DE SOUSA HOLMES	Aceito
Outros	2_CERTIDAO_DE_APROVACAO_DO_PROJETO.pdf	24/02/2023 05:37:13	KARINA CECI DE SOUSA HOLMES	Aceito
Folha de Rosto	1_FOLHA_DE_ROSTO.pdf	24/02/2023 05:36:57	KARINA CECI DE SOUSA HOLMES	Aceito

Endereço: Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UEPB



Continuação do Parecer: 5.958.290

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 22 de Março de 2023

Assinado por:

Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

Página 04 de 04